



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



ÂNGELA EMÍLIA FAGUNDES POGGIO HEINE

**GRAMATICALIZAÇÃO E RELAÇÕES SEMÂNTICAS
DOS ITENS *DE* E *DES/ DESDE* NOS SÉCULOS XIV, XVI E
XVII**

SALVADOR - BAHIA
2005



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



ÂNGELA EMÍLIA FAGUNDES POGGIO HEINE

GRAMATICALIZAÇÃO E RELAÇÕES SEMÂNTICAS
DOS ITENS *DE* E *DES/ DESDE* NOS SÉCULOS XIV, XVI E
XVII

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Lingüística Histórica.

Orientadora: Teresa Leal Gonçalves Pereira

SALVADOR – BAHIA
2005

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

H468 Heine, Angela Emília Fagundes Poggio.
Gramaticalização e relações semânticas dos itens *De* e *Des* / *Desde* nos séculos XIV,
XVI e XVII / Angela Emília Fagundes Poggio Heine . - 2005.
310 f. il : + anexo

Orientadora : Profa. Dra. Teresa Leal Gonçalves Pereira.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2005.

1. Língua portuguesa - Gramaticalização. 2. Língua portuguesa - Preposições - Séc. XIV. 3.
Língua portuguesa - Preposições - Séc. XVI-XVII. 4. Mundaça lingüística. 5. Semântica
histórica. 6. Lingüística histórica. I. Pereira, Teresa Leal Gonçalves. II. Universidade Federal da
Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU – 81'367.633
CDD - 410

AGRADECIMENTOS

Quero registrar aqui agradecimentos especiais a:

- Prof^ª Dr^ª **Teresa Leal Gonçalves Pereira**, querida orientadora e amiga, que acompanhou os meus passos ao longo da minha jornada, não me deixando desistir nunca;

- Prof^ª Dr^ª **Maria Luíza Braga**, por ser sempre amiga, por ter acreditado em mim e por ter despertado o meu interesse para ingressar logo no Curso de Pós-Graduação *stricto sensu*;

- Prof^ª Dr^ª **Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio**, minha mãe, que me influenciou desde pequena, mesmo sem perceber, me conduziu para prosseguir os estudos na carreira por mim escolhida, sempre me levantando o ânimo nos momentos difíceis, me apoiando; sem ela, nada eu seria;

- Prof^ª Dr^ª **Lys Mireia**, pela sua colaboração no aprendizado da língua italiana, pelo apoio que me dedicou na época da Prova de Proficiência e por sua amizade;

- Prof^ª Dr^ª **Emília Helena Portella Monteiro de Souza**, pela amizade e pelo carinho que sempre me ofereceu.

*Aos meus pais, José Carlos e Rosaura; ao meu
esposo, Pedro Augusto Bittencourt Heine Filho e a meus
filhos Alexandre Augusto e Arthur José, com muito
carinho, dedico a minha Tese de Doutorado.*

LISTA DE ABREVIATURAS

a. C. = antes de Cristo

Adv. = Advérbio

ADV (negrito) = Advérbio

AV = Antônio Vieira

B.G. = *De Bello Gallico* (de César)

cat. = catalão

Cés. = César

Cíc. = Cícero

CM = *Cartas do Maranhão*

Déc. = *Décadas* (de João de Barros)

De Off. = *De Officiis* (de Cícero)

DSG = *Diálogos de São Gregório*

E = Espaço

En. = *Eneida* (de Virgílio)

esp. = espanhol

ex. = exemplo

Flac. = *Pro Flacco* (de Cícero)

fr. = francês

fr. a. = francês antigo

gal. = galego

GR = Garcia de Resende

Inf. = *Inferno* (de Dante)

ital. = italiano

JB = João de Barros

lat. = latim

LM = *landmark*

log. = logudorês

Lucr. = Lucrécio

Lus. = *Lusíadas* (de L. de Camões)

Men. = *Menaechmi* (de Plauto)

Met. = *Metamorfose* (de Ovídio)

Most. = *Mostellaria* (de Plauto)

N = Noção

N (negrito) = Nome

Num. Ord. = Numeral Ordinal

occit. = occitano¹

Ov. = Ovídio

Pers. = *Persa* (de Plauto)

Pl. = Plauto

port. = português

Prep. = Preposição

PREP (negrito) = Preposição

¹ Denominação dada aos dialetos do sul da França com base na classificação de Dante Alighieri no *De vulgare eloquentia*: “langued’oc”.

prov. = provençal

rom. = romeno

Sc. = Scipione

SG = Demanda do Santo Graal

s. v. = sub verbum

T = Tempo

V (negrito) = Verbo

Virg. = Virgílio

RESUMO

Estudo das preposições *de* e *des/ desde*, na função de adjunto adverbial, em textos representativos dos séculos XIV, XVI e XVII, tomando-se por base os estudos da gramaticalização e as teorias localista e dos protótipos. Do ponto de vista do localismo, no que se refere a essas preposições, verifica-se que as acepções mais abstratas derivam das menos abstratas e que os sentidos espaciais são mais básicos do que os sentidos temporais. Quanto à aplicação da teoria dos protótipos, no que concerne à semântica atual, constata-se que há um sentido prototípico em cada uma dessas preposições com traços de semelhança de família que, muitas vezes, se mantêm. Também estudaram-se os campos semânticos, em que essas preposições aparecem, fazendo uma análise comparativa do latim do século VI com o português dos séculos citados anteriormente e verificando-se, com base nos *corpora* selecionados, principalmente, como a preposição *de* abarcou as acepções de outras preposições e, dessa forma, ampliou sua significação consideravelmente.

PALAVRAS-CHAVE: Preposições; Gramaticalização; Teoria Localista; Teoria dos Protótipos; Campos Semânticos.

ABSTRACT

*This work is intended to study the prepositions **de** and **des/ desde** which functioned as adverbials in texts of the 14th, 16th and 17th centuries, based on grammaticalization studies and the localist and prototypical theories. From the viewpoint of the localism, in what regards such prepositions, it is observed that the more abstract meanings derive from the less abstract and that spatial meanings are more basic than the temporal ones. As for the application of the theory of the prototypes, as far as the current semantics is concerned, it is seen that there is a prototypical meaning in each of the above mentioned prepositions with similar family features which are usually kept. The semantic fields in which these prepositions appeared were also studied by means of a comparative analysis between the Latin of the 6th century and the Portuguese of the 14th, 16th and 17th centuries. Based on the selected corpora, it was verified that the preposition **de** encompassed the meanings of other prepositions, thus considerably enlarging its significance.*

KEYWORD: *Prepositions; Grammaticalization; Localist Theory; Theory of the Prototypes; Semantic Fields.*

*Porque, posto que alghu'hora os verbos infinitivos sirvam por nomes, como o ler faz bem aos homens; ou se as preposições se poem em lugar de artigos, como esta preposição **de** quando serve a genitivo; ou se servem em dous officios como esta parte **por**, a qual às vezes é preposição e às vezes averbio; e outro tanto estas antes, depois, até e outras muitas que têm dous officios; [...]*

(Fernão de Olveira)

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – O Sistema Preposicional do Português e os traços semânticos relacionados às preposições, segundo Bechara (2002).	28
Quadro 02 – Predicados nucleares.	41
Quadro 03 – Relação entre as entidades.	41
Quadro 04 – Relações entre a unidade estrutural e o tipo de entidade.	43
Quadro 05 – Estágios do processo de gramaticalização.	57
Quadro 06 – <i>Continuum</i> de fusão.	60
Quadro 07 – Critérios ou parâmetros para medir o grau de gramaticalização.	68
Quadro 08 – Alguns exemplos de gramaticalização propostos pelos localistas.	69
Quadro 09 – Hierarquia do espaço egodêitico.	70
Quadro 10 – <i>Continuum</i> de evolução morfossintática de <i>grams</i> espaciais.	75
Quadro 11 – Correspondência entre categorias metafóricas e classes de palavras.	76
Quadro 12 – <i>De, ex</i> e <i>ab</i> em relação ao ponto de origem.	100
Quadro 13 – Preposições que assinalam o ponto de partida e o ponto de chegada.	109
Quadro 14 – Acepções da preposição <i>de</i> encontradas nos <i>Diálogos de São Gregório</i> , em Garcia de Resende e nas <i>Cartas do Maranhão</i> .	123-4
Quadro 15 – Acepções das preposições <i>des / desde</i> encontradas nos <i>Diálogos de São Gregório</i> , em Garcia de Resende e nas <i>Cartas do Maranhão</i> .	125
Quadro 16 – Acepções da preposição <i>de</i> encontradas na <i>Gramática</i> de João de Barros.	126

Quadro 17 – Acepções das preposições <i>des / desde</i> encontradas na <i>Gramática</i> de João de Barros.	126
Quadro 18 – Acepções da preposição <i>de</i> encontradas nos <i>Diálogos de São Gregório</i> , em Garcia de Resende e nas <i>Cartas do Maranhão</i> .	127
Quadro 19 – Proposta de C. Lehmann (1982) para medir o grau de gramaticalização.	151
Quadro 20 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO ANTERIOR’ nos diversos séculos estudados.	160
Quadro 21 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: ANTERIORIDADE’ nos diversos séculos estudados.	162
Quadro 22 – A preposição que expressa o conceito ‘QUALIDADE: ANTERIORIDADE’ no século XVII.	162
Quadro 23 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: MOVIMENTO VERTICAL DE CIMA PARA BAIXO’ nos diversos séculos estudados.	166
Quadro 24 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: AFASTAMENTO’ nos diversos séculos estudados.	172
Quadro 25 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: AFASTAMENTO’ nos diversos séculos estudados.	173
Quadro 26 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: AFASTAMENTO’ nos diversos séculos estudados.	173
Quadro 27 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’ nos diversos séculos estudados.	177

Quadro 28 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’ nos diversos séculos estudados.	178
Quadro 29 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’ nos diversos séculos estudados.	180
Quadro 30 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: LOCALIZAÇÃO’ nos diversos séculos estudados.	188
Quadro 31 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: LOCALIZAÇÃO’ nos diversos séculos estudados.	191
Quadro 32 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: LOCALIZAÇÃO’ nos diversos séculos estudados.	194
Quadro 33 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: PERCURSO’ nos diversos séculos estudados.	199
Quadro 34 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: PERCURSO’ nos diversos séculos estudados.	201
Quadro 35 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: PROXIMIDADE’ nos diversos séculos estudados.	203
Quadro 36 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: APROXIMAÇÃO’ nos diversos séculos estudados.	208
Quadro 37 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO POSTERIOR’ nos diversos séculos estudados.	213
Quadro 38 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: POSTERIORIDADE’ nos diversos séculos estudados.	215

Quadro 39 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO POSTERIOR’ nos diversos séculos estudados.	217
Quadro 40 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO SUPERIOR’ nos diversos séculos estudados.	223
Quadro 41 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO SUPERIOR’ nos diversos séculos estudados.	225
Quadro 42 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’ nos diversos séculos estudados.	230
Quadro 43 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’ nos diversos séculos estudados.	231
Quadro 44 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INFERIOR’ nos diversos séculos estudados.	236
Quadro 45 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO INFERIOR’ nos diversos séculos estudados.	237
Quadro 46 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO EXTERIOR’ nos diversos séculos estudados.	241
Quadro 47 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO EXTERIOR’ nos diversos séculos estudados.	242
Quadro 48 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: INSTRUMENTO’ nos diversos séculos estudados.	249
Quadro 49 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: MEIO’ nos diversos séculos estudados.	254

Quadro 50 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: FIM’ nos diversos séculos estudados.	259
Quadro 51 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: ASSUNTO’ nos diversos séculos estudados.	264
Quadro 52 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: CAUSA’ nos diversos séculos estudados.	274
Quadro 53 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: MODO’ nos diversos séculos estudados.	284

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 AS PREPOSIÇÕES NA VISÃO DE ALGUNS GRAMÁTICOS	22
2 O FUNCIONALISMO E A GRAMATICALIZAÇÃO	31
2.1 O FUNCIONALISMO	32
2.1.1 A Gramaticalização	50
2.1.1.1 Processos de Gramaticalização	56
2.1.1.2 Princípios de Gramaticalização	63
2.1.1.3 Graus de Gramaticalização	67
2.2 A TEORIA LOCALISTA	69
2.3 A TEORIA DOS PROTÓTIPOS	78
3 AS PREPOSIÇÕES	87
3.1 A MUDANÇA LINGÜÍSTICA E O USO DAS PREPOSIÇÕES	91
3.2 AS PREPOSIÇÕES LATINAS <i>DE</i> , <i>EX</i> E <i>AB</i> E OS REFLEXOS ROMÂNICOS DA PREPOSIÇÃO <i>DE</i>	99
3.3 AS PREPOSIÇÕES PORTUGUESAS <i>DES/ DESDE</i>	109
4 METODOLOGIA	112
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	112
5 ANÁLISE DOS DADOS	117
5.1 AS PREPOSIÇÕES <i>DE</i> E <i>DESDE</i> À LUZ DA TEORIA FUNCIONALISTA: PROCESSOS E PRINCÍPIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO	117
5.1.1 <i>De</i> e <i>des/ desde</i> em processos de gramaticalização	117

5.1.2 Metaforização das preposições <i>de</i> e <i>des/ desde</i>	128
5.1.3 Aplicação dos princípios de gramaticalização	147
5.2 OS CAMPOS SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES <i>DE</i> E <i>DESDE</i>	154
5.2.1 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO ANTERIOR’ ou ‘ANTERIORIDADE’	155
5.2.2 As preposições no campo semântico do ‘MOVIMENTO VERTICAL (DE CIMA PARA BAIXO)’	164
5.2.3 As preposições no campo semântico do ‘AFASTAMENTO’	167
5.2.4 As preposições no campo semântico do ‘PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’	174
5.2.5 As preposições no campo semântico da ‘LOCALIZAÇÃO’	182
5.2.6 As preposições no campo semântico do ‘PERCURSO’	196
5.2.7 As preposições no campo semântico da ‘APROXIMAÇÃO’	203
5.2.8 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO POSTERIOR’	211
5.2.9 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO SUPERIOR’	220
5.2.10 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO INTERMÉDIA’	227
5.2.11 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO INFERIOR’	233
5.2.12 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO EXTERIOR’	239
5.2.13 As preposições no campo semântico do ‘INSTRUMENTO’	244
5.2.14 As preposições no campo semântico do ‘MEIO’	250
5.2.15 As preposições no campo semântico do ‘FIM’	255
5.2.16 As preposições no campo semântico do ‘ASSUNTO’	261
5.2.17 As preposições no campo semântico da ‘CAUSA’	266
5.2.18 As preposições no campo semântico do ‘MODO’	277

5.2.19 Campos semânticos espaciais, com pouca frequência, das preposições em estudo	286
5.2.20 Campos semânticos temporais, com pouca frequência, das preposições em estudo	291
5.2.21 Campos semânticos abstratos, com pouca frequência, das preposições em estudo	294
CONSIDERAÇÕES FINAIS	298
REFERÊNCIAS	303
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Na maioria das línguas indo-europeias, inclusive no latim, a marcação de caso era flexional, em uma distribuição paradigmática, fazendo parte da morfologia. Na passagem do latim para o português, as preposições assumem a marcação de determinações materiais externas ou sintagmáticas.

No estudo das preposições *de* e *des/ desde*, com base na teoria funcionalista, especialmente, na abordagem da gramaticalização, procura-se mostrar a origem e a trajetória desses elementos nos diversos momentos da história, procedendo-se, assim, a um estudo pancrônico. Este estudo apoiar-se-á na teoria semântica localista e na teoria dos protótipos.

Os *corpora* básicos a serem analisados têm como ponto de partida as seguintes obras: século XIV – *Diálogos de São Gregório* (Livros I, II); século XVI – *Livro das obras de Garcia de Resende* e *Gramática da língua portuguesa* de João de Barros; e século XVII – *Cartas do Maranhão* de Antônio Vieira.

A escolha dos *Diálogos de São Gregório* (Livros I, II) foi devido ao fato de se tratar de um texto medieval e já ter sido feito um levantamento, seguindo a mesma orientação teórica que se pretendeu realizar nesta Tese. Acresce que esse texto é a versão portuguesa mais antiga que se conhece do original latino e por ser de um gênero dialogal, caracteriza-se como uma linguagem mais próxima da fala. Quanto aos textos do século XVI, a intenção foi que o estudo recaísse em um testemunho de uma época caracterizada pela preocupação com a norma gramatical, que se iniciava. Privilegiou-se um texto literário em contraponto com a primeira Gramática da Língua Portuguesa, com as suas características incipientes de

um texto metalingüístico. No que se refere à escolha das *Cartas do Maranhão* de Antônio Vieira, ela se justifica em razão de se tratar de um texto do gênero epistolar que se caracteriza pelo registro da linguagem mais informal.

Esta pesquisa constitui-se em um requisito parcial para o Doutorado em Letras – Lingüística Histórica, e apresenta os objetivos indicados nos parágrafos que se seguem.

Em primeiro lugar, procura-se, através do estudo de textos representativos da língua portuguesa, nos séculos XIV, XVI e XVII, identificar semelhanças e diferenças do uso, da função e dos aspectos sintático-semânticos das preposições *de* e *des/ desde*.

Em seguida, são estabelecidas comparações, do ponto de vista semântico, observando, nos *corpora*, a variabilidade na seleção entre essas preposições no primeiro período documentado do português, em relação ao que ficou normatizado, a partir do período moderno. Também foi feito um levantamento dos campos semânticos, nos quais as preposições em estudo aparecem, observando se houve um aumento ou não das preposições na passagem do latim para a língua portuguesa e quando *de e/* ou *desde* passaram a abarcar acepções que inicialmente não eram suas.

Do conjunto dos usos dessas preposições, são estudadas aquelas que marcam os adjuntos adverbiais.

Esta Tese compõe-se de uma Introdução e cinco partes, a saber: a) AS PREPOSIÇÕES NA VISÃO DE ALGUNS GRAMÁTICOS, b) O FUNCIONALISMO E A GRAMATICALIZAÇÃO, c) AS PREPOSIÇÕES, d) METODOLOGIA, e) ANÁLISE DOS DADOS e as Considerações Finais, seguidas das REFERÊNCIAS e dos ANEXOS.

As hipóteses que orientaram o desenvolvimento deste trabalho foram:

a) os itens gramaticais *de* e *des* passaram por mudanças semânticas do latim ao português;

b) as preposições portuguesas *des/ desde*, provenientes de morfologização, passaram, mais tarde, a compor locuções conjuntivas e adverbiais, comprovando, desse modo, o princípio funcionalista da unidirecionalidade;

c) as evidências da documentação do período arcaico e do período moderno indicarão caminhos de formação dos processos de gramaticalização, especialmente, quanto à forma pela qual as preposições *de* e *des/ desde* passam a assumir a marcação de determinações materiais externas ou sintagmáticas.

É importante ressaltar que não houve o intuito de, através desta pesquisa, esgotar o tema em estudo e a grande bibliografia existente sobre ele, pretende-se apenas contribuir para o estudo da gramaticalização dessas preposições nos séculos XIV, XVI e XVII. Não houve também o intuito de desenvolver uma teoria semântica das preposições *de* e *des/ desde*, objeto de estudo deste trabalho, como propõem C. Vandeloise, S. Svorou, G. Lakoff, R. Langacker, entre outros, mas procura-se fazer uma análise dos dados encontrados nos *corpora*, voltada para o estabelecimento do significado e das relações sintáticas e semânticas que envolvem esses elementos. É importante ressaltar que no caso do conceito ‘QUALIDADE: MODO’ foram trabalhados, além dos adjuntos adverbiais, alguns adjuntos adnominais que possuíam esse mesmo sentido, por se tratar, a presente pesquisa, de um estudo semântico e, nesse caso, haver necessidade de maior destaque para esses exemplos.

Apesar de ter sido feito um levantamento dessas preposições na *Gramática da língua portuguesa* de João de Barros, não se procedeu a uma análise semântica como a que foi realizada no *Livro das obras de Garcia de Resende* e nas *Cartas do Maranhão*, pois a quantidade dos dados encontrados na primeira obra foi insuficiente para uma análise dessa natureza. Então, no que se refere a essas obras, não se fez uma análise dos dados exaustiva, devido à limitação do tempo.

Não constam da lista de abreviaturas as que são muito evidentes, como as das diversas línguas e das categorias gramaticais. Do mesmo modo, omitiram-se algumas relativas às obras citadas de segunda mão.

Decidiu-se limitar a análise das ocorrências das preposições nos *Diálogos de São Gregório* à sua frequência de uso e ao estudo dos campos semânticos das preposições *de* e *des/ desde*, uma vez que a análise semântica de todas as preposições já foi elaborada antes por Poggio (1999; 2002).

1 AS PREPOSIÇÕES NA VISÃO DE ALGUNS GRAMÁTICOS

Os autores de várias gramáticas tradicionais do português preocupam-se apenas em estabelecer valores semânticos para as preposições, dissociando-as das estruturas em que esses itens se realizam. Entretanto, alguns deles passam a idéia de que tais elementos gramaticais são tão vazios de sentido quanto de importância no estudo da língua.

Na gramática de Fernão de Oliveira (2000, p. 152-3), intitulada *Gramática da linguagem portuguesa* (1536), a preposição faz parte do capítulo que trata *Da construção*. Apesar de o autor escrever muito pouco sobre as preposições, é interessante a observação que é feita: [...] *averbios e preposições ou quaesquer outras partes são muitas vezes mudadas antre os latinos e gregos, e poem-se huas por outras, o que se não faz na nossa lingua, ao menos tão ameude nem em todas estas cousas*. Então, percebe-se que Fernão de Oliveira não faz uma classificação das preposições, não dá um conceito para essa classe de palavras e muito menos faz alguma menção ao seu caráter semântico, o que é justificado pela data em que a sua gramática foi escrita.

Porém, de modo geral, ao discorrer sobre ‘Classes de palavras’, muitos gramáticos da língua portuguesa reservam um pequeno espaço em seus compêndios para classificar as preposições em *essenciais* e *acidentais*. Também expõem tradicionalmente o seguinte conceito: as preposições são apenas palavras invariáveis que relacionam dois termos chamados antecedentes e conseqüentes. Além disso, salientam o fato de que um desses termos explica ou complementa o outro. Domingos Paschoal Cegalla (1976, p. 175-8) também dedica, em sua gramática, poucas páginas a essa classe gramatical, conceituando-a, exemplificando-a e classificando-a em *essenciais* e *acidentais*. Esse gramático tradicional,

como os demais, explica e exemplifica as locuções prepositivas, as combinações (ex.: a preposição *a* combina-se com o advérbio *onde*, dando *aonde*) e contrações (ex.: a preposição *a* contrai-se com o artigo *a*, dando *à*). É importante ressaltar que D. Cegalla (1976, p. 177) assinala que: *Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, se bem que algumas delas contenham uma vaga noção de tempo e lugar.* Ele ainda constata que *na frase, porém, exprimem relações as mais diversas.*

Esses autores nada discorrem sobre o significado categorial das preposições, apenas se limitam em apresentar esses itens gramaticais como elementos que se caracterizam pelo desempenho das suas funções relacionais, como acontece com os verbos, substantivos e adjetivos.

Os gramáticos Celso Cunha e Luís Lindley Cintra (1985, p. 542-64; 2001, p. 555-78) e Celso Cunha (1986, p. 510-31), no capítulo sobre as preposições, também conceituam esses itens como: *os vocábulos gramaticais invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo sentido do segundo (conseqüente)*; classificam-nos quanto às formas em *simples* e *compostas*, sendo essas últimas as locuções prepositivas: *quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma preposição simples, geralmente **de***. Além dessa classificação, eles também separam as preposições em dois grupos: *essenciais*, que são as preposições simples, e *acidentais*, que são as palavras que apesar de pertencerem a outras classes, às vezes, funcionam como preposições. Ao tratar da significação das preposições, eles admitem que esses itens têm uma significação fundamental e podem ser considerados em relação ao ESPAÇO, TEMPO E NOÇÃO, baseando-se nas obras de Bernard Pottier. Mesmo assim, eles ainda observam que as preposições, em alguns contextos, podem ser consideradas um simples elo sintático, ou seja, vazias de conteúdo nocional. Porém, em

nota, colocam uma citação de B. Pottier que não admite esse fato¹. Por último, esses gramáticos comentam a relação sintática que esses itens estabelecem e classificam as suas relações em *fixas*, *necessárias* e *livres*. Nas relações *fixas*, a função relacional e a significação da preposição encontram-se esvaziadas. Nas relações *necessárias*, intensifica-se a função relacional das preposições e a significação enfraquece. Já nas relações *livres*, as preposições evidenciam a plenitude de seu conteúdo significativo.

Na gramática de Vazquez Cuesta e Luz (1989, p. 457), não há uma conceituação sobre as preposições. As autoras listam-nas em número de dezessete com a observação de que são as principais preposições portuguesas. Também listam algumas locuções preposicionais e ao se referirem às preposições do português arcaico só registram *per* e *pós* sem qualquer alusão a outras, como *des*. Na parte da sintaxe, elas (1989, p. 555 ss.) documentam vários empregos das preposições, às vezes, comparando-os com os da língua espanhola.

O gramático Rocha Lima (1994, p. 179-82) conceitua as preposições como: [...] *palavras que subordinam um termo da frase a outro – o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro*; também as classifica em *essenciais* e *acidentais*; conceitua a locução prepositiva como: [...] *duas ou mais palavras que desempenham o papel de uma preposição. Nessas locuções, a última palavra é sempre preposição*; e exemplifica as combinações e as contrações. É interessante salientar que esse gramático tradicional em um outro capítulo, *Emprego da preposição*, faz uma classificação diferente a respeito desse item gramatical. Para ele (1994, p. 355), as preposições podem ser *fortes* e

¹ Bernard Pottier (*apud* CUNHA; CINTRA, 2001, p. 559, n. 2) observa que: *Até já se pôde dizer que há preposições que chegam a não ter significação (a propósito do de francês), o que não tem justificativa: se existe um morfema em uma língua, está ele condicionado e, portanto, desempenha um papel na estrutura da língua.*

fracas: As primeiras (contra, entre, sobre) guardam certa significação em si mesmas; as outras (a, com, de) não têm sentido nenhum, expressando tão-somente, em estado potencial e de forma indeterminada, um sentimento de relação.

N. Mendes de Almeida (1999, p. 334) inicia o capítulo relativo às preposições da *Gramática metódica da língua portuguesa*, comparando-as com as conjunções. Ele, como os demais autores, conceitua as preposições e classifica-as em *essenciais* e *acidentais*, exemplificando-as. Logo em seguida, o autor (1999, p. 335) assinala, através de uma observação, que:

As preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas, e, como nos adverte Carlos Pereira, “só o trato constante dos bons autores nos pode habituar ao manejo correto, elegante e vívido dessas importantes partículas”.

Então, de acordo com N. Mendes de Almeida, além das preposições, no português, serem apenas conectivos que ligam a palavra completada ao complemento, esses elementos gramaticais também não possuem significação própria. Ele resume sua afirmação com a frase: *Como de nosso organismo as veias só com sangue têm função, as preposições de nosso idioma só com outras palavras têm significados* (ALMEIDA, 1999, p. 337). Esse gramático, assim como a maioria deles, ainda comenta sobre a existência de preposições que se apresentam sob a forma de locuções prepositivas, sobre as combinações e contrações.

Maria Helena de Moura Neves (2000, p. 603-738), em sua *Gramática de usos do português*, dedica uma parte do livro, chamada *A junção*, a algumas palavras da língua que atuam na junção dos elementos do discurso. Nesse capítulo, ela inclui as preposições e as conjunções. No caso das preposições, objeto de estudo desta pesquisa, a autora faz uma

análise delas separadamente, levando em consideração a parte sintática e semântica desses itens. Além disso, os exemplos são dados da *língua viva, funcionando e, assim, exibindo todas as possibilidades de composição que estão sendo aproveitadas pelos usuários para obtenção do sentido desejado em cada instância* (NEVES, 2000, p. 13). Dessa forma, ela divide as preposições em três grupos: A) as preposições introdutoras de argumentos; B) as preposições não-introdutoras de argumentos; e C) as preposições acidentais, fazendo uso de uma nomenclatura e análise bem diferente, ao se comparar com outros autores de gramáticas.

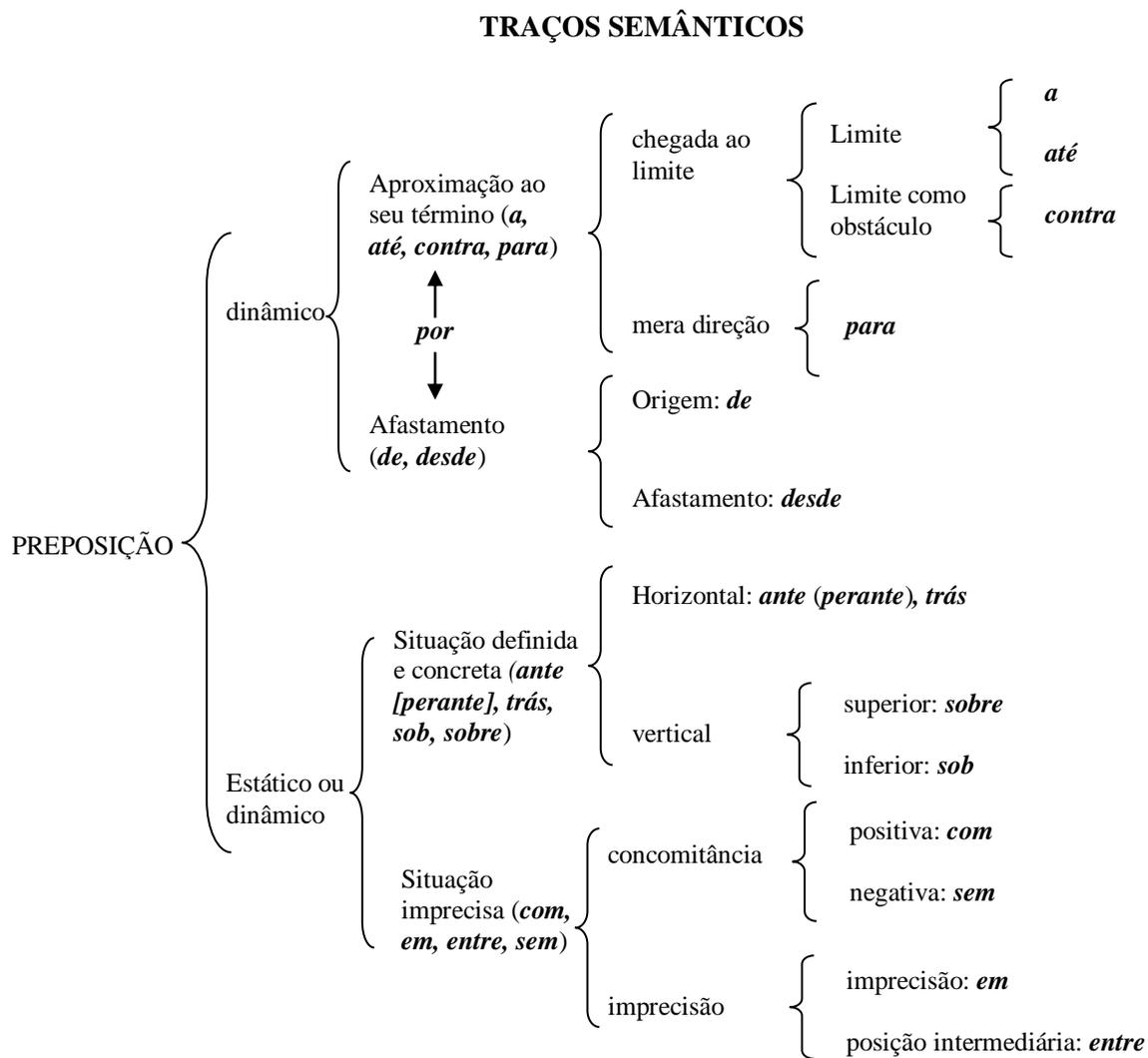
E. Bechara (2002), professor renomado de Língua Portuguesa, lança uma nova gramática, em muitos aspectos diferente do que expôs em sua *Moderna gramática do português*, datada de 1987 (*apud* POGGIO, 2002, p. 122), e, como o próprio autor (2002, p. 19) observa, *difícilmente haverá seção da Moderna gramática portuguesa que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento*. Esse autor (2002, p. 296) conceitua a preposição como:

[...] uma unidade lingüística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Ao tratar da preposição e o seu significado, E. Bechara (2002, p. 297) assinala que *tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado*, mostrando que o mesmo ocorre com relação às preposições. Esse gramático (2002, p. 298) ainda afirma que *cada preposição tem o seu significado unitário fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo*.

Assim, além de concentrar seus estudos nas estruturas em que se realizam as preposições, também infere os traços semânticos desses elementos gramaticais, defendendo, como foi exposto acima, que cada um deles possui seu significado *unitário, fundamental e primário* que se desdobra em outras acepções, a depender do contexto ou da situação de uso.

Desse modo, esse estudioso (2002, p. 300) propõe o organograma do Sistema Preposicional do Português, como se observa a seguir.



Quadro 01 – O Sistema Preposicional do Português e os traços semânticos relacionados às preposições, segundo Bechara (2002).

No organograma, percebe-se que E. Bechara (2002, p. 298-9) divide o Sistema Preposicional do Português em dois “campos centrais”: um caracterizado pelo traço “dinamicidade” (física e figurada) e outro assinalado pelos traços de noções “estáticas” e “dinâmicas”, em que ambos são indiferentemente marcados, tanto em referência ao espaço, quanto ao tempo.

A *Gramática da língua portuguesa*, organizada por Maria Helena Mira Mateus *et al.* (2003, p. 391), em uma abordagem gerativista, tem como objetivo evidenciar o caráter relacional das preposições e das locuções prepositivas. Outrossim, as suas organizadoras listam as preposições simples do português e as locuções prepositivas mais usuais. Além disso, as autoras observam que as locuções prepositivas têm uma forma fixa, ou seja, são formadas pela combinação de duas preposições, de uma preposição com um advérbio, de um advérbio com uma preposição, de uma preposição com um nome e com outra preposição etc.

Elas (2003, p. 392) ainda definem as preposições e as locuções prepositivas como *palavras invariáveis, não flexionadas, o que as aproxima dos advérbios e das conjunções.*

E também comentam que esses itens:

[...] são categorias lexicais, porque seleccionam complementos e estão-lhes associados valores semânticos. Algumas preposições são essencialmente marcas de casos, [...], e outras, pelo menos em alguns dos seus valores, sofrem um processo de reanálise, comportando-se como complementadores, [...] (MIRA MATEUS *et al.*, 2003, p. 392).

Mira Mateus *et al.* (2003, p. 392) observam a estrutura do sintagma preposicional, isto é, as posições e valores sintáticos dele e chamam a atenção para o núcleo da categoria sintagmática SP, que é uma preposição ou uma locução prepositiva com a propriedade de selecionar um complemento. Elas (2003, p. 395-8) fazem um estudo dos valores sintático-semânticos de algumas preposições e, por serem gerativistas, analisam-nas com a nomenclatura da Teoria θ (*meta, beneficiário, posse, agente* etc.), observando o papel que assumem na marcação temática do seu complemento.

Por último, Mira Mateus *et al.* (2003, p. 398-403) classificam as preposições e locuções prepositivas em três grandes classes: a) as preposições e locuções prepositivas que

marcam tematicamente os seus argumentos juntamente com outros predicadores; b) as preposições e locuções prepositivas que são os verdadeiros itens predicativos e por si sós marcam tematicamente os seus próprios argumentos; e c) as preposições e locuções prepositivas que têm um papel secundário na marcação temática e que são essencialmente marcadores de uso. Essas autoras (2003, p. 401), em uma postura bastante moderna, reconhecem o papel das preposições na marcação casual, enfatizando que: *Sabemos que o português perdeu o sistema casual de que o latim dispunha e que muitas preposições “cumprem” um papel similar à flexão casual.*

Como já foi observado, os estudiosos da língua dividem-se em dois grupos, no que diz respeito às preposições: um grupo defende que elas são ricas em significado; e o outro que esses elementos não têm significação, sendo vazias de conteúdo. Assim, Neves (2000), E. Bechara (2002) e Mira Mateus *et al.* (2003), ao contrário de Cegalla (1976), Rocha Lima (1994), Napoleão Mendes de Almeida (1999) e outros, fazem parte do grupo que defende o aspecto semântico da língua e, conseqüentemente, das preposições.

É relevante enfatizar, mais uma vez, que os gramáticos têm, tradicionalmente, se apegado à idéia de que as preposições são apenas elementos que ligam dois termos de uma oração, chamados antecedente e conseqüente, caracterizando, assim, o fenômeno da dependência do primeiro – por possuir sentido completo – em relação com o segundo, definido como termo subordinado.

2 O FUNCIONALISMO E A GRAMATICALIZAÇÃO

O Funcionalismo, corrente lingüística surgida na Escola Lingüística de Praga e na Escola Britânica, tendo nessa última como representante M. A. K. Halliday, apresenta, dentre os temas em estudo: a relação entre discurso e gramática; a liberdade organizacional do falante dentro das restrições construcionais; a distribuição de informação e o relevo informativo; o fluxo de informação e o fluxo de atenção; a motivação icônica e a competição de motivações; a fluidez das categorias (protótipos); a consideração do dinamismo da língua; o processo de gramaticalização e outros mais.

A gramaticalização em sentido amplo é definida como toda mudança que afeta a gramática de uma língua. Esse estudo vem sendo feito há muito tempo e tem recebido, no decorrer dos anos, diferentes denominações, tais como: **gramaticização, gramatização, gramaticalização, apagamento semântico, condensação, enfraquecimento semântico, esvaimento semântico, morfologização, reanálise, redução e sintaticização.**

É importante ressaltar que essa mudança que afeta a gramática pode ser estudada na sincronia, e alguns lingüistas a chamam de **gramaticização**, e na diacronia, é chamada de **gramaticalização**. A discussão sobre esses termos é comentada por vários autores, porém eles chegam ao consenso de que a gramaticalização pode ser estudada tanto no plano sincrônico como no diacrônico, ou em ambos os planos simultaneamente, isto é, no plano pancrônico. Dessa forma, de todas as denominações citadas acima, o termo escolhido para esse processo de mudança foi **gramaticalização**.

2.1 O FUNCIONALISMO

É difícil um estudo geral do funcionalismo, uma vez que existem diversas abordagens não identificadas por esse rótulo teórico. Porém, o que há de comum em todos esses estudos é o objetivo de analisar a língua como competência comunicativa, o que equivale à capacidade humana de codificar, decodificar, usar e interpretar expressões de modo apropriado e efetivo, ou seja, exercer interação social por meio da linguagem. Entretanto, serão destacados a seguir alguns desses enfoques considerados de grande importância, no momento atual.

a) O funcionalismo e a Escola Lingüística de Praga

Inicialmente, o conceito de funcionalismo em Lingüística refere-se à primeira Escola de Praga. Com o passar do tempo, esse conceito foi-se desenvolvendo, até tornar-se independente dessa abordagem.

Na Escola Lingüística de Praga, os termos **função** e **funcional** eram muito usados, embora esses conceitos tenham apresentado variações nocionais em todos os domínios da linguagem e segundo diversos autores, o que resulta em dificuldades na sua interpretação. Além disso, o termo **funcional**, às vezes, é utilizado em sentido muito vago. Quanto ao termo **função**, é empregado no sentido de ‘tarefas’ desempenhadas pela linguagem ou seus componentes ou do ‘propósito’ ao qual eles servem, distinguindo-se do sentido lógico-matemático adotado por L. Hjelmslev, em 1971.

R. Jakobson (1989, p. 118-62), membro dessa Escola, apresenta o conceito de **função** em um quadro teórico “finalista” ou “teleológico”.

Um dos representantes da primeira Escola Lingüística de Praga, N. S. Trubetzkoy criou a fonologia estrutural e apresentou uma das elaborações mais conseqüentes da noção saussuriana de oposição. A esses escritos podem opor-se os de W. Mathesius, membro da segunda Escola de Praga, nos quais ele estuda as características estruturais da sentença, considerada como uma unidade comunicativa real, cujas informações transmitidas possuem a capacidade de poder alterar o conhecimento do interlocutor, em um contexto lingüístico e extralingüístico. Esse quadro foi denominado de **consituação**. Por outra parte, ao assinalarem que nem tudo o que se diz em uma sentença é novo, passaram a representar toda sentença como constituída, informativamente, de uma parte nova, obrigatória e de uma parte não nova, facultativa. Trata-se da articulação “(tema) rema” (ILARI, 1996, p. 44).

Entre os continuadores de W. Mathesius, como: Danes, Firbas, Sgall, Trnka e outros especialistas, surgem discussões sobre a procedência da associação tema e rema. Essa segunda Escola Lingüística de Praga procurou dar consistência à hipótese de um plano denominado “terceiro plano sintático”, buscando a adequação dos discursos a uma **consituação**. Os outros dois planos sintáticos são: o das relações entre os constituintes e aquele em que são estabelecidos os papéis assumidos pelo predicado em relação aos constituintes nominais.

Citam-se como as características atribuídas aos praguenses (ILARI, 1996, p. 45-6):

- a língua é considerada como um sistema de sistemas, remetendo a uma possível modularidade da mente;
- os diversos sistemas referem-se à mesma unidade: as sentenças, o que contrasta com a arquitetura teórica das correntes estruturalistas que admitiam hierarquias de níveis;

- entre os três níveis apontados pelos praguenses, percebe-se que, no segundo nível sintático, uma gramática de casos era essencialmente semântica, e, no terceiro nível sintático, responsável pela organização da sentença para a comunicação, era, essencialmente, pragmática, uma vez que estabelecia um tipo de organização da sentença, definido pela imagem que se faz do interlocutor e de suas expectativas;
- o termo **polissistêmica**, em “teoria lingüística polissistêmica”, refere-se não só à pluralidade das análises, mas também à possibilidade de que, entre os níveis, haja interferências e repercussões, reforçando a idéia de que entre as funções e sua expressão as relações não são biunívocas;
- realização de investigações para tentar definir as categorias que se aplicavam aos segmentos das sentenças, marcando diferenças de *status* informacional, como “dado e novo”, “tópico”, “tema” etc.

b) O funcionalismo de M. A. K. Halliday

Nos primeiros textos de M. A. K. Halliday, ele adota para a descrição lingüística uma orientação polissistêmica. Entretanto, enquanto os praguenses falavam, principalmente, de função para referir-se ao nível da comunicação (terceiro nível sintático) e suas descrições mais originais concentraram-se naquele nível, M. A. K. Halliday é funcionalista mais radical. Ele insiste que a natureza da linguagem está ligada às funções que ela desempenha e que a forma particular que o sistema gramatical da língua assume está relacionada às necessidades pessoais e sociais que a linguagem atende. Para ele, a gramática deve ser vista como uma *interface* complexa, que, a partir das necessidades dos indivíduos, faz corresponder a elas numerosas estruturas lingüísticas importantes para

satisfazê-las. Assim, a cada face funcional corresponde uma face estrutural. Ao empregarem-se uma forma lingüística, estão sendo atualizadas opções significativas, pelo fato de serem, ao mesmo tempo, funcionais e estruturais (ILARI, 1996, p. 47).

Ao aplicar essas idéias à sentença inglesa, M. A. K. Halliday distingue na gramática três componentes: ideacional, interpessoal e textual, que correspondem, respectivamente, à representação dos indivíduos no mundo (que diz respeito à função cognitiva ou referencial da linguagem); ao tipo de relação estabelecida entre os falantes, na interlocução (referente às diferenças de modo ou modalidade, isto é, diferenças entre asserções, perguntas, ordens etc.); e à maneira como se organiza a informação para a comunicação (correspondendo ao modo pelo qual a estrutura gramatical e entonacional das orações relaciona-as em textos contínuos e com as situações em que são empregadas).

Essa gramática funcional baseia-se na teoria funcionalista introduzida na Inglaterra por Firth. Nessa óptica, o termo **sistema** é empregado no sentido de ‘paradigma funcional’ (NEVES, 1994, p. 116).

Este modelo é **sistêmico-funcional**, incluindo-se em uma **gramática sistêmica**. Conforme esse autor, a teoria lingüística dispõe de duas possibilidades para sua organização: **cadeia** (sintagma) e **escolha** (paradigma) (HALLIDAY, 1985, p. xiii).

R. Hudson aponta dois tipos de categorias em uma gramática sistêmica: os **traços** e as **funções**. O **traço** é uma categoria paradigmática que relaciona, na língua, os itens que apresentam similaridade e a **função** é uma categoria sintagmática. Uma gramática sistêmica é, sobretudo, paradigmática, colocando a realização, unicamente, nas unidades sintagmáticas e deixando as relações paradigmáticas para o nível abstrato e profundo. Uma rede sistêmica forma um conjunto finito de traços e as interdependências entre os traços de

um paradigma. **Traços** denotam significado formal e semântico (HUDSON *apud* NEVES, 1994, p. 117).

As redes sistêmicas codificam as diferentes espécies de significado, juntando-se às diferentes funções da linguagem. Assim, por exemplo, o **sistema de transitividade**, que determina os papéis dos elementos da oração, diz respeito à experiência do mundo e está ligado à função ideacional; o **sistema de modo**, que especifica as funções de sujeito, predicado e complemento, refere-se aos papéis da fala e está ligado à função interpessoal; os **sistemas de temas e informação**, que determinam as relações no enunciado ou entre o enunciado e a situação, referem-se à função intrínseca, função textual.

Em cada sistema, as escolhas são feitas com relação a um nível gramatical. Desse modo, no nível da frase, a escolha referente ao sistema de modo é obrigatória, uma vez que toda frase pode ser declarativa, ou interrogativa etc.

Na introdução de *An introduction to functional grammar*, M. A. K. Halliday (1985, p. xiii-xxxv) dá uma visão geral de sua gramática funcional e, deixando de lado o aspecto sistêmico, trata apenas o funcional. A gramática funcional é, pois, na sua essência, uma gramática natural em que tudo, com referência a como a língua é usada, pode ser explicado. Seus objetivos são os usos da língua, uma vez que eles dão forma ao sistema.

Na língua, os componentes fundamentais do significado são os componentes funcionais. Há dois significados principais, em torno dos quais, as línguas se organizam: o **ideacional** ou **reflexivo** e o **interpessoal** ou **ativo**. Esses componentes, chamados **metafunções**, são as manifestações dos dois propósitos mais gerais que fundamentam todos os usos da língua: entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal). O terceiro componente metafuncional, o **textual**, associa-se aos dois primeiros, dando-lhes realce (NEVES, 1994, p. 118).

Cada elemento na língua é interpretado de acordo com a sua função no sistema lingüístico total. Nesse sentido, a gramática funcional constrói todas as unidades da língua (sentenças, períodos etc.) e cada parte é considerada como funcional em relação ao todo.

Em uma gramática funcional, como afirma M. A. K. Halliday (1985, p. xiii), interpreta-se uma língua como um sistema de significados, acompanhados de formas, através das quais os sentidos podem ser realizados. A questão fundamental é saber como os significados são expressos. Isso coloca as formas da língua em uma perspectiva diferente, como meios para um fim e não um fim em si mesmas. A linguagem adulta compõe estruturas semânticas e os sistemas de significados geraram estruturas lexicogramaticais plausíveis. Nessa óptica, a relação entre a semântica e a gramática é de interpretação: os enunciados interpretam o significado e são, por sua vez, interpretados pelo som ou pela escrita.

O significado se codifica no enunciado como um todo integrado, a gramática distingue todas as variáveis possíveis e as atribui às suas funções semânticas específicas.

Uma gramática funcional tem por finalidade evidenciar, através do estudo das construções lingüísticas, os significados codificados por elas. No primeiro nível, a análise lingüística revela como e por que o texto significa algo, e, no segundo nível, pode indicar, através dos seus fins, por que o texto é ou não efetivo, de acordo com seus propósitos (NEVES, 1994, p. 119).

M. A. K. Halliday (1985) mostra as espécies de padrões que, na lexicogramática das frases e na organização do texto, apresentam diferentes significados. Os significados lógicos realizam-se, através de estruturas recursivas; os experienciais por estruturas constituintes; os interpessoais por padrões prosódicos; e os textuais por padrões cumulativos.

Nesse modelo, as noções sustentam-se, mutuamente, sem deixar vazios na proposição básica do modo como o significado se codifica nos enunciados efetivos. Estabelece-se uma relação sistemática entre a análise lingüística e o contexto de ocorrência dos enunciados, apontando-se, desde as suas primeiras propostas, três variáveis situacionais de registro, correlacionadas aos três componentes metafuncionais do sistema lingüístico: o **campo** do discurso (atividade social implicada), associado ao componente experiencial; o **teor** do discurso (distância social entre os participantes), associado ao componente interpessoal; o **modo** do discurso (o canal entre os participantes), ao componente textual.

Embora o quadro dessa gramática tenha tomado como unidade de análise a sentença, nele é forte a idéia de que as unidades lingüísticas reais são os textos.

A idéia de que a língua é, em parte, estrutural e, em parte, coesiva impulsionou a continuidade dos estudos de M. A. K. Halliday sobre tema e coesão textual e abriu a perspectiva de analisar a sentença e as unidades menores, baseando-se no papel que elas assumem no texto.

Essa teoria contribuiu para aprofundar o elemento pragmático que os adeptos da Escola Lingüística de Praga adotaram, uma vez que não estavam satisfeitos com a noção saussuriana de comunicação (ILARI, 1996, p. 47).

Assim, a referida teoria relaciona linguagem, situação e cultura, sistematicamente.

c) O funcionalismo de C. S. Dik

Segundo A. M. Bolkestein, C. de Groot e J. L. Mackenzie, em 1985, a gramática funcional surgiu pela primeira vez na teoria geral da sistematicidade da linguagem com C.

S. Dik, em 1978, e a partir daí, ela foi trabalhada por seus seguidores, na Holanda e em outros países (NEVES, 1994, p. 119).

A forma dos enunciados não é percebida independentemente de sua função e a descrição abrange: referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis, e estatuto na situação de interação. Desse ponto de vista, a expressão lingüística é apenas mediadora na relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário na interação verbal (NEVES, 1994, p. 120). A linguagem é concebida como o componente da competência comunicativa do homem que o habilita a estabelecer relações comunicativas, através das expressões lingüísticas.

Desse modo, a expressão lingüística é função: da intenção do falante; da sua informação pragmática; e da antecipação que ele faz da interpretação do ouvinte. A interpretação do ouvinte é função: da expressão lingüística; da sua informação pragmática; e de sua conjectura a respeito da intenção que o falante tenha tido (DIK, 1989, p. 9).

Uma teoria da gramática deve tentar explicar as regras da língua, em termos de sua funcionalidade, em relação aos modos como são usadas e em relação aos fins desses usos.

A teoria funcionalista de C. S. Dik (1989) reconhece a existência do sistema e do uso da língua, mas não estuda cada um deles fazendo abstração do outro.

Nesse modelo, todos os itens lexicais são analisados dentro da predicação e todos os predicados básicos de uma língua formam o seu léxico, utilizando esse último todas as estruturas predicativas básicas. Os predicados interpretam-se, semanticamente, como elementos que atribuem propriedades ou relações e as categorias de predicados diferenciam-se por suas propriedades formais e funcionais.

A expressão lingüística inicia-se com a construção de uma predicação subjacente, projetada na forma da expressão, através de regras que estabelecem a forma e a ordem em

que os constituintes da predicação subjacente se realizam. Essa predicação é formada pela inserção de **termos** (expressões que se referem às unidades em um mundo; instituições que o emissor transmite ao receptor para facilitar a identificação da entidade) em **estruturas de predicação** (esquemas que especificam um predicado e um esqueleto das estruturas em que ele pode aparecer). Para se construírem predicções subjacentes, são necessários, ao menos, um conjunto de estruturas de predicado e um conjunto de termos. Esses dois conjuntos são denominados de **fundo da língua** (DIK, 1989, p. 51 ss.). No **fundo**, encontra-se o léxico, contendo as expressões básicas da língua: predicados e termos básicos que devem ser aprendidos e memorizados. Pode-se estender cada um desses dois subconjuntos através de regras, sincronicamente produtivas, constituindo predicados e termos derivados.

A regra produtiva não é governada, lexicalmente, e seus efeitos não são percebidos pelo emissor e pelo receptor. Os itens do léxico podem ser usados pelas regras produtivas de derivação de outras palavras.

A construção da estrutura subjacente da cláusula exige, portanto, um predicado que nomeie propriedades aos argumentos ou estabeleça relações entre eles. Na gramática funcional, há três tipos de predicados: verbal, adjetival e nominal. O predicado distingue-se com base nas suas propriedades formais e funcionais. Ele se aplica a um certo número de termos (entidades), resultando em uma predicação que se refere a um **estado de coisas** ou uma codificação lingüística que o falante faz da situação.

Do mesmo modo que os gerativistas, nessa abordagem, admite-se que a estrutura da sentença pode ser previsível a partir do predicado, sendo especificados o número e a natureza dos argumentos requeridos por ele. Todavia, diferentemente da gramática gerativa, os argumentos são caracterizados apenas pela sua função semântica.

Os esquemas de predicados podem ser: básicos (aqueles aprendidos ou memorizados) e derivados (estruturas decorrentes de processos sincronicamente produtivos). Esses esquemas são denominados de **predicados nucleares**.

	Termo	Predicado	Termo	Termo
Predicação	João	oferecer	as flores	à menina
Estado de coisas	entidade ¹	relação	entidade ²	entidade ³

Quadro 02 – Predicados nucleares.

Há uma relação entre três entidades, cada uma das quais desempenha um papel semântico (NEVES, 1994, p. 121):

Entidades	1	2	3
Papel semântico	agente	objeto	recebedor
Termos	menino	flores	menina

Quadro 03 – Relação entre as entidades.

O estado de coisas é algo que pode ocorrer em algum mundo (real ou mental), o que significa que essa predicação faz uma descrição correta de um estado de coisas.

Como algo que pode ocorrer em um mundo, o estado de coisas está sujeito a operações, podendo: ser localizado no espaço e no tempo; ter uma certa duração; e ser visto, ouvido ou percebido. Assim, um operador de tempo como **Passado** pode localizar no tempo o estado de coisas e um constituinte como *na escola* pode localizar esse estado de coisas no espaço:

Passado [[oferecer (João) (as flores) (à menina) (na escola)]]

Os constituintes *(João)*, *(as flores)* e *(à menina)*, exigidos pela semântica do predicado são chamados **argumentos**, ao passo que, constituintes como *(na escola)* que acrescentam informação suplementar são chamados **satélites**.

Por outro lado, uma predicação pode ser usada como argumento de outro predicado ou especificação de um outro estado de coisas, como se pode ver no exemplo:

José viu que João ofereceu as flores à menina na escola,

há uma predicação encaixada em uma predicação mais alta, denominada **matriz**. A predicação total é, por meio do operador de predicação **Passado**, localizada no intervalo de tempo que antecede o tempo da predicação encaixada.

Passado [ver (José) (e)]

$e_1 = \text{Pass} [[\text{oferecer} (\text{João}) (\text{as flores}) (\text{à menina}) (\text{na escola})]]$

Os operadores são elementos gramaticais, como: determinantes, quantificadores e flexões, sendo também considerados como tais outras classes de palavras, como: preposições, pronomes, artigos etc. Esses operadores são determinados através de regras de expressão, selecionadas em uma parte específica do léxico.

Os operadores e os satélites oferecem uma contribuição semântica fundamental para construir uma predicação especificada.

Para que se organize uma estrutura subjacente de uma cláusula, há uma configuração em níveis ou camadas:

nível 1: predicador e termos

nível 2: predicação

nível 3: proposição

nível 4: ato de fala.

Desse modo, C. S. Dik admite a existência de camadas de organização da estrutura subjacente da frase. No nível 1, encontra-se o **predicador** que se constitui de relações e propriedades e os **termos** que dizem respeito a entidades; no nível 2, está a **predicação** que se refere a um estado de coisas; no nível 3, há uma estrutura de ordem mais alta, a **proposição** que expressa um “conteúdo proposicional”; se a proposição for acrescida de força ilocucionária, ela compõe, no nível 4, a frase que se refere a um **ato de fala**.

A cada nível de unidade estrutural corresponde um tipo de unidade lingüística. Vistas como variáveis, essas unidades lingüísticas estão representadas por diferentes símbolos, de acordo com o nível estrutural a que correspondem (NEVES, 1994, p. 123).

<u>Unidade estrutural</u>	<u>Tipo de entidade</u>	<u>Ordem</u>	
<u>Variável</u>			
Cláusula	ato de fala	4	Ej, Ej ...
Proposição	fato possível	3	Xj, Xj ...
Predicação	estado de coisas	2	ej, ej ...
Termo	entidade	1	xj, xj ...
Predicado	propriedade/ relação		fj, fj ...

Quadro 04 – Relações entre a unidade estrutural e o tipo de entidade.

Assim, a predicação, que constitui o núcleo de uma estrutura de uma cláusula subjacente, pode ser descrita, segundo os três níveis:

- (i) predicação nuclear: predicado e seus argumentos;
- (ii) predicação central: predicação nuclear estendida pelos operadores de predicado e satélites de nível 1;
- (iii) predicação estendida: predicação central estendida pelos operadores de predicação e satélites de nível 2.

As estruturas de níveis 1 e 2 correspondem à função representacional da predicação, enquanto as de níveis 3 e 4 estão associadas às suas propriedades interpessoais.

Cada nível de estrutura da cláusula possui seus operadores e satélites. No nível 1, os operadores e satélites caracterizam-se como propriedades internas do estado de coisas determinado pela predicação nuclear. As principais propriedades referem-se à organização temporal interna que se reflete no emprego dos tempos e na negação. Os satélites desse nível são os de modo, tempo e instrumento. No nível 2, os operadores e satélites realizam a localização espacial, temporal e cognitiva de um estado de coisas no plano real ou imaginário, sem alterar as propriedades desse estado de coisas. Nele estão incluídos: o tempo (relativo e absoluto), o aspecto (denominado quantificacional), as categorias factiva e iterativa, a probabilidade. No nível 3, os operadores e satélites representam a avaliação do falante e sua atitude em relação ao conteúdo da proposição expressa. No nível 4, os operadores e satélites, denominados ilocucionários, provocam mudança na força da ilocução básica da realização.

Dessa forma, encontram-se três tipos de funções na estrutura do predicado, como pode ser observado abaixo:

- semânticas (papéis dos referentes dos termos nos estados de coisas designados pela predicação): agente, meta, receptor etc.;
- sintáticas (especificação da perspectiva a partir da qual o estado de coisas é apresentado na expressão lingüística): sujeito e objeto;
- pragmáticas (estatuto informacional de um constituinte dentro do contexto comunicativo mais amplo onde ele ocorre): tema, tópico, foco etc.

Pode-se concluir que a gramática funcional é uma teoria de componentes integrados. Já em seus primeiros trabalhos, C. S. Dik inclui a pragmática, sendo também a

função referencial considerada por ele como uma ação pragmática, cooperativa (*apud* NEVES, 1994).

d) O funcionalismo norte-americano

O funcionalismo norte-americano, do qual T. Givón é um dos principais representantes, teve origem e inspirou-se na semântica gerativa. Inicialmente, o grupo funcionalista postulava motivação icônica na estrutura gramatical, entretanto, nos dias atuais, T. Givón revê essa teoria, preferindo tratar de questões ligadas à cognição e à neurociência. Propõe a diversidade tipológica na manifestação dos universais lingüísticos, relativizando a extensão e generalização dos mesmos (GIVÓN, 1995, p. 16-7).

T. Givón chama a atenção para a dicotomia indução *versus* dedução, propondo como terceiro tipo metodológico a intuição ou analogia abdutiva. Partindo de comentários sobre falácias resultantes da metodologia empregada pelo funcionalismo, ele propõe a rejeição ao autoritarismo estrito das correntes lingüísticas e a adoção da diversidade teórica e metodológica (GIVÓN, 1995, p. 18-21).

Esse lingüista (1995, p. 87-90) mostra como um conjunto de fatores de dependência pode influir na caracterização funcional da sentença do tipo neutro (a cláusula principal declarativa afirmativa), ao analisar a relação entre esse tipo de cláusula e a transmissão de nova informação. Esses fatores são:

- (i) Marcação do discurso

O referido autor mostra a importância do conceito de **marcação** (*markedness*) para a análise das tendências de mudança e estabilização da língua em uso. Esse conceito é dependente do contexto, podendo uma construção manifestar-se como marcada em um contexto e não-marcada em outro. Há três critérios que se interagem para definir um item como **marcado**: complexidade estrutural, frequência de distribuição e complexidade cognitiva. O item marcado é mais complexo em termos estruturais e cognitivos e menos frequente do que seus pares (GIVÓN, 1995, p. 25).

Assim, um tipo de sentença contendo uma nova informação será menos pressuposicional. Todavia, pode-se supor que a complexidade pressuposicional é apenas uma dimensão no fenômeno total da marcação do discurso. A dificuldade na identificação do referente constitui outra dimensão daquele fenômeno. Quando o falante pressupõe mais dificuldade por parte do ouvinte, as construções que emprega podem ser consideradas mais marcadas.

Pode-se definir a marcação do discurso como o grau em que esse último constitui uma surpresa, uma quebra da norma comunicativa.

(ii) Teste de frequência

O discurso humano refere-se, primeiramente, à troca da nova informação, daí inferir-se que o tipo de cláusula portador da nova informação deve ser o mais frequente no discurso.

(iii) Restrições distribucionais

O tipo de cláusula que carrega a nova informação é aquele de que se deve esperar a máxima elaboração.

(iv) Complexidade sintática

As cláusulas mais pressuposicionais e as que não são uma parte crítica da informação nova poderão possuir uma complexidade sintática sendo, provavelmente, mais *perceptuais*.

O que parece um paradoxo na teoria da comunicação é que, em termos de *percepção*, um fenômeno é mais fácil de ser percebido, se ele for uma *quebra* da norma. Isto faz com que ele seja, perceptualmente, mais *saliente*. Por outro lado, em termos de análise e compreensão, o evento menos esperado e mais raro é mais difícil de analisar e processar, uma vez que as melhores *rotinas* (“estratégias automáticas de processar”) são estabelecidas para os eventos mais freqüentes. O paradoxo é evidentemente ilusório: o que é codificado mais perceptualmente saliente serve para alertar o ouvinte de que aquilo que está vindo é um caso mais complexo, menos esperado e mais marcado, para o qual as estratégias mais normais de processar não o farão e as estratégias especiais e excepcionais deverão ser ativadas.

(v) Dinamismo sintático

Uma vez que a inovação sintática provém da reinterpretação de variantes marcadas de focos e tópicos bem como de padrão neutro, espera-se que a cláusula-tipo que revela maior liberdade de distribuição de tais variantes – a cláusula ativa declarativa afirmativa –

seja, sintaticamente, menos conservadora. Espera-se também que a cláusula-tipo neutra que carrega a nova informação revele mais inovação semântica e elaboração.

(vi) Aquisição da linguagem

Ao adquirirem a primeira língua, as crianças estão sob *communicative stress* em dois caminhos diferentes: elas percebem muito pouco do fundo pressuposicional geral que é o pré-requisito para a comunicação e elas não aprenderam ainda o código comunicativo, convenções, estratégias de procedimento etc.

Espera-se um sistema comunicativo simplificado que se caracterize por: ritmo baixo, repetições e sintaxe menos compacta.

Quando a criança realmente adquire a capacidade comunicativa, a capacidade de produzir uma cláusula ativa declarativa afirmativa desenvolve-se antes da capacidade de produzir cláusulas mais pressuposicionais.

Propõe-se a aproximação da análise funcional e da tipologia translingüística. Essa aproximação deve operar-se, no plano sincrônico, por meio da análise de estados de língua e, no plano diacrônico, através da investigação do caminho percorrido pela gramaticalização de um domínio-fonte a um domínio-alvo, que tem como resultado os estados lingüísticos atuais. A abordagem diacrônica está dirigida pela semelhança funcional entre origem e alvos potenciais (GIVÓN, 1995, p. 71-2).

Em termos de tipologia translingüística, é possível que se chegue apenas a certas tendências comuns e não a definições acabadas aplicáveis a toda estrutura lingüística. A tipologia gramatical está definida como o estudo da variedade de formas que podem realizar o mesmo tipo de função. A análise da tipologia gramatical funcionalista deve

focalizar a interação das categorias funcionais desgastadas pelo processo de gramaticalização e de marcas estruturais que transformam as relações icônicas em opacas.

T. Givón mantém a proposta do isomorfismo entre marcação sintática e semântica. Ele procura distinguir a região deôntica, mais pragmática, e a região epistêmica, mais semântica. Verifica o caráter prototípico das duas classes e a associação dos epistêmicos com a interação comunicativa intencional e aponta quatro modalidades proposicionais epistêmicas redefinidas, em termos de protótipo, às quais associa o equivalente comunicativo: verdade necessária *versus* pressuposição; verdade factual *versus* asserção *realis*; verdade possível *versus* asserção *irrealis*; não-verdade *versus* NEG (GIVÓN, 1995, p. 108-20).

Ao considerar modalidade em termos de *realis* e *irrealis*, propõe uma mudança de perspectiva de análise em dois pontos: cognitivamente (de verdade para certeza subjetiva) e comunicativamente (de sentido voltado para o falante em sentido interativo). Essa nova tipologia é aplicada aos contextos de tempo-aspecto, advérbios modais, cláusulas adverbiais etc. com conseqüências importantes para a integração entre cláusulas e outros processos de gramaticalização.

Esse autor trabalha também com o conflito iconicidade *versus* gramaticalização. Na estrutura gramatical, privilegia a hierarquia estrutural, afirmando ser esse o nível de maior abstração, uma vez que não pode ser analisado apenas no plano sincrônico. A organização funcional deve considerar aspectos menos perceptíveis, como: a intuição, a perspectiva diacrônica e a categorização prototípica.

O ponto essencial da proposta de T. Givón (1995, p. 228-30) está em demonstrar que as relações gramaticais não formam categorias discretas, mas antes são caracterizadas por indeterminação e por gradação.

Ele sugere a investigação do uso gramatical em situações comunicativas e realça a necessidade de uma definição heurística da função comunicativa para unir o nível social, cognitivo e neurocientífico da linguagem, afastando-se de questões de intuição e de estrutura (GIVÓN, 1995, p. 305-7).

No estudo do tratamento da associação função-forma, T. Givón assinala, ainda, que o processo cognitivo pode ocorrer da forma para a função, de maneira inversa à proposta funcionalista clássica.

Vale ressaltar que a lingüística funcional americana é, essencialmente, pancrônica, uma vez que os princípios que a dirigem podem ser aplicados tanto aos padrões de uso da língua, em uma etapa sincrônica, como aos processos de mudança apreendidos na trajetória diacrônica.

2.1.1 A Gramaticalização

Em 1912, A. Meillet definiu a gramaticalização como *le passage d'un mot autonome au rôle d'élément grammatical* [‘a passagem de uma palavra autônoma para a função de elemento gramatical’] (1948, p. 131). Pode-se também admitir como gramaticalização a passagem de uma unidade gramatical para uma unidade mais gramatical. O processo de gramaticalização, geralmente, é acompanhado de mudanças morfofonológicas e semânticas. Esse processo tem sido estudado, desde o século XIX, por alguns autores, como W. von Humboldt, em 1825, e no início do século XX por A. Meillet, em 1912, porém, nas últimas décadas, tornou-se de grande relevo entre os lingüistas, não

apenas no exterior: E. Traugott, P. Hopper, B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer, T. Givón, C. Lehmann e outros, mas também no Brasil: A. T. de Castilho, M. H. de M. Neves, M. L. Braga, R. Poggio e outros. O centro de interesse das pesquisas nessa área constitui-se da abordagem sincrônica e diacrônica ou, até mesmo, pancrônica, da identificação dos diversos processos, do estabelecimento dos princípios de gramaticalização, incluindo-se entre esses últimos a unidirecionalidade da gramaticalização.

A. T. de Castilho (1997, p. 25-6) afirma que a gramaticalização se inicia nas necessidades comunicativas do discurso. Ele assinala que a gramaticalização é apenas um dos processos constitutivos da língua, sendo os dois outros processos: a semanticização e a discursivização.

Alguns lingüistas acreditam que as expressões gramaticalizadas passam por uma perda de liberdade sintática e uma redução fonológica. Também é comum apontarem a noção de perda semântica, desbotamento do significado (MCMAHON *apud* CAMPBELL; JANDA, 2001, p. 102), ou descoloração semântica (FINTEL *apud* CAMPBELL; JANDA, 2001, p. 102) e redução fonética que exercem um importante papel em visões diferentes.

No que se refere aos conceitos de gramaticalização, percebe-se que existem três grupos conceituais (POGGIO, 2002, p. 60-2):

a) A gramaticalização é vista como uma unidade léxica que passa a assumir a função de elemento gramatical. Esse conceito vigorou até 1970 e se refere ao campo morfológico. Como já foi visto, A. Meillet é considerado o introdutor do termo **gramaticalização**, em 1912, portanto ele pertence a esse grupo. De acordo com L. Campbell e R. Janda (2001, p. 95), A. Meillet considera a gramaticalização essencialmente *lexical* > *gramatical*, ocorrendo, no lado gramatical desse desenvolvimento, uma seqüência interna *sintático* > *morfológico*, resultando em uma mudança: *lexical* > *sintática* > *morfológica*; visão que

permanece dominante até hoje em relação à gramaticalização. Nesse grupo, também é importante ressaltar a definição de J. Kurylowicz (*apud* CAMPBELL; JANDA, 2001, p. 95), em 1965, que considera que a gramaticalização é *lexical > gramatical* e *gramatical > mais gramatical*:

Gramaticalização consiste no crescimento do alcance de um morfema que avança de um status lexical para um gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical, isto é, de um formante derivacional para um formante flexional.

Essa definição implica a idéia de gradualidade da noção de **gramática**, idéia acolhida pela lingüística contemporânea que tende a substituir as classificações tradicionais em categorias discretas pela idéia de *continuum*.

b) O conceito de gramaticalização, a partir do meado de 1970, ampliou-se para além do léxico (“reanálise de material lexical como gramatical”), ocorrendo “uma reanálise dos padrões do discurso para os padrões gramaticais”. Nessa abordagem, a gramaticalização é vista como estando localizada na pragmática do discurso. Segundo L. Campbell e R. Janda (2001, p. 99), T. Givón, em 1971, inspirado pela descrição feita por C. Hodge (1970) de uma evolução tipológica cíclica (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 12-3), defende o *slogan: today’s morphology is yesterday’s syntax*². T. Givón, em 1979, propõe um outro *slogan: Today’s syntax is yesterday’s pragmatic discourse*³. Dessa forma, haveria um movimento cíclico no seguinte *continuum* de T. Givón: *Discourse > syntax > morphology > morphophonemics > zero*⁴. Para esse lingüista (1979, p. 82-3), a sintaxe é um artefato complexo que surge da interação de vários princípios comunicativos e de estratégias de processamento. Desse modo, a sintaxe deixa de ser um nível formal e

² “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”.

³ “A sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”.

⁴ “Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero”.

autônomo de organização estrutural da linguagem para ser uma entidade dependente e motivada funcionalmente. As estruturas do discurso impreciso e pragmático se desenvolvem até se transformarem em estruturas sintáticas definidas e gramaticalizadas, pois essas estruturas, com o tempo, sofreram um processo de erosão através dos processos de morfologização e lexicalização. T. Givón (1979, p. 107) ressalta, no que se refere ao ciclo diacrônico, que apesar de a pragmática dar origem à sintaxe, essa última origina a morfologia gramatical, que decai através do atrito fonológico. As etapas morfofonêmica e zero são motivadas em grande parte por esse atrito, enquanto que as duas primeiras (discurso e sintaxe) ocorrem simultaneamente, já que são motivadas por diversas necessidades comunicativas. Ele conclui que, no estágio presente das línguas humanas, parece ocorrer uma renovação da sintaxe através da gramaticalização do discurso. Já no que se refere às perspectivas para se estudar a gramaticalização, P. J. Hopper e E. C. Traugott (1993, p. 2) defendem a existência de duas: a perspectiva histórica que considera que um item lexical, em certos usos, se torna um item gramatical, ou um item gramatical se torna mais gramatical; e a perspectiva sincrônica, que vê “a gramaticalização como um fenômeno primariamente sintático, pragmático-discursivo, estudado do ponto de vista dos padrões fluidos do uso lingüístico”.

c) No terceiro grupo, a gramaticalização é vista como pertencente à cognição e externa à língua, consistindo em colocar, em relação aos princípios cognitivos comuns, os processos que se repetem ou se assemelham nas línguas do mundo. Essa linha cognitivista considera que a gramaticalização provém de alterações semânticas. Dessa forma, A. McMahon (*apud* CAMPBELL; JANDA, 2001, p. 101-2) afirma que a gramaticalização não é apenas uma mudança sintática, mas uma mudança global que afeta também a morfologia, a fonologia e a semântica. W. Pagliuca (*apud* CAMPBELL; JANDA, 2001, p. 102) ressalta que “as

fontes lexicais de formas gramaticais particulares passam por um processo de mudanças formais e semânticas que caracterizam as histórias do seu desenvolvimento”. Percebe-se com isso que W. Pagliuca admite uma evolução semântica e formal na passagem do material lexical para o gramatical e desse para um material mais gramatical ainda. Alguns autores, como Kai von Fintel (*apud* CAMPBELL; JANDA, 2001, p. 102-3), supõem que o que ocorre nesse processo é uma “descoloração semântica”, pois, à medida que um elemento se torna mais funcional, um morfema perde a maior parte do seu significado. A gramaticalização é um processo contínuo e gradual, não ocorrendo abruptamente e estende-se por um longo período de tempo. Para L. Whaley (*apud* CAMPBELL; JANDA, 2001, p. 104), a gramaticalização é “um processo de mudança lingüística pelo qual um morfema lexical livre se torna generalizado semanticamente e reduzido fonologicamente”. Outros autores, como G. Lakoff e M. Johnson (1980), estudam essa alteração semântica a partir de um *continuum* metafórico, no qual, o espaço é o conceito mais concreto e os demais conceitos abstratos partem dele. Assim, tempo é conceptualizado a partir do espaço, e qualidade (o conceito mais abstrato do *continuum*) é conceptualizado a partir do tempo. B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991), ao estudarem também essas alterações semânticas no processo de gramaticalização, ampliam o *continuum* metafórico para PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE, que apresenta um distanciamento egodêitico. Esses dois *continua* são unidirecionais.

O processo de gramaticalização pode ser visto em uma perspectiva da história da lingüística, seguindo três direções (CASTILHO, 1997, p. 27-31; POGGIO, 2002, p. 63-7):

a) A direção da Tipologia Lingüística pode ser representada, em primeiro lugar, pelo alemão W. von Humboldt - 1822 - e sua “Teoria da aglutinação”, que subdividiu a língua

em quatro estágios de evolução (pragmático, sintático, aglutinação e morfológico), os quais poderiam combinar-se ou não entre si, resultando na tipologia lingüística de sua época, ou seja, em línguas isolantes (estágios I e II), em línguas aglutinantes (estágio III) e em línguas flexionais (estágio IV); pelos alemães B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer, em 1991, estudiosos das línguas africanas sob o enfoque da teoria da gramaticalização; e também por J. Bybee, R. Perkins e W. Pagliuca (1994), que no estudo de 66 línguas de diferentes famílias se indagam sobre as relações entre gramaticalização do significado e gramaticalização da morfologia.

b) A direção da Mudança Lingüística pode ser representada no século XVIII pelo filósofo francês Condillac, ao observar que formas gramaticais são oriundas de lexemas, e afixos, de formas livres; e Horne Tooke, que agrupa de um lado nomes e verbos (palavras necessárias) e de outro, as demais classes de palavra - conjunções, advérbios e preposições (decorrentes de mutilações ou abreviaturas de palavras necessárias); e no século XIX, pelos neogramáticos, que, sem adotar esse nome, viam a gramaticalização como um meio de explicar a mudança lingüística. Citam-se nesse período: Franz Bopp, que estuda o desenvolvimento de itens lexicais para auxiliares, afixos e/ ou flexões; e Georg von der Gabelentz, que considera a mudança lingüística como resultante de duas tendências: uma vinculada à facilidade de articulação e outra, aos traços distintivos. No século XX, encontra-se o indo-europeísta A. Meillet que, como já se observou, foi o primeiro a empregar o termo **gramaticalização**, mostrando a importância desse processo para a teoria da mudança lingüística.

No período do estruturalismo americano e europeu, C. Meinhof, em seus estudos, trata da teoria da aglutinação ao estudar a mudança da morfologia flexional nas línguas semíticas, hamíticas e indo-européia.

Quanto a É. Benveniste, discípulo de A. Meillet, denomina de auxiliarização o processo de gramaticalização dos verbos.

A década de 70, antes assinalada, pode ser tida como um marco, pois, um grupo de lingüistas considerou a gramaticalização como meio de analisar a mudança lingüística, e esse será o enfoque adotado neste trabalho.

c) A direção da Sintaxe Conversacional possui como um dos principais representantes E. Sapir. Esse estudioso apontou um contínuo de diferentes espécies de conceitos lingüísticos (conteúdo material e conteúdo relacional), reconhecendo semanticamente uma gradação do concreto para o abstrato. Outro representante desse grupo é Hodge (1970) que ressalta a presença de dois estágios: i) sintaxe forte e morfologia fraca e ii) sintaxe fraca e morfologia forte, criando o *slogan*, já referido anteriormente, “A sintaxe de ontem é a morfologia de hoje”. Outro membro desse grupo é T. Givón (1971) que estuda a gramaticalização, partindo do *slogan* “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” e acrescenta o módulo do discurso no estudo da gramaticalização.

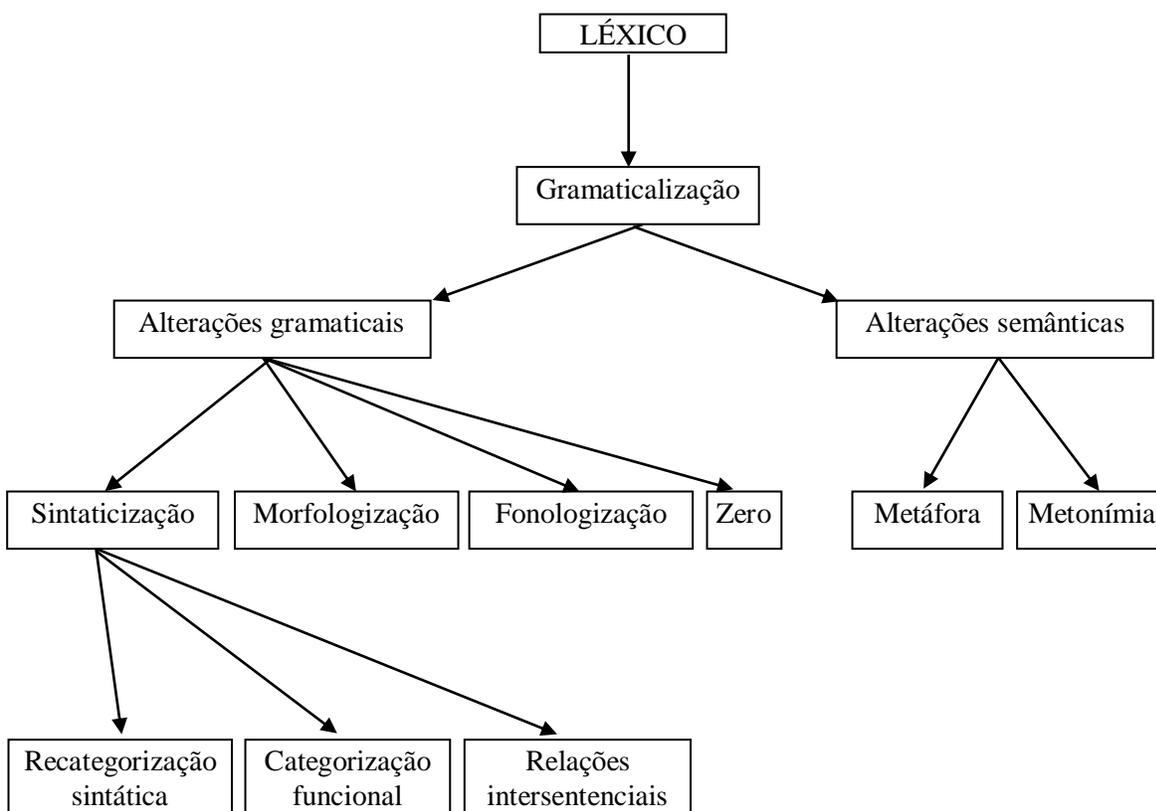
Depois dessa idéia, há vários desdobramentos: iconicidade sintática, gramática emergente (HOPPER, 1988), estudo das conjunções de E. Sweetser (1990), entre outros.

2.1.1.1 Processos de Gramaticalização

Como já foi observado anteriormente, a mudança lingüística é um conceito mais abrangente, no qual está implícito o conceito de gramaticalização (toda mudança que afeta a gramática de uma língua). Também já foi assinalado que o termo gramaticalização foi

criado por A. Meillet, em 1912, portanto, antes desse existir, a mudança já era percebida e estudada. Dessa forma, alguns elementos, no decorrer dos séculos, sofrem alterações gramaticais e/ ou semânticas, porém antes passando por um momento de variação. Depois de 1970, os estudos voltados para a gramaticalização têm como principal vantagem, em relação aos anteriores, a atenção dirigida para a compreensão e explicação da gramática sincrônica que, potencialmente, essa teoria oferece.

De acordo com A. T. de Castilho (1997, p. 32) e R. Poggio (2002, p. 68), C. Lehmann, em 1982, propõe alguns estágios do processo de gramaticalização, sendo assim esquematizados:



Quadro 05 – Estágios do processo de gramaticalização.

No que se refere às alterações gramaticais, existem quatro estágios: sintaticização, morfologização, fonologização e zero. Não há obrigatoriedade de ocorrência de todos esses estágios, podendo o item em enfoque chegar ao estágio zero ou não.

A sintaticização, como o próprio nome indica, corresponde às mudanças sintáticas, compreendendo três subgrupos no processo de gramaticalização, descritos a seguir.

A recategorização sintática implica em uma mudança de classe gramatical, a partir dos elementos do léxico: nome e verbo. P. Hopper e E. Traugott (1993, p. 104) propõem o seguinte *continuum* de recategorização:

Categoria maior [Nome, Verbo] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção, Pronome, Verbo auxiliar, Afixos].

Alguns lingüistas, ao estudarem os processos de formação de palavras, consideram e denominam essa mudança de classe gramatical de derivação imprópria. J. L. Monteiro (2002, p. 146-7) chama a atenção para a maioria dos gramáticos que denominam esse processo de **derivação imprópria**, porém E. Bechara (2000) o denomina de **conversão**, C. Bally o chama de **hipóstase** e L. Tesnière utiliza o termo **translação** que, para ele, é o termo mais adequado. Esse lingüista ainda comenta que a derivação imprópria pode ocorrer através da substantivação (**comer** (verbo) – o **comer**), da adjetivação (o **relâmpago** – comício **relâmpago**), da adverbialização (livro **caro** – o livro custou **caro**) e da gramaticalização (ele foi **salvo** – todos passaram, **salvo** Pedro).

A. T. de Castilho (1997, p. 39) elabora um esquema geral da gramaticalização de um nome: N > N relacional > Prep. secundária > Prep. primária > Clítico > Afixo.

Quanto ao elemento em estudo, muitas preposições têm sua origem em outras classes gramaticais (CASTILHO, 1997, p. 38), tais como: N > Prep. (o item lexical *amor* passa a integrar a locução prepositiva *por amor de*); V > Prep. (o verbo latino *mediare*, que

tem o seu participio presente *medians*, *mediantis* e passa a ser usado como preposição, em português); Num. Ord. > Prep. (já no latim, o numeral ordinal *secundum* se gramaticaliza na preposição *secundum*, passando para o português na forma *segundo*, e mantendo-se, do mesmo modo, como numeral ordinal e preposição). R. Poggio (2002, p. 69) acrescenta mais um tipo de recategorização que envolve a preposição: Adv > Prep. (no latim, havia os advérbios *ante* e *contra*, que no próprio latim se gramaticalizaram como preposições, conservando esse mesmo valor no português).

O segundo subgrupo da sintaticização é a Categorização funcional, que consiste no estudo da atribuição de propriedades funcionais a alguns aspectos da sintaxe. A. T. de Castilho (1997, p. 41-4) exemplifica esse subgrupo com a gramaticalização do tópico, o preenchimento das funções de sujeito e de objeto direto no português do Brasil, e a ordem dos constituintes funcionais.

O terceiro subgrupo é o das Relações intersentenciais, cujos estudos no português demonstram que há limites imprecisos entre alguns tipos de orações, como por exemplo: entre as orações coordenadas explicativas e as orações subordinadas causais, entre as orações coordenadas adversativas e as orações subordinadas concessivas etc.

A morfologização corresponde ao processo de perda de função e produtividade de morfemas, compreendendo a criação de formas presas: afixos flexionais e afixos derivacionais. Cita-se como exemplo a passagem do pronome demonstrativo latino (*illum*) para o artigo (*o*) no português.

S. Svorou (1993, p. 35) propõe um “*continuum* de fusão” no processo de morfologização, no qual, são identificados estágios, tais como:

<i>Low fusion</i> (‘baixa fusão’)		<i>High fusion</i> (‘alta fusão’)
<i>embraced</i> (‘enlaçado’)	<i>agglutinated</i> (‘aglutinado’)	<i>fused</i> (‘fundido’)

Quadro 06 – *Continuum* de fusão.

No primeiro estágio, *embraced*, os elementos são unidades fonológicas independentes, formando uma unidade. Esse estágio refere-se a construções preposicionais e adverbiais. A frequência de uso dessas formas conduz a uma cristalização, tornando-as itens gramaticais.

No segundo estágio, *agglutinated*, os morfemas encontram-se afixados, sendo, entretanto, identificáveis em contextos fonológicos.

No terceiro estágio, *fused*, os morfemas já afixados sofrem alteração fonológica.

Esse terceiro estágio de S. Svorou corresponde ao processo de Fonologização. A fonologização compreende a fusão de formas livres com outras, que se transformam em formas presas. A. T. de Castilho (1997, p. 46) aponta como exemplo desse estágio a formação do futuro nas línguas românicas (lat. *amare habeo* > port. *amarei*).

No que se refere ao estágio zero, último estágio das alterações gramaticais, um morfema pode desaparecer, havendo a possibilidade de reiniciar-se o processo, quando para tal os falantes de uma língua empregam uma expressão perifrástica para representar o conceito da forma que caiu em desuso.

Um exemplo do estágio zero é o futuro sintético do latim, que desapareceu. Há uma tendência de o futuro sintético do português, também, vir a desaparecer. Outros exemplos desse estágio são algumas preposições latinas que deixaram de ser usadas na passagem para o português: *propter*, *ab*, *ex* etc.

Apesar de todos esses elementos exemplificados terem atingido o estágio zero de gramaticalização, na língua, continuam sendo usados tais conceitos através da gramaticalização de novas formas.

Já as alterações semânticas correspondem principalmente a dois processos: Metáfora e Metonímia.

Segundo os funcionalistas, há um movimento unidirecional, no processo de metáfora, que vai do sentido de base mais concreto, discursivamente motivado, para sentidos mais abstratos, estruturalmente motivados (CASTILHO, 1997, p. 48-9).

Como já foi observado no item 2.1.1, B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991) propõem um *continuum* metafórico e unidirecional: PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE.

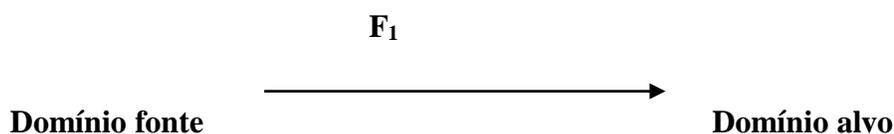
G. Lakoff e M. Johnson (1980) chamam a atenção para o fato de que “a essência da metáfora é compreender e experimentar uma espécie de coisa em termos de outra”. O sistema conceptual humano é estruturado e definido metaforicamente: a maioria dos conceitos fundamentais são organizados em termos de uma ou mais metáforas de espacialização. Elas são fundamentais na experiência física e cultural. Essa experiência permite muitas bases possíveis para as metáforas de espacialização.

E. Pontes (1992, p. 24), baseando-se nos estudos desses autores, ressalta que o significado metafórico é da maior importância para o estudo da mudança lingüística.

De acordo com G. D. Nunberg (*apud* FAUCONNIER; SWEETSER, 1996, p. 2), a noção de Função Pragmática estabelece que objetos de naturezas diferentes podem ser unidos por razões culturais, psicológicas ou localmente pragmáticas, de modo que se torne possível a referência a um objeto em termos do outro. Assim, esse autor descreve o processo metonímico.

É importante assinalar que a essência da metonímia, segundo J. Taylor (1992, p. 123-4), reside na possibilidade de estabelecer conexões entre entidades que co-ocorrem em uma estrutura conceptual determinada.

Conforme ressaltam G. Fauconnier e E. Sweetser (1996, p. 3), o ser humano reflete essas ligações cognitivas básicas, por usar uma expressão lingüística para um item em um domínio, para referir-se a um item conectado em outro domínio.



No exemplo “Platão está em cima da estante” tem-se o nome de uma pessoa identificando um objeto. A função pragmática resultante F_1 une autores a livros que contêm seus trabalhos, ou seja, {autores} são desencadeadores e {livros} são alvos da função pragmática. Neste caso, autores são parte de uma moldura que inclui seus trabalhos (FAUCONNIER; SWEETSER, 1996, p. 4).

Dessa forma, G. D. Nunberg (*apud* FERRARI, 1997, p. 107) conclui que *se dois objetos, “a” e “b”, estão unidos por uma função pragmática: F ($b = F(a)$), a descrição de “a” pode ser usada para identificar a sua contraparte “b”*. A relação de contigüidade é especificada por uma função de “a” para “b”: F_1 .

Em uma visão mais ampla e moderna da metonímia, não há necessidade de o traço de contigüidade restringir-se a um sentido espacial ou a um ato de referência (TAYLOR, 1992, p. 124).

Na teoria da gramaticalização, a metonímia constitui a mudança de sentido motivada por itens associados sintaticamente. Os funcionalistas citam, como exemplo, a

alteração de sentido da palavra latina *passu*, ‘passo’, que na língua francesa, devido à frequência de uso próximo à negação, assimilou da partícula *non* seu sentido negativo, tendo como resultado a expressão *ne... pas*. Essa mudança afetou a gramática da língua francesa, pois acarretou o surgimento de um novo advérbio de negação.

Em vista disso, conclui-se que tanto a metáfora quanto a metonímia são transferências semânticas, sendo a primeira através da similaridade de percepção (analógica e icônica), e a segunda, através da contigüidade (indexal). G. Fauconnier e E. Sweetser (1996) ainda afirmam que mesmo quando a metáfora é baseada em correlação experiencial, ela não precisa ser baseada no tipo de contigüidade próxima de domínios que, em geral, motiva a metonímia.

2.1.1.2 Princípios de Gramaticalização

Vários lingüistas assinalam que há propriedades inerentes à gramaticalização.

Ao apontarem os princípios da gramaticalização, observa-se que há divergência entre os autores. C. Lehmann (1982) propõe cinco princípios: paradigmaticização, obrigatoriedade, condensação, coalescência e fixação.

Já P. J. Hopper (1991, p. 24) critica os princípios de C. Lehmann, argumentando que eles deveriam ser levados em conta em um estágio mais avançado. Dessa forma, esse lingüista apresenta os seguintes princípios, baseado nas camadas geológicas: **estratificação** (formas diferentes são usadas para expressar um significado, ex.: *a gente/ nós*); **divergência** (ocorre uma bifurcação de um item, porém a fonte original pode permanecer

como elemento autônomo, ex.: o pronome *a gente* e o substantivo *gente*); **especialização** (é um princípio de restrição, no qual há um estreitamento de variedades de escolhas formais, quando ocorre a gramaticalização; há possibilidade de que um item se torne obrigatório; ex.: quando a palavra *amor* passa a compor a locução prepositiva *por amor de*, há um estreitamento no significado desse nome ao figurar no novo contexto); **persistência** (mesmo depois que um item lexical torna-se item gramatical, através da gramaticalização, pode ocorrer que alguns traços do significado original acompanhem a nova forma gramatical, ex.: *a gente*, como pronome, se refere a um maior número de pessoas do que *nós*) e **descategorização** (ao se gramaticalizar, o item lexical (nome ou verbo) perde suas marcas morfológicas e propriedades sintáticas e assume atributos das categorias secundárias (adjetivo, particípio, preposição etc.), ex.: *amor* ao figurar em uma locução prepositiva perde marca de plural, de grau, não admite um determinante etc.).

Um exemplo da aplicação da análise quantitativa à Gramaticalização é o estudo das expressões do tempo futuro no latim e nas línguas românicas e a análise dos diversos usos do item *aí*, a partir dos princípios da divergência e da estratificação propostos por P. Hopper, encontrado no artigo de M. L. Braga e A. J. Naro (2000).

Por último, A. T. de Castilho (1997, p. 52-6) estabelece quatro princípios para darem conta dos processos de gramaticalização:

(a) Paradigmatização e analogia – refere-se à mudança que ocorre no eixo paradigmático. Aponta-se como exemplo a perda do *-s* final do latim do século III, que levou as províncias da Itália e da Dácia a buscarem o recurso paradigmático de formação do plural a partir do nominativo (*-i/ -e*).

(b) Sintagmatização e reanálise – corresponde à criação de novas estruturas a partir de estruturas existentes. Um exemplo desse princípio é a formação da locução prepositiva *por*

amor de, em que o nome *amor* passa a constituir uma locução, que é empregada em um novo contexto e com uma nova função.

(c) Continuidade e gradualismo – através desse princípio, observa-se que a gramaticalização é considerada como um processo contínuo e gradual. Como exemplo, cita-se a formação do futuro atual, no português, o futuro perifrástico (*vou amar*) que está substituindo a forma sintética (*amarei*).

(d) Unidirecionalidade – a gramaticalização ocorre da esquerda para direita em um processo unidirecional. Alguns autores questionam esse princípio, pois acreditam que a gramaticalização não é irreversível. Prefere-se admitir a existência de irradiações em lugar da unidirecionalidade, uma vez que a mudança e ampliação dos sentidos, podem ser o resultado de irradiações em várias direções.

Dentre esses princípios citados por A. T. de Castilho (1997), a reanálise é o mais discutido entre os lingüistas. A reanálise das estruturas lingüísticas é considerada por B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991, p. 215-6) como um dos efeitos mais espetaculares que a manipulação conceitual apresenta na estrutura lingüística.

Alguns autores consideram a gramaticalização e a reanálise como sinônimos ou quase-sinônimos, enquanto outros se referem às duas como processos diferentes. M. Haspelmath (*apud* DETGES; WALTEREIT, 2002, p. 2) observa que enquanto a gramaticalização é gradual, a reanálise é abrupta.

Segundo U. Detges e R. Waltereit (2002, p. 3-4), a reanálise e a gramaticalização são discutidas em termos puramente estruturais. Eles afirmam que ambas surgem como uma conseqüência de necessidades básicas de comunicação, nas quais podem ser

identificadas como estratégias dos ouvintes no caso da reanálise, e como estratégias dos falantes no caso da gramaticalização.

B. Heine e M. Reh (*apud* HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 215-6), em 1984, propõem separar reanálise e gramaticalização, em vista de ser o princípio de unidirecionalidade uma propriedade inerente da gramaticalização e não da reanálise.

Há, de fato, razões para considerar esses dois processos separadamente. A reanálise sintática tem sido aplicada a diferentes fenômenos. Esses autores ressaltam o tratamento dado por R. Langacker (1977), cuja definição eles adotam parcialmente:

Change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate ou intrinsic modification of its surface manifestation⁵.

R. Langacker assinala como problema a definição peculiar de “superfície”. A questão é se na verdade a “manifestação superficial” não é afetada pela reanálise. O que eles consideram essencialmente como reanálise é o que R. Langacker chama “reformulação sintática/ semântica”.

Alguns processos de gramaticalização podem ser considerados como reanálise.

B. Heine e M. Reh (*apud* HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991), em 1984, consideraram uma forma específica do processo mais geral de reanálise *constituent-internal reanalysis* que tem efeito de redefinir fronteiras de constituintes.

(1) (A, B) C

(2) A (B, C)

Em inglês, pode ser dado o seguinte exemplo de uma estrutura do discurso direto para o discurso indireto:

⁵ A mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolvam qualquer modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação superficial.

(3) *I say that: he comes.*⁶

(4) *I say that he comes.*⁷

No discurso direto, há um marcador que faz parte da oração matriz e que o introduz.

Com a transição do discurso direto para o indireto, esse marcador se torna um conectivo subordinante que é parte do discurso indireto.

2.1.1.3 Graus de Gramaticalização

De acordo com P. J. Hopper (1991), para se medir os estágios de gramaticalização de um item, deve-se aplicar os cinco princípios propostos por ele (estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização), verificando, a partir dessa aplicação, se uma forma está mais gramaticalizada ou não.

As formas que estão em via de serem gramaticalizadas sofrem mudanças que causam perda da sua autonomia, tanto na forma, quanto no sentido. Essa autonomia se manifesta sob três aspectos diferentes: a) o **peso** do signo, o fator pelo qual o signo pode se distinguir dos outros membros de sua classe e adquirir certa proeminência no sintagma: quanto maior for o peso do signo, mais ele será autônomo; b) a **coesão**, fator que torna o signo menos autônomo, através das relações sistemáticas estabelecidas com outros signos;

⁶ Eu disse isto: ele vem.

⁷ Eu disse que ele vem.

c) a **variabilidade** do signo, isto é, sua capacidade em se deslocar ou se modificar independentemente de outro signo.

A combinação desses três aspectos da autonomia do signo com os dois tipos de relações paradigmáticas e sintagmáticas que se estabelecem com outros signos permitiu a C. Lehmann (1982) propor alguns critérios ou parâmetros, com o fim de avaliar o grau de gramaticalização dos itens considerados, quer em uma perspectiva sincrônica, quer em uma perspectiva diacrônica:

Fator/ parâmetro/ critério	Paradigmático	Sintagmático
Peso	Integridade	Escopo
Coesão	Paradigmaticidade	fusão (<i>bondedness</i>)
Variabilidade	Variabilidade paradigmática	Variabilidade sintagmática

Quadro 07 – Critérios ou parâmetros para medir o grau de gramaticalização (LEHMANN, 1982 *apud* POGGIO, 2002, p. 75).

De acordo com a opinião de B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991, p. 158), no processo de gramaticalização, são observadas as seguintes condições:

- i) se as duas funções de caso diferem apenas quanto ao fato de que uma possui uma função espacial e a outra não, então, a última é mais gramaticalizada;
- ii) quando uma categoria expressa uma relação temporal e outra categoria uma “relação lógica”, como por exemplo, ‘causa’ e ‘condição’, essas duas últimas são mais gramaticalizadas do que tempo;
- iii) quanto mais uma categoria for abrangente, ela será mais gramaticalizada. Assim sendo, MODO é mais gramaticalizado que INSTRUMENTO.

2.2 A TEORIA LOCALISTA

A Teoria Localista, desenvolvida desde a Escola de Praga, retomada a partir do fim da década de 60 pelos funcionalistas (Hjelmslev, 1935; Lyons, 1967, 1975, 1977; Anderson, 1971, 1973; Pottier, 1974) e atualmente pelos cognitivistas (Lakoff e Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Heine, Claudi e Hünemeyer, 1991; Svorou, 1993, Langacker, 1999), postula que as expressões mais abstratas derivam das menos abstratas e que as expressões espaciais são mais básicas do que as temporais. Uma vez que o sentido espacial é menos abstrato, o temporal advém do anterior, irradiando, a seguir, para sentidos cada vez mais abstratos.

J. Lyons (*apud* HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 115) propõe um quadro que se assemelha aos resultados dos localistas modernos:

Source ('Fonte')	Derived Structure ('Estrutura Derivada')
Locative categories (‘Categorias locativas’)	Temporal Categories (‘Categorias temporais’)
Abstract location (‘Localização abstrata’)	Possession and existence (‘Posse e existência’)
Locative and deictic expressions (‘Expressões locativas e dêiticas’)	Distinction past vs. nonpast (‘Distinção passado vs. não-passado’)
Locative construction (‘Construção locativa’)	Aspectual notions of progressivity or stativity (‘Noções aspectuais de progressividade ou estatividade’)
Locative notions (‘Noções locativas’)	Temporal, causal, and conditional clauses (‘Orações temporais, causais e condicionais’)

Quadro 08 – Alguns exemplos de gramaticalização propostos pelos localistas.

Depois de 1975, L. Diehl (*apud* HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 12) apresenta uma hierarquia de espaço egodêitica com quatro tipos, cada um deles com seu próprio centro dêitico:

Social space (Espaço social)	<i>me</i> (eu)
Spatial space (Espaço espacial)	<i>here</i> (aqui)
Temporal space (Espaço temporal)	<i>now</i> (agora)
Logical space (Espaço lógico)	<i>In this case</i> (nesse caso)

Quadro 09 – Hierarquia do espaço egodêitico.

O localismo se baseia na relação homem e espaço, ou seja, o espaço que o homem ocupa no mundo. O ser humano é o elemento mais relevante do centro dêitico, isto é, a intersecção de três dimensões que representam o QUEM, o ONDE e o QUANDO de um evento lingüístico. O homem, em suas interações diárias, localiza-se no espaço e no tempo. O AQUI e o AGORA são fundamentais para o entendimento do conhecimento do mundo, pois o homem é situado (AQUI) e datado (AGORA), ou seja, a pessoa está em determinado lugar em determinado tempo. Dessa forma, AQUI e AGORA são expressões dêiticas que se fundamentam primariamente na pessoa que fala, como pessoa do discurso, no seu corpo humano, que pode ainda ser subdividido em sua parte interna (dentro) e sua parte externa (fora): em geral, cada entidade (ser humano, coisas, animais) pode ser vista como tendo regiões internas ou externas. AQUI significa dizer ‘perto de mim’, então, é uma localização relativa, imprecisa e com baixo grau de especificidade, porque não se sabe a localização exata do falante. O grau de explicitação para localizar algo vai depender da intenção do falante, da situação do ouvinte, do contexto comunicativo, além do tipo de interações lingüísticas que ele mantém. Em suma, depende da necessidade de localizar a entidade. A

codificação lingüística de relações espaciais não deve ser extensa, pois é preciso economia para evitar as redundâncias.

Segundo G. Lakoff e M. Johnson (1980, p. 14), as oposições polares que remetem a espaço são naturalmente físicas, podendo variar de acordo com as diversas culturas. A estrutura dos conceitos espaciais emerge da experiência espacial constante do homem, da sua interação com o ambiente físico. Assim, *aqui/ lá, em cima/ embaixo, por dentro/ de fora, frente/ costas* são expressões básicas, o que significa dizer que as outras entidades são localizadas a partir delas. Vários conceitos metafóricos podem surgir baseados nessa experiência. Correlações sistemáticas com a experiência de cada um fazem com que um conceito seja parcialmente estruturado por uma metáfora, podendo ser estendido por determinados meios. Conforme esses autores (2002, p. 131-2), experiências básicas referentes aos domínios espacial, social e emocional são conceptualizadas de forma diferente, tais como nos exemplos apresentados por eles:

Harry is in the kitchen. (Harry está na cozinha.)

Harry is in the Elks. (Harry está no Elks (clube).)

*Harry is in love.*⁸

Além disso, o tempo é conceptualizado em termos de espaço. A metáfora TEMPO É ESPAÇO, proposta por G. Lakoff e M. Johnson (1980), fundamenta o uso de expressões espaciais com sentido temporal. W. Meyer-Lübke (1900, p. 511 *et seq.*) já afirmava que, apesar de as expressões espaciais serem mais básicas e as de tempo figuradas com estreita ligação com as de espaço, as relações de tempo são muito mais simples e menos variadas que as de lugar. Distingue-se a indicação de tempo absoluto da indicação relativa, devendo-

⁸ Em português, um exemplo da preposição *em* com um sentido correspondente seria: Harry está *em* depressão.

se considerar no primeiro caso o momento e a duração, enquanto que no segundo, a distinção é entre o que precede e o que segue, e se assinala que não há outra categoria possível. No caso da expressão da simultaneidade, que estaria incluída na relação de tempo relativo, as línguas românicas não possuem um meio especial para expressar essa nuance de sentido, recorrendo à construção que marca a duração.

De acordo com S. Svorou (1993, p. 2-3), em sua pesquisa com respaldo nessa teoria, a base da língua humana é o sistema de crença juntamente com a neurofisiologia, que estão no nível psicológico. Dessa forma, o processo de aquisição de conhecimento é possível através da exposição recorrente para situações com objetos físicos, seres humanos e suas interações físicas e/ ou lingüísticas. As línguas se assemelham no modo como codificam relações espaciais e a motivação para as semelhanças encontra-se na forma com que os seres humanos experimentam o mundo, o que depende da sua configuração física e do seu aparato neuro-fisiológico, assim como das culturas em que eles estão inseridos (SVOROU, 1993, p. 238).

Essa autora ressalta que, atualmente, as teorias da linguagem e do significado são contrárias à visão objetivista da teoria semântica, já que antes o fator humano não era levado em consideração (1993, p. 3). O que ocorre com os novos estudos é que o ser humano é posto como o início e o principal elemento, pois é dele que as demais noções irão surgir. Assim, o *locus* das situações juntamente com os participantes e suas características, e o tempo em que essas situações ocorrem vão constituir as três dimensões, que serão necessárias para a descrição dos episódios. O ser humano, no ato conceptual de localizar um objeto, utiliza outros objetos, que estão na proximidade ou vizinhança do primeiro, de um modo relativístico, sendo essa localização detectável em um nível psico-fisiológico e descrita em um nível lingüístico. E mesmo quando não há assimetria aparente

entre a entidade a ser localizada e a entidade referente, o que será levado em consideração é a localização de um observador.

L. Talmy (1983, *apud* SVOROU, 1993, p. 9), com a finalidade de descrever a relação assimétrica entre entidades em uma situação espacial, criou termos como “figura” (o objeto a ser localizado) e “fundo” (a referência do objeto). Alguns lingüistas também sugerem outros termos: *locans* e *locatum*, *trajector* e *landmark*, *relans* e *relatum* etc. Os termos *trajector* (TR) e *landmark* (LM) citados acima foram sugeridos por R. Langacker, em 1986, e adotados por S. Svorou, em 1993, significando, respectivamente, ‘a entidade a ser localizada’ e ‘a entidade relacionada com a localização do *trajector*’, isto é, ‘o ponto de referência’.

Outra noção que é considerada fundamental nesse estudo é a de região, pois incorpora o conhecimento do caráter físico e funcional de entidades, determinando a descrição lingüística das relações espaciais. Essa noção é motivada pelo uso lingüístico. Dessa forma, alguns *containers* de forma côncava (ex.: caixa, taça, cesta etc.) têm uma região interior, enquanto que outras entidades, tais como quadros, árvores, montanhas e também pessoas, têm região exterior, pois seu “espaço de uso” é externo e em torno delas. Ainda existem entidades que não têm regiões (ex.: campos, continentes e países), pois elas próprias são regiões.

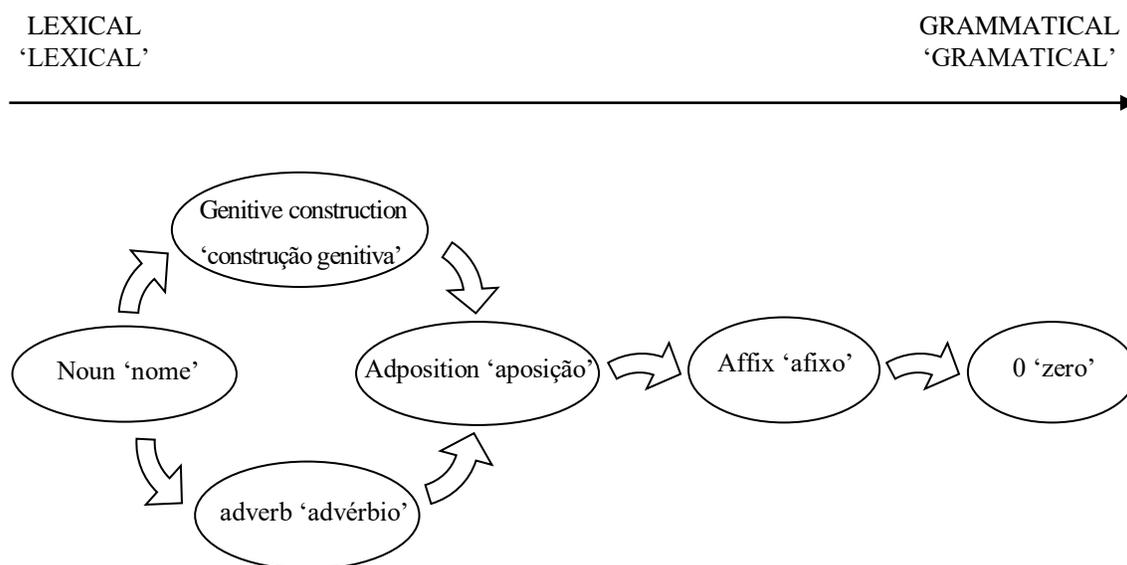
Quanto aos limites físicos dessas entidades, são considerados aqueles que procedem a uma interação típica com pessoas, porque essas entidades contêm as pessoas e suas interações normais. Assim, cidades, lagos, edifícios, salas etc. podem ser estabelecidos como sendo regiões, tendo regiões exteriores ou tendo região interior e funcionando como *containers*, tudo isso devido às suas características físicas e fundamentais.

A noção de região está intimamente ligada à noção de *reference frame* (RF), que é fundamental em muitas teorias de relações espaciais com vistas às relações projetadas. Há dois tipos de RF: *inherent RF* e *deitic RF*, distinguidos pela maioria das teorias de acordo com C. Tanz (1980, *apud* SVOROU, 1993, p. 21). A RF inerente é construída com referência aos valores inerentes das sub-regiões do LM (ex.: é fácil identificar em uma máquina de escrever a sua frente e as suas costas, sem relacioná-las com sua situação), enquanto que uma RF dêitica é construída, ignorando qualquer valor de sub-região que existe do LM, porém dando ênfase aos valores situacionalmente determinados no contexto (ex.: em relação a uma árvore, a sua frente será o lado que está diante do observador e as costas será o lado que não está diante dele)⁹.

Conforme S. Svorou (1993, p. 31), as formas gramaticais da língua que expressam primariamente relações espaciais são consideradas *spatial grams*. Em 1986, J. Bybee (*apud* SVOROU, 1993, p. 216) usou o termo *gram* pela primeira vez, referindo-se a morfemas gramaticais de línguas. Sua forma abreviada reflete iconicamente o tamanho fonológico pequeno desses morfemas, além de representar que são elementos que passaram por uma evolução de unidades maiores. Assim, as línguas podem usar um número pequeno desses elementos e por não ser um grupo em que novos membros cada vez mais surgem da derivação de outros elementos, então se tornam uma classe fechada, sendo elementos gramaticais em um maior ou menor grau. Esses elementos (aposições, afixos, flexões de casos e também advérbios espaciais) que se caracterizam pelo seu “conteúdo relacional” formam uma parte da gramática das línguas naturais.

⁹ Para se analisar as noções extra-lingüísticas de orientação geral, não se deve esquecer a sua dependência para com a intuição. Elas não são intrinsecamente orientadas, pois, dependem de uma contextualização, isto é, são estabelecidas em função de um parâmetro do falante, relativamente ao local em que ele se encontra. Os objetos são orientados antropomorficamente com a interação canônica (VANDELOISE, 1986, p. 161).

No que se refere ao conteúdo semântico dos *grams* espaciais, S. Svorou (1993, p. 32) ressalta que ele é estruturado pela “relação entre as convenções morfossintáticas e fonológicas de uma língua particular e a experiência humana de arranjos espaciais de entidades”. Além disso, essa lingüista propõe um *continuum* de evolução morfossintática de *grams* espaciais (SVOROU, 1993, p. 101):



Quadro 10 – *Continuum* de evolução morfossintática de *grams* espaciais.

As abordagens contrárias à visão objetivista do significado de *grams* espaciais demonstraram a polissemia de tais formas, mostrando a estrutura na relação entre sentidos, motivada por mecanismos gerais cognitivos e crenças culturais, além do esquema de imagens do protótipo (núcleo-periferia) para descrever os casos de polissemia.

Essa lingüista (1993, p. 33) ainda enfatiza que a relação do domínio semântico de ESPAÇO para TEMPO, ‘causalidade’, ‘posse’ é uma questão que ela vai considerar em sua pesquisa.

Outros lingüistas cognitivistas também admitem que o espaço é a fonte dos conceitos temporais. B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991, p. 48) situam o espaço em um *continuum* que pode ser assim descrito: PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE.

<i>Metaphorical Category</i> (Categoria metafórica)	<i>Word Type</i> (Tipo de palavra)
<i>PERSON</i> (PESSOA)	<i>Human noun</i> (Nome humano)
<i>OBJECT</i> (OBJETO)	<i>Concrete noun</i> (Nome concreto)
<i>ACTIVITY</i> (ATIVIDADE)	<i>Dynamic verb</i> (Verbo dinâmico)
<i>SPACE</i> (ESPAÇO)	<i>Locative adverb, adposition</i> (Advérbio locativo, aposição)
<i>TIME</i> (TEMPO)	<i>Temporal adverb, adposition</i> (Advérbio temporal, aposição)
<i>QUALITY</i> (QUALIDADE)	<i>Adjective, state verb, adverb</i> (Adjetivo, verbo de estado, advérbio)

Quadro 11 – Correspondência entre categorias metafóricas e classes de palavras (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 217).

Esses autores (1991, p. 115-6) afirmam que alguns domínios que servem para desenvolver conceitos gramaticais são apresentados em termos das categorias acima mencionadas. Objetos, atividades ou localizações expressam entidades mais abstratas ou servem para estruturar textos. Dentre elas, o ESPAÇO é uma categoria que desempenha um papel como fonte de gramaticalização com as seguintes possibilidades principais:

- a) ESPAÇO constitui uma única fonte;
- b) ESPAÇO constitui uma das várias categorias disponíveis;
- c) ESPAÇO não é utilizado como uma fonte de gramaticalização.

Alguns autores, especialmente os localistas, admitem que os conceitos temporais provêm apenas do ESPAÇO. Porém, é questionável que a categoria gramatical de TEMPO tenha apenas essa única fonte. Verbos modais, por exemplo, que não envolvem ESPAÇO, servem de fonte para marcadores de futuro, comprovando assim que a possibilidade a não é imprescindível e a gramaticalização, nesse caso, teria de ser explicada em termos da possibilidade b ou c.

Outras fontes para gramaticalização de construções locativas são a ‘posse’ ou a ATIVIDADE.

R. Poggio (1999; 2002) aplica essa teoria às preposições. Ela afirma que é bem adequado o uso de termos espaciais, como as preposições, para expressarem o tempo, uma vez que esse é, metaforicamente, conceptualizado em termos de espaço. Há uma tendência a conceptualizar o menos claramente delineado em termos do mais claramente delineado e os conceitos básicos da experiência espacial não são metafóricos.

B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991, p. 188) sugerem, como uma explicação provável para o fato de as formas espaciais serem consideradas como fontes primárias para as funções de caso, o seguinte: uma das funções de marcador de caso é estruturar textos no nível da sentença, então a estratégia mais evidente para esse procedimento é tratar os textos como um espaço unidimensional e, por conseguinte, conceptualizar as relações de caso em termos de relações espaciais.

As preposições, consideradas como elementos gramaticais, são usadas para expressar não só relações espaciais e temporais, mas outras relações não-espaciais.

2.3 A TEORIA DOS PROTÓTIPOS

Segundo J. Taylor (1992, p. 38), a investigação dos protótipos decorre de uma abordagem proposta, inicialmente, pela teoria de Ludwig Wittgenstein, expressa na sua obra *Philosophical Investigations*, que é contrária à Teoria de Categorização Aristotélica Clássica. Essa teoria dominou, durante a maior parte do século XX, a Filosofia, a Psicologia e a Lingüística, inclusive a chamada lingüística autônoma, que é o Estruturalismo e o Gerativismo. De acordo com a teoria aristotélica, todas as coisas são caracterizadas pela essência, isto é, tudo que é imanente e que define a sua individualidade, ou pelos acidentes, que não são necessários e por isso se tornam irrelevantes para a determinação de uma entidade (TAYLOR, 1992, p. 22). O modelo clássico de categorização estabelece que uma entidade pertence ou não a uma categoria, de acordo com o preenchimento de certas condições necessárias e suficientes. Necessárias, uma vez que esses traços não podem ser destruídos, pois são imprescindíveis para a definição do todo da categoria. Se um deles não existir em uma entidade, essa entidade não poderá ser considerada como membro da categoria. Suficientes, no sentido de que qualquer entidade que possua os traços definitórios passa a ser *ipso facto* membro da categoria. Dessa forma, os traços são binários, obedecendo à Lei da Contradição, que estabelece que uma coisa não pode possuir e ao mesmo tempo não possuir um mesmo traço, e a Lei do “Meio-Excluído”, que estabelece que uma coisa deve possuir um traço ou não o possuir (ele pode ter apenas um dos traços e o traço tem que estar presente ou ausente). Devido a tudo isso, decorre que as categorias teriam limites claros, não havendo casos ambíguos, pois um elemento pertenceria ou não a uma categoria.

Em relação ao trabalho de L. Wittgenstein, trata-se do estudo da forma pela qual se pode definir a palavra **jogo**. Percebe-se que os vários membros dessa categoria não compartilham todos os atributos, assim como alguns membros não possuem praticamente nada em comum. Dessa forma, ele define os jogos como *semelhanças de família*, pois os membros de uma família apresentam características comuns, tais como, cor dos olhos, traços faciais, temperamentos, tipo de cabelo etc. (TAYLOR, 1992, p. 38).

Em 1953, L. Wittgenstein também observa que não há limites fixos para a categoria de jogos, já que novos membros podem ser introduzidos em grande escala. Um exemplo desses novos membros são os *video games* surgidos nos anos 70 do século XX.

Nesse caso, deve-se chamar atenção para o fato de que assim como são possíveis tais extensões, do mesmo modo podem ser estabelecidas limitações artificiais, como o que ocorreu com a categoria do número. De acordo com as invenções dos matemáticos, houve uma extensão da categoria básica de números inteiros para números reais, números racionais, números complexos etc. Porém, isso não impede que, por qualquer motivo, alguém possa limitar essa categoria somente aos números racionais ou aos números reais etc. (LAKOFF, 1987, p. 16).

Já no que se refere à proposta atual, a categoria não é estruturada em termos de traços bem delimitados, mas antes por uma rede de similaridades, cujos limites são tênues. As entidades são caracterizadas a partir de seus atributos. Não há uma linha que mostre claramente a divisão entre membros [+ prototípicos] e [- prototípicos]. Os membros [+ prototípicos] de uma categoria compartilham mais atributos, enquanto os membros [- prototípicos] compartilham menos atributos, sendo, por isso, marginais. De acordo com J. Taylor, na Teoria dos Protótipos, o que existe são atributos associados tipicamente à determinada categoria.

Também, conforme os estudos de T. Givón (1986, p. 77-102), o centro de uma categoria é mais sólido, em oposição à margem, que é mais flexível. Dessa forma, estruturas [+ prototípicas] seriam o centro da categoria, pois representam estruturas mais cristalizadas, que são cognitivamente e lingüisticamente mais salientes. Já as [- prototípicas] estão à margem da categoria e, devido à sua flexibilidade, não há como descrevê-las completamente, pois um novo membro pode, a qualquer momento, ser incluído.

Segundo a análise componencial de J. Katz e J. A. Fodor (*apud* LOBATO, 1977, p. 104), o inglês *bachelor* apresentaria entre os traços binários os de ‘pessoa que nunca se casou’ e ‘um solteirão convicto’, porém, esse estudo não contemplaria a significação, por exemplo, de um Papa, que mesmo possuindo o traço ‘que nunca se casou’, ele não seria ‘um solteirão convicto’, ‘um celibatário’, traço que se encontra também nessa análise.

G. Lakoff (1987, p. 85-6), examinando essa análise, diz que é um tipo de modelo cognitivo idealizado (ICM). Além disso, ele critica o conceito de ‘celibatário’, pois, em uma sociedade monogâmica, espera-se que todos se casem e o homem que passa dos 40 anos, sem se casar, é considerado celibatário. Então, como explicar o Tarzan, os sacerdotes, os homossexuais, entre outros? Conclui-se que esses seriam membros periféricos, fazendo uma análise com base na teoria dos protótipos.

Experiências feitas por lingüistas, como William Labov, psicólogos, Eleanor Rosch e antropólogos, Willett Kempton, realizadas desde a década de 70 do século XX, demonstraram que, para cada categoria, existem alguns membros mais centrais, considerados como prototípicos. Quando se solicita um exemplo de “pássaro”, verifica-se que as pessoas respondem, preferencialmente, “pardal” em lugar de “pingüim”, uma vez que esse último seria um exemplo mais periférico dessa categoria, por não se tratar de um

pássaro por excelência. Isso cria um problema à abordagem da Teoria Clássica, que não explicaria tal questão.

J. Taylor (1992, p. 52) ressalta o resultado da pesquisa de E. Rosch, em 1973, segundo a qual as categorias como certas formas geométricas (círculo, quadrado e triângulo) e orientações espaciais (vertical e horizontal), além das cores focais, são mais salientes do que os desvios dessas formas e adquirem caráter prototípico. Para as demais categorias “artificiais” (porque são produtos decorrentes de nosso contexto cultural), como explicar que algumas delas adquiram um caráter prototípico? Alguns autores acreditam que a causa de tal caráter seria a frequência de uso. Na verdade, porém, ela deveria ser considerada mais como um *sintoma* do que uma causa para a prototipicidade desses membros.

Eunice Pontes (1990, p. 10), ao comentar as pesquisas de P. Kay e C. McDaniel em 1978, que acentuam o aspecto neuro-fisiológico da categorização das cores, ressalta que nos nomes de cores existem marcas que os caracterizam como protótipos, já que os falantes tendem a reconhecer uma cor como mais típica da categoria e assim escolhem o “melhor azul” e o “verde mais típico”, além de mostrar o reconhecimento de uma determinada cor, tida como exemplar típico de modo rápido e fácil, em relação aos mais periféricos. Essa autora (1990, p. 13) verifica, na língua portuguesa, ainda com exemplos de cores, que a nomeação funciona na base do protótipo, pois o protótipo da cor rosa está convencionado pelo falante e corresponde a uma rosa cor-de-rosa, apesar de existirem também rosas vermelhas, brancas, amarelas etc. Dessa forma, nota-se que existe uma convenção, sendo o signo parcialmente motivado e parcialmente convencional.

Parece que a representação mental de um protótipo constitui-se apenas de um componente do conhecimento que uma pessoa possui de uma categoria (TAYLOR, 1992, p. 63).

Com relação ao objeto de análise deste trabalho, observa-se que, segundo J. Taylor (1992, p. 109), as preposições são as palavras mais polissêmicas em todas as línguas. Essa polissemia deriva de irradiações de um elemento nuclear ou protótipo. O modelo de *semelhança de família* é considerado por esse autor como um instrumento poderoso, para explicar a estrutura das preposições, por serem vistas como itens lexicais altamente polissêmicos. Há dois aspectos que devem ser levados em conta. O primeiro refere-se à possibilidade de alguns membros de uma *semelhança de família* possuírem um *status* mais central do que outros pertencentes à mesma categoria. A questão que se levanta nesse caso é o que deve ser considerado como relevante para esse *status* central. Para J. Taylor, um primeiro critério seria as primeiras acepções listadas nas entradas do dicionário. Para E. Rosch, ao contrário, seria a noção de termos de nível básico. O protótipo de uma categoria de *semelhanças de família* não compartilha do mesmo *status* psicológico de uma representação prototípica de uma categoria monossêmica (TAYLOR, 1992, p. 116-8).

Em alguns casos, quando há um número muito grande de membros em que é impossível estabelecer-se uma correlação máxima de atributos na categoria, o membro central seria considerado aquele a partir do qual todos os outros estariam relacionados.

O segundo aspecto que J. Taylor leva em consideração a respeito das categorias de *semelhanças de família* seria o da amplitude de significados passíveis de serem associados dentro da categoria.

Esse autor (1992, p. 119-20) conclui que as categorias de *semelhanças de família* não estão sujeitas a qualquer tipo de restrição. Apesar dessa última constatação, algumas

espécies de extensão de significado são mais freqüentes, mais típicas e mais naturais do que outras.

De acordo com G. Lakoff (1987, p. 418), o estudo de partículas e de preposições proporciona maior evidência contra a visão tradicional de categorização, favorecendo a abordagem do Modelo de Protótipo.

G. Kleiber, analisando amplamente a Teoria dos Protótipos, em 1990, considera duas versões: a versão padrão e a versão ampliada, ressaltando que não há uma continuidade entre elas, e sim uma ruptura. Ele afirma que a denominação **versão ampliada** ou **versão polissêmica**¹⁰ da teoria do protótipo não aparece na literatura, pois a oposição entre essas duas versões (padrão e ampliada) não é reconhecida sob essa forma pelos adeptos da semântica do protótipo “revista” (KLEIBER, 1990, p. 165).

Essa ruptura pode ser demonstrada, pois, na versão ampliada, a noção de protótipo (ou de efeito prototípico) não corresponde à definição inicial do protótipo como melhor exemplo da categoria e a concepção categorial é diferente, pois a unidade lexical é que vai constituir o indicador de uma categoria, ressaltando que uma mesma palavra pode reagrupar vários sentidos diferentes.

Assim, na teoria da *semelhança de família* não existe uma figura central prototípica, mas um conjunto de referentes, tais como A, B, C, D, E, que estão unidos por relações de tipo associativo: AB, BC, CD, DE, estando a categorização justificada por laços de associação entre os diferentes exemplos e não por uma relação entre todos esses diferentes exemplos e um mesmo protótipo. Então, para que haja *semelhança de família* basta que cada membro da categoria divida pelo menos uma propriedade com um outro membro da

¹⁰ Observe-se que J. Taylor (1992, p. 118) distingue entre representações prototípicas de categorias monossêmicas e de categorias polissêmicas.

categoria (GIVÓN *apud* KLEIBER, 1990, p. 159-60). Isso vai diferir da *semelhança de família* da versão padrão, na qual havia uma necessidade de ter ao menos um traço em comum com o protótipo.

Desse modo, a versão ampliada é também conhecida como versão polissêmica do protótipo, enquanto que a versão padrão é a versão monossêmica.

Vale ressaltar o que G. Lakoff (1987, p. 378) afirma sobre polissemia:

[...] polysemy appears to be a special case of prototype-based categorization, where the senses of the word are the members of a category. The application of prototype theory to the study of word meaning brings order into an area where before there was only chaos.¹¹

Nessa nova versão, mesmo quando não parece existir semelhanças entre os membros de uma categoria devido a sua polissemia, esses são dispostos em uma estrutura de *semelhança de família*, que não impõe mais uma semelhança central, porém similaridades “locais”. Cada membro é ao menos unido a um outro por uma propriedade comum e não há mais uma só propriedade comum a todos os membros.

O novo processo de categorização que surge através da *semelhança de família*, resulta na teoria do protótipo em uma versão ampliada, que é aplicada a todos os fenômenos de categorização polissêmica, isto é, a todos os fenômenos de sentido múltiplo, cujas acepções apresentam um laço ou laços entre elas. Essas diferentes acepções produzem, mesmo na base de um único elo, as similaridades necessárias à integração na mesma família categorial.

¹¹ [...] a polissemia aparece como sendo um caso especial da categorização com base prototípica, onde os sentidos de uma palavra são os membros de uma categoria. A aplicação da teoria do protótipo ao estudo do sentido das palavras coloca ordem lá onde só havia anteriormente caos.

A noção de protótipo na versão ampliada se estende também aos empregos ou tipos de referentes que aparecem, na base de outros critérios, como básicos os primeiros, sem que se associe aos outros sentidos um julgamento de representatividade.

O que marca a ruptura entre as duas versões e constitui a mudança decisiva é o abandono do julgamento dos locutores no reconhecimento do protótipo (ou dos efeitos prototípicos).

Na versão ampliada, o protótipo está relacionado à noção de sentido primeiro ou emprego primeiro do qual derivam os outros, ou seja, nas duas versões, o protótipo aparece como a entidade central da categoria.

Na versão padrão, verifica-se uma extensão categorial dos exemplos prototípicos aos exemplos marginais, enquanto na versão ampliada, a extensão categorial ocorre do sentido básico para os sentidos derivados, sendo reguladas as extensões em ambas versões através de um processo metonímico.

A versão ampliada se torna a teoria da organização semântica dos lexemas polissêmicos, mostrando como um mesmo termo pode remeter a diferentes categorias, sem que seja necessário postular uma categoria comum que lembre essas diferentes categorias. A versão ampliada, quanto aos vocábulos polissêmicos, não é considerada uma teoria da categorização, portanto uma teoria semântica lexical que descreva as relações entre as diferentes acepções, ou seja, entre as diferentes categorias de uma mesma palavra.

G. Kleiber (1990, p. 176) trata da falta de clareza dos itens “polissêmicos”, mostrando os problemas de delimitação e de reconhecimento do fato polissêmico. Com isso, ele defende a idéia de que nomes, verbos, preposições etc. são todos susceptíveis de um tratamento prototípico. Porém, esse autor chama a atenção para uma separação: os

nomes estariam melhor representados na versão padrão; os verbos e as preposições estariam com vantagem na versão ampliada.

O modelo revisto reconhece um sentido básico, do qual derivam os outros e adianta explicações sobre os laços entre os diferentes sentidos relacionados.

A tendência natural da versão ampliada da semântica do protótipo é a de multiplicar as análises polissêmicas do sentido dos itens lexicais.

Como a versão padrão da teoria dos protótipos apresenta considerável força descritiva em relação ao estatuto dos membros de uma categoria, ela possibilita, com muito sucesso, apreender em termos de protótipo fenômenos em sua maioria. Esse aspecto leva A. Wierzbicka (1985, *apud* KLEIBER, 1990, p. 188) a considerá-la como uma teoria que “alcança tudo”. No entanto, G. Kleiber julga ser um erro depreender-se que, em decorrência desse amplo alcance, ela possa explicar tudo. Apesar de esse lingüista não acreditar que a Teoria dos Protótipos, em ambas versões, seja a solução-milagre para a semântica lexical, o semanticista, o lexicólogo e o lexicógrafo têm muito a aprender da semântica do protótipo, que propõe novas visões, engaja novas reflexões, abre novas perspectivas e constitui para o lingüista, conforme A. Wierzbicka (1985, *apud* KLEIBER, 1990, p. 188), “um elemento de estimulação dinâmica e fecunda”.

Para verificar as preposições que se destacam como nucleares, em relação às que ocupam posições derivadas, a aplicação dos princípios da Teoria dos Protótipos possibilita a sua categorização.

3 AS PREPOSIÇÕES

De acordo com a teoria saussuriana (1975), o signo lingüístico possui um significado e um significante. Dessa forma, não existiria uma palavra somente com significante. Apesar disso, B. Pottier (1968, p. 138) explicita que o historiador da língua tende a pensar que morfemas como *a* ou *de* não têm um significado preciso e, por isso, tais morfemas são denominados, por alguns, de “palavras vazias”. Porém, ele mostra que esse fato é um grande equívoco, pois ao utilizar o método da comutação, verifica-se que o sentido do sintagma preposicional é completamente modificado: *Café com leite/ Café sem leite*.

Com o aumento do emprego das preposições, no latim popular e nas línguas românicas, ocorreram transformações semânticas e, paralelamente, o desaparecimento de matizes semânticos, acarretando a sinonímia de algumas preposições e uma redução de 50% das preposições latinas (IORDAN; MANOLIU, 1972, p. 235).

De acordo com M. Alvar e B. Pottier (1987, p. 285), as palavras, tradicionalmente consideradas como advérbios, tornam-se preposições, desde o latim. Assim, por exemplo, *foras* e *foris* eram usadas inicialmente como advérbios, porém, em latim pós-clássico, passaram a ser preposições, regendo caso. Do mesmo modo, *usque* que significava ‘direta, ininterruptamente’ (*usque Romam* = ‘diretamente a Roma’) passou a ser usada como preposição com o sentido de ‘até’. O mesmo ocorreu com alguns substantivos, que se gramaticalizaram inicialmente como advérbios e depois adquiriram caráter preposicional. É o que acontece, por exemplo, com *gratia*, *tenus*, *versus* etc.

Também A. Meillet e J. Vendryes (1953, p. 521-2) comentam que as preposições são, inicialmente, antigos advérbios e que a tendência de empregar as locuções adverbiais como preposições se manifesta em todas as épocas do grego e do latim. Eles, ao buscarem a origem das preposições, mostram que um grande número delas provém, assim como os advérbios, de antigas formas nominais flexionadas. E M. Bassols de Climent (1956, p. 226-7) acrescenta que não só os advérbios mas, também, as formas nominais e verbais podem se converter em preposições, desagregando-se do seu significado material e concreto. Esse autor ressalta que, em vista de esses advérbios dependerem diretamente do verbo e não regerem nenhum caso, resulta em uma mesma partícula poder ser empregada como advérbio, preverbo e preposição.

A. Meillet e J. Vendryes (1953, p. 522) afirmam que muitas das preposições do grego e do latim foram herdadas do indo-europeu, isto é, são exemplares comuns a itens que se encontram em outras línguas indo-européias. M. Bassols de Climent (1956, p. 227) dá exemplos dessas preposições latinas, como: *de, in, per, pro, s-ub, s-uper*. São esses os elementos que se distinguem, por conservarem a propriedade de servir algumas vezes de preposições e de preverbos, como *de, in, ex*. No latim, *ex* é preverbo em *exeo* e é preposição em *ex urbe proficiscor* ('afasto-me da cidade'), resultando esses dois empregos de uma inovação, em que se acrescenta ao verbo uma determinação de caráter circunstancial; *de-*, como preverbo, o que pode indicar um deslocamento como em *deplanto* ('separar') e, em conseqüência, pode indicar também uma mudança de estado. Assim como o preverbo se soldava ao verbo, a preposição se empregava cada vez mais diante do nome, principalmente, para indicar uma relação concreta (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 575).

Esses autores (1953, p. 524-5) ainda ressaltam que tanto os termos preposição e preverbo são, de certo modo, impróprios, já que esses elementos têm origem em um

elemento adverbial autônomo, o qual não possuía lugar fixo em relação ao nome ou ao verbo na sentença. Além disso, ao ser constituída a regência, a preposição foi muitas vezes colocada depois de seu regime, o que é chamado de anástrofe de preposições: *gratia* (*exempli gratia* ‘com o agradecimento do exemplo’, Cic., *De Off.*, III, XII, 50); *tenus* (*pennis tenus* ‘até as penas’, Ov. *Met.*, VI, 259). Já no caso da preposição *cum*, quando o regime é um pronome pessoal, ela é colocada sempre depois de seu regime (*mecum*, *tecum*, *secum*, *nobiscum*, *uobiscum*), sendo esse uso mais freqüente, quando se trata de pronome relativo, tal como: *quocum*, *quibuscum*, que alterna com *cum quo*, *cum quibus*.

Dessa forma, um mesmo verbo pode ter vários preverbos e muitas preposições encontram-se, igualmente, combinadas diante de um mesmo regime. Tanto em grego como em latim, o reforço das preposições é característico da língua popular, correspondendo a uma necessidade de comunicação. Nessas duas línguas, há uma tendência em combinar preposições, isto é, em geral, uma antiga preposição de origem indo-européia é reforçada por uma preposição de data recente (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 526).

Muitas vezes, coocorrem na língua as mesmas formas, desempenhando as duas funções de preposição e de advérbio. É o que acontece, por exemplo, com as formas do português: *depois*, *até*, *antes*, entre outras, que são intercambiáveis.

Tanto no espanhol, como no português, muitas preposições simples têm-se aglutinado com as duas de maior vitalidade como *a* e *de*, passando a compor locuções adverbiais e locuções prepositivas. Desse modo, por exemplo, em português, diz-se, inicialmente, *atrás* ~ *detrás*. Com a continuação, essas expressões recebem novamente um nexos, convertendo-se em locuções prepositivas, como *atrás de*, *detrás de* etc. Observa-se que esses recursos não são exclusivamente românicos, mas já existiam em latim; tal é o

caso de *ad prope* (rom. *aproape*, log. *approbe*, fr. a. *apruef*, cat. *aprop* etc.), *de ex* (fr., prov. *des*, cat., esp., port. *des(de)* etc.) (ALVAR; POTTIER, 1987, p. 317-8).

De acordo com M. Bassols de Climent (1956, p. 233-5), apesar de, na língua literária latina, os autores evitarem agrupamentos desse tipo, na língua vulgar, esses usos ocorriam (*exinde*, *deinde*, *proinde*, *propalam*, *desubito*, *derepente*). A partir do período imperial, essas combinações se generalizam mais (*a foris*), tornando-se cada vez mais freqüentes na língua vulgar (*abante*, *deintus*, *depost*, *ad illic*, *ad vix* etc.), provavelmente por influência grega. Dessas aglutinações, derivaram muitas preposições e advérbios, o que é de grande importância para as línguas românicas (ex.: *delante* > *de in ante*; *depois* > *de ex post*). As preposições que têm uma origem recente costumam intercambiar com advérbios, já que, na diacronia, derivam deles.

Ao estudar o significado das preposições, M. Bassols de Climent (1956, p. 238) expõe que o seu significado inicial era material e concreto, assinalando relações de caráter local (separação ou movimento no espaço), que se estenderam ao sentido temporal, e daí derivaram para relações mais abstratas, tais como: ‘causa’, ‘modo’, ‘fim’, ‘conseqüência’, ‘referência’, ‘comparação’, ‘instrumento’, ‘conformidade’, ‘preferência’ etc.

Como já foi observado, ao se fazer um estudo da gramaticalização de preposições, percebe-se que, além das preposições herdadas da língua latina, nas línguas românicas, introduzem-se novas preposições provenientes de diversos processos e que apresentam extensão na significação das formas já existentes. P. Bec (1970, p. 96), também, comenta que a degradação do sistema casual latino coincidiu com o desenvolvimento progressivo de novos valores dados às preposições, as quais vão perdendo seu valor concreto (a sua significação de origem) e tendem a se dessemantizar e, conseqüentemente, marcar as relações. Esse fato acarreta a ambigüidade de algumas preposições, que, devido à

frequência de uso, se desgastam e diminuem seu valor expressivo, tornando-se, por isso, necessário o contexto para que se saiba em qual acepção elas estão sendo usadas.

3.1 A MUDANÇA LINGÜÍSTICA E O USO DAS PREPOSIÇÕES

Há um desenvolvimento contínuo que vai do indo-europeu aos falares românicos atuais (MEILLET, 1948, p. 113). Na passagem da língua indo-européia para a língua latina, houve uma simplificação da flexão nominal, que já estava muito adiantada, quando se fixou a língua literária latina (MEILLET, 1948, p. 118).

J. J. Nunes (1969, p. 217) mostra que na língua latina existiam seis casos, provenientes das línguas indo-européias, e nelas, por sua vez, havia oito casos, sendo eles: o nominativo, o genitivo, o dativo, o acusativo, o vocativo, o ablativo, o locativo e o instrumental. Percebe-se que houve uma redução, em que o locativo foi absorvido pelo genitivo e o instrumental pelo ablativo.

A. Meillet e J. Vendryes (1953, p. 544) afirmam que, no momento da separação dos diversos dialetos indo-europeus, a estrutura da frase deveria ter sido dominada pela flexão casual.

A marcação de caso em latim, como na maioria das línguas indo-européias, era flexional, em uma distribuição paradigmática, isto é, fazia parte da morfologia. Através das declinações e suas desinências, podia ser identificado o caso, o número e a flexão dos nomes.

Por outro lado, não havia uma rigidez na ordenação das palavras na frase, exatamente devido à marcação de caso ser flexional.

De acordo com F. B. Moll (1952, p. 361), a ordem do sujeito e do complemento direto em latim era indiferente, já que a distinção dos casos era feita pelas desinências. Dessa forma, *Mater amat filium* e *Filium amat mater* têm o mesmo significado ('A mãe ama o filho'), não havendo alteração semântica e nem de função sintática. Porém, com o desaparecimento da distinção desinencial dos casos latinos, tornou-se necessária, nas línguas românicas, a ordenação das palavras na frase: sujeito + verbo + complementos.

O processo de enfraquecimento da flexão casual foi progressivo e se observou durante todo o domínio indo-europeu, não cessando em latim, mas se espalhando nas diversas línguas românicas até chegar à eliminação da flexão nominal (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 545), com exceção do romeno que a mantém, até os dias atuais, apesar de apresentar características próprias de flexão.

Segundo A. Meillet e J. Vendryes (1953, p. 526), as preposições adquiriram em todas as línguas uma importância cada vez maior e tenderam a se tornar a marca de todas as relações que a flexão nominal exprimia em indo-europeu. Assim, o desenvolvimento das preposições é, portanto, paralelo à redução da declinação.

Gustave Guillaume (*apud* ALVAR; POTTIER, 1987, p. 61) afirma que um nome latino, por se declinar, tem em si uma grande parte de morfologia, o que não ocorre com as palavras nas línguas românicas, nas quais a morfologia é menor e deve expressar-se por outros meios. Assim, os casos foram caracterizados pelas preposições e a rica declinação latina reduziu-se a apenas dois casos: o nominativo e o acusativo. O caso morfológico acusativo estende cada vez mais o seu uso, tornando-se o caso "universal", também chamado de caso lexicogênico. É muito freqüente o uso de preposição com o acusativo para

substituir um outro caso, como por exemplo: *ad* + acusativo = dativo; *ab* + acusativo = ablativo; *cum* + acusativo = ablativo; *de* + acusativo = genitivo; *in* + acusativo = dativo; *pro* + acusativo = ablativo; *sine* + acusativo = ablativo. Porém, conforme informa F. Tarallo (1990, p. 123), enquanto no espanhol e no português, o caso acusativo é “universal” e lexicogênico, no romeno, no italiano, no provençal e no francês antigos, o caso morfológico nominativo também tem o seu reflexo.

Com isso, verifica-se que dois fatos da sintaxe latina repercutiram na morfologia e sintaxe romances, tais como, o emprego do caso acusativo em lugar dos outros casos e o uso das preposições com o acusativo, substituindo empregos que eram reservados ao genitivo, ao dativo e ao ablativo no latim clássico.

De acordo com R. E. Sondegard (*apud* BREA, 1985, p. 152), a quantidade de preposições no latim era superior ao número encontrado nas línguas românicas, tendo ocorrido na passagem do latim a essas línguas o enriquecimento semântico das antigas preposições. Dessa forma, percebe-se que nessa passagem não surgem novas preposições, porém, na maioria das vezes, se recorre àquelas existentes em latim.

Cabe ao romanista investigar como a flexão casual desapareceu e por quais elementos ela foi substituída, além de que tipo de frase resultou dessa mudança, é o que ressalta A. Meillet (1948, p. 116-7). Essa inovação é um dos momentos da tendência universal, que possuem as línguas indo-européias, de substituir a flexão casual por procedimentos totalmente diferentes.

Como informam A. Meillet e J. Vendryes (1953, p. 545), com a simplificação flexional, no latim tardio, as preposições foram usadas, paulatinamente, fazendo com que esses elementos de relação passassem a ser um instrumento necessário. Inicialmente, as preposições têm a função de apoiar os casos com valor concreto, os quais tinham como

finalidade precisar as condições do processo. Eles assinalam o lugar em que se cumpre o processo, o fim para o qual ele tende, o ponto de onde ele parte, o instrumento que serve para acompanhar etc., marcados por uma preposição. As formas casuais que exprimem relações de caráter abstrato geral, ou seja, relações gramaticais, eram sempre empregadas com preposição.

L. Rubio (1983, p. 166) afirma que a afinidade entre casos e preposições é decorrente do fato de que ambas categorias têm em comum o caráter de elementos funcionais e servem para indicar a relação do nome (ou pronome) com o resto do enunciado. Entretanto, a diferença entre esses elementos não está apenas na referência a um procedimento sintético (=casos flexionais) e um procedimento analítico (=preposições), mas também pelo fato de as preposições pertencerem ao léxico, e de serem diretamente ligadas à experiência externa, à nomeação dos elementos elaboradas pelo homem de modo arbitrário ou motivado, e receberem designação léxica; os casos pertencem à sintaxe ou gramática, não havendo apoio direto no mundo externo da experiência, pois fazem parte do sistema ou paradigma em que se integram. Esses elementos também se diferenciam quanto à posição na sentença: o caso morfológico é expresso através de uma declinação por sufixos, constituindo uma parte indivisível integrado ao nome (nome - desinência casual) e as preposições seriam uma “flexão por prefixos”, sendo separadas dos termos modificados por elas. Outra diferença entre esses itens é que basta apenas uma preposição para atingir substantivos que estão próximos, já o caso tem que ser repetido em cada substantivo coordenado com idêntica função.

L. Rubio (1983, p. 169) ressalta ainda que alguns estudiosos, ao equipararem as preposições ao caso, o fazem dividindo-as em preposições “débeis” (“casuais” ou “incolores”), como por exemplo, as preposições românicas *a* e *de*, e preposições “fortes”

(“não casuais” ou “plenas”), e exemplifica com as preposições espanholas *contra*, *hacia* (‘para’), *desde* etc. Demonstra, por fim, que no latim isso não ocorre como nas línguas românicas, pois todas as preposições latinas são “fortes”, “não casuais”, semanticamente plenas.

As preposições latinas, ao contrário dos morfemas casuais, expressam conceitos concretos de relação, que se referem aos dados da experiência espacial ou temporal. Elas neutralizam o papel do caso morfológico, passando esse último apenas a designar o objeto. Então, são as preposições que vão assinalar, nesse momento, a relação do substantivo no enunciado. Vale acrescentar que, nesse caso, a relação se estabelece por meio do significado léxico da preposição. Essa é a originalidade das preposições frente à flexão casual, como por exemplo:

ueniunt in..., ‘vêm até - o - interior - de ...’

ueniunt ex..., ‘vêm desde - o - interior - de ...’

ueniunt ad..., ‘vêm até - a - proximidade - de ...’

Viggo Brondal (*apud* RUBIO, 1983, p. 172), ao estudar as preposições, conclui que, apesar dos múltiplos matizes semânticos que elas podem assumir, existe um só significado central relacionado a cada um desses elementos.

L. Rubio (1983) observa que uma preposição não apresenta “sentidos contraditórios” na língua latina. A contradição e pluralidade de significados que, por vezes, ocorre se deve à tradução do latim para uma língua românica e ao contexto em que a preposição aparece, pois, é desse contexto, juntamente com a preposição, que resultará a interpretação. Também a sinonímia e a polissemia desses itens latinos, muitas vezes, são ilusórias, pois, resultam das más traduções do latim para as línguas românicas, além da sua

dependência aos contextos. Dessa forma, *de*, *e* (*ex*) e *ab* são vistos como sinônimos perfeitos em contextos idênticos, como nos exemplos (RUBIO, 1983, p. 173):

de corpore fugit (dolor) ‘foge do corpo (a dor)’ (Virg., *En.*, 12, 421);

fugit e corpore sanguis ‘o sangue foge do corpo’ (Ovid., *Met.*, 14, 754);

fugit ab ara taurus ‘o touro foge do altar’ (Lucano, 7, 165),

que corresponde em castelhano à única tradução *huye de ...* (port. ‘foge de’). Porém, o que acontece, na maioria das vezes, é não existir uma equivalência das preposições latinas com esses signos em outra língua qualquer, que tem como resultado problemas de tradução. Entretanto, o bom tradutor poderá usar expressões equivalentes a cada uma das formas latinas que apresentam diferenças sutis.

Esse autor assinala que, apesar de as preposições *de*, *ex* e *ab* responderem à questão *UNDE?* (‘de onde?’) e se referirem ao ‘afastamento a partir de um determinado ponto’, a preposição *de* expressa apenas essa idéia, enquanto *ex* e *ab* são mais precisas, pois *ex* indica ‘afastamento a partir do interior’ e *ab*, ‘afastamento a partir do exterior do objeto’.

Na época clássica, as sutilezas expressas (as diferenças sutis apresentadas) por essas preposições eram bem marcadas, como se pode notar em um dos discursos de Cícero, citado por L. Rubio (1983, p. 177):

*Si qui meam familiam de meo fundo
deiecerit, ex eo me loco deiecerit; si qui
mihi praesto fuerit cum armatis hominibus
extra meum fundum et me introire prohibuerit,
non ex eo, sed ab eo loco me deiecerit ...*¹²

¹² ‘Se alguém me expulsasse de minha terra, expulsaria a mim mesmo dela; se alguém se apresentasse diante de mim com gente armada fora de minha terra e me proibisse de entrar nela, não me expulsaria do interior, mas das proximidades desse lugar...’

Como se vê, Cícero inicia o discurso com o termo mais geral *de* (*de meo fundo*) e depois estabelece a oposição *ex/ ab*, mostrando a precisão desses dois elementos.

Com a perda da declinação, segundo R. V. Mattos e Silva (1993, p. 90), nota-se que as preposições, antes partículas acessórias para a expressão de adjuntos adverbiais, já marcadas pelas flexões do ablativo ou acusativo, passam a ser elementos básicos na estrutura sintática da frase do português. Assim sendo, conclui-se que elas passam, nesse caso, de elementos redundantes a elementos importantes para a concatenação das palavras nas sentenças, além de as preposições introduzirem os complementos (nominais e, algumas vezes, verbais) e os adjuntos (nominais e, na maioria, adverbiais).

A queda do *-m* final do acusativo provocou uma homofonia entre acusativo e ablativo, que só poderia ser diferenciada pelo contexto. J. J. Nunes (1969, p. 17) afirma que esse *-m* final foi-se ensurdecendo, sendo pronunciado tão debilmente, até chegar a não ser mais ouvido, o que teve como consequência a sua queda e o desaparecimento do gênero neutro, resultando no apagamento da distinção entre esse gênero e o masculino.

S. da Silva Neto (1970, p. 250) comenta que, apesar de essa confusão entre o acusativo e o ablativo datar do século I, é somente a partir do século III que ela se generaliza. Era necessário um novo mecanismo da língua para substituir as desinências casuais que se tornavam, cada vez mais, em menor número. Esse fato provocou um aumento no uso das preposições. Conforme B. Pottier (1968, p. 140), os casos flexionais desapareceram progressivamente em benefício das preposições, havendo, então, entre essas categorias gramaticais afinidades, para que a substituição fosse possível entre os falantes. S. da Silva Neto (1970, p. 250) ressalta que essa mudança resultou em alterações na ordem da frase latina, que era livre, mas não indiferente.

Também A. Meillet (1948, p. 147-8), ao tratar da gramaticalização no modo de agrupar as palavras, mostra que, apesar de no latim não haver uma ordem necessária, essa ordem não é indiferente, servindo para indicar certas nuances: conforme se colocasse um elemento no início, enfatizava-se o referido elemento, porém, a ordem não indicava em nada o papel gramatical das palavras. Dessa forma, o valor expressivo da ordem das palavras na língua latina foi substituído por um valor gramatical nas línguas românicas.

I. Iordan e M. Manoliu (1972, p. 231) admitem que no latim das inscrições e dos escritores cristãos já se percebia o aumento do emprego das preposições, que se estendia a quase todos os casos oblíquos. O processo que fez desaparecer a antiga flexão sintética foi acelerado, pois, na língua coloquial, há uma tendência para o concreto e a rapidez na comunicação. Desse modo, no latim tardio (IORDAN; MANOLIU, 1972, p. 384), tornou-se inútil respeitar as relações entre as preposições e os morfemas de caso, visto que, na língua popular do império, elas já expressavam todas as relações com bastante clareza, e se generalizaram, cada vez mais, de modo a fazer com que o morfema de caso se tornasse redundante.

Assim, algumas flexões casuais foram dispensadas e substituídas pela preposição, conforme J. J. Nunes (1969, p. 218): o genitivo foi substituído pelas preposições *de*, *ex* ou *inter*, o dativo, por *ad* e o ablativo, pelas preposições *in*, *cum*, *de*, *per* etc. Também S. da Silva Neto (1970, p. 250) enfatiza o caminho do sintetismo latino para o analitismo das línguas românicas, que traz como consequência o desaparecimento do caso morfológico e o emprego, cada vez mais freqüente, das preposições. Esse autor comenta o desaparecimento do vocativo; a substituição do genitivo pelo ablativo com *de*; a substituição do dativo pelo acusativo com *ad*, desde o século II a.C.; e acrescenta ele que o ablativo, devido à natureza das suas funções, contribuiu para o emprego das preposições *ab*, *de*, *ex*, *in*, *ad*, *per* etc.

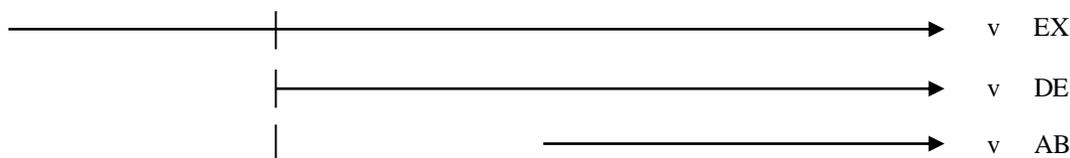
J. Bastardas Parera (1953, p. 13-4) assinala que o sincretismo dos casos latinos ao único caso das línguas românicas foi um processo lento, no qual, os casos flexionais e as preposições conviveram durante algum tempo. A preposição servia para evitar as ambigüidades que a redução dos casos morfológicos estava provocando. Dessa forma, no latim vulgar, existia o nominativo, o acusativo, e, ainda, um caso oblíquo, formado pelo sincretismo que houve entre o genitivo e o dativo. Mais tarde, um novo sincretismo foi criado, agora entre o acusativo e o novo caso oblíquo, já que havia uma escassa diferença morfológica entre o dativo (esse caso juntamente com o genitivo criou o novo oblíquo) e o acusativo na segunda e terceira declinações.

M. Alvar e B. Pottier (1987, p. 60) observam que o latim falado preferiu o acusativo aos demais casos flexionais, não só devido à perda do *-m* final e à desfonologização da quantidade, que igualaram as flexões dos casos, mas também porque, na sintaxe latina, cada função podia ser representada por uma pluralidade de formas. Todos esses fatos juntos trouxeram como consequência o desenvolvimento do sistema preposicional e a perda da eficácia das desinências casuais latinas.

3.2 AS PREPOSIÇÕES LATINAS *DE*, *EX* E *AB* E OS REFLEXOS ROMÂNICOS DA PREPOSIÇÃO *DE*

V. Väänänen (*apud* POTTIER, 1968, p. 139), ao estudar a preposição *de* com a intenção de encontrar a sua unidade semântica, conclui que o sentido primitivo dessa preposição é de ‘afastamento’. Depois salienta que *ex* ou *de* são usadas para a descendência

direta, embora *ex* faça referência a uma interioridade, enquanto a preposição *ab* é usada para a descendência afastada.



Quadro 12 – *De, ex e ab* em relação ao ponto de origem (POTTIER, 1968, p. 140).

I. Iordan e M. Manoliu (1972, p. 235), ao se referirem à preposição latina *de*, acrescentam que ela servia para indicar o ‘afastamento de um limite com visão final’ e substituiu as relações de genitivo e ablativo (ex.: ablativo de origem: *homo de plebe*, ‘homem da plebe’), depois se estendendo para usos do genitivo sem preposição no latim clássico, como por exemplo, o genitivo partitivo que foi substituído pela preposição *de* mais ablativo. Observa-se que, no latim arcaico, o valor partitivo dessa preposição já se documentava em construções como: *vocavit unum de pueris*, ‘chamou um dos meninos’ (MIHAESCU, *apud* IORDAN; MANOLIU, 1972, p. 235).

No latim clássico, as preposições *de* e *ab* tinham a acepção de ‘afastamento de um limite’, sendo que no caso do *de* havia um contato inicial e do *ab*, o afastamento era sem contato inicial. Enquanto o *ab* marca o ponto de partida com relação à proximidade ou vizinhança de um lugar, em relações espaciais ou temporais com ou sem movimento, o *de* marca a origem com uma idéia acessória de movimento de alto para baixo, como em *deicere* e *descendere*. Essa nuance porém nem sempre permanece como seu valor: Lucr. 1, 788, *a caelo ad terram* ‘do céu para a terra’, ao lado de *de terra ad sidera mundi* ‘da terra para as estrelas do mundo (espaço)’.

A. Ernout e A. Meillet (1939, s. v. *de*) ressaltam que enquanto se encontra o emprego das preposições *ab* e *de* com as diferenças de sentido bem observadas pelos grandes escritores da literatura latina, como Ennius em: *Diana facem iacet a laeua* ‘Diana lança a face do lado esquerdo’ (*Sc.*, 33); *Olli crateras ex auratis hauserunt* ‘Aqueles esvaziaram as taças dos peixes dourados’ (*A.*, 624); *Hectoris natam de Troiano muro iactari* ‘Lançar a filha de Heitor do muro troiano’ (*Sc.*, 82), na época de Plauto, a variação é freqüente na língua popular: *abire de foro* ‘ir-se do foro’ (*Men.*, 599); *a foro [...]* ‘do foro’ (*Pers.*, 442).

Já no latim popular, foram encontrados casos documentados em que a preposição *de* substituiu *a(b)*, diante de complemento de agente; ex.: *accipit de Dasio* ‘recebeu de Dásio’, onde deveria ser *a(b) Dasio* (STATI, *apud* IORDAN; MANOLIU, 1972, p. 378).

Esses autores enfatizam que a preferência da preposição *de* por *a(b)* decorre da homonímia entre *a(b)* e *a(d)*, devido à apócope das consoantes. Também ressaltam que, como o sentido de *a(d)*, ‘aproximação a um limite’, era muito diferente do sentido de *a(b)* e *de*, a substituição do *a(b)* pelo *de* facilitaria a comunicação, pois não haveria mais a possibilidade de confusão entre *a(b)* e *a(d)* pelo falante.

No latim, o sentido básico de *ex* é ‘fora’, ‘fora de’, marcando a saída do interior de um lugar. A partir desse sentido, essa preposição adquire as acepções de ‘em seguida a’, ‘a partir de’ em relações temporais; ‘em consequência a’ com valor causal, ‘pelo fato de’, ‘segundo’, ‘conforme’, além de assinalar a matéria de que um objeto é feito ou extraído (ERNOUT; MEILLET, 1939, s. v. *ex*).

No latim vulgar, também a preposição *ex* (‘de’), que tem a acepção de ‘saída de um duplo limite com visão final’, é substituída pela preposição *de*. Além disso, a preposição *de*

no latim apresentava-se como uma forma mais plena que *ab* e *ex*, pois tinha a vantagem de ser iniciada por uma consoante (ERNOUT; MEILLET, 1939, s. v. *de*).

Segundo M. Alvar e B. Pottier (1987, p. 297), *ex* (e sua variante *e*) perde a quantidade, passando de longo a breve, *e*, em decorrência desse fato fonético, também, perde a diferença casual. Além disso, com seu escasso corpo fônico, confundia-se com a conjunção *e(t)*. Essa última, na época imperial, eliminou todas as conjunções coordenativas aditivas (copulativas), além de assegurar sua vitalidade em múltiplos empregos, tornando-a difícil de ser substituída. Por outro lado, *ex* foi perdendo suas atribuições em relação à preposição *de*, que primeiro teve uma idéia de ‘afastamento ou separação’, depois, a de movimento vertical e qualquer tipo de movimento. Finalmente, no espanhol, a preposição *de* substitui a preposição *ex*. Desse modo, tem-se como exemplos: Espaço: lat. *exire ex navi* > esp. *salir de la nave*, port. ‘sair da nave’; Tempo: lat. *ex eo tempore* > esp. *desde entonces*, port. ‘desde então’; Noção: lat. *statua ex marmore* > esp. *estatua de mármol*, port. ‘estátua de mármore’.

Assim, de acordo com M. Said Ali (2001, p. 155), “*de* é a preposição empregada com mais freqüência e para fins os mais diversos”. Dessa forma, a preposição *de* tem no seu sentido de base a idéia de ‘afastamento’, ‘distanciamento’, ‘separação’, sendo utilizada para expressar ‘um movimento de cima para baixo’.

M. Brea (1985, p. 161) observa que o romance respondia quase univocamente à pergunta *UNDE?* (‘de onde?’) com *de*, que assumiu os valores de *ex* e *ab*. Constata-se que, no latim, do valor local (‘lugar onde’) da preposição *de*, passa-se à acepção de ‘procedência’, e dessa acepção para a de ‘extração’ (ex.: *oleum quod de matura olea fit* ‘[...] o azeite que da oliveira se extrai’, Catão) ou ‘indicação de uma parte tomada de um todo’ (genitivo partitivo). Da acepção ‘partindo de’ passou-se à de ‘em continuação de’,

‘depois’ ou ‘de trás de’ (ex.: *non bonus somnus de prandio* ‘Não há bom sono depois da refeição’, Plauto) e a acepção de ‘segundo’ e ‘conforme’ (*de sententia* ‘conforme a sentença’). Ao alargar a sua acepção original, a preposição *de* passa a denotar ‘causa’.

M. Said Ali informa que depois de indicar ‘o ponto de partida’, *de* designa ‘a causa de algo’ e faz uma analogia para explicar esse emprego (2001, p. 155):

Buscar retrospectivamente o motivo ou causa determinante de alguma ação é de fato um processo que, projetado no espaço, equivale a remontar ao lugar donde alguma coisa toma origem e tem seguimento. Ex.: Passamos a grande ilha da Madeira, que do muito arvoredo assi se chama (Camões, Lus. 5, 5).

M. Bassols de Climent (1956, p. 255) também exemplifica essa acepção da preposição *de*, como se pode observar: *de via fessus*.

Para W. Meyer-Lübke (1900, p. 519-22) e M. Brea (1985, p. 163), a preposição *de* com sentido causal está próxima ao regime partitivo ou ao relativo, que, em romance, se unem ao verbo por meio dessa preposição, com verbos que indicam ‘acordar-se’/ ‘olvidar-se’, ‘percepção pelos sentidos’ (‘ver’, ‘ouvir’, mas também ‘saber’, ‘comunicar’, ‘pensar’, ‘preocupar-se’ etc.), ‘movimento da alma’ (com esses, *de* introduz o ser que provoca tal emoção e sobre o qual se estendem também, por conseguinte, seus efeitos); e também está próximo ao *de* instrumental ou agente, que se encontra com o valor de *ab* ou do ablativo simples para introduzir o autor de um estado.

Também essa preposição passa a indicar ‘o tema sobre o que se fala ou escreve’ (ex.: *ibo intro ubi de capite meo sunt comitia* ‘irei ao interior no lugar dos comícios perto de mim’, Plauto). Dessa forma, *de* possui essas acepções em latim, que são transmitidas para as línguas românicas e, além dos valores assumidos acima, foram criadas novas acepções. Então, esse elemento será empregado para indicar o ponto de partida, com verbos

de movimento, principalmente, com verbos que expressam ‘separação’ e ‘distanciamento’ e, por ampliação, com os verbos que significam ‘despojar’, ‘desprover’ e outros similares.

De também pode marcar o ponto de repouso, quando acompanhado de termos como *parte, lado*, é o que ressalta Meyer-Lübke (1900, p. 507), como caso excepcional (ex.: ital. *questa è Megera dal sinistro canto, quella che piange dal destro è Aletto* (Inf. 9, 46, Dante); fr. *ils fortifièrent l'entrée du Delta du côté du désert d'Arabie*, correspondente ao latim *habere aliquem a fronte, a latere* ‘ter alguém à frente, ao lado’ etc.). Provavelmente, essas construções podem ser relacionadas ao modelo latino. Além disso, essa preposição, quando acompanhada de verbos que significam ‘tomar’, pode introduzir o nome da parte pela qual se toma um objeto: esp. *iban cogiditos de la mano*; rom. *prinse calcul de frîn* etc. (BREA, 1985, p. 162).

No que diz respeito ao valor temporal, *de* indica ‘o momento da ação’, como se pode observar nos exemplos seguintes: latim *de nocte venire, de mense decembri navigare* ‘vir de noite, navegar no mês de dezembro’; esp. *de dia y de noche*; gal. e port. *de dia e de noite*; fr. *de jour*; ital. *di giorno e di notte*; rom. *de seara si de noapte* etc. (MEYER-LÜBKE, 1900, p. 513-4).

M. Bassols de Climent (1956, p. 256) assinala que essa preposição, referindo-se ao tempo, sinaliza o momento em que algo começa a durar (= *de, durante*) e inclusive a posterioridade, sem idéia de duração (= *depois de*). Há exemplos no galego de uma construção para exprimir o ponto de partida em sentido temporal: *de acabado o jantar separaronse todos*.

Porém, antes de essa preposição abarcar o domínio semântico das preposições *ab e ex*, com as quais se confundiu, no seu escopo *de* também se encontrava na acepção de ‘referente’, ‘a propósito de’, tal como no exemplo, *de aliquo loqui* ‘falar de alguém’ (SAID

ALI, 2001, p. 155). Com esse sentido, concorre com *super* que irá substituí-la nesse tipo de emprego (ERNOUT; MEILLET, 1939, s. v. *de*).

A preposição *de*, além de substituir o ablativo, substituiu também o genitivo, como se pode observar nos exemplos abaixo (SAID ALI, 2001, p. 155):

- a) genitivo subjetivo: *amor matris* > *amor de mãe*;
- b) genitivo objetivo: *amor patriae* > *amor da pátria*;
- c) genitivo possessivo: *domus Regis* > *casa do rei*;
- d) genitivo especificativo: *virtus abstinentiae* > *virtude da abstinência*;
- e) genitivo de qualidade: *homo magni ingenii* > *homem de grande talento*;
- f) genitivo partitivo: *muitas das casas*;
- g) genitivo de quantidade, peso, medida e grandeza: *multidão de homens, libra de carne, fossa quindecim pedum* > *vala de quinze pés*;
- h) genitivo de idade: *puer decem annorum* > *menino de dez anos*. Esse genitivo também ocorre nos *corpora* em apreço, como nos exemplos seguintes:

[...] e em ydade **de** trinta e sete annos tinha ja na barba e na cabeça muytas cãas [...] (GR, p. 137, l. 14);

E sendo o principe **de** ydade **de** quinze annos ho casou com a senhora Dona Lianor d'Alemcrasto, [...] (GR, p. 152, l. 102; 103);

[...] ganhou muyto grande louvor sendo em hidade **de** dezesseis annos. (GR, p. 153, l. 151).

M. Brea (1985, p. 164) afirma que a preposição *de*, nas línguas românicas, além de desempenhar as funções que já exercia na língua latina, serviu também para expressar o genitivo latino, salvo no romeno que o conservou em certa medida. De acordo com P. Bec (1970, p. 97), o romeno desenvolverá uma nova flexão para marcar a relação de posse (ex.: rom. *casa vecinului*, 'a casa do vizinho').

De fato, M. Bassols de Climent (1956, p. 255) observa que o uso dessa preposição na língua latina não é clássico com os genitivos subjetivo e objetivo.

Segundo P. Bec (1970, p. 97), as diversas funções do antigo genitivo passam a ser marcadas no latim tardio de modo analítico: *cupiditas de triumpho* ‘desejo de triunfo’, equivalendo a *triumpho cupiditas*. Nas línguas românicas, ocorre uma generalização do genitivo preposicional que acarretará a eliminação da antiga flexão. Assim, o genitivo latino *patris domus* será substituído no italiano e no espanhol por *la casa del padre*, no português por *a casa do pai*; occit. *l’ostal del paire*, no francês por *la maison du père*.

Enquanto o latim emprega o ablativo sem preposição ou com *ex* para indicar a matéria, o romance utiliza a preposição *de*, como se verifica nos exemplos seguintes: *la croce (fu fatta) di ferro*; *la maison (est bâtie) de bois*; *el Jersey de lana*. O mesmo acontece quando se trata de expressar a passagem de um estado a outro, como nos exemplos: *fare d’amante amico*; *hacer de tripas corazón* (MEYER-LÜBKE, 1900, p. 523; BREA, 1985, p. 163).

Outro uso que também é encontrado da preposição *de* é como complemento de modo. Essa significação decorre da idéia de ponto de partida, assim como, do sentido da razão de ser de uma ação, já existindo esse emprego no latim, como por exemplo, *de plano* ‘completamente’, *de longo* ‘desde há muito tempo’, *de improviso* ‘de improviso’, *de integro* ‘corretamente’, ‘na íntegra’ etc. Porém, em todos os domínios românicos, esse uso expandiu-se em proporção bastante considerável, tendo como resultado, na maioria dos exemplos, locuções adverbiais, tais como, em rom. *de greu*, em ital. *di subito*, em fr. *de présent*, em gal. *dabondo*, em esp. *de lleno*, em port. *de certo*, *de leve*, *de manso* etc.

Também no que se refere aos graus de intensidade dos adjetivos, *de* é o elemento introdutor do segundo termo da comparação, como nos exemplos: *Marius est fortior e*

duobus ‘Mário é mais forte que os dois’; *Marius est fortior Petro* ‘Mário é mais forte do que Pedro’ foram substituídos por *Mariu est magis/ plus forte de dui* ; *Mariu est magis/ plus forte de Petro*; de onde o ital. *Mario è il più forte dei due*, *Mario è più forte di Pietro*; esp. *el más fuerte de los dos* (porém *más fuerte que Pedro*); fr. *Pierre est le plus fort des deux* etc.

Outras características dessa preposição ressaltadas por M. Said Ali (2001, p. 155-7) são:

- a) essa preposição é usada antes de substantivos, mas também antes de adjetivos (ex.: *Enisto, de mimosa, o rosto banha em lagrimas* (Camões, *Lus.* 2, 40));
- b) em português antigo ou na linguagem da Renascença, numa construção com o verbo na passiva, o agente da passiva era acompanhado pela preposição *de*, fazendo com que esse conceito de agente pudesse se confundir com os de causa e meio (ou instrumento). O autor chama atenção por esse emprego ser diferente do que é encontrado hoje: raramente se encontra a preposição *de* acompanhada do agente da passiva, mas a preposição *por*, que, no português antigo, não tinha esse uso como preferencial (ex.: *Não consente que em terra tam remota se perca a gente della tanto amada* (Camões, *Lus.* 1, 100));
- c) alguns verbos transitivos como *encher, adornar, guarnecer, rodear, cercar, cobrir* etc. aceitam construções com um sujeito e um objeto direto e construções que pedem além do sujeito animado e do objeto direto, “um termo denotador daquilo com que se preenche ou põe em efeito a ação”, que seria um segundo complemento. Ex.: *As flores adornam a sala* seria um exemplo da primeira construção e *As crianças adornam a sala de flores* seria um exemplo da segunda construção. Dessa forma, surgiu a concorrência com a preposição *com*, já que a segunda construção poderia ser reescrita em *As crianças adornam a sala com flores*, dando uma idéia de meio ou instrumento;

d) em construções com verbos como *defender*, *guardar* e adjetivos de significação cognata, *de* exprime o desvio da iminência do perigo, podendo equivaler a *contra* (ex.: *Os Naires sós são dados ao perigo das armas, sós defendem da contraria banda o seu rei* (Camões, *Lus.* 7, 39));

e) a preposição *de* assinala o ponto de partida no tempo, mostrando o instante desde quando algum acontecimento perdura, o que a faz sinônima das preposições *des* e *desde* com sentido temporal (ex.: *Erão na corte dous mancebos Fidalgos que Elrey criara de moços* (Zurara, *Inéd. Port.* 3, 277));

f) a locução *de si* pode ter as seguintes acepções: ‘sem causa exterior’, ‘sem influência vinda de fora’, ‘espontaneamente’ e algumas vezes de ‘pessoalmente’ (ex.: *Estando no altar, em quanto se disse a missa, arvorada huma bandeira da Cruz da Ordem da Cavallaria de Christo, que no fim da missa o mesmo Bispo benzeo, e de si Elrey a entregou a Pedralvares Cabral* (Barros, *Déc.* 1, 5, 1)).

M. Brea (1985, p. 165) acrescenta mais uma característica dessa preposição, que não se encontra presente dentre as citadas por M. Said Ali: consiste em nomes próprios ou designações pessoais se unirem a um substantivo ou adjetivo que expressa freqüentemente um ‘sentimento de lástima’ ou ‘desprezo’ e, às vezes, ‘um elogio’ através do uso da preposição *de* em expressões como: *il cattivello di Calandrino*; *la coquine de Toinette*; *el pobre de Juan* e *el Bueno de Minaya* (um elogio) etc.

Essa autora conclui o estudo da preposição *de*, mostrando que, além de dar a origem a preposições novas (ex.: *desde*), é formadora de uma grande quantidade de locuções, principalmente com valor prepositivo, como *cerca de*, *longe de*, *em lugar de* etc.

3.3 AS PREPOSIÇÕES PORTUGUESAS *DES/ DESDE*

M. Alvar e B. Pottier (1987, p. 292) mostram que a preposição latina *de* se manteve no espanhol com as três acepções: Espaço: lat. *de sella exsilire* ‘saltar da cadeira’ (sair) > esp. *saltar de la silla*; Tempo: lat. *de nocte venire* ‘vir de noite’ > esp. *venir de noche*; Noção: lat. *aliquis de circo Maximo* ‘alguém do Circo Máximo’ > esp. *alguien del circo Máximo*. Além disso, essa preposição, que tem muita vitalidade, ajuda na composição de outras como, ao se unir a *ex*, formando *des*. *Des* une-se a muitos advérbios, como por exemplo: lat. *ibi* esp. *desí*, lat. *hodie* esp. *des hoy*, lat. *inde* esp. *desend*, e, mais tarde, ao perder o sentido da composição, une-se com *de*, formando *desde*.

Ponto de origem	Ponto de chegada
<i>De,</i> <i>Desde</i>	<i>Para,</i> <i>Até</i>

Direção \longrightarrow

Quadro 13 – Preposições que assinalam o ponto de partida e o ponto de chegada (PONTES, 1992, p. 29).

Em uma perspectiva histórica, verifica-se que *desde* provém, em um primeiro momento, de uma locução latina *de ex*, que teve como resultado no português arcaico a forma *des*. Séculos mais tarde, a forma *des* se une à preposição *de* resultando na preposição *desde*, tal como aconteceu no espanhol.

Conforme considerou S. Svorou (1993, p. 39), as relações espaciais estão presentes em todas as línguas e suas características morfosintáticas variam ao longo de um

continuum de fusão, que vai da baixa fusão para a alta fusão, de acordo com a seguinte ordem: *embraced* (‘enlaçado’) > *agglutinated* (‘aglutinado’) > *fused* (‘fundido’).

Seguindo a interpretação de R. Poggio (2002, p. 269), o elemento em estudo passa por três fases:

i) *De ex* (enlaçado) - essa forma foi de uso corrente no latim vulgar (MEYER-LÜBKE, 1900, p. 320) e é muito freqüente nas cartas leonesas e castelhanas (BASTARDAS PARERA, 1953, p. 100);

ii) *Des* (fundido) - é empregada durante todo o período do português medieval para denotar ‘ponto de partida’, referindo-se ao lugar e ao tempo (SAID ALI, 2001, p. 158). Uma preposição primária se transforma em afixo, ocorrendo uma redução fonológica na passagem do latim para o português (**deex* > *des*);

iii) *Desde* (aglutinado) - a forma *des* toma reforço da preposição *de*, ocorrendo a formação de um único vocábulo *desde*, no português moderno.

No século XIII, a forma fundida *des* era muito empregada na acepção de ‘origem espacial’ e ‘origem temporal’.

R. V. Mattos e Silva (1989, p. 626), em *Estruturas trecentistas*, afirma ser a preposição *des* mais usada na expressão da origem temporal do que *de*, apesar de seu campo de aplicação ser mais restrito.

De acordo com J. Joaquim Nunes (1969, p. 360), a partícula *des* juntou-se a *i* (= ‘ai’) formando a expressão *desi* ou *des i*, de uso muito freqüente no português arcaico, no sentido de ‘depois’.

Paul Teyssier (1981, p. 181) assinala que, do mesmo modo que nos *Diálogos de São Gregório* (século XIV), na *Crônica de D. Pedro de Fernão Lopes* (século XV), encontrou *des i* no sentido de ‘em seguida’.

No português moderno (século XVI), como já foi assinalado, a forma fundida *des* foi reforçada pela preposição *de*, tendo como resultado a forma aglutinada *desde* (POGGIO, 1999, p. 493).

Duarte Nunes de Leão, no seu livro *Ortografia e origem da língua portuguesa*, datado de 1606, ressalta, em uma lista de correções, que *desdeque* é errado e usado pela gente vulgar que escreve mal, sendo a forma correta *desque* (LEÃO, 1983, p. 164). Com essa observação de D. Nunes de Leão, percebe-se que, no início do século XVII, já se iniciava o emprego de *desde*.

Pode-se dizer que, como reflexo da mudança lingüística, existe um fenômeno de gradação: *desde* é duas vezes reforçado como preposição do ponto de vista diacrônico (*de* + *ex* + *de*), por efeito de expressividade comunicativa, que mais tarde se torna imperceptível para o usuário da língua, na sincronia, em decorrência da generalização provocada pelo emprego reiterado desse elemento.

Conforme assinalou J. S. Barbosa, em 1886, (*apud* POGGIO, 1999, p. 492), a preposição *desde* acrescenta à relação de início, indicada pela preposição *de*, a idéia de continuidade no mesmo espaço, com direção ao fim, sendo usada junto com *até*, para referir-se ao espaço e o tempo. Segundo esse autor, há uma diferença entre as preposições *de* e *desde*, indicando essa última uma idéia de ‘continuidade’.

Há uma sobreposição *de/ desde* que poderia ser explicada pela sua morfologização¹³, referida anteriormente. Para indicar o ponto de origem, *desde* é mais específico, mais marcado, enquanto *de* é mais geral e não-marcado.

¹³ Entende-se por morfologização a junção de elementos da mesma classe ou de classes diferentes, dando origem a um novo item gramatical.

4 METODOLOGIA

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS *CORPORA*

Século XIV

Diálogos de São Gregório

A tradução de textos pragmáticos parece ter-se iniciado no fim do século XIV ou princípio do século XV.

O texto *Diálogos de São Gregório* é pragmático, de caráter religioso, tendo sido escrito no século VI, em latim. Foi transposto para a língua portuguesa, havendo três versões, sendo, provavelmente, a mais antiga a do final do século XIV. Rosa Virgínia Mattos e Silva (1971), estudiosa do português arcaico e autora de uma edição crítica do texto dessa versão, observa que essa tradução possui características anteriores aos fins do século XIV.

Essa obra não foi diretamente consultada para esta Tese; as informações sobre a sua descrição procedem do estudo realizado por R. V. Mattos e Silva na Edição crítica dos *Diálogos de São Gregório*, que se baseia no manuscrito adquirido por Serafim da Silva Neto.

Os quatro livros dos *Diálogos de São Gregório* foram escritos pelo Papa Gregório I, nos fins do século VI e começos do século VII. Gregório é figura de grande importância na organização da Igreja de Roma e da Europa Ocidental, no começo da Idade Média. Dentre

os escritos de Gregório I, os quatro livros dos *Diálogos de São Gregório* foram dedicados à rainha lombarda Teodolinda. Esses livros tiveram grande repercussão na época, o que se atesta pelo fato de estarem presentes em toda biblioteca daquela época, exemplares da obra. Além disso, outro fato que demonstra a sua importância é a existência de um número significativo de traduções (MATTOS E SILVA, 1971, p. 3).

Os *Diálogos de São Gregório* constituem fonte histórica preciosa para se conhecer os valores da sociedade italiana do século VI, através da conversa do Papa com Pedro, sendo esse último o símbolo do crente comum na época. Além do mais, essa obra é de grande importância pelo fato de que nessa época ainda não tinha havido a normatização, sendo empregada uma linguagem próxima à língua falada. Como se pode observar, os *Diálogos de São Gregório*, sendo uma versão do século XIV, a língua do texto possuía grande influência do latim, o que constitui para o estudioso da diacronia uma riqueza para a análise lingüística.

Século XVI

Livro das obras de Garcia de Resende

Garcia de Resende era filho de Francisco de Resende, criado do bispo D. Garcia de Meneses, e de D. Beatriz Bota, tendo nascido em Évora, talvez em 1470. Era poeta palaciano, compilador e prefaciador do *Cancioneiro Geral*. Esse poeta vivia a serviço do rei D. João, como seu secretário particular, sendo muito aceito pelo rei até a morte desse em 1495. Apesar de o reinado de D. Manuel representar, em parte, uma reação contra o reinado

anterior, Garcia de Resende não sofreu com a mudança e serviu até de companhia a D. Manuel na sua viagem a Toledo e a Saragoça em 1498. Dessa viagem, ele deixou um curioso relato *A entrada del Rey Dom Manoel em Castella*.

Garcia de Resende juntou aos seus dotes pessoais de indivíduo conciliante, outros de natureza artística, no domínio da música, do desenho e, sobretudo, da literatura, que pôs ao serviço dos monarcas, com o objetivo de engrandecer o prestígio dos mesmos e da nação portuguesa.

O *Livro das obras de Garcia de Resende* (ed. 1989) trata da vida de D. João II e de outros reis de Portugal. Esse autor escreveu outras obras, como: *A trasladação do corpo d'el-rey Dom João o segundo*, *Ida da iffante Dona Breatiz pera Saboya*, *A payxão de Nosso Senhor Jesu Christo*, *O sermão dos tres reys magos* e *Miscellanea de Garcia de Resende, e variedade de historias, costumes, casos e cousas que em seu tempo acconteceram*.

João de Barros

João de Barros nasceu, provavelmente, em Viseu, em Portugal, em 1496. Foi educado na corte do rei D. Manuel. Revelou-se novelista, poeta, filósofo erasmico, historiador, moralista, pedagogo e panegirista. Entretanto, foi como humanista que escreveu a obra mais expressiva do espírito da Renascença, um conjunto de livros didáticos e pragmáticos no qual se incluem a *Gramática da língua portuguesa* e a *Cartinha* (Cartilha), o *Diálogo em louvor da nossa linguagem* e o *Diálogo da viciosa vergonha*.

João de Barros é anti-medieval e contrário ao caráter especulativo da Idade Média, dirigindo sua obra ao estudo do latim, única língua gramatizada conhecida. Também

defende o estudo da língua portuguesa, e, em 1540, ele apresenta a sua *Gramática da língua portuguesa*, considerando-se o “primeiro a por a nossa linguagem em arte” (BUESCU, 1983, p. 390).

Seus textos são de grande importância para o conhecimento do português padrão naquela época, uma vez que foi o primeiro gramático prescritivo da língua portuguesa.

Século XVII

Cartas do Maranhão

Antônio Vieira, autor das *Cartas do Maranhão*, era padre e político. Porém, depois de muito dedicar-se à política, estar desgostoso com a oposição e magoado com a hostilidade de alguns padres da Companhia de Jesus, da qual fazia parte, decidiu não mais se intrometer nela e consagrar-se inteiramente aos deveres de religioso.

Depois da sua primeira missão em Torres Vedras, com a finalidade de *estimular o fervor devoto das populações*, preparou-se para outras missões de maior esforço e sacrifício. Assim, por não haver ninguém da Companhia de Jesus, no Maranhão e no Pará, resolveu escolher, então, esses dois lugares para a próxima missão. Para tanto, providenciou as coisas da missão, elegeu os companheiros, tomou o cargo de superior e pretendia partir em setembro de 1652. Contudo, uma ordem régia, quando já se encontrava a bordo, o forçou a desembarcar, enquanto os seus companheiros seguiram viagem sem o superior da missão.

Somente em novembro de 1652, Antônio Vieira consegue partir. Esses fatos todos constam nas cartas enviadas por ele ao Príncipe D. Teodósio, em termos queixosos, e são confirmados através das confidências feitas por Vieira a dois padres amigos.

No Maranhão, Antônio Vieira chega em 16 de janeiro de 1653, para a difusão da fé. Apesar de estar muito saudoso da sua vida na corte, *logo as obrigações de sacerdote e missionário lhe absorvem a atividade e o pensamento.*

Nessa época, escreve cartas ao seu provincial, ao Conselho Ultramarino, com o rótulo de serem para o rei, descrevendo os trabalhos e as privações suportados, as resistências vencidas, o esforço enorme que custava iniciar o selvagem na civilização etc.

Em junho de 1654, Antônio Vieira prega o famoso sermão de Santo Antônio no Maranhão e, depois, vai à corte requerer providências novas para a sua obra no Brasil, só retornando em abril do ano seguinte.

Os seis anos seguintes, que permaneceu no Brasil, foram passados, em sua maior parte, *em viagem pelo estuário do Amazonas, ou, ao longo da costa, indo e vindo entre Maranhão e Pará.*

Em maio de 1661, o povo do Maranhão resolve expulsar os jesuítas daquelas terras. Vieira, nas cartas XCII e XCIII, escreve que se refugiou no Pará. Porém, o mesmo movimento ocorre aí, sendo Vieira conduzido *em custódia ao Maranhão* e de lá, tendo que embarcar com os demais religiosos da Companhia de Jesus para Portugal. Eles chegam em Lisboa somente em novembro do mesmo ano. Depois desse incidente, Antônio Vieira *nunca mais tornou aos lugares que tinham sido durante nove anos teatro de seus labores.*

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 AS PREPOSIÇÕES *DE* E *DESDE* À LUZ DA TEORIA FUNCIONALISTA: PROCESSOS E PRINCÍPIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

5.1.1 *De e des/ desde* em processos de gramaticalização

Como já foi observado, o processo de gramaticalização pode apresentar diversos estágios que têm como resultado alterações gramaticais e/ ou alterações semânticas.

No que se refere às alterações gramaticais, e mais especificamente, à sintaticização, a preposição *de* sofre um processo de recategorização sintática ao compor locuções prepositivas, locuções conjuntivas, locuções adverbiais, e, finalmente, enfraquecendo-se a ponto de se tornar um prefixo (ver *continuum* de SVOROU, 1993, p. 101).

É interessante observar que essa preposição estendeu sua função de relacionar vocábulos para relacionar sentenças ao compor locuções conjuntivas.

Segundo S. Svorou (1993, p. 35), em uma primeira fase da morfologização, os itens encontram-se lado a lado, formando uma unidade gramatical, a qual essa lingüista denomina *embraced*. Dessa forma, pode-se verificar que a preposição *de*, quando compõe locução prepositiva, estaria nesse primeiro estágio que poderá ou não se fundir com os demais itens.

No latim, A. Ernout e A. Meillet (1939, s.v. *de*) registram a passagem dessa preposição a prefixo em muitos compostos verbais, com o sentido de ‘movimento de alto para baixo’, podendo indicar um deslocamento, uma mudança de estado, o afastamento, um valor privativo ou diminutivo, entre outros.

Quanto às preposições *des/ desde*, seguindo o mesmo esquema de C. Lehmann (1982), no que tange às alterações gramaticais e à sintaticização, percebe-se que essas preposições passam por um processo de recategorização sintática ao compor locuções adverbiais e locuções conjuntivas. Porém, nos *corpora* dos séculos XIV e XVI, em estudo, não foram encontradas ocorrências de *des/ desde*, integrando a classe gramatical de conjunção. No entanto, em *A demanda do santo graal* (manuscrito apógrafo do século XV), encontram-se registros dessa locução, como no exemplo seguinte:

*- Verdade, disse el-rei; este costume manteve sempre **dês que** foi rei, e manterrei mentes viver. E polas grandes aventuras que aa minha côrte vierem me chamam o Rei Aventuroso ca a sazom que elas sairám deve mostrar; mas bem sei que a Nosso Senhor nom prazerá que muito reine dêa aqui a diante [...]* (SG, p. 24, l. 21)

Também no século XVII, nas *Cartas do Maranhão* de Antônio Vieira, consta essa locução conjuntiva, exemplificada a seguir:

*[...] achando-se, todavia, a missão abandonada **desde que**, em 1649, tinham morrido às mãos dos índios três religiosos [...]* (AV, CM, p. 332, l. 742-743)

No século XIV, estão documentados alguns exemplos de locução adverbial, que serão apontados a seguir:

*[...] achou-se **des ali adeante** sen nen hua tentaçon da carne, assi como se nunca ouvesse en seu corpo aquele per que os homens podem gerar [...]* (DSG, 1, 5, 54-5)

*Vai-te e **des aqui adeante** non venhas aqui a furtar [...] (DSG, 1, 5, 47)*

Algumas ocorrências dessa locução também foram registradas nos séculos XVI e XVII, como se pode observar nos exemplos que se seguem:

*[...] poemas os jiolhos em terra e **desi** nos levantaremos té que digam: [...] (JB, p. 276, l. 138)*

*Pois, se deçermos à terra, começando em nósso primeiro pádre Adám, e, **desi**, descorendo per muitos dos seus filhos, que acharemos senám exemplos de condenaçám. (JB, p. 426, l. 292)*

*[...] e, se o quisessem **desde logo** fazer, que nós não lhe tapávamos os rios, [...] (AV, CM, p. 347, l. 135)*

Além do mais, é importante lembrar que a preposição *desde* passou por um processo de morfologização com justaposição sintática: *de ex* (primeira fase – *embraced*), um processo de morfologização e fonologização simultâneos, quando ocorreu a fusão das preposições *de* e *ex* (*des*), havendo perda de elemento fonológico e, por último, a aglutinação da preposição *des* com a preposição *de*, no português moderno, tendo como resultado a forma *desde*.

No *continuum* de morfologização apontado por S. Svorou, os elementos que se encontram enlaçados (*embraced*) poderiam se tornar aglutinados (*agglutinated*) ou fundidos (*fused*), sem, necessariamente, passar pelo estágio da aglutinação. No caso específico da preposição *desde*, percebe-se que a mudança por que passou esse item contraria a proposta de S. Svorou, que considera impossível a descontinuidade no *continuum* de fusão (1993, p. 38).

Nos *corpora* do século XVI, verificou-se que ora essa preposição registra-se como *des*, ora como a sua variante *desde*, o que será exemplificado a seguir:

[...] e o conde-prior mordomo-mor hia diante do sancto corpo que assi veo sempre com elle **desd'**a cidade de Silves té o dito moesteiro [...] (GR, p. 461, l. 74)

[...] “Vees aqui tua madre”; e **des** aquella ora a recebeo o discipolo por sua; [...] (GR, p. 520, l. 395)

Como se sabe, mais tarde, a forma *des* caiu em desuso e a preposição *desde* se manteve até os dias atuais.

Embora só se tenha verificado nos *corpora* exemplos de ocorrências de *des* e *desde*, no português atual, encontra-se documentado *desde de*, no Projeto NURC – Novos, Salvador, como no exemplo que se segue:

[...] *Pode ficar acomodada. Principalmente que tem pais que colocam, não é? desde de muito cedo já... banca. Como se achasse que aquilo fosse necessário, fosse um acompanhamento do que ela aprende na escola, é, não é?... Acho que a função... essa função é da escola, é função... é dos professores, não é?*

Esse emprego parece comprovar um possível uso de novo reforço para essa preposição, que corresponde à primeira fase (*embraced*) do *continuum* de S. Svorou (1993, p. 35).

No que diz respeito às alterações semânticas, J. Taylor (1992, p. 109-10) observa que o estudo dessas alterações nas preposições é complexo, devido à falta de regras bastante evidentes, relativas à sua polissemia. Atualmente, a Linguística Cognitiva tem procurado demonstrar que o uso desses itens é altamente estruturado.

A preposição *de*, nos seus vários sentidos espaciais, serve para localizar uma entidade com referência a outra. Na função de adjunto adverbial, ela pressupõe uma configuração esquemática de percurso (marcando ponto de partida ou origem) e seu direcionamento para um fim. Esse uso pode ser verificado nos seguintes exemplos:

E as ruas da porta d'Avis atee a See, e da See atee os paços e toda a praça eram de cima todas toldadas de panos finos de cores postos sobre muitos mastos [...] (GR, p. 331, l. 5493; 5493)

[...] posto que de Portugal até ao Maranhão e do Maranhão até aqui no-la fizeram muita santa e boa, [...] (AV, CM, p. 348, l. 157; 158)

Observe-se o que G. Lakoff comenta a respeito da preposição inglesa *from*, que, nesse caso, corresponde à mesma relação expressa pela preposição portuguesa em apreço: *From allows both path and end-of-path schemas, [...]*¹⁴ (LAKOFF, 1987, p. 441).

Uma importante distinção é a que se refere à relação estática e à dinâmica. A relação é estática, quando a preposição limita o lugar da entidade a ser localizada, o que pode ser verificado no exemplo abaixo:

Do porto atee corte sendo cincoenta legoas tardaram vinte dias. (GR, p. 392, l. 7385)

*Serão os reis concordantes,
Quatro serão, e não mais,
Todos quatro principais
De poente até levante; [...]* (AV, CM, p. 490, l. 600)

Ela é dinâmica, quando se refere ao ponto final ou objetivo do movimento, ao ponto de início ou fonte, ao percurso, que pode ser uma parte da trajetória ou toda a trajetória visualizada, como no exemplo a seguir:

[...] e sem detença algua partio de Villa Viçosa escondidamente e veo a Evora, [...] (GR, p. 186, l. 1019)

[...] el-rey se veo a Cordova e ahi esperou polla raynha, que andando prenhe se foy de Medina a Toledo [...] (GR, p. 194, l. 1363)

¹⁴ *From* permite tanto os esquemas de percurso como o de fim de percurso, [...] *From* (port. *de*)

[...] se partiu **do** Ceará a Pernambuco, pela razão que de lá escreveu ao padre provincial, [...] (AV, CM, p. 457, l. 57)

Se há tantos que vão **de** Roma ao Japão por uma alma, não haverá quem vá **do** Maranhão ao Camuci por tantas? (AV, CM, p. 463, l. 243; 243)

Outros aspectos relevantes são: forma, tamanho, dimensão, presença ou ausência de contato, a distância, a orientação (inferior/ superior, inclusão/ exclusão) além da sua ocorrência em expressões idiomáticas.

Para uma análise quantitativa dos vários usos e acepções das preposições *de* e *des/ desde*, procede-se à análise de parte dos *corpora* desta tese, constituídos da obra *Livro das obras de Garcia de Resende* do século XVI e das *Cartas do Maranhão* do século XVII, em comparação com a análise dos Livros I e II dos *Diálogos de São Gregório*, estabelecida por R. Poggio (1999), a fim de identificar as espécies de extensão de significados mais frequentes, mais típicas e mais naturais do que outras, além de verificar a frequência de uso, considerada mais como um *sintoma* de prototipicidade, segundo a versão padrão.

ACEPÇÕES DA PREPOSIÇÃO DE	SÉCULO XIV	SÉCULO XVI	SÉCULO XVII
Espaço: ponto de partida/ afastamento	069	187	120
Espaço: localização	005	095	058
Espaço: movimento vertical	001	006	–
Espaço: proveniência	023	042	051
Espaço abstrato: afastamento	–	005	–
Espaço: situação posterior	–	007	008
Espaço: extração	–	021	016
Espaço: proximidade	011	032	011
Espaço: situação inferior	–	020	012
Espaço: situação intermédia	001	007	005
Espaço: percurso	001	–	003
Espaço: extensão	–	007	–
Espaço: em torno de	001	009	002
Espaço: situação superior	006	031	004
Espaço abstrato: situação superior	–	001	–
Espaço: situação anterior	001	037	018
Espaço: situação exterior	010	030	012
Espaço: situação interior	–	004	005
SUBTOTAL	129	541	325
Tempo: localização	009	033	004
Tempo: anterioridade	–	048	036
Tempo: localização pontual	–	026	258
Tempo: posterioridade	–	145	084
Tempo: ponto de partida	002	021	017
Tempo: aproximação	–	037	004
Tempo: afastamento	001	–	001
Tempo: duração	005	006	001
Tempo: repetição	–	008	009
Tempo: proveniência	–	–	002
Tempo: situação exterior	–	–	001

Tempo: situação interior	–	–	001
Tempo: percurso	–	–	002
SUBTOTAL	017	324	420
Qualidade: medida	–	003	025
Qualidade: ponto de partida	001	001	022
Qualidade: afastamento	001	001	–
Qualidade: conseqüência	–	002	–
Qualidade: situação superior	–	004	–
Qualidade: situação inferior	–	–	013
Qualidade: participação	–	001	–
Qualidade: modo	013	551	370
Qualidade: instrumento	003	005	–
Qualidade: assunto	029	288	119
Qualidade: origem	–	002	–
Qualidade: causa	012	041	054
Qualidade: meio	–	004	016
Qualidade: situação exterior	–	005	005
Qualidade: fim	–	009	028
Qualidade: localização	–	–	001
Qualidade: situação posterior	–	001	012
Qualidade: situação intermédia	–	–	034
Qualidade: anterioridade	–	–	001
SUBTOTAL	059	918	700
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	205	1783	1445

Quadro 14 – Acepções da preposição *de* encontradas nos *Diálogos de São Gregório*, em Garcia de Resende e nas *Cartas do Maranhão*.

ACEPÇÕES DA PREPOSIÇÃO <i>DES/ DESDE</i>	SÉCULO XIV	SÉCULO XVI	SÉCULO XVII
Espaço: ponto de partida	–	02	02
Tempo: ponto de partida	01	02	13
Tempo: afastamento	09	–	–
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	10	04	15

Quadro 15 – Acepções das preposições *des/ desde* encontradas nos *Diálogos de São Gregório*, em Garcia de Resende e nas *Cartas do Maranhão*.

No que diz respeito à *Gramática* de João de Barros (ed. 1957), foi feita uma análise quantitativa separada, em virtude da existência de poucas ocorrências das preposições estudadas em todas as acepções, sendo possível encontrar os seguintes resultados:

ACEPÇÕES DA PREPOSIÇÃO <i>DE</i>	GRAMÁTICA DE JOÃO DE BARROS
Espaço: ponto de partida/ afastamento	24
Espaço: localização	03
Espaço: extração	04
Espaço: proveniência	09
Espaço: situação inferior	02
Espaço: origem	01
SUBTOTAL	43
Tempo: localização	02
SUBTOTAL	02
Qualidade: origem	15
Qualidade: extração	02
Qualidade: ponto de partida	20
Qualidade: meio	04
Qualidade: assunto	47
Qualidade: afastamento	08
Qualidade: causa	05
Qualidade: modo	10
SUBTOTAL	113
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	158

Quadro 16 – Acepções da preposição *de* encontradas na *Gramática* de João de Barros.

ACEPÇÕES DA PREPOSIÇÃO <i>DES/ DESDE</i>	GRAMÁTICA DE JOÃO DE BARROS
Espaço: ponto de partida	01
Tempo: ponto de partida	05
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	06

Quadro 17 – Acepções das preposições *des/ desde* encontradas na *Gramática* de João de Barros.

O levantamento dos dados do *Livro das obras de Garcia de Resende* e das *Cartas do Maranhão* pode ser resumido no seguinte quadro:

PREPOSIÇÃO DE						
ACEPÇÕES	OCORRÊNCIAS			PORCENTAGENS		
	Séc. XIV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XIV	Séc. XVI	Séc. XVII
Espaço	129	541	325	62,93%	30,34%	22,49%
Tempo	017	324	420	8,29%	18,17%	29,07%
Qualidade	059	918	700	28,78%	51,49%	48,44%
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	205	1783	1445	100%	100%	100%

Quadro 18 – Acepções da preposição *de* encontradas nos *Diálogos de São Gregório*, em Garcia de Resende e nas *Cartas do Maranhão*.

Como pode ser verificado no levantamento acima, houve um aumento na quantidade das acepções no século XVII em comparação com o *corpus* do século XIV e o do século XVI. O sentido espacial, com a grande maioria de acepções com 62,93%, nos *Diálogos de São Gregório*, passou a obter 30,34%, no texto de Garcia de Resende, e 22,49% nas cartas de Antônio Vieira. Isso demonstra uma diminuição no sentido original, que provavelmente resultará em um aumento nos demais sentidos metafóricos. Assim, o que se esperava confirma-se nas linhas e colunas seguintes, pois ocorre um aumento muito grande na acepção de tempo, comparando os dois séculos: de 8,29%, no século XIV, passa a 18,17%, no século XVI, e a 29,07%, no século XVII. Por último, as acepções de qualidade, as mais abstratas do *continuum* localista, aumentam de 28,78%, no primeiro século dessa comparação, para 51,49% e, no século XVII, diminui para 48,44% nos *corpora* em estudo. Em resumo, enquanto no século XIV foram encontradas mais acepções espaciais, nos séculos XVI e XVII, as acepções mais frequentes são as abstratas, isto é, as acepções de Qualidade.

No que se refere às preposições *des/ desde*, no século XIV, só foram encontradas ocorrências dessas preposições na acepção temporal, enquanto que, no século XVI, *Livro das obras de Garcia de Resende*, foram encontradas duas ocorrências na acepção espacial e duas na acepção temporal. No século XVII, essas preposições estão registradas nas acepções de Espaço e Tempo: ponto de partida, sendo que com apenas duas ocorrências para a primeira acepção e treze para a segunda. Desse modo, parece que as preposições estão se abstraindo, cada vez mais, como postulam os localistas. Devido à baixa frequência dessas preposições nos *corpora*, não foi possível se chegar a conclusões sólidas a respeito delas.

5.1.2 Metaforização das preposições *de* e *des/ desde*

Como já foi observado, a teoria localista, em uma versão anterior, parte da idéia de um *continuum*, em que os itens são empregados pelo homem em acepção concreta ou ESPACIAL, passando para a acepção de TEMPO, e, finalmente, para acepções nocionais mais abstratas¹⁵, tais como as citadas por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).

Na sua versão mais moderna, a teoria localista postula que esse *continuum* tem como ponto de partida a PESSOA, depois, o OBJETO e, em seguida, o PROCESSO, até chegar ao *continuum* proposto pelos primeiros localistas, apenas substituindo o termo NOÇÃO por QUALIDADE.

¹⁵ B. Pottier estabelece como sentidos básicos das preposições: ESPAÇO, TEMPO e NOÇÃO (E, T, N) (POTTIER, 1962, p. 126-7). O termo “noção” (N) usado por ele foi criticado por diversos autores por ser amplo demais e abarcar também o significado ESPAÇO e TEMPO, ambos entendidos como ‘noção’.

Ao ser aplicado o *continuum* às preposições, objeto de estudo deste trabalho, verifica-se que, realmente, esses usos vêm desde o latim, sendo, nessa própria língua, uns itens mais abstratos e outros menos abstratos.

Assim, desde o período clássico do latim, a preposição *de* aparece com acepções abstratas de ‘tempo’, ‘partitivo’, ‘assunto’ etc., como nos exemplos:

Tempo:

[...] *non bonus somnus de prandio* (Pl., *Most.*, 682)
 ([...] não há bom sono depois da refeição’)

[...] *de tertia uigilia* (Cés., *B. G.*, 1, 12, 2)
 ([...] durante a terceira vigília’)

Partitivo: (nas línguas românicas veio substituir o genitivo)

[...] *aliquis de nostris hominibus* (Cíc., *Flac.*, 9)
 ([...] alguém dos nossos homens’)

Assunto:

De Bello Gallico (Cés.)
 (‘A respeito da guerra gaulesa’).

Por outro lado, outras preposições, como por exemplo, *cum*, nesse mesmo período, podiam ser usadas apenas na acepção concreta de ‘companhia’. Para expressar sentidos mais abstratos, como ‘instrumento’, ‘meio’, ‘modo’, a língua latina empregava simplesmente o ablativo, sem recorrer ao uso da preposição *cum*. Os empregos mais abstratos só vão ter início no latim vulgar tardio.

Assim, pôde-se observar que muitas preposições latinas estudadas iniciam sua trajetória com os usos espaciais, depois temporais, chegando às acepções mais abstratas, o que vai confirmar a hipótese localista.

Nos *corpora* analisados, do português dos séculos XVI e XVII, a preposição *de* aparece nas seguintes acepções:

Espaço:

*E despedido d' el-rey com muyto grande saudade, e assi da raynha partio **da** cidade de Touro na somana mayor, [...] (GR, p. 165, l. 487)*

*[...] e assentamos todos que o não partir o navio **do** Maranhão com a frota, [...] (AV, CM, p. 276, l. 293)*

Tempo:

*Começado **de** seu nascimento e toda sua vida atee a ora de sua morte. (GR, p. 147, l. 6)*

*[...] senão dobrado do que se havia mister para a prevenção e disposição dela, quando vai **de** Março a Junho. (AV, CM, p. 408, l. 72)*

Qualidade:

*Pera a qual hida se ajuntaram em Alcacer donde partiram quatrocentos **de** cavallo e mil e dozentos homens **de** pee. (GR, p. 306, l. 4709; 4710)*

*Vestia-se ricamente, e nunca se vestia **de** festa que o nam dissesse primeyro a pessoas pera se vistirem com elle, [...] (GR, p. 143, l. 199).*

*Ando vestido **de** um pano grosseiro cá da terra mais pardo que preto; [...] (AV, CM, p. 295, l. 36)*

*[...] e o que tinha mandado lançar os grillhões se lançou aos pés do outro, e lhos tirou **de** joelhos. (AV, CM, p. 319, l. 367)*

Do ponto de vista etimológico, o sentido da preposição *de* em latim, segundo a maioria dos autores, seria o de ‘movimento de cima para baixo’. Esse sentido primitivo também se encontra documentado no português do século XVI.

*E correndo ho cavallo com as mãos no arçam saltavam **da** sella no chão [...] (GR, p. 269, l. 3640)*

*[...] e no cruzeiro estava hum cadafalso que tomava toda a nave do corpo do moesteiro, o qual tinha treze degraos cubertos os sete que deciam **da** tumba pera baixo de brocado de pello [...] (GR, p. 461, l. 83)*

*E desi, tornaremos fazer outro sinál da cruz **da** cabeça té aos peitos, [...] (JB, p. 275, l. 128)*

No século XVII, não foi encontrada a preposição *de* com esse sentido: ‘movimento vertical (de cima para baixo)’.

Percebe-se que a preposição *de* apresenta, na análise do *Livro das obras de Garcia de Resende* (século XVI) e das *Cartas do Maranhão* (século XVII) de Antônio Vieira, no sentido espacial, uma idéia de contato e o deslocamento ou afastamento para um determinado fim¹⁶, com realce para o ponto de partida, que é sempre especificado, o que se nota, claramente, no exemplo do sentido espacial acima indicado.

Entretanto, nos exemplos atestados, pôde-se observar que, além do afastamento de alguém com ponto de partida delimitado, o percurso nem sempre é especificado. Em alguns casos, a preposição *de* assinala a direção do afastamento que pode ser relacionado tanto com a partida como com a chegada, ou seja, o início do movimento expresso pelos verbos *vir*, *sair* e *partir* e, no mesmo contexto, o fim, no caso do verbo *ir*.

*Depois d’ el-rey Dom Afonso ser vindo **de** Castella, e partido **de** Lixboa pera França, o principe se veo logo aa cidade d’ Evora, [...] (GR, p. 165, l. 496; 497).*

*[...] confessei uma pobre mulher, das que vieram **das** Ilhas, a qual me disse [...] (AV, CM, p. 401, l. 25)*

¹⁶ No latim, a idéia de movimento está mais presente na preposição do que na língua portuguesa e nas línguas românicas, em geral, onde o sentido pode ser propriamente o de direção e o movimento é de modo mais específico sugerido pelo item relacional.

*[...] e a meu ver menos é ainda não receberam sacramentos em tanto tempo que saírem **de** suas terras tantos homens cristãos, [...] (AV, CM, p. 396, l. 814)*

*A tempo que partia **deste** Estado para o Reino uma pessoa grande, fomos consultados se podia dar licença a outra, [...] (AV, CM, p. 390, l. 650)*

Em determinados casos, o percurso está bem delimitado com o ponto final assinalado com as preposições *a/ aa, pera, atee*, como se observa a seguir:

*[...] el-rey se veo a Cordova e ahi esperou polla raynha, que andando prenhe se foy **de** Medina a Toledo [...] (GR, p. 194, l. 1363)*

*E hindo el-rey hum dia **de** Evora pera Estremoz hia Joam Alvares em hum muyto fermoso ginete [...] (GR, p. 288, l. 4215)*

*E **dali** atee Portugal veo o duque d' Alva com el-rey, e fez com elle que viesse pola sua vila d' Alva [...] (GR, p. 487, l. 677)*

*[...] diz o Solutivo, profetizando o remédio com que Deus há-de acudir **de** Lisboa a Roma, destruída pelo Turco. (AV, CM, p. 508, l. 1162)*

Há casos em que a medida de comprimento ou extensão de percurso é especificada por meio dessa preposição e uma outra que indique ponto final (*a, atee*):

*Tinha a porta principal muyto grande com as portas muyto bem pintadas, no topo contra o norte, e no outro topo era feyto hum muyto grande estrado real que chegava **de** parede a parede, a que subião per muytos degraos, [...] (GR, p. 321, l. 5197)*

*Deram suas embaixadas e em nome d' el-rey se concertaram com os ditos reys sobre a demarçam e repartiçam dos ditos mares per certos rumos e linha **de** pollo a pollo, per que as ditas ylhas e terras descubertas ficaram com os ditos reis de Castella [...] (GR, p. 408, l. 7849)*

Do porto atee corte sendo cincoenta legoas tardaram vinte dias. (GR, p. 392, l. 7385)

*Bandarra diz que este rei descende dos reis **de** Levante até Poente.* (AV, CM, p. 506, l. 1071)

A região da qual se assinala o ponto de partida pode ter uma extensão maior ou menor, mas, implicitamente, se relaciona com a idéia metafórica de um *container*, que pode ser representado por uma cidade, um país, entre outros:

*E mais em saindo pola menhã **de** casa, aচেy h~ua cousa santa de pedra que eu nunca vi, [...]* (GR, p. 398, l. 7550)

*Com os quaes loguo sayram **da** fortaleza, e ha senhora infanta Dona Breatiz com quanto tinha ja feito entrega do principe, [...]* (GR, p. 209, l. 1789)

*[...] e sem mais dilaçam mandou ao marquês que logo naquelle dia se saysse **da** dita villa de Montemor, [...]* (GR, p. 189, l. 1208)

*De como el-rey sayo **da** cidade a primeira vez depoy das festas, [...]* (GR, p. 350, l. 6062)

*[...] e em entrando os embaixadores polla porta de Sam Vicente mandou el-rey contar aa porta quantos de cavallo sayram **de** Lixboa e achou-se que dous mil.* (GR, p. 407, l. 7836)

*As prossições representam como Cristo veo [...] **de** Betania a Jerusalém e **de** Jerusalém ao Monte Olivete [...]* (JB, p. 265, l. 15; 15)

*Sáimos **da** nossa igreja à uma hora.* (AV, CM, p. 338, l. 932)

*[...] que, por boas contas, havia mais dezassete anos tinha saído **desta** cidade.* (AV, CM, p. 335, l. 826)

*[...] mas bem pudera dizer a V. Rev.^a que poucas vezes tem acontecido saírem **de** Portugal religiosos da Companhia [...]* (AV, CM, p. 309, l. 69)

Também esse ponto de partida pode ser um lugar metafórico expresso por um evento, como no exemplo seguinte, em que *a missa* seria esse evento, estando ancorado no locativo *capela d' Evora*:

*Vindo el-rey hum dia **da** missa da capela d' Evora pola varanda vinha falando com elle Dom Martinho [...]* (GR, p. 426, l. 8395)

A orientação do percurso pode ser direcionada como um movimento tanto de ida, como de volta. O movimento pode ser espontâneo ou causado por alguém ou por algo. É interessante observar que, além disso, o enfoque pode estar em uma pessoa ou em objetos que são transportados de um lugar para outro, indicando a sua proveniência:

*[...] a senhora iffante com toda a frota de sua armada partio e sayo **de** foz em fora e fez sua viagem.* (GR, p. 506, l. 521)

*E **dali** atee Portugal veio o duque d'Alva com el-rey, e fez com elle que viesse pola sua vila d'Alva [...]* (GR, p. 487, l. 677)

*[...] ou quando Ciro ô mandou ir **de** Babilónia [...]* (JB, p. 270, l. 87)

*[...] e **dahi** veio a Portugal a primeira pimenta que se vio de Guine.* (GR, p. 252, l. 3126)

*E bem se viu por experiência que um governador que veio **de** Portugal, Bento Maciel Parente, perdeu o Maranhão, [...]* (AV, CM, p. 403, l. 87)

Essa preposição, ao assinalar um ponto de partida, não se limita a regiões espaciais concretas, ela pode indicar o limite de um percurso metaforizado desde relações pessoais, como religiosa e social:

*De como el-rey Dom Afonso sendo em França se apartou **dos** seus com tençam de se hir a Jerusalem, [...] (GR, p. 169, l. 595)*

*Vierão homens por elle em hua tumba, e o levaram a soterrar yndo vivo e são e **da** ygreja fugio e se salvou, e o carcereiro se pôs em salvo. (GR, p. 297, l. 4452)*

*E assi foy o dito Dom Antonio livre e tirado **de** cativoiro per troca de Barraxe. (GR, p. 266, l. 3533)*

*Digo isto porque o digo neste papel, que não há-de passar **das** mãos de V. M. [...] (AV, CM, p. 429, l. 42)*

A preposição **de** é usada para indicar a extração de algo de um *container*, delimitado em um espaço físico, como no exemplo:

*Mandou ao bispo de Silves, e ao bispo de Tangere, e a Dom Francisco d'Eça, e a Joam Fogaça que o tirassem **da** sepultura; [...] (GR, p. 459, l. 20)*

*E toda a gente da corte e da cidade [...] todos comiam do que se tirava **das** mesas que era em tanta avondança, [...] (GR, p. 335, l. 5644).*

pode, ainda, referir-se à extração de um invólucro:

*[...] e a princesa ainda que a el-rey nam levava pola mão, porque era mui prudente e mui cortês tirou a luva **da** mão daquella parte donde el-rey hia, e sempre levou a mão descuberta [...] (GR, p. 330, l. 5464)*

Como já foi observado, a preposição *de* também serve para formar locuções prepositivas com os mais variados sentidos, que indicam relações de espaço físico, tais como, proximidade; situação inferior/ superior; intermédia; anterior/ posterior; exterior/ interior; extensão; em torno de:

*E depouys de serem **junto do** lugar vendo os que nisso mais entendiam sua grande fortaleza e muy perigosas entradas ouve muyta duvida [...] (GR, p. 306, l. 4710)*

[...] porque está muito mais **perto de Portugal**, muito mais junta, [...] (AV, CM, p. 288, l. 675)

[...] e se fez hum alto estrado ricamente alcatifado com grande dorsel de brocado e cadeira real pera el-rey, e outra **abaixo dele** aa mão direita pera o principe, [...] (GR, p. 302, l. 4601)

[...] per lei de Cristo, donde nós fundamos ésta diñçám, se contem **debaixo de um sojeito**, [...] (JB, p.416, l. 71)

[...] e, como o Pará está quase **debaixo dela**, a moderação, com que aqui vem já inclinada a intemperança da equinocial, [...] (AV, CM, p. 358, l. 464)

E el-rey e o principe com esses que com eles vinham se foram pera ela, e a princesa os veo esperar em pee **no topo de** hua escada, [...] (GR, p. 327, l. 5371)

[...] e, puxando por elas uns índios e arrastando outros a canoa **por cima das pedras**, e quase sustentando-a, [...] (AV, CM, p. 363, l. 644)

El-rey estava assentado **no meo do** dorsel, e o principe à mão direita, [...] (GR, p. 276, l. 3840)

Daqui atravessamos, por entre pedras e redemoinhos de águas, a umas penhas muito altas que estão **no meio do rio**; [...] (AV, CM, p. 363, l. 640)

Foy com muyta segurança atee o cadafalso que era **defronte da** capella de Nossa Senhora, [...] (GR, p. 223, l. 2213)

[...] a qual está atravessada bem na boca do rio das Amazonas, **defronte da** mesma ilha do Sol, [...] (AV, CM, p. 378, l. 266)

[...] sayo-se Jesu com todos e foy-se como acostumava ao Monte Olivete **allem do Ribeyro dos Cedros** [...] (GR, p. 512, l. 101)

[...] entram à água e voltam, e **depois dela** sai toda a multidão do exército [...] (AV, CM, p. 357, l. 425)

*Veo Bemohi muyto bem vestido e entrou na sala em que el-rey o estava esperando e o veo receber/ dous ou tres passos **fora do** estrado com o barrete hum pouco fora.* (GR, p. 270, l. 3646)

*Com os portugueses posso afirmar a V. Rev.^a se não tem trabalhado menos que com os índios: nos sermões dentro e **fora de casa**; [...]* (AV, CM, p. 389, l. 612)

*E tanto que o feyto foy concruso, os juyzes foram todos juntos em h~ua sala **dentro do** apousentamento d' el-rey armada de panos da ystoria, [...]* (GR, p. 219, l. 2108)

*[...] porque não prometia muita vida, espantado de que o Demônio nos tivesse tirado pela malha este peixe, quando cuidávamos, [...] que os tínhamos todos **dentro da rede**; [...]* (AV, CM, p. 386, l. 526)

*E **ao longo da** sala em dereito das primeiras grades, estavam altos pendurados no aar per polees [...]* (GR, p. 322, l. 5228)

*E acreçentou **daquele** lugar laudamus te, até o fim déla.* (JB, p. 267, l. 18)

*[...] e **derredor do** gigante muytos homens d'armas a pee com alabardas douradas nas mãos que pareciam muyto bem.* (GR, p. 341, l. 5811)

*A este pau os atavam um por um em diferentes dias, e logo se ajuntavam **ao redor deles** com grande festa e algazarra, [...]* (AV, CM, p. 379, l. 286)

Em alguns casos, ela recebe reforço, pleonasticamente, como no exemplo:

*aspero e lhe mandou que se tirasse **de diante** [...] aas quaes lhe el-rey respondeo **dele**; [...]* (GR, p. 412, l. 7990)

A partir da metáfora conceitual TEMPO É ESPAÇO, esquemas imagéticos têm por fonte as relações espaciais. Na análise aqui efetuada, esses esquemas representam o papel que as preposições e diversas locuções exercem nas relações temporais, tais como

localização, com anterioridade ou posterioridade até mesmo a localização pontual, quando não se refere à duração integral do processo, mas à sua ocorrência:

*[...] e vos acolherey no alto e no baixo della, **de** noite e **de** dia, a quaesquer horas e tempos que seja, [...]* (GR, p. 184, l. 1062; 1062)

*[...] vigiando **de** dia e **de** noite em totalas hórás e momentos.* (JB, p. 288, l. 237; 237)

*[...] a qual também os ensina a sair **de** noite e não **de** dia, pela guerra que lhe fazem as aves de rapina, [...]* (AV, CM, p. 355, l. 387; 387)

*[...] e eu lhe vi em Evora **antes das** festas hir receber a casa de seu sogro hum Ruy da Costa [...]* (GR, p. 140, l. 111)

*Primeiramente profetizou Bandarra que, **antes do** ano de quarenta, se havia de levantar em Portugal uma a que ele chama “grã tormenta”, [...]* (AV, CM, p. 471, l. 77)

*[...] e porque **ao tempo da** partida dos ditos embayxadores, [...]* (GR, p. 240, l. 2773)

*E **depois da** Pascoa pasados alguns dias, el-rey com a raynha e o principe com sua corte, [...]* (GR, p. 232, l. 2498)

*Este escrevo a V. A. no Cabo Verde, aonde arribamos **depois de** trinta dias de viagem, [...]* (AV, CM, p. 282, l. 452)

O sentido de realce para o ponto de partida torna-se mais abstrato nas relações temporais, cujo modelo das formas mais concretas e básicas da expressão conceptual localista é o espaço. Nesse aspecto, a noção de percurso está presente e o seu ponto final, também, é assinalado pela preposição *atee*:

*E porque, senhor, vossa alteza sempre **de** sua mocidade atee agora foy muy incrinado[...]* (GR, p. 133, l. 66)

[...] *como farinha de pau; durmo pouco; trabalho **de** pela manhã até à noite; [...]* (AV, CM, p. 295, l. 37)

Os exemplos encontrados nos *corpora* para assinalar a aproximação, a duração ou, ainda, a repetição sugerem, da mesma maneira, esquemas imagéticos relacionados com o espaço, tais como:

[...] *e ahi pario a infanta Dona Maria no ãno de mil e quatrocentos e oitenta e dous **acerca da** Pascoa da Ressurreiçam; [...]* (GR, p. 194, l. 1364)

*Havia nela várias escravas, e três de tanta idade que a que não passasse de oitenta anos tinha mui **perto deles**.* (AV, CM, p. 386, l. 541)

[...] *toda a gente da cidade e da corte se saysse dela, como logo sayo **por espaço de** quinze dias.* (GR, p. 323, l. 5251)

***Em espaço de** quarenta anos se mataram e se destruíram por esta costa e sertões mais de dois milhões de índios, [...]* (AV, CM, p. 449, l. 201)

*E em totalas fortalezas mandou **de** novo fazer apousentamentos e casas pera ysso ordenadas.* (GR, p. 258, l. 3293)

[...] *para o crédito da Companhia, especialmente naquela terra aonde agora entra **de novo**, [...]* (AV, CM, p. 325, l. 539)

Como bem acentuou G. Lakoff (1987, p. 435), freqüentemente, se verificam registros de transposições de *containers*: A SEITA É UM *CONTAINER*; A PAIXÃO É UM *CONTAINER*, documentados em Garcia de Resende; A AMIZADE É UM *CONTAINER*, registrado em João de Barros como ‘Qualidade: extração’; ou O JUÍZO É UM *CONTAINER*, documentado em Antônio Vieira também como ‘Qualidade: extração’:

*E porque elle requeria a el-rey que o fizesse logo christão, ouve por bem que antes que o fosse por ser **da** seita de Mafamede fosse primeiramente enformado nas cousas da fe [...] (GR, p. 272, l. 3715)*

*Assim o prova a Igreja nas canonizações dos santos, e os mesmos profetas canónicos, que são parte da Escritura Sagrada, **fora dos** princípios da fé não têm outra prova da verdade [...] senão a demonstração de ter sucedido o que eles tantos anos antes profetizaram. (AV, CM, p. 470, l. 54)*

*[...] por onde o bispo ficou tam contente que lhe pareceo que el-rey de todo era **fora da** paixam que delle tevera [...] (GR, p. 424, l. 8329)*

*Cá grande ornamento tira **da** amizade aquele que quer tirár **déla** a vergonha. (JB, p. 460, l. 1075; 1075)*

*[...] parte com lhes darem demasiadamente de beber e os tirarem **de** seu juízo, [...] (AV, CM, p. 412, l. 203)*

Por outro lado, ‘Qualidade: situação exterior’ e ‘Qualidade: situação superior’ correspondem a elementos básicos da experiência, tais como as relações estruturais EM CIMA – EMBAIXO, DENTRO – FORA, que são utilizadas para a produção de conceitos em termos de outros menos concretos. Assim, O PROPÓSITO É UMA REGIÃO, A TRISTEZA É EMBAIXO e DEUS É EM CIMA são documentados nos exemplos a seguir:

*[...] e cavaleyros juntos de hua parte e da outra, el-rey lhe respondeo alto **fora do** proposito em que falavam [...] (GR, p. 427, l. 8399)*

*El-rey **per cima de** tanta tristeza fez logo ajuntar os fisicos todos e com muita segurança esteve com eles [...] (GR, p. 357, l. 6285)*

*Nam terias poder algum contra mi se nam te fosse dado **de cima**: [...] (GR, p. 518, l. 321-322)*

É interessante observar a sinonímia da preposição *de*, relativamente à preposição *com*, para expressar relações de instrumento:

E proveo-se mais de muita infinita cera que pera festas he adicam muy principal, [...] (GR, p. 319, l. 5128)

Como um traço persistente do uso dessa preposição desde o latim, para indicar, no início da frase o sentido figurado de ‘assunto’, registra-se:

Do que ao principe aqueceo andando de noyte soo (GR, p. 154, l. 165)

DO NOME PRÓPRIO E COMUM (JB, p. 299, l. 123)

De André Vidal direi a V. M. o que não atrevi até agora, [...] (AV, CM, p. 429, l. 26)

O realce para o ponto de partida é estendido como ‘causa’ de processo ou ‘origem’ dos benefícios que uma atitude pode causar. A idéia de ‘percurso’, como algo que se desenvolve através de alguém, ou por sua interferência é representada metaforicamente pela locução *por meo de*, ou, ainda nesse sentido, o objetivo expresso por *com tençam de* é delimitado como ponto final :

E falleceo de doença muy comprida em ydade de corenta annos e seis meses, [...] (GR, p. 145, l. 295)

[...] àqueles que crem em seu nome que nam de sangues nem de deleite de cárne, nem de deleite de barám mas sam nascidos de Deos. (JB, p. 278, l. 16; 16; 17; 17)

E as cousas que em nome d’ el-rey se requereram o Papa por meo do cardeal de Portugal que era seu proteitor, fez todas com muito amor e boa vontade [...] (GR, p. 245, l. 2919)

E trazia consigo quinhentas e cincoenta lanças muy escolheitas com tençam de nam escapar o conde nem algum dos seus. (GR, p. 259, l. 3323)

[...] e eles estão tão escandalizados dos agravos que dos Portugueses têm recebido, não admitiram até agora a prática da paz, [...] (AV, CM, p. 431, l. 39)

A necessidade que o homem tem de avaliar o seu tamanho e o espaço que ele ocupa no mundo transpõe-se para a avaliação do volume e extensão dos objetos. Nesse aspecto, recursos derivados de partes do corpo são considerados como padrão variável de medida¹⁷:

[...] as tendas eram borladas e muyto galantes com muitas bandeyrinhas douradas, e eram grandes de dez covados cada hua; [...] (GR, p. 334, l. 5611)

Seriam estes crocodilos de catorze palmos de comprido, e não eram dos maiores que há nestes rios. (AV, CM, p. 359, l. 504)

[...] que com o benefício de um cordel se serra de alto a baixo, e se dividem em tabuinhas de dois dedos de largo; [...] (AV, CM, p. 360, l. 548)

[...] e não sendo o espaço, que se havia de vencer, mais do que do comprimento de duas braças, [...] (AV, CM, p. 363, l. 634)

Como exemplo do sentido de ‘Qualidade: modo’, acepção bem mais abstrata que a preposição *de* adquire, em decorrência da sua grande frequência de uso, registra-se:

E como el-rey chegou e soube como o dito capitão-mor e capitães vinham de todo desbaratados [...] (GR, p. 246, l. 2957)

[...] tanto que cortava com hua espada tres e quatro tochas juntas de hum golpe que nunca achou quem ho fizesse; [...] (GR, p. 142, l. 181)

[...] representando juntamente quão lastimosa cousa será haverem de deixar aquelas almas, depois de cristãs, para que tornem a viver como gentios, oferecendo-se de mui boa vontade a ficar e padecer com elas. (AV, CM, p. 460, l. 238)

¹⁷ “Côvado” equivale a uma medida antiga de comprimento que tem três palmos.

A passagem para um item que une orações é ilustrada pela ocorrência desse elemento com a acepção de ‘Qualidade: consequência’, na função de um conjuntivo:

*Aqui em Santarem se começou a praticar e tratar a segunda deslealdade contra el-rey, **donde** se seguio a triste e rebatada morte do mal logrado duque de Viseu. (GR, p. 229, l. 2415)*

Os valores de *des* e *desde* que foram encontrados nos *corpora* em apreço são focalizados no realce ao ponto de partida de um percurso que se desenrola em um espaço orientado, cuja delimitação pode ser expressa pela presença ou não de outra preposição, posicionada em um pólo oposto a *des* e *desde*, como *té/ até*, registrada nas ocorrências apresentadas a seguir:

*[...] e o conde-prior mordomo-mor hia diante do sancto corpo que assi veo sempre com elle **desd'** a cidade de Silves té o dito moesteiro [...]* (GR, p. 461, l. 74)

*E como a missa foy acabada vieram todos os bispos e dinidades, e toda a outra clerezia e cantores com capas ricas e cada hum com sua tocha acesa, e poserão-se em duas azes de preciçam **desd'** a porta de São Christovam ao longo do cruzeiro até a porta travessa; [...]* (GR, p. 463, l. 147)

*[...] e logo o crocodilo está **desde** o rio com os olhos fitos nos ovos, [...]* (AV, CM, p. 359, l. 510)

*[...] com os quais, e com os dois que vieram **desde** o Pará, não temos perdido tempo, declarando-lhes a tenção de S. M. e a nossa, [...]* (AV, CM, p. 369, l. 814)

Relações temporais são também registradas, assinalando o momento em que se inicia a ação, ou seja, o ponto de partida em uma duração temporal, acrescentando a idéia de continuidade:

*“Vees aqui tua madre”; e **des** aquella ora a recebo o discipolo por sua; [...]* (GR, p. 520, l. 395)

A quinta feira das Endoenças, des a quinta feira à missa, [...] (JB, p. 286, l. 183)

E, se assim for, aparelhe-se o mundo para ver nestes dez anos fatais uma representação dos casos maiores e mais prodigiosos que desde seu princípio até hoje tem visto. (AV, CM, p. 523, l. 1596)

[...] e tantos anos pontualmente passaram desde a morte do último rei de Portugal, D. Henrique, [...] até à aclamação de el-rei D. João IV, [...] (AV, CM, p. 521, l. 1552)

Pôde-se observar que, mesmo quando não há uma preposição que indique o fim do percurso, ele está sempre subentendido, quer no domínio espacial, quer no domínio temporal.

Há, também, casos em que o *des* é aglutinado ao advérbio arcaico *i*, resultando em *desi*, com o valor de ‘em seguida’:

Pois, se deçermos à terra, começando em nósso primeiro pádre Adám, e, desi, descorendo per muitos dos seus filhos, que acharemos senám exemplos de condenaçám. (JB, p. 425, l. 292)

E desi, tornaremos fazer outro sinal da cruz [...] (JB, p. 275, l. 127)

Dessa forma, vê-se que as preposições desempenham um papel característico, qual seja, o de relações sintagmáticas, envolvendo expressões nominais. Em conseqüência, as propriedades internas que as caracterizam podem propiciar condições que lhes permitem prover informações sobre o contexto gramatical mais amplo e associar fatores semânticos internos às situações do eixo sintagmático.

Quando a preposição é empregada com menor freqüência, ela conserva seu sentido de base, torna-se mais independente e tende a concentrar-se em um só sentido. Ao se interpretar à luz da versão padrão ou monossêmica da Teoria dos Protótipos, seria possível

dizer que a frequência é um **sintoma** da prototipicidade. E quanto maior a frequência de uma preposição em uma língua, mais ela irá alcançar uma grande ampliação semântica. Isso foi o que aconteceu com a preposição *de*, que apesar de, nos *Diálogos de São Gregório*, século XIV, ter como sentido prototípico o espacial (128 ocorrências), no *Livro das obras de Garcia de Resende*, século XVI, o sentido prototípico foi o de qualidade, com um total de 915 ocorrências e, dentre elas, as mais frequentes foram a aceção de modo (551 ocorrências) e de assunto (288 ocorrências), e, no século XVII, nas *Cartas do Maranhão*, essa preposição está registrada com 700 ocorrências de qualidade, sendo a maior parte delas também nas aceções de modo (370 ocorrências) e assunto (119 ocorrências). Quanto à preposição *des*, o sentido prototípico, a partir da análise dos dados do século XIV, foi o de tempo (10 ocorrências). No que se refere ao século XVI, levando em consideração a frequência, não se pode chegar a uma conclusão consistente, pois o número de ocorrências das preposições *des/ desde*, tanto para a aceção de espaço quanto para a de tempo foi o mesmo (02 ocorrências para cada). No século XVII, nas *Cartas do Maranhão*, apesar do baixo número de ocorrências, o sentido prototípico foi o temporal (13 ocorrências).

Ainda no século XVI, na *Gramática* de João de Barros, a frequência da preposição *de* foi mais significativa na aceção de qualidade, com 113 ocorrências, e, em particular, a aceção de assunto (47 ocorrências). Já a preposição *des*, nesse mesmo texto, apresenta uma frequência maior no sentido temporal (05 ocorrências).

Na versão ampliada da Teoria dos Protótipos, pode-se considerar o conteúdo primário e nuclear dessas preposições, ora analisadas, como um elemento espacial dinâmico, que pressupõe um movimento de distanciamento, cujo **ponto de partida** é

estritamente posto em evidência, em situação de maior ou menor contato. É desse sentido que as demais acepções se desenvolvem até chegar a sentidos cada vez mais abstratos.

Por ser muito polissêmica, a preposição *de*, apesar de muitas vezes parecer, à primeira vista, não apresentar qualquer traço em comum nas suas diversas acepções, permite extrair, de todos os seus empregos, um sentido nuclear, do qual estariam derivados os demais, mesmo que de modo difundido e alternado, comprovando a constituição de uma família complexa de significados relacionados. É através de uma análise sistemática que se podem verificar essas características. A preposição *de* é também polifuncional, mas na visão cognitivista, não se exige que a polissemia apresente uma identidade absoluta com a função sintática.

Esses caracteres nem sempre se mantêm na sua totalidade com toda a coerência no espectro em que eles se difundem, em decorrência da sua ampla polissemia. O que se revela, através da análise, são componentes caracterizados por traços e sub-relações, por vezes, bastante desenvolvidos através de abstração crescente, a partir do sentido nuclear. Não há, contudo, a necessária permanência de todos os traços ou de traços mais ou menos salientes entre os diversos elementos relacionais, mas a proeminência de alguns componentes que se alternam de um para outro exemplar, revelando-se como semelhanças de família.

A base da estrutura gramatical é um conjunto de esquemas imagéticos que refletem a habilidade da mente humana em estruturar uma situação concebida através de formas que envolvem transformações conceptuais, quer sejam individuais, quer sejam em séries.

Dentre as características semânticas observadas, visualizam-se alternâncias de traços mais salientes das preposições *de*, *des* e *desde* em alguns dos diversos exemplos, como espaço físico, tempo, causa, finalidade, instrumento, meio, assunto etc., interligados

em um *continuum* em direção à abstração cada vez maior, mas que, no entanto, exibem particularidades compartilhadas, às vezes, de modo alternativo e recursivo, especialmente, através de metáforas, como se pôde ver quando o PONTO DE PARTIDA de uma relação espacial, por exemplo, se presentifica com um valor relacional de CAUSA; enquanto RELAÇÕES SOCIAIS são especificadas como *containers*, dos quais algo se extrai, remetendo a um valor anterior da forma latina *ex*, com o seu reflexo românico presente em *de*; o valor etimológico da verticalidade que preponderava desde o latim, da mesma forma, se revela, mais tarde, na metáfora do poder de Deus: movimento de cima para baixo = PODER É DO ALTO.

5.1.3 Aplicação dos princípios de gramaticalização

Em um estudo da preposição *de*, baseado nos princípios de gramaticalização, apontados por P. Hopper (1991, p. 24), pode-se fazer algumas observações.

No que se refere ao princípio de estratificação, a preposição *de* apresenta algumas alternâncias, como:

- com a preposição *por* na função de agente da passiva, conforme exemplo a seguir:

Ho duque não sahio mais da guarda-roupa [...] onde estava sem ferros nem outra algua prisam em seu corpo, porém era de bons fidalgos e cavalleiros bem guardado, [...] (GR, p. 216, l. 2000);

- com a preposição *com*, na acepção de ‘instrumento’, como no seguinte exemplo:

[...] e os cavaleyros ajuntaram hua coroa de espinhos e poseram-lha sobre a cabeça, e vestiram-no de hua vestidura de purpura [...] (GR, p. 518, l. 306)

- com a preposição *des/ desde*, no sentido de ‘ponto de partida’, com a idéia acessória de ‘continuidade’, como no exemplo:

*[...] que eu sem nenhum saber viesse a escrever sua vida **do** tempo de seu nascimento tee ser alçado por rey por nam yr em sua coronica, [...]* (GR, p. 132, l. 48)

*[...] o horror que tinham concebido **da** fereza daquelas nações até os de seu próprio sangue, [...]* (AV, CM, p. 538, l. 289)

*[...] e passar **da** necessidade dos preceitos à perfeição dos conselhos da lei de Cristo, [...]* (AV, CM, p. 527, l. 39)

Constata-se o princípio da divergência, a partir da observação de que a preposição *de*, embora empregada em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas, continue a ser usada, isoladamente, como preposição.

No que diz respeito ao princípio da persistência, observa-se que a preposição *de* mantém alguns traços do seu significado original de ‘ponto de partida’ em suas formas mais gramaticais, como por exemplo, em locuções adverbiais (*de novo, de noite, de dia*); em locuções prepositivas (*depois de, longe de, fora de, em cima de, ao redor de, junto de, perto de*):

*[...] e trazia secretamente hum livro escripto por sua mão que algum nunca ho soube senam **depois de** sua morte, [...]* (GR, p. 141, l. 148)

*Enfim, **depois de** dois meses de contínuo e excessivo trabalho e vigilância [...]* chegaram os padres com esta gente ao rio, [...]

*Ha raynha hos veo esperar a hua varanda terrea aa entrada dos paços muyto **longe de** seu aposentamento, [...]* (GR, p. 475, l. 266)

*E com o senhor Dom Alvaro yrmão do duque assentou el-rey que por entam se fosse **fora de Portugal** [...] (GR, p. 214, l. 1943)*

*[...] que se há-de fazer para descer outros e os converter à nossa santa fé, nenhum índio possa trabalhar **fora da** sua aldeia cada ano mais que quatro meses, [...] (AV, CM, p. 417, l. 73)*

*[...] e hum chapeo branco com hum penacho branco, e **encima de** hum muy fermoso ginete ruço [...] (GR, p. 329, l. 5443)*

*Ordenou que das partes **ao redor d'**Evora mais chegadas constrangessem os lavradores criadores [...] (GR, p. 320, l. 5155)*

*[...] por nam yrem em vão arribaram **junto da** cidade de Anafee [...] (GR, p. 254, l. 3192);*

*[...] e que enquanto não tinham maiores experiências de se guardarem as novas ordens de V. M., que os padres lhes contavam, não se queriam descer para tão **perto dos** portugueses. (AV, CM, p. 432, l. 63-64)*

e em locuções conjuntivas, como *de maneira que*:

*E nisto passaram alguas vezes palavras asperas e muytos conselhos **de maneira que** el-rey se achava algum tanto desobedecido delles; [...] (GR, p. 482, l. 520).*

*[...] se faça repartição dos índios que houverem de servir aquele ano a cada um, havendo respeito à pobreza ou cabedal dos ditos moradores, **de maneira que** a dita repartição se faça com toda igualdade, [...] (AV, CM, p. 416, l. 51)*

Quanto às preposições *des/ desde*, percebe-se, em uma aplicação dos mesmos princípios de P. Hopper, o princípio da estratificação, quando o item *de*, apesar de seus diversos empregos com várias acepções, é usado em variação com a preposição *des/ desde*, ambas significando o 'ponto de partida', como exemplificado a seguir:

*E aa mão direita era feita hua muito grande e muyto alta copeyra de muitos degraos a mayor que nunca vi, que tomava **da** porta atee a parede da sala; [...]* (GR, p. 321, l. 5210)

De então para cá não houve outro cometa, ao menos notável. (AV, CM, p. 520, l. 1511)

*E como a missa foy acabada vieram todos os bispos e dinidades, e toda a outra clerezia e cantores com capas ricas e cada hum com sua tocha acesa, e poserão-se em duas azes de preciçam **desd'** a porta de São Christovam ao longo do cruzeiro até a porta travessa; [...]* (GR, p. 463, l. 147).

*As pregações da Semana Santa, **desde** dia de Ramos até o da Ressurreição as fizemos todos na matriz, [...]* (AV, CM, p. 336, l. 879)

No que se refere ao princípio da divergência, pode-se observar que os itens gramaticais *des/ desde*, mesmo sendo empregados para integrar locução conjuntiva (*des que/ desde que*), continua a ser usado como preposição (*des/ desde*).

Com relação ao princípio da persistência, as locuções conjuntivas *des que/ desde que* conservam traços da acepção original das preposições *des/ desde*, como se observou anteriormente. As locuções conjuntivas *des que/ desde que* não foram documentadas nos séculos XIV e XVI, porém *desde que* está registrada no século XVII, como já foi visto anteriormente:

*[...] achando-se, todavia, a missão abandonada **desde que**, em 1649, tinham morrido às mãos dos índios três religiosos [...]* (AV, CM, p. 332, l. 742-743)

Segundo P. Hopper (1991), através da aplicação desses princípios, pode-se medir o grau de gramaticalização, isto é, avaliar se o elemento gramatical está em estágio inicial ou final desse processo.

Além desse lingüista, C. Lehmann (1982), que também aponta alguns princípios de gramaticalização, examina com detalhes a ação e a interação dos parâmetros propostos por ele para medir o grau de gramaticalização, como já foi visto anteriormente (2.1.1.3 Graus de Gramaticalização). Ele sumariza em um quadro, que será aqui exemplificado com os itens gramaticais em estudo.

Parâmetro	Gramaticalização fraca	Processo	Gramaticalização forte
Integridade	Conjunto de propriedades semânticas; possivelmente polissilábico →	Desgaste →	Poucas propriedades semânticas; monosssegmental
Paradigmaticidade	O item participa escassamente no campo semântico →	Paradigmaticidade →	Fortemente integrado no paradigma
Variabilidade paradigmática	Livre escolha dos itens, de acordo com as intenções comunicativas →	Obrigatoriedade →	Escolha sistematicamente restrita, uso largamente obrigatório
Escopo	O item se correlaciona com constituintes de complexidade arbitrária →	Condensação →	O item modifica palavra ou raiz
Coesão	O item é justaposto independentemente →	Coalescência →	O item é afixo ou até mesmo suporte de traço fonológico
Variabilidade sintagmática	O item pode mover-se livremente nas estruturas →	Fixação →	O item ocupa lugares gramaticais fixos

Quadro 19 – Proposta de C. Lehmann (1982) para medir o grau de gramaticalização.

Para aplicar o critério de integridade à preposição em estudo, parte-se da suposição de que um signo possui uma “substância” que lhe permite guardar sua identidade e se opor a outros signos; quanto mais ele for gramaticalizado, mais perde essa “substância”. A perda de substância semântica chama-se **dessemantização**, e a perda de substância fonológica, **erosão**. A redução da preposição latina *de* a seu equivalente português *de* constitui um

exemplo de enfraquecimento semântico relativo, se for considerada a dessemantização observada em locuções prepositivas ou adverbiais.

Quanto à variabilidade sintagmática, sabe-se que quanto mais um signo é gramaticalizado, menos ele é móvel. Um signo gramaticalizado apresenta, portanto, tendência a ocupar uma posição sintática fixa. Enquanto as preposições latinas *de* e *ad* podiam se inserir em diferentes posições nos SNs complexos, *de* e *a* em português estão sob o efeito da fixação sintática, não podendo ocupar, livremente, qualquer posição na frase.

A partir do quadro apresentado por C. Lehmann (1982), pode-se verificar quando a gramaticalização de itens encontra-se em um estágio forte ou fraco.

Ao tomar como exemplo a locução conjuntiva *de maneira que*, com frequência significativa no *Livro das obras de Garcia de Resende* (ed. 1989) e nas *Cartas do Maranhão*, observa-se que, na maior parte das ocorrências, essa locução se apresenta fortemente gramaticalizada, uma vez que seus constituintes não se flexionam, eles ocupam um lugar fixo na estrutura, e ainda não estão bem integrados em determinada classe, entre outras características.

Entretanto, encontram-se registros desse item, embora com menor frequência, com uma gramaticalização fraca, quando:

- ora a preposição *de* recebe o artigo e esse se flexiona em gênero, como no exemplo:

Foy muyto nobre e gram liberal em fazer merces e dadas a quem devia, e como devia, e da maneira que devia por sua propia vontade [...] (GR, p. 140, l. 117);

- ora se intercalam nomes na locução, o que demonstra certa liberdade na relação estabelecida pelo item gramatical, indício de gramaticalização incipiente. Ex.:

E sendo o principe de ydade de quinze annos ho casou com a senhora Dona Lianor d'Alemcrasto, filha mayor do infante, e prima com yrmaã do principe que foy da propia maneira que el-rey seu pay casou. (GR, p. 152, l. 105)

Vale ressaltar que essa locução conjuntiva, nas *Cartas do Maranhão* de Antônio Vieira, apesar de freqüente, não é mais encontrada com a preposição em combinação com o artigo, flexionando em gênero, e não mais são intercalados nomes. Isso demonstra que *de maneira que* se encontra em um estágio mais avançado de gramaticalização já no século XVII.

5.2 OS CAMPOS SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES *DE* E *DESDE*

Para a análise dos campos semânticos das preposições *de* e *desde*, fez-se um levantamento das preposições integrantes de cada campo semântico, nos textos dos diversos séculos enfocados, e, tomando-se como base a presença desses itens (*de* e *desde*), estabeleceu-se uma comparação entre os elementos de relação, observando-se a intersecção entre os mesmos, nas suas trajetórias semânticas de abstração. Este estudo foi feito com o objetivo de comprovar a hipótese de que a preposição *de* é uma das que mais expandiu sua significação na língua portuguesa. Assim, enquanto no latim do século VI, a preposição *de* está documentada para expressar os conceitos ‘ESPAÇO: MOVIMENTO VERTICAL’, ‘ESPAÇO: AFASTAMENTO’, ‘ESPAÇO: LOCALIZAÇÃO’, ‘QUALIDADE: LOCALIZAÇÃO’, ‘QUALIDADE: INSTRUMENTO’, ‘QUALIDADE: ASSUNTO’, ‘QUALIDADE: CAUSA’ e ‘QUALIDADE: MODO’, no português, além de expressar esses conceitos, ocorreu a ampliação para muitos outros, que serão vistos nos subitens a seguir. Já no que se refere às preposições *des/ desde*, não é possível fazer esse tipo de comparação, uma vez que a sua formação ocorreu na língua portuguesa.

5.2.1 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO ANTERIOR’ ou ‘ANTERIORIDADE’

No campo semântico da ‘SITUAÇÃO ANTERIOR’ ou ‘ANTERIORIDADE’, de acordo com a análise aqui feita, com base nos *corpora*, encontram-se os conceitos ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO ANTERIOR’, ‘TEMPO: ANTERIORIDADE’ e ‘QUALIDADE: ANTERIORIDADE’.

Para o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO ANTERIOR’, no latim do século VI, estão documentadas as preposições *ad*, *ante*, *apud*, *coram*, *extra*, *in*, *iuxta* e *per*, como se vê nos exemplos abaixo:

LATIM – SÉCULO VI:

AD

[...] *tunc quidam in hospitio cum uxore sua et parvulo filio ad prunas sedebat.* (DSG, 1, 60, 21-22)

(‘E enton huu homen siia en sa pousada con sa molher e con seu filhozio pequeno e tiinha seu fogo ante si.’ (DSG, 1, 25, 6))

ANTE

[...] *et cuncta quae infligere dolore consueverant congesta ante oculos licenter venirent.* (DSG, 1, 13, 6-7)

(‘E pera crecentar mais mha tristeza, todas aquelas cousas onde mi door e desprazer alguu podia nacer, poinha-o ante os meus olhos.’ (DSG, 1, 1, 6))

APUD

[...] *quod hii qui apud Dominum magni sunt meriti obtinere aliquando possunt ea etiam quae non sunt praedestinata?* (DSG, 1, 48, 21-22)

(‘[...] aqueles que son de grande merecimento ante Nosso Senhor poden gaanhar [...] aquelas cousas que non foron ordinadas nen sabudas de Nosso Senhor?’ (DSG, 1, 16, 19))

CORAM

[...] *flens itaque pervenit ad corpus defuncti, seque **coram** lecto illius cum lacrimis in terram dedit.* (DSG, 1, 68, 11-12)

(‘E viindo assi com grandes choros ata o logar hu jazia o corpo do homen morto, deitou-se en terra ant’o seu leito.’ (DSG, 1, 31, 10))

EXTRA

[...] *omnipotenti Domino ab ipso infantiae tempore dicata, ad eum semel per annum venire consueverat, ad quam vir Dei non longe **extra** ianuam in possessione monasterii descendebat.* (DSG, 2, 125, 18-20)

(‘[...]cada ano viinha veer seu irmão hua vez e seu irmão saia a ela a huu logar da clastra, a huum logar honesto que avia ant’a porta do moesteiro en que falava con ela.’ (DSG, 2, 33, 6))

IN

[...] *incolae **in** aeccliesie ingressu suspenderent.* (DSG, 2, 74, 16)

(‘E tomaron aquela alfaia [...] e pendoraron-na ant’a porta da eigreja.’ (DSG, 2, 1, 36))

IUXTA

[...] *hunc invitavit hospitio, sedere secum **iuxta** prunas.* (DSG, 1, 60, 23-24)

(‘[...] e convido-o pera sa pousada e feze-o seer consigo ante o fogo.’ (DSG, 1, 25, 7))

PER

[...] *qua ipse illuc executor missus est, **per** visum pontifex fuerat vehementer exterritus.* (DSG, 1, 36, 15-16)

(‘E pois o mandadeiro do papa demandou [...] que non fosse aa corte de Roma aparecer ante o papa.’ (DSG, 1, 8, 36))

Entretanto, ao se realizar um estudo etimológico desses itens, pôde-se verificar que cada um deles possui um sentido de base diferente. Assim, *ad* possuía o sentido de ‘direção’; *ante*, ‘situação diante de’; *apud*, ‘junto de’; *coram*, ‘diante de’; *extra*, ‘fora de’; *in*, ‘localização’; *iuxta*, ‘perto de’; e *per*, ‘percurso’, sendo que, inicialmente, todos esses itens se referem a uma situação espacial.

Nos textos do século XIV, correspondentes à tradução dos textos latinos dos *Gregorii Magni Dialogi Libri IV* (século VI), estão registradas, no conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO ANTERIOR’, as preposições *a* e *ante*, que aparecem nos exemplos a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XIV

A

*Mais el-rei Totila [...] fez vestir sa guarda que avia nome Rigo [...] e fez tres escudeiros [...] que fossen **ao** servo de Deus. (DSG, 2, 14, 6)*

ANTE

*E aos brados dos frades veo o santo homen e entendeu que aquel fogo fazia o enmiigo parecer **ant**'os olhos dos frades, mais nos seus non parecia nemigalha. (DSG, 2, 10, 3)*

Como se pode observar, os itens *a* e *ante* foram herdados do latim, sendo, portanto, conservados na passagem para o português. Dessa forma, como já foi visto anteriormente, etimologicamente, *a* significa ‘direção’; e *ante*, ‘situação diante de’, ambas possuindo sentidos de base diferentes.

Ao se comparar os textos das duas línguas, percebe-se que, no português do século XIV, houve uma redução no quadro das preposições usadas para expressar a ‘SITUAÇÃO

ANTERIOR’, uma vez que, na passagem para a língua portuguesa, as formas *aput*, *coram*, *extra* e *iuxta* desapareceram e que, nessa língua, não se registra o emprego de *in* para expressar esse conceito.

Observa-se que, enquanto a língua latina prefere a sinonímia, ao empregar várias formas, como *ante*, *aput*, *coram* e *iuxta*, para expressar o conceito ‘SITUAÇÃO ANTERIOR’, com diferenças sutis entre as mesmas, a língua portuguesa opta pela polissemia, usando apenas a forma *ante*, para exprimir esse mesmo conceito.

No que diz respeito aos textos do século XVI, estão documentadas a preposição *ante* e as locuções prepositivas *antes de*, *diante de* e *defronte de* na expressão do campo semântico da ‘SITUAÇÃO ANTERIOR’, exemplificadas a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVI

ANTE

[...] *aquela hora estamos **ante** a sua majestade [...]* (JB, p. 271, l. 16)

ANTES DE

[...] *e outros semelhantes que querem **antes de** si o caso dativo [...]* (JB, p. 271, l. 16)

DIANTE DE

[...] *e o conde, prior mordomo-mor hia **diante do** sancto corpo que assi veo sempre com elle desd’a cidade de Silves te o dito moesteiro [...]* (GR, p. 461, l. 74)

DEFRONTE DE

*Foy com muyta segurança atee o cadafalso que era **defronte da** capella de Nossa Senhora, [...]* (GR, p. 223, l. 2213)

Como já foi observado, *ante* é uma forma mantida na passagem para o português, enquanto as locuções prepositivas *antes de* e *diante de* são expressões criadas no português, através do processo de recategorização, quando o advérbio *ante* serviu de base para a formação das duas locuções acima (**ADV > PREP**), e ambas se mantêm até o momento atual.

No que se refere aos textos do século XVII, na obra de Antônio Vieira, encontram-se registradas as locuções prepositivas *diante de* e *defronte de* na expressão do campo semântico da ‘SITUAÇÃO ANTERIOR’, como se pode observar no exemplo abaixo:

PORTUGUÊS:

Século XVII

DIANTE DE

*Estas duas cousas trazemos mais que tudo **diante dos** olhos, para que acabem estes homens de conhecer, [...]* (AV, CM, p. 334, l. 793)

DEFRONTE DE

*[...] a qual está atravessada bem na boca do rio das Amazonas, **defronte da** mesma ilha do Sol, [...]* (AV, CM, p. 378, l. 266)

Dessa forma, todas as informações a respeito das preposições aqui estudadas, com relação ao conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO ANTERIOR’, podem ser resumidas no quadro abaixo:

‘ESPAÇO: SITUAÇÃO ANTERIOR’								
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS							
LATIM SÉCULO VI	AD	ANTE	APUT	CORAM	EXTRA	IN	IUXTA	PER
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	A	ANTE						
PORTUGUÊS SÉCULO XVI		ANTE	ANTES DE	DIANTE DE	DEFRONTE DE			
PORTUGUÊS SÉCULO XVII				DIANTE DE	DEFRONTE DE			

Quadro 20 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO ANTERIOR’ nos diversos séculos estudados.

Para o conceito ‘TEMPO: ANTERIORIDADE’, no latim do século VI, registram-se as preposições *ante* e *sub*, como se vê nos exemplos abaixo:

LATIM – SÉCULO VI:

ANTE

[...] *quia dubium non est quod intercessoris sui praecibus potuit post mortem melius vivere, qui et ante mortem studuit omnipotenti Domino placere.* (DSG, 1, 66, 19-21)
 (‘Ca non he duvida que aquele que ante sa morte fez muitas boas obras per que prouguesse a Deus, pela oraçon do seu amigo podia-lhi Deus tanto ben dar per que vivesse despola morte melhor.’ (DSG, 1, 29, 24))

SUB

[...] *cum ecce sequenti die sub ipso lucis crepusculo, vehementer equo in cursu fatigato [...] cum epistola puer venit.* (DSG, 1, 36, 11-12)
 (‘E en outro dia, logo ante que quebrasse a alvor, veo huu cavaleiro en cima duu cavalo [...] con sa carta.’ (DSG, 1, 8, 35))

Essas duas formas são provenientes de processos de gramaticalização diferentes: enquanto *ante* provém do processo de recategorização de um advérbio em preposição, *sub* provém do processo de morfologização, isto é, da junção de dois itens indo-europeus (**ex* + **uperi*).

Assim, a forma *ante*, no sentido temporal, é empregada no latim do século VI e no português dos séculos XIV e XVI. Também é empregada a locução prepositiva *antes de*, no português dos séculos XVI e XVII, como se observa nos exemplos abaixo, seguidos do quadro que resume as preposições encontradas para esse conceito:

PORTUGUÊS:

Século XIV

ANTE

E ante seis dias que morresse mandou abrir a cova que o avian de soterrar. (DSG, 2, 37, 5)

Século XVI

ANTE

[...] e também nos levantaremos em pé quando, ante o prefáço, [...] (JB, p. 274, l. 106)

ANTES DE

O sálmo Judica me Deus que se diz antes da confissám, [...] (JB, p. 267, l. 9)

Século XVII

ANTES DE

[...] e, como os corações dos ouvintes já estavam tocados da divina graça, antes de passada meia Quaresma se viam outros os homens [...] (AV, CM, p. 335, l. 845)

‘TEMPO: ANTERIORIDADE’		
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS	
LATIM SÉCULO VI	ANTE	SUB
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	ANTE	
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	ANTE	ANTES DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	ANTES DE	

Quadro 21 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: ANTERIORIDADE’ nos diversos séculos estudados.

No que concerne ao conceito ‘QUALIDADE: ANTERIORIDADE’, está documentada, apenas no século XVII, a locução prepositiva *aquém de*, como se vê no exemplo e quadro a seguir.

PORTUGUÊS:

Século XVII

AQUÉM DE

*Os que ali vivem ainda ficam **aquém da** verdade, por mais que pareça encarecimento [...] (AV, CM, p. 287, l. 640)*

‘QUALIDADE: ANTERIORIDADE’	
SÉCULO	PREPOSIÇÃO ENCONTRADA
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	AQUÉM DE

Quadro 22 – A preposição que expressa o conceito ‘QUALIDADE: ANTERIORIDADE’ no século XVII.

Diante do que foi visto nesse subitem, pode-se concluir que, na passagem do latim para o português, percebe-se, inicialmente, que houve uma redução no quadro desses elementos de relação, uma vez que *apud*, *coram*, *extra* e *iuxta* caíram em desuso, chegando,

portanto, ao estágio zero de gramaticalização. Por outro lado, o português, além de empregar a forma correspondente a *ad* (*a*), cria novas formas, através de dois processos de gramaticalização: o processo de morfologização, como acontece com as formas *avante* (< *ad* + *ante*), *perante* (< *per* + *ante*), *dantes* (< *de* + *antes*) e *diante* (< *de* + *ante*) e o processo de recategorização, como nas locuções prepositivas *ante de* e *antes de*, provenientes do emprego de duas preposições, processo muito comum no latim tardio. Entretanto, etimologicamente, as duas locuções são provenientes do advérbio latino *ante*. Quanto à locução prepositiva *diante de*, também é proveniente do processo de recategorização de um advérbio em preposição. O mesmo processo ocorre com a locução prepositiva *aquém de*, proveniente da junção do advérbio *aquém* com a preposição *de*.

No conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO ANTERIOR’, encontra-se tanto no século XVI como no século XVII, a forma *defronte de*, que é proveniente da recategorização do nome *fronte* em preposição (N > PREP).

Como se pode verificar, a locução prepositiva *aquém de* está documentada, no século XVII, em sentido abstrato, o que vem demonstrar que essa locução segue a trajetória apontada pelos localistas, passando da acepção ‘espacial’ à acepção de ‘lugar abstrato’.

5.2.2 As preposições no campo semântico do ‘MOVIMENTO VERTICAL (DE CIMA PARA BAIXO)’

A preposição *de*, como já foi observado, inicialmente, era empregada para designar o ‘AFASTAMENTO DE UM LIMITE’, com um contato inicial. Essa preposição marca a ‘ORIGEM’, com uma idéia acessória de ‘MOVIMENTO DO ALTO PARA BAIXO’. Para o campo semântico do ‘MOVIMENTO VERTICAL’, no latim do século VI, está documentada a preposição *de*, como se observa no seguinte exemplo:

LATIM – SÉCULO VI:

DE

[...] ex eadem domo percepisset [...] sed saxum ingens subito de tecto cecidit eique in verticem venit. (DSG, 1, 54, 1-3)

‘[...] e saindo-se da casa, caiu huu seixo do teito da casa e deu-lhi na cabeça.’
(*DSG*, 1, 18, 13))

Assim, ao fazer-se o estudo etimológico desse item, verifica-se que o seu sentido de base era ‘MOVIMENTO VERTICAL DE CIMA PARA BAIXO’, evoluindo depois, no próprio latim, para acepções temporais e para outras acepções cada vez mais abstratas.

Nos textos da língua portuguesa dos séculos XIV e XVI, ora analisados, encontra-se também a preposição *de*. No século XIV, ao lado dessa preposição, registra-se a locução prepositiva *de cima de*. Todos esses itens serão exemplificados a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XIV

DE

*[...] e saindo-se da casa, caeu huu seixo **do** teito da casa e deu-lhi na cabeça. (DSG, 1, 18, 13)*

DE CIMA DE

*E pois fizeram hua cava no penedo recodio tan grande água que corria **de cima do** monte ata a lagoa. (DSG, 2, 5, 13))*

Século XVI

DE

*E correndo ho cavallo com as mãos no arçam saltavam **da** sella no chão [...]* (GR, p. 269, l. 344)

*[...] e no cruzeiro hum cadafalso que tomava toda a nave do corpo do moesteiro, qual tinha treze degraos cubertos os sete que deciam **da** tumba pera baixo de brocado de pello [...]* (GR, p. 461, l. 83)

*E desi, tornaremos fazer outro sinal da cruz **da** cabeça te aos peitos, [...]* (JB, p. 275, l. 128)

No que diz respeito ao processo de gramaticalização, constata-se que a preposição *de* está entre aquelas que se mantiveram, sendo uma forma bastante produtiva no português, uma vez que o item *de* assumiu diversas funções na passagem do latim para a língua portuguesa. Como já se observou, no português do século XIV, emprega-se a locução prepositiva *de cima de*, constituída pelo substantivo *cima* ao lado da preposição *de*, item

que aparece antes e depois do substantivo. Houve, portanto, um processo de recategorização, quando o substantivo passa à classe de preposição (N > **PREP**).

No quadro abaixo, percebe-se que, para a expressão desse conceito, o português amplia seu quadro de preposições, ao criar uma nova forma (*de cima de*):

‘ESPAÇO: MOVIMENTO VERTICAL DE CIMA PARA BAIXO’		
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS	
LATIM SÉCULO VI	DE	–
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	DE	DE CIMA DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	DE	–
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	–	–

Quadro 23 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: MOVIMENTO VERTICAL DE CIMA PARA BAIXO’ nos diversos séculos estudados.

Ainda no que se refere ao quadro supracitado, verifica-se que no texto analisado do século XVII, ou seja, *Cartas do Maranhão* de Antônio Vieira, não foi encontrada a preposição em estudo com essa acepção.

5.2.3 As preposições no campo semântico do ‘AFASTAMENTO’

Para o campo semântico do ‘AFASTAMENTO’, no latim do século VI, registram-se as preposições *a/ ab, de, ex, extra, in*, para expressar o ‘ESPAÇO: AFASTAMENTO’; *ab, ex* e *post*, para o ‘TEMPO: AFASTAMENTO’; e *ab*, para a ‘QUALIDADE: AFASTAMENTO’, como se observa nos exemplos abaixo:

LATIM – SÉCULO VI:

‘ESPAÇO’

AB

[...] longe quippe ab hominibus positus, quia die eodem paschalis esset sollemnitas ignorabat. (DSG, 2, 78, 1-2)

(‘E porque el morava longe dos homens, non sabia se aquel dia era festa de Pasqua.’ (DSG, 2, 1, 57))

DE

Ite, et eum de cella expellite. (DSG, 1, 30, 14)

(‘Ide e deitade-o agiha da cela.’ (DSG, 1, 5, 72a))

EX

Dei servus ex caballo in quo sedebat. (DSG, 1, 20, 17-18)

(‘[...] os seus homens derribaron o abade don Libertino do cavalo en que andava.’ (DSG, 1, 2, 37))

EXTRA

Duobus modis [...] extra nos ducimur. (DSG, 2, 82, 17)

(‘En duas maneiras [...] saímos nós de nós meesmos.’ (DSG, 2, 3, 42))

IN

[...] *qui videlicet mons distenso sinu hoc idem castrum recepit, sed [...] in altum se subrigens.* (DSG, 2, 95, 1-3)

(‘Ca en huu monte muito alto estava huum castelo que avia nome Casino e estendia-se da costa do monte ata cima.’ (DSG, 2, 8, 42))

‘TEMPO’

AB

[...] *aestuare coepit in cogitatione, ne ab eo pauperes vacui exirent.* (DSG, 1, 54, 18-19)

(‘[...] começou-se a coitar e a cuidar como os pobres se non partissen dele sen alguma esmolna’. (DSG, 1, 19, 3))

EX

[...] *atque ex illo die etiam cum voluero, de Deo tacere non possum.* (DSG, 1, 32, 8-9)

(‘E daquel dia adeante ainda que me queira calar de falar de Deus non posso.’ (DSG, 1, 6, 9))

POST

[...] *vade, et post haec furtum non facias.* (DSG, 1, 26, 20-21)

(‘Vai-te e des aqui adeante non venhas aqui a furtar.’ (DSG, 1, 5, 47))

‘QUALIDADE’

AB

[...] *iam aliquando ab iniquitate conpescere.* (DSG, 2, 102, 9)

(‘Quita-te já de maldade ca tempo he.’ (DSG, 2, 15, 7))

Ao se fazer o estudo etimológico desses elementos, pôde-se verificar que cada um deles apresenta sentido de base diferente. Assim, *a/ab* possuem o sentido de ‘afastamento do exterior de’; *de*, ‘afastamento de cima para baixo’; *ex*, ‘afastamento do interior de’; *extra*, ‘situação exterior’; *in*, ‘localização’; e *post*, ‘situação posterior’. Observa-se que, já no latim, as preposições expandiam seu campo semântico, tomando outras acepções que, inicialmente, não possuíam.

Então, a forma *de* se manteve na passagem para o português, além de substituir as formas latinas *ex* e *ab* que deixaram de ser usadas. É essa forma que, nos séculos em estudo, representa o conceito de ‘ESPAÇO: AFASTAMENTO’. Nos textos da língua portuguesa dos séculos XIV, XVI e XVII, há o emprego da preposição *de*, indicando ‘afastamento’, não apenas para o conceito ‘ESPACIAL’, mas também para os conceitos ‘TEMPO: AFASTAMENTO’ e ‘QUALIDADE: AFASTAMENTO’.

Ao lado da preposição *de*, também está documentada a preposição *des*, no século XIV, para expressar as relações temporais. Exemplos:

PORTUGUÊS:

‘ESPAÇO’

Século XIV

DE

*E Severo levantou-se logo **de** terra. (DSG, 1, 31, 17)*

*[...] saiu o ferro **do** mango e caeu na lagoa. (DSG, 2, 6, 4)*

Século XVI

DE

*De como el-rey sayo **da** cidade a primeira vez depouys das festas, [...] (GR, p. 350, l. 6062)*

Século XVII

DE

*Nos meses de Outubro e Novembro saem **do** mar e **do** rio do Pará grande quantidade de tartarugas, [...] (AV, CM, p. 355, l. 379)*

PORTUGUÊS:

‘TEMPO’

Século XIV

DE

*[...] e assi se fez que **daquel** tempo viinham muitos pera vee-lo. (DSG, 2, 1, 66)*

DES

*E **des** aquel dia adeante leixoo-u aquel meniho negro que o tragia sempre fora da eigreja. (DSG, 2, 4, 17))*

Século XVII

DE

*[...] e **de** então até hoje nunca mais ouvimos trovoar, nem vimos chuueiro; [...] (AV, CM, p. 358, l. 477)*

PORTUGUÊS:

‘QUALIDADE’

Século XIV

DE

*E elas non mudaron nemigalha **de** seus costumes e a poucos dias morreron. (DSG, 2, 23, 11)*

Século XVI

DE

*[...] é pera que fujam os espíritos imundos assi **de** nóssas álmãs [...] (JB, p. 265, l. 18)*

No que se refere ao processo de gramaticalização, na passagem do latim para o português, verifica-se a ausência das formas *a/ab*, *ex* e *extra*, chegando esses itens ao estágio zero, ao passo que as preposições *de* e *in* encontram-se entre aquelas que mantiveram os seus reflexos no português.

Ao se observar o quadro do português, comprova-se que, em todos os séculos estudados, a preposição *de* serve para expressar esse conceito de ‘AFASTAMENTO’. Com relação ao ‘TEMPO: AFASTAMENTO’, vê-se que as preposições latinas *a/ab* e *ex* não são mais registradas, como elementos de relação, mas se tornaram afixos no português; apenas *post* passou para o português, através do processo de morfologização, quando lhe foi acrescida como reforço a preposição *de*, tendo como resultado o item *depois*, embora não haja desse item qualquer registro, nessa acepção, nos *corpora* em apreciação.

Além das preposições citadas, a língua portuguesa cria outra forma, por meio do processo de morfologização no século XIV, *des* (< *de* + *ex*). No século XVII, como já foi visto, só está documentada a preposição *de* para expressar esse conceito.

O mesmo ocorreu com a expressão mais abstrata de ‘QUALIDADE: AFASTAMENTO’: a preposição latina *ab* chega ao estágio zero de gramaticalização e a língua portuguesa mantém a forma correspondente ao *de* latino.

Ao se comparar os textos das duas línguas, verifica-se que há uma redução no quadro das preposições latinas, na língua portuguesa.

Tudo o que foi colocado a respeito do campo semântico ‘AFASTAMENTO’, pode ser resumido nos quadros abaixo:

‘ESPAÇO: AFASTAMENTO’					
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS				
LATIM SÉCULO VI	A/AB	DE	EX	EXTRA	IN
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	DE				
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	DE				
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	DE				

Quadro 24 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: AFASTAMENTO’ nos diversos séculos estudados.

‘TEMPO: AFASTAMENTO’			
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS		
LATIM SÉCULO VI	AB	EX	POST
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	DE	DES	
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	–		
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	DE		

Quadro 25 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: AFASTAMENTO’ nos diversos séculos estudados.

‘QUALIDADE: AFASTAMENTO’	
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS
LATIM SÉCULO VI	AB
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	–

Quadro 26 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: AFASTAMENTO’ nos diversos séculos estudados.

5.2.4 As preposições no campo semântico do ‘PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’

No campo semântico ‘PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’, com base nos *corpora* em estudo, encontram-se os conceitos ‘ESPAÇO: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’, ‘TEMPO: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’ e ‘QUALIDADE: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’.

Para expressar a relação de ‘ESPAÇO: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’, no latim do século VI, registram-se as preposições *ab*, *cum*, *desuper*, *ex* e *in*, como nos exemplos que se seguem:

LATIM – SÉCULO VI:

‘ESPAÇO’

AB

[...] *quadam viro nocter [...] ab alta ruper vox facta est. (DSG, 1, 47, 19-22)*
 (‘Acaeceu hua noite [...] ouviron hua voz daquel penedo muito alta.’ (DSG, 1, 16, 6))

CUM

[...] *et saepe agitur in animo perfectorum [...] quia cum laborem suum sine fructu esse considerant, in loco alio ad laborem cum fructu migrant. (DSG, 2, 83, 13-16)*
 (‘E muitas vezes acaece [...] aos homens perfeitos que quando veen que o seu trabalho he sen fruto van demandar outro logar en que ajam trabalho de que saia fruto que praza a Nosso Senhor.’ (DSG, 2, 3, 57))

DESUPER

[...] *vidit fusam lucem **desuper** cunctas noctis tenebras exfugasse.* (DSG, 2, 129, 4-5)

(‘[...] viu hua luz viir do ceo alumiano aquela noite que era muito escuro.’ (DSG, 2, 35, 5))

EX

[...] *ad horam viro refectioes illius **ex** vicina silva corvus venire consueveret.* (DSG, 2, 91, 18-19)

(‘E quando veo a hora de comer, el seendo ja aa mesa, veo huu corvo dua mata que está preto do moesteiro.’ (DSG, 2, 8, 10))

IN

[...] *frigidas adque perspicias emanat aquas [...] **in** extenso prius laco collegitur* (DSG, 2, 76, 1-3)

(‘E á hi aguas mui frias e mui fremosas e decem duum monte muit’alto aaquela lagoa.’ (DSG, 2, 1, 38))

Nos textos da língua portuguesa, para expressar esse conceito, encontram-se, no século XIV: *de* e *en*; no século XVI: *de* e *desde*; e no século XVII: *a*, *de* e *desde*, como se vê nos exemplos que seguem:

PORTUGUÊS:

‘ESPAÇO’

Século XIV

DE

[...] ***daquela** terra en que morava aquel santo bispo, veo huu homen bõõ velho.* (DSG, 1, 21, 2)

EN

*[...] ca viron hua carreira escontra ouriente e começava-se **na** cela estendia-se atee-no ceo. (DSG, 2, 37, 8)*

Século XVI

DE

*E despedido d'el-rey com muyto grande saudade, e assi da raynha partio **da** cidade de Touro na somana mayor, [...] (GR, p. 165, l. 487)*

DESDE

*[...] e o conde-prior mordomo-mor hia diante do sancto corpo que assi veo sempre com elle **desd'** a cidade de Silves te o dito moesteiro [...] (GR, p. 461, l. 74)*

Século XVII

A

*Estas foram as artes com que o Padre João de Sotomaior ganhou **ao** capitão-mor do Pará, [...] (AV, CM, p. 316, l. 272)*

DE

*Bem conhecemos que os principais soldados dela hão-de ser os que V. Rev.^a nos há-de mandar **dessa** Província [...] (AV, CM, p. 278, l. 358)*

DESDE

*[...] e logo o crocodilo está **desde** o rio com os olhos fitos nos ovos, [...] (AV, CM, p. 359, l. 510)*

Das preposições latinas exemplificadas acima, verifica-se que tanto *ab* como *ex* foram substituídas pela preposição *de*. É interessante assinalar que essa última preposição (*de*) não aparecia para designar a acepção em estudo, no latim, mas mesmo assim é ela que, na língua portuguesa, abarcará os significados das formas *ab* e *ex*. Também a preposição latina *desuper* não encontra reflexo na língua portuguesa. Não há correspondência da preposição *cum* nesse campo semântico, nos séculos XIV, XVI e XVII. A preposição latina *in*, que tem seu sentido de base ‘localização’, apesar de passar por alteração fonética, tem seu reflexo registrado na língua portuguesa, no século XIV, como pode ser visto no quadro seguinte:

‘ESPAÇO: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’					
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS				
LATIM SÉCULO VI	AB	CUM	DESUPER	EX	IN
PORTUGUÊS SÉCULO XIV				DE	EN
PORTUGUÊS SÉCULO XVI			DESDE	DE	
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	A		DESDE	DE	

Quadro 27 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’ nos diversos séculos estudados.

Para o conceito ‘TEMPO: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’, no latim, não foi encontrado registro, mas, no português, têm-se no século XIV e XVI: *de* e *des*; e no século XVII: *de* e *desde*, como se demonstra no quadro e nos exemplos a seguir:

‘TEMPO: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’		
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS	
LATIM SÉCULO VI	–	–
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	DE	DES
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	DE	DES
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	DE	DESDE

Quadro 28 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’ nos diversos séculos estudados.

PORTUGUÊS:

‘TEMPO’

Século XIV

DE

*E **daquel** dia adeante ainda que me queira calar de falar de Deus non posso.* (DSG, 1, 6, 9)

DES

*Mais **des** aqui adeante vejamos as lides novas que o santo homem ouve com o enmiigo antigo.* (DSG, 2, 8, 58)

Século XVI

DE

*Começado **de** seu nascimento e toda sua vida atee a ora de sua morte.* (GR, p. 147, l. 6)

DES

*A quinta feira das Endoenças, **des** a quinta feira à missa, [...]* (JB, p. 286, l. 183)

Século XVII

DE

*A viagem dos primeiros padres não foi **de** tantos dias como a nossa, [...] (AV, CM, p. 315, l. 263)*

DESDE

*Eu, senhor, não sei se os padeci; porque **desde** a hora em que o navio desamarrou desse rio, não estive mais em mim, [...] (AV, CM, p. 282, l. 455)*

No que concerne ao conceito ‘QUALIDADE: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’, no latim do século VI, documenta-se a preposição *ex* e, no português dos séculos XIV, XVI e XVII, a forma *de*, como se verifica nos exemplos e no quadro que se seguem:

LATIM – SÉCULO VI:

EX

*[...] cum enim constet quia Paraclitus spiritus **ex** Patre semper procedat et Filio. (DSG, 2, 134, 6-7)*
 (‘Sabuda cousa he pela fé que teemos que o Spiritu Santo recude do Padre e do Filho.’ (DSG, 2, 38, 15))

PORTUGUÊS:

Século XIV

DE

*Pedro, a bõa obra que o homen faz, nasce **do** don do Spiritu Santo que Deus ao homen dá. (DSG, 1, 7, 13)*

Século XVI

DE

Todos esses vícios parece que nam procedem tanto da fraqueza do paciente quanto dalgumas obrigações [...] (JB, p. 449, l. 835; 835)

Século XVII

DE

[...] mas tudo nasce dos mesmos princípios. (AV, CM, p. 287, l. 661)

[...] esperando da grandeza e clemência de S. M. e V. A. [...] ser esta a vontade divina, [...] (AV, CM, p. 291, l. 754)

‘QUALIDADE: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’	
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS
LATIM SÉCULO VI	EX
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	DE

Quadro 29 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’ nos diversos séculos estudados.

Como já foi observado anteriormente, na passagem do latim para o português, no que se refere ao processo de gramaticalização, vê-se que as preposições *ab*, *desuper* e *ex* deixam de ser usadas, atingindo o estágio zero; apenas as preposições *cum* e *in* estão entre as formas que se mantiveram, com alterações fonéticas, apenas.

Nos textos do português, pode ser observado o seguinte: no século XIV, há o emprego das formas que se mantiveram *de* e *en*. No século XVI, foram empregadas as preposições *de* e *des/ desde*, tanto para a acepção de ‘Espaço’ quanto para a de ‘Tempo’. Como já foi visto, a preposição *de* junta-se à preposição *ex*, através do processo de morfologização, formando a preposição *des*. Essa última, através do processo de aglutinação, recebe novo reforço da preposição *de*, resultando na forma *desde*.

No século XVII, há o emprego das preposições *a* e *de*, que se mantiveram, e da preposição *desde*, também formada por meio da morfologização de preposições.

Para a expressão de ‘QUALIDADE: PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’, na passagem do latim para o português, vê-se que não há registro da preposição *ex*, enquanto no português esse item foi substituído pela preposição *de*, como reflexo da forma latina na língua portuguesa.

Vale ressaltar que, ao se comparar as duas línguas, com relação ao conceito ‘PONTO DE PARTIDA/ PROVENIÊNCIA’ percebe-se que houve uma redução no quadro das preposições.

5.2.5 As preposições no campo semântico da ‘LOCALIZAÇÃO’

Para expressar o campo semântico do ‘ESPAÇO: LOCALIZAÇÃO’, no latim do século VI, estão registradas as preposições *ad*, *cum*, *de*, *ex*, *extra*, *foras*, *in*, *intra*, *intus*, *iuxta*, *per* e *super*, como exemplificadas a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:

AD

[...] *ad fenestram stans et omnipotentem Dominum depraecans.* (DSG, 2, 129, 3-4)
 (‘[...] e, estando a hua feestra rogando Nosso Senhor.’ (DSG, 2, 35, 5))

CUM

[...] *cum situla lignea [...] mancipium ad fontem perrexit.* (DSG, 1, 17, 14-15)
 (‘[...] foi huu mancebo aa fonte por da agua em hua gram canada.’ (DSG, 1, 2, 91))

DE

Sed, ut tanta valeat homo de terra [...] ut iudicare caro etiam de spiritibus possit.
 (DSG, 2, 116, 2-6)
 (‘E per poder o homen terreal tan gram poderio aver que [...] em carne podesse julgar as almas.’ (DSG, 2, 23, 26))

EX

[...] *qui liberiori genere ex provincia Nursia exortus.* (DSG, 2, 71, 5-6)
 (‘Aqueste naceu na província de Núrsia.’ (DSG, 2, 1, 5))

EXTRA

Mos etenim cellae fuit ut quotiens ad responsum aliquod egrederentur fratres, cibum potumque extra cellam menime sumerent. (DSG, 2, 98, 22-23; 99, 1)
 (‘San Gregório contou depois que costume era da cela de San Beento que cada que os frades ian fora pera recadar algua cousa e aviam de tornar logo [...] non devian comer nen beber fora de seu moesteiro.’ (DSG, 2, 12, 2))

FORAS

[...] *cumque essit sepultus, die altero proiectum **foras** corpus eius invenrum est.* (DSG, 2, 116, 15-16)

(‘E pois o soterraron, en outro dia acharon o seu corpo fora da cova.’ (DSG, 2, 24, 5))

IN

[...] *quocumque Libertinus ibat, eius semper calliculam **in** sinum portare consueverat.* (DSG, 1, 22, 10-12)

(‘E hu quer que ia aqeste Libertino, sempre levava en seu seo hua calça.’ (DSG, 1, 4, 3))

INTRA

[...] *vir autem Dei **intra** cellam positus agnovit.* (DSG, 2, 90, 2-3)

(‘E o servo de Deus San Beento, seendo en sa cela, vio todo esto que foi feito.’ (DSG, 2, 7, 4))

INTUS

[...] *sed vellimnosse cuius humilitatis apud se **intus** esse potuit iste.* (DSG, 1, 40, 9-10)

(‘[...] pero queria saber que homildade ouve dentro na sa alma.’ (DSG, 1, 10, 9))

IUXTA

[...] *qui manere **iuxta** religiosam feminam noverant.* (DSG, 2, 99, 3-4)

(‘E no camiho hua molher de religion feze-os entrar en sa pousada.’ (DSG, 2, 12, 4))

PER

[...] *coepit hoc vir Dei suis manibus in parvulo vase suscepere, et **per** cuncta dolea omniaque vasa quae parata fuerant pro benedictione dividere.* (DSG, 1, 51, 17)

(‘[...] colheu o bispo em huu vaso aquele pouquetinho de vio que das uvas saio e en cada hua cuba [...] deitou [...] daquel vinho que tinha o vaso.’ (DSG, 1, 17, 13))

SUPER

[...] *quodcumque legaveris **super** terram, erit legatum in caelis.* (DSG, 2, 115, 25-26)

(‘Toda cousa que legares en terra seerá legada nos ceos.’ (DSG, 2, 23, 24))

Entretanto, ao se fazer o estudo etimológico desses itens, observou-se que cada um deles possui sentido de base diferente. Assim, *ad* possuía, inicialmente, o sentido de ‘direção’; *cum*, ‘companhia’; *de*, ‘afastamento de cima para baixo’; *ex*, ‘afastamento do interior de’; *extra* e *foras*, ‘situação fora de’; *in*, ‘localização’; *intra* e *intus*, ‘situação interior’; *iuxta*, ‘situação junto de’; *per*, ‘percurso’; e *super*, ‘situação superior’.

Desse modo, observa-se que, mesmo com referência ao espaço, há uma mudança nas acepções desses itens de um campo semântico para outro.

Nos textos do português do século XIV, registram-se, no campo semântico da ‘LOCALIZAÇÃO’, as preposições *a*, *de*, *en* e *per*, como nos exemplos abaixo:

PORTUGUÊS:

Século XIV

A

*E seendo ainda **aa** mesa [...] (DSG, 2, 32, 8)*

DE

*Per si meesmo levava os livros santos en que estudava en seu colo e en sacos de peles, huu **do** lado destro e outro **do** lado seestro.* (DSG, 1, 7, 23)

EN

Naquela província de Valeria foi huu homen santo, servo de Deus e mui devoto, que ouve nome Martirio. (DSG, 1, 30, 3)

PER

*E andando assi cercando todo o horto, achou a carreira **per** u o ladrão soia a viir.*
(DSG, 1, 5, 30)

Como se pode verificar, mais uma vez, percebe-se uma redução do quadro das preposições da língua portuguesa, com relação ao latim. Além do mais, o português mantém reflexos de algumas preposições do latim, como *a, de, en e per*.

No que diz respeito aos textos do século XVI, estão documentadas as preposições *a, de, em e sobre*, todas elas mantidas na passagem do latim para a língua portuguesa, estando documentadas as locuções prepositivas *longe de, detras de e daqui de*, como se pode observar nos exemplos a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVI

A

*[...] se recolheo com muyto perigo **a** Castro Nemo.* (GR, p. 162, l. 395)

DE

*[...] e estavam duas legoas **da** costa do mar.* (GR, p. 255, l. 3197)

*[...] e era ahi senhor hum tio d'el-rey que se chamava Monisonho homem de cincoenta ãnos e muito grande senhor e de muito bom saber e estava duas legoas **do** porto onde lhe foy recado da frota [...]* (GR, p. 389, l. 7287)

EM

*E depois da morte d'el-rey Dom Afonso **nestas** cortes aqui **em** Montemor foy el-rey muy requerido pollos povos [...]* (GR, p. 191, l. 1276; 1276)

SOBRE

[...] e a raynha Dona Isabel de Castella em cerco **sobre** a cidade de Mazela do reyno de Granada, [...] (GR, p. 250, l. 3066)

LONGE DE

Ha raynha hos veo esperar a hua varanda terrea aa entrada dos paços muyto **longe de** seu apousentamento, [...] (GR, p. 475, l. 266)

DETRAS DE

[...] e assi ouve justas de muito bons justadores **detras de** Sam Dominguos a caram do muro, a que el-rey e o principe foram. (GR, p. 336, l. 5657)

DAQUI DE

Da romaria que el-rey cumprio **daqui de** Torres Vedras [...] (GR, p. 411, l. 7932)

Novamente, neste campo semântico, pode-se verificar que todas essas formas possuem sentidos de base diferentes. Assim, *a* tem o sentido etimológico de ‘direção’; *de*, ‘afastamento de cima para baixo’; *em*, ‘localização’; e *sobre*, ‘situação superior’. Percebe-se que o português, além de conservar algumas preposições do latim, cria novas formas, que são as locuções prepositivas (*longe de*, *detras de* e *daqui de*). No que se refere à locução *daqui de*, é de se notar a contração da preposição *de* na forma sincrética com o advérbio dêitico *aqui*. Essa é uma característica típica dessa preposição registrada em outras formas contraídas com artigos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos.

Nos textos do português do século XVII, documentam-se apenas preposições conservadas do latim, como *a*, *de* e *em*, como exemplificadas a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVII

A

Ao amanhecer do dia seguinte me bateu à porta do cubículo o Padre Francisco Ribeiro, [...] (AV, CM, p. 275, l. 264)

DE

*[...] e ali, postos os índios **de** um lado da igreja e as índias **do** outro, [...] (AV, CM, p. 338, l. 941; l. 941)*

EM

*[...] e, porque achei estar **em** terra o Padre Manuel de Lima, pelo que podia suceder, encomendei a missão ao Padre Francisco Veloso, [...] (AV, CM, p. 275, l. 247)*

Assim, todas as formas apresentadas acima, para a expressão do campo semântico do 'ESPAÇO: LOCALIZAÇÃO' estão resumidas no quadro seguinte:

‘ESPAÇO: LOCALIZAÇÃO’												
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS											
LATIM SÉCULO VI	AD	CUM	DE	EX	EXTRA	FORAS	IN	INTRA	INTUS	IUXTA	PER	SUPER
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	A		DE				EN				PER	
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	A		DE	LONGE DE	DETRAS DE	DAQUI DE	EM					SOBRE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	A		DE				EM					

Quadro 30 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: LOCALIZAÇÃO’ nos diversos séculos estudados.

Para expressar o conceito ‘TEMPO: LOCALIZAÇÃO’, no latim do século VI, registram-se as preposições *ad*, *cum*, *ex*, *in*, *per* e *sub*, observados nos seguintes exemplos:

LATIM – SÉCULO VI:

AD

[...] *ad refectiois horam fratribus invenire potuissent.* (DSG, 2, 110, 17-18)
 (‘[...] aa hora de comer non poderon aver senon cinque pães pera daren aos frades a comer.’ (DSG, 2, 21, 3))

CUM

[...] *cum die tertio is, qui necessitate debiti adfligebatur.* (DSG, 2, 118, 16-17)
 (‘[...] e ao terceiro dia veo aquel que andava coitado per razon da dívida que devia.’ (DSG, 2, 27, 7))

EX

[...] *ubi vetustissimum fanum fuit, in quo ex antiquorum more gentilium ab stulto rusticorum populo Apollo colebatur.* (DSG, 2, 95, 3-5)
 (‘Ali en aquel castelo estava huu templo mui velho do tempo antigo dos gentiis.’ (DSG, 2, 8, 44))

IN

*Liquet, Petre, quod **in** iuventute carnis temptatio ferveat. (DSG, 2, 79, 19-20)*
 ('Pedro, assaz parece que a tentaçon da carne mais he na mancebia que em outro tempo.' (DSG, 2, 2, 18))

PER

*[...] ad eum semel **per** annum venire consueverat. (DSG, 2, 125, 19)*
 ('[...] cada ano viinha ver seu irmão hua vez [...]') (DSG, 2, 33, 6))

SUB

*[...] statimque in Casinum castrum religioso viro Theoprope mandavit, ut ad Capuanum orbem **sub** eadem nocte transmitteret. (DSG, 2, 130, 5-7)*
 ('E o homen de Deus San Beento mandou logo a Teopobro que era homen mui religioso e estava em Castro Casino que mandasse logo en essa noite aa cidade de Capua.' (DSG, 2, 35, 12))

Com referência aos textos da língua portuguesa, pode-se perceber que, em todos os séculos analisados, estão documentadas as preposições *a*, *de* e *em*, sendo que, no século XVII, documentam-se a preposição *por* e a locução prepositiva *por ocasião de*, todas elas exemplificadas a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XIV

A

*E o monge se tornou pera sa cela no tempo en que os frades jazian folgando **ao** meio dia. (DSG, 1, 5, 35)*

DE

*Ali em aquel castelo estava huu templo mui velho **do** tempo antigo dos gentiis. (DSG, 2, 8, 44)*

EN

*Na primeira vez non te pôde mover [...] nen **na** segunda, mais **na** terceira venceu-te. (DSG, 2, 13, 18)*

Século XVI

A

*[...] **a** XXVI dias do mês de Janeiro [...]* (GR, p. 129, l. 30)

DE

*[...] e per mandado d'el-rey ahi foy trazido, e nella dormia **de** noite e o metiam ao sol-posto, e já bem **de** dia o levavam seus donos a comer fora. (GR, p. 323, l. 5256; 5257)*

EM

*E ysto fazia aver sempre **em** seu tempo muytos ypochritas em todollos estados, [...]* (GR, p. 140, l. 99)

Século XVII

A

*[...] porque **ao** segundo dia que daqui saíram foram seguidos de um turco, [...]* (AV, CM, p. 280, l. 417)

DE

*Pediram-me quisesse tornar a propor o que **de** manhã dissera, [...]* (AV, CM, p. 328, l. 632)

EM

[...] *que afirmo a V Reva. foi o maior que tive em minha vida, [...]* (AV, CM, p. 275, l. 262)

POR

Por dia de Nossa Senhora da Conceição se tornou a confessar a gente de caravela, [...] (AV, CM, p. 310, l. 87)

POR OCASIÃO DE

[...] *o qual negociou o Padre Manuel de Lima com grande pressa, por ocasião da sua arribada, [...]* (AV, CM, p. 307, l. 1167)

No quadro seguinte, encontram-se os itens apontados acima, para a expressão de ‘TEMPO: LOCALIZAÇÃO’:

‘TEMPO: LOCALIZAÇÃO’						
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS					
LATIM SÉCULO VI	AD	CUM	EX	IN	PER	SUB
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	A		DE	EN		
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	A		DE	EM		
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	A		DE	EM	POR	POR OCASIÃO DE

Quadro 31 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: LOCALIZAÇÃO’ nos diversos séculos estudados.

Com relação ao conceito ‘QUALIDADE: LOCALIZAÇÃO’, registram-se, no latim, as preposições *a/ab*, *ad*, *de*, *in* e *sub*, como se vê nos exemplos a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:**A/AB**

[...] *tunc illo a fundo cordis considerans asperitatem et duritiam suam.* (DSG, 1, 24, 14)

(‘Enton o abade, metendo mentes na gram crueza e na gram dureza de seu coração.’ (DSG, 1, 5, 14))

AD

[...] *toto adsinu mentis ad sola caelestia flagrabat.* (DSG, 1, 40, 1)

(‘[...] e todo seu desejo era na vida celestial que sempre dura.’ (DSG, 1, 10, 5))

DE

[...] *qua de re dixi eum voluisse aliquid, sed menime potuisse.* (DSG, 2, 127, 10-11)

(‘E en tal cousa come esta, dix’eu [...] quis este amigo de Deus San Beento cumprir seu desejo mais non pôde.’ (DSG, 2, 33, 26))

IN

[...] *ut occupato in multis animo adulatio valde subripiat.* (DSG, 1, 33, 19-20)

(‘[...] porque tragen os seus corações compartidos en muitos feitos que an de fazer en muitos logares.’ (DSG, 1, 8, 7))

SUB

[...] *saecularem vitam multi relinquerent, et sub levi Redemptoris iugo.* (DSG, 2, 91, 1)

(‘E muitos leixavan o mundo e metian-se na ordem.’ (DSG, 2, 8, 4))

Em comparação com o campo semântico de ‘TEMPO: LOCALIZAÇÃO’, observa-se que em lugar de *ex*, registra-se *ab*, que também possui o sentido etimológico de ‘afastamento’, para expressar o conceito ‘QUALIDADE: LOCALIZAÇÃO’.

Com referência a esse último conceito, nos textos da língua portuguesa, no século XIV, registram-se as preposições *a*, *en* e *sobre*; nos séculos XVI e XVII, *em*, quando nesse último século também há a locução prepositiva *em caso de*, todas exemplificadas a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XIV

A

Queria-te contar, a louvor do nosso remiidor, alguus dos miragres do honrado baron San Beento. (DSG, 1, 31, 42)

EN

[...] porque tragen os seus corações compartidos en muitos feitos que an de fazer en muitos logares. (DSG, 1, 8, 7)

SOBRE

*[...] e des ali en deante nunca ouvesse posse nen poderio **sobr**'ela. (DSG, 1, 6, 9)*

Século XVI

EM

*[...] nunca **na** justiça usou de poder absoluto nem de crueza, [...] (GR, p. 138, l. 38)*

Século XVII

EM

*[...] mas **no** cuidado dos noviços terá bem em que empregar seu espírito e talento. (AV, CM, p. 275, l. 251)*

EM CASO DE

[...] *que nenhum dos novos, salvo em caso de conhecida enfermidade ou necessidade, use de rede nos caminhos; [...]* (AV, CM, p. 374, l. 156)

No quadro a seguir, estão apontados todos os itens exemplificados acima na expressão de ‘QUALIDADE: LOCALIZAÇÃO’:

‘QUALIDADE: LOCALIZAÇÃO’					
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS				
LATIM SÉCULO VI	A/AB	AD	DE	IN	SUB
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	A			EN	SOBRE
PORTUGUÊS SÉCULO XVI				EM	
PORTUGUÊS SÉCULO XVII			EM CASO DE	EM	

Quadro 32 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: LOCALIZAÇÃO’ nos diversos séculos estudados.

Quanto à passagem do latim para o português, no que concerne ao processo de gramaticalização, observa-se que algumas preposições latinas, como *ex*, *extra*, *intra*, *intus* e *iuxta* caíram em desuso, chegando ao estágio zero, enquanto os itens *ad*, *cum*, *de*, *foras*, *in*, *per* e *super* estão entre as formas que se mantiveram, apresentando apenas algumas alterações fonéticas. Percebe-se, no conceito de ‘ESPAÇO: LOCALIZAÇÃO’, no século XVI, a presença de locuções prepositivas, provenientes do processo de recategorização: **ADV > PREP**, como acontece com *longe de*, *detras de* e *daqui de*.

No que se refere à expressão das relações de ‘TEMPO: LOCALIZAÇÃO’, registra-se, no português do século XVII, o emprego da locução prepositiva *por ocasião de*, proveniente do processo de recategorização de **N > PREP**, quando o nome *ocasião* foi empregado para compor uma locução prepositiva. Trata-se do primeiro estágio do processo de gramaticalização, quando os itens se encontram lado a lado, formando uma unidade sintática.

Entre as preposições usadas para expressar ‘QUALIDADE: LOCALIZAÇÃO’, na passagem para o português, *ab* caiu em desuso, atingindo o estágio zero, enquanto as demais formas se mantiveram, tendo passado por algumas alterações fonéticas.

No século XVII, encontra-se a locução prepositiva *em caso de* proveniente do processo de recategorização de um nome para preposição (**N > PREP**), quando o nome *caso* passou a compor uma locução prepositiva.

5.2.6 As preposições no campo semântico do ‘PERCURSO’

No campo semântico ‘PERCURSO’, com base nos *corpora*, encontram-se os conceitos ‘ESPAÇO: PERCURSO’ e ‘TEMPO: PERCURSO’.

Para expressar o conceito ‘ESPAÇO: PERCURSO’, observa-se que, no latim do século VI, foram empregadas as preposições *ad, ex, in, per* e *super*, exemplificadas abaixo:

LATIM – SÉCULO VI:

AD

[...] *ut circumquaque fratres in collegendis olivis ad exhibenda extraneis opera pergerent.* (DSG, 1, 46, 9-11)
 (‘E por esso mandou o abade aos monges que andassen polos olivae alheos.’ (DSG, 1, 15, 4))

EX

Quia valde opinio sanctitatis eius excreverat, multi hunc ex diversis provinciis. (DSG, 1, 40, 18-19)
 (‘Porque a fama da santidade daqueste Constancio era apregoada per muitas provincias.’ (DSG, 1, 11, 3))

IN

[...] *quibus ipse parvum vas ligneum vino plenum manu sua praebuit, quod fortasse in prandio itineris habere potuissent.* (DSG, 1, 55, 23)
 (‘E ele lhes deu con sa mão huu barril pequeno [...] cheo de viho, que bevessen pola carreira.’ (DSG, 1, 20, 3))

PER

[...] *fur viro venire consueverat, per saepem ascendere.* (DSG, 1, 25, 16-17)
 (‘E huu ladrão soia a sobir per hua sebe desse horto.’ (DSG, 1, 5, 28))

SUPER

[...] *adque usque ad eum locum, quo ab unda ducebatur puer, per terram se ire exaestimans, **super** aquas cucurrit.* (DSG, 2, 90, 8-10)

(E el tomou agiha a beeçon e foi correndo per cima da agua ben come se fosse correndo per sobre terra.' (DSG, 2, 7, 6))

Vale ressaltar que, ao se fazer um estudo etimológico dessas preposições, verifica-se que elas possuem sentidos de base diferente, isto é, *ad* significava, inicialmente, 'direção'; *ex*, 'afastamento do interior de'; *in*, 'localização'; *per*, 'percurso'; e *super*, 'situação superior'.

Nos textos da língua portuguesa, encontram-se registradas as seguintes formas: no século XIV, as preposições *per* e *por* e as locuções prepositivas *per cima de* e *per sobre*; finalmente, nos séculos XVI e XVII, documenta-se a preposição *per*. Todas essas formas serão exemplificadas a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XIV

PER

*E huu ladrão soia a sobir **per** hua sebe desse horto.* (DSG, 1, 5, 28)

POR

*E por esso mandou o abade aos monges que andassen **polos** olivae alheos.* (DSG, 1, 15, 4)

PER CIMA DE

*E el tomou agiha a beeçon e foi correndo **per cima da** agua ben come se fosse correndo per sobre terra.* (DSG, 2, 7, 6)

PER SOBRE

*E el tomou agiha a beeçon e foi correndo per cima da agua ben come se fosse correndo **per sobre** terra. (DSG, 2, 7, 6)*

Século XVI

PER

*[...] que mandou buscar **per** todo seu reino [...]* (JB, p. 362, l. 1342)

Século XVII

PER

*[...] houve muitas demonstrações públicas, como de amizades, restituições e votos, que logo nas igrejas, nos adros e **pelas** ruas públicas se faziam, [...]* (AV, CM, p. 312, l. 159)

Diante do que foi exemplificado anteriormente, fez-se um resumo das preposições encontradas para o conceito ‘ESPAÇO: PERCURSO’, como pode ser visto no quadro a seguir:

‘ESPAÇO: PERCURSO’					
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS				
LATIM SÉCULO VI	AD	EX	IN	PER	SUPER
PORTUGUÊS SÉCULO XIV		POR	PER CIMA DE	PER	PER SOBRE
PORTUGUÊS SÉCULO XVI				PER	
PORTUGUÊS SÉCULO XVII				PER	

Quadro 33 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: PERCURSO’ nos diversos séculos estudados.

No que se refere ao conceito ‘TEMPO: PERCURSO’, no século VI, diferente do ‘ESPAÇO: PERCURSO’, estão documentadas as preposições *ab*, *post* e *sub*, ao lado da forma *per*, como se vê nos exemplos a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:

AB

[...] *ab* anno autem quinquagesimo calor corporis frigiscat. (DSG, 2, 79, 20-21)
 (‘E depois que homem passa per cincoenta anos a caentura maa da carne vai escaecendo.’ (DSG, 2, 2, 19))

POST

[...] susceptus itaque in monasterio est cum non *post* multos dies isdem Dei famulus pro exortandis [...] fidelibus a cella digressus est. (DSG, 1, 29, 12-15)
 (‘Enton receberam-no no moesteiro e a cabo de poucos dias Equicio [...] saiu-se do moesteiro pera pregar a huus homens.’ (DSG, 1, 5, 67))

SUB

[...] si igitur tam longe Abacuc potuit *sub* momento corporaliter ire et prandium deferre. (DSG, 2, 113, 20; 22)
 (‘E se este profeta Abacuch en tan pequeno tempo andou tan gram terra per seu corpo.’ (DSG, 2, 22, 27))

PER

[...] *et dum per dies septem de perpetratis culpis poenitentiam [...] agerit.* (DSG, 1, 69, 13-14)

(‘[...] e per sete dias fez peenenda dos seus pecados.’ (DSG, 1, 31, 17))

Também em relação ao conceito ‘TEMPO: PERCURSO’, observa-se que o sentido etimológico dos itens é diferente: *ab* tem o sentido de ‘afastamento do exterior de’; *post*, ‘situação posterior’; *sub*, ‘situação inferior’; e *per*, ‘percurso’.

Nos textos da língua portuguesa, para expressar as relações de ‘TEMPO: PERCURSO’, registram-se: no século XIV, a forma *per*; no século XVI, *com* e *per/por*; e, finalmente, no século XVII, documentam-se *em* e *por*, para expressar essa relação conceitual. Esses itens serão exemplificados e resumidos em um quadro a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XIV

PER

E depois que homem passa per cincoenta anos a caentura maa da carne vai escaecendo. (DSG, 2, 2, 19)

Século XVI

COM

E ainda se póde crer que éstas vozes, com antiguidade, já deixem ser corrompidas, [...] (JB, p. 396, l. 137)

PER

Per longos annos vivas tu, terra beata. (JB, p. 398, l. 171)

Século XVII

EM

Enfim foi tanto o que Deus moveu os corações de todos que, em quatro dias que ali estivemos, de dia e de noite, não fizemos outra coisa que ouvir confissões. (AV, CM, p. 311, l. 140)

POR

[...] o Padre Francisco de Morais quisera, ao menos por alguns anos, vir ser apóstolo deste novo mundo, [...] (AV, CM, p. 279, l. 362)

‘TEMPO: PERCURSO’				
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS			
LATIM SÉCULO VI	AB	PER	POST	SUB
PORTUGUÊS SÉCULO XIV		PER		
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	COM	PER		
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	EM	POR		

Quadro 34 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: PERCURSO’ nos diversos séculos estudados.

No que diz respeito ao processo de gramaticalização, na passagem do latim ao português, pode-se dizer que: entre as preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: PERCURSO’, apenas a forma *ex* caiu em desuso, ocorrendo o estágio zero; as demais formas se mantiveram, apresentando algumas mudanças fonéticas (*ad* > *a*; *in* > *em*; *per* > *por*; *super* > *sobre*).

No português do século XIV, observam-se formas que se mantiveram (*per/ por*), ao lado da locução prepositiva *per cima de*, forma decorrente do processo de recategorização, quando o nome *cima* passa a compor essa locução prepositiva (**N > PREP**). A outra locução que foi encontrada no século XIV é *per sobre*, que é composta por duas preposições (*per* e *sobre*), processo muito comum desde o latim falado. Nos séculos XVI e XVII, registra-se a preposição *per*, forma já existente desde o latim.

Entre as preposições empregadas para expressar as relações de ‘TEMPO: PERCURSO’, no latim do século VI, verifica-se a ausência da forma *ab*, que chegou ao estágio zero; as formas *per* e *sub* se mantiveram na passagem para o português, apresentando algumas alterações fonéticas. Entretanto, a forma *post* recebeu o reforço da preposição *de*, passando por um processo de morfologização: em primeiro lugar, essas formas se apresentam enlaçadas (*de post*), para depois se fundirem, tendo como resultado a forma portuguesa *depois*.

No português do século XIV, tem-se a preposição *per*. As demais preposições empregadas nos séculos XVI e XVII tiveram sua origem na língua latina, apresentando apenas algumas mudanças fonéticas na língua portuguesa.

Assim, do que se pôde observar, analisando os quadros do campo semântico ‘PERCURSO’, verifica-se que houve uma redução na quantidade das preposições, na passagem do latim para a língua portuguesa. Percebe-se, nos *corpora* em estudo, que houve criação de novas formas, principalmente no século XIV, para o conceito de ‘ESPAÇO’.

5.2.7 As preposições no campo semântico da ‘APROXIMAÇÃO’

No campo semântico ‘APROXIMAÇÃO’, de acordo com a análise aqui feita, foram documentados os conceitos ‘ESPAÇO: PROXIMIDADE’ e ‘TEMPO: APROXIMAÇÃO’.

No que se refere ao conceito ‘ESPAÇO: PROXIMIDADE’, verificam-se as preposições encontradas, nos séculos em estudo, no quadro abaixo:

‘ESPAÇO: PROXIMIDADE’					
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS				
LATIM SÉCULO VI	AB	CIRCA	IUXTA		
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	A	ARREDOR DE	CABO DE	DERREDOR DE	PRETO DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	A	JUNTO COM	JUNTO DE	ACERCA DE	PRETO DE/ PERTO DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	À BEIRA DE	À BORDA DE			PERTO DE

Quadro 35 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: PROXIMIDADE’ nos diversos séculos estudados.

Como se pode observar no quadro supracitado, para a expressão das relações de ‘ESPAÇO: PROXIMIDADE’, no latim do século VI, são empregadas as preposições *ab*, *circa* e *iuxta*, exemplificadas a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:

AB

[...] *nam longe ab eius monasterio duae quaedam sanctaemonialis feminae, nobiliori genere exhortae.* (DSG, 2, 114, 9-11)

(‘Apreto do seu moesteiro moravan huas monjas d’alto liagen.’ (DSG, 2, 23, 6))

CIRCA

[...] *nam nigra parvaque avis, quae vulgo merola vocatur, circa eius faciem volitare coepit.* (DSG, 2, 78, 18-19)

(‘Ca hua ave pequena e negra que chaman mérloa começou a voar ante seu rosto e andar [...] derredor dele.’ (DSG, 2, 2, 3))

IUXTA

[...] *et iuxta corpus defuncti sedit [...] per nomen vocavit.* (DSG, 1, 66, 7-8)

(‘[...] assentou-se cabo do morto e chamou-u per seu nome.’ (DSG, 1, 29, 12))

Ao se fazer um estudo etimológico das preposições latinas que representam o conceito ‘PERCURSO’, constata-se que o sentido de base delas é diferente. Dessa forma, *ab* possuía o sentido de ‘afastamento do exterior de’; e *circa* e *iuxta*, ‘perto de’.

Nos textos portugueses analisados, na expressão dessas relações, aparecem: no século XIV, a preposição *a*, ao lado das locuções prepositivas *arredor de*, *derredor de*, *cabo de* e *preto de*; no século XVI, documentam-se a preposição *a* e as locuções prepositivas *junto com*, *junto de*, *acerca de* e *preto de/ perto de*; e no século XVII, as locuções prepositivas *à beira de*, *à borda de* e *perto de*, como nos seguintes exemplos:

PORTUGUÊS:

Século XIV

A

[...] *que querian ir [...] aa cidade de Revena por cousas que hi avian de desembargar.* (DSG, 1, 20, 2)

CABO DE

E a queste Laurio [...] jaz cabo da cidade de Neposina. (DSG, 1, 12, 5)

ARREDOR DE

[...] e vio **arredor de** si crecer grandes mouteiras d'ortigas e d'espigas. (DSG, 2, 2, 8)

DERREDOR DE

Ca hua ave pequena e negra que chaman mérloa começou a voar ante seu rostro e andar [...] **derredor dele**. (DSG, 2, 2, 3)

PRETO DE

Contou ainda San Gregorio que **preto do** seu moesteiro avia hua mui gram rua. (DSG, 2, 19, 2)

Século XVI

A

[...] sendo a de Castella muyto mais que a de Portugal por ser jaa muyta chegada a Touro. (GR, p. 160, l. 345-346)

JUNTO COM

[...] e em nos recebendo no estrado, Diogo d'Azambuja era muyto manco de uma perna [...] e estava **junto com** os degraos com a muyta gente que chegava, [...] (GR, p. 287, l. 4181; l. 4181)

JUNTO DE

[...] por nam yrem em vão arribaram **junto da** cidade de Anafee [...] (GR, p. 254, l. 3192)

ACERCA DE

[...] e assi guiados della andaram em breve tempo tanto caminho que foy millagrosa cousa, e todos tres em hum ponto se ajuntarão **acerca da** cidade de Jerusalem sem saberem huns dos outros, [...] (GR, p. 528, l. 30)

PRETO DE/ PERTO DE

[...] porque aynda que seus reynos fossem pequenos, os dous cabos viveram alongados hum do outro, e o do meyo estaria mays **preto dambos**; [...] (GR, p. 527, l. 21)

[...] e vendo que o bispo per dissimulações queria entrar em Evora sem lho pedir, foy sempre falando com elle atee Sancto Andre que he **perto dos muros** onde ja chegou muyto noyte; [...] (GR, p. 424, l. 8336)

Século XVII

À BEIRA DE

Em 23 de Novembro chegou um dos embaixadores [...] com novas de que nove aldeias estavam abaladas, e já **à beira do** rio para descer, [...] (AV, CM, p. 344, l. 23)

À BORDA DE

Fazem o ninho **à borda de** água, e às vezes em parte onde a água lhes chega e os cobre [...] (AV, CM, p. 359, l. 508)

PERTO DE

[...] porque está muito mais **perto de** Portugal, muito mais junta, [...] (AV, CM, p. 288, l. 675)

Para expressar as relações de ‘TEMPO: APROXIMAÇÃO’, no latim do século VI, emprega-se *intra*, enquanto no português, usam-se: no século XIV, a preposição *a*; no século XVI, as preposições *a* e *de* e as locuções prepositivas *acerca de* e *perto de*; e no século XVII, *dentro em*, como se vê nos exemplos e no quadro a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:**INTRA**

[...] *illae autem a pristinis moribus nihil mutatae, **intra** paucos dies defunctae sunt.* (DSG, 2, 115, 1-2)

(‘E elas non mudaron nemigalha de seus costumes e a poucos dias morreron.’ (DSG, 2, 115, 1-2))

PORTUGUÊS:

Século XIV

A

*E debes saber que tu passarás o mar e entrarás em Roma e reinarás ainda nove anos e **aos** dez anos morrerás.* (DSG, 2, 20, 2)

Século XVI

A

[...] *dahi **a** poucos dias [...] se foram [...]* (GR, p. 155, l. 93-94)

DE

*Teve Fernam Caldeira tal espia sobre ele, que **dahi** a muito poucos dias soube como jazia com a yrmaã.* (GR, p. 291, l. 4299)

ACERCA DE

[...] *em que pollas praças e nas ruas ouve comeres mui abastados, e nos paços muitas danças e festas atee **acerca da** menhãã.* (GR, p. 313, l. 4927-4928)

PERTO DE

[...] *e avia **perto dum** ãno que a nam dava a ninguem, [...]* (GR, p. 434, l. 8601)

Século XVII

DENTRO EM

[...] e que ali estava prevenindo uma caravela, para **dentro em** vinte e quatro horas se embarcar até à ilha de Madeira, [...] (AV, CM, p. 275, l. 270)

‘TEMPO: APROXIMAÇÃO’				
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS			
LATIM SÉCULO VI	INTRA			
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	A			
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	A	ACERCA DE	DE	PERTO DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	DENTRO EM			

Quadro 36 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: APROXIMAÇÃO’ nos diversos séculos estudados.

Como pode ser visto no quadro acima, referente às preposições encontradas no conceito ‘TEMPO: APROXIMAÇÃO’, no latim do século VI, *intra* foi a única preposição registrada nesse *corpus*. Ao se fazer um estudo etimológico desse item, percebe-se que essa preposição tinha o sentido de base ‘dentro de’.

É interessante verificar que, no século XVI, outras preposições e inclusive locuções prepositivas aparecem para expressar essa acepção. No século XVII, ocorre uma redução no quadro das preposições acima, registrando-se apenas a locução prepositiva *dentro em*.

Quanto ao processo de gramaticalização, pode-se dizer que as preposições empregadas para expressar o conceito ‘ESPAÇO: PROXIMIDADE’ caíram em desuso, na

passagem para o português, alcançando o estágio zero. Apenas a forma *circa* deixou marcas no português, ao ser empregada, atualmente, na locução prepositiva *acerca de*, que indica ‘aproximação’.

No português do século XIV, observa-se que a preposição *a* se manteve na passagem para essa língua. Quanto às locuções prepositivas, todas as formas aqui empregadas são provenientes de recategorização, distribuindo-se do seguinte modo: **N > PREP**, como ocorre com as locuções *arredor de*, *derredor de* e *cabo de*, em que nomes (*redor* e *cabo*) foram usados para compor as locuções e passaram a desempenhar a função de preposições, de estabelecer relações entre vocábulos; também está registrado **ADV > PREP**, como ocorre com a locução *preto de* (atualmente, *perto de*).

No século XVI, a preposição *a* encontra-se entre aquelas que se mantiveram na passagem para o português, com o aparecimento de algumas locuções prepositivas (*junto com*, *junto de* e *preto de/ perto de*), originadas através do processo de recategorização de **ADV > PREP**. Ainda nessa acepção foi encontrada a locução prepositiva *acerca de*, oriunda do processo de recategorização do verbo para preposição (**V > PREP**).

No século XVII, são empregadas locuções prepositivas provenientes do processo de recategorização **N > PREP**, como nas locuções *à beira de* e *à borda de*; e **ADV > PREP**, como na locução prepositiva *perto de*.

Com relação à expressão de ‘TEMPO: APROXIMAÇÃO’, a preposição empregada em latim, *intra*, caiu em desuso na passagem para o português, chegando ao estágio zero. Na língua portuguesa, nos séculos XIV e XVI, documenta-se a preposição *a*, que se manteve na passagem para o português e, ainda no século XVI, registra-se a preposição *de*, cuja forma também se conservou na passagem para o português, e as locuções prepositivas *acerca de* e *perto de*; já no século XVII, documenta-se a locução prepositiva *dentro em*, o

que constitui, como se observou, o primeiro passo do processo de gramaticalização, quando, nesse caso, um advérbio passa a ser usado como preposição (**ADV > PREP**).

Assim, para o conceito ‘ESPAÇO: PROXIMIDADE’, verifica-se que há um aumento no quadro das preposições na passagem do latim para a língua portuguesa. Ainda há um aumento significativo nos séculos XIV e XVI com o surgimento de locuções prepositivas. No século XVII, também as locuções estão presentes, porém somente *perto de* já foi usada desde o século XIV, sendo as demais novas, nos *corpora* em estudo.

Como já foi mostrado anteriormente, para o conceito ‘TEMPO: APROXIMAÇÃO’, só ocorre um aumento, no quadro, no século XVI, pelo surgimento de locuções prepositivas, e novamente uma redução no século XVII, conforme os *corpora* analisados.

5.2.8 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO POSTERIOR’

No campo semântico ‘SITUAÇÃO POSTERIOR’, foram registrados os conceitos de ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO POSTERIOR’, ‘TEMPO: POSTERIORIDADE’ e ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO POSTERIOR’.

Desse modo, no latim do século VI, emprega-se a preposição *post* para expressar o conceito de ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO POSTERIOR’, como se vê no exemplo que se segue:

LATIM – SÉCULO VI:

POST

[...] *et tremefactus post semetipsum concidit, eiusque pes per calciamentum in sude saepis inhesit.* (DSG, 1, 26, 9-10)

(‘[...] querendo tirar o pee empós si, empeçou-lhi o çapato en huu paa da sebe e jouve assi.’ (DSG, 1, 5, 36))

Ao se fazer um estudo etimológico, constata-se que a preposição latina *post* mantém o seu sentido de base ‘situação posterior’, no decorrer dos séculos.

Nos textos da língua portuguesa, essas relações são expressas através das seguintes formas: no século XIV, *empós* e *sobre*; no século XVI, *após* e *alem de*; e no século XVII, a preposição *sobre* e as locuções prepositivas *ao diante*, *depois de*, *além de*, *após de* e *atrás de*, como nos exemplos e quadro seguinte:

PORTUGUÊS:

Século XIV

EMPÓS

*[...] querendo tirar o pee **empós** si, empeçou-lhi o çapato en huu paa da sebe e jouve assi. (DSG, 1, 5, 36)*

SOBRE

*E pois o meniho de Deus sarrou a porta **sobre** si, deitou-se en sa oraçon. (DSG, 1, 22, 13)*

Século XVI

APÓS

*[...] e el-rey se aparelhou pera yr logo **apos** elle e foy em pessoa e chegou até Castello Branco [...] (GR, p. 240, l. 2759)*

ALEM DE

*[...] mandava descobrir o longo da costa e tinha ja descoberto atee **alem do** Cabo de Boa Esperança, [...] (GR, p. 249, l. 3044)*

Século XVII

SOBRE

*[...] um sábado à tarde avistamos três velas, duas das quais se arrasaram em popa logo **sobre** nós, [...] (AV, CM, p. 307, l. 1174)*

AO DIANTE

*Como a viagem ia se fazendo tão larga, e não sabíamos que vento nos renderia **ao diante**, resolveram [...] que era necessário tomar o Cabo Verde [...] (AV, CM, p. 310, l. 1263)*

DEPOIS DE

[...] entram à água e voltam, e **depois dela** sai toda a multidão do exército [...] (AV, CM, p. 357, l. 425)

ALÉM DE

[...] mas estas razões de Estado, meu Padre Provincial, já ficam **além da** Linha. (AV, CM, p. 320, l. 392)

APÓS DE

[...] e com as novas do bom tratamento dos primeiros trarão estes **após de** si muitos outros, [...] (AV, CM, p. 304, l. 1106)

ATRÁS DE

É verdade que os índios nos oferecem redes ao uso da terra, e muitas vezes as levam **atrás de** nós, e nos fazem força para que assentemos nelas; [...] (AV, CM, p. 374, l. 136)

‘ESPAÇO: SITUAÇÃO POSTERIOR’						
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS					
LATIM SÉCULO VI	POST					
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	EMPÓS	SOBRE				
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	APÓS			ALEM DE		
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	DEPOIS DE	SOBRE	AO DIANTE	ALÉM DE	APÓS DE	ATRÁS DE

Quadro 37 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO POSTERIOR’ nos diversos séculos estudados.

No que se refere às relações de ‘TEMPO: POSTERIORIDADE’, no latim, empregam-se as preposições *in*, *post* e *super*, como exemplificadas a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:**IN**

[...] *quibus expletis verbis, mox ex infirmitate convaluit, et **in** hac vita diutius mansit.* (DSG, 1, 66, 16-18)

(‘E pois estas palavras disse, logo ficou são de sa enfermidade e viveu depois longo tempo.’ (DSG, 1, 29, 22))

POST

[...] *sed hoc tibi notum sit, quia **post** mortem meam tu huic aecclesiae episcopus non eris.* (DSG, 1, 55, 16-18)

(‘[...] mais eu ti digo por certo que, depós mha morte, non seerás bispo desta eigreja.’ (DSG, 1, 19, 15))

SUPER

[...] *dum venerabilis vir Anastasius de corpore exiret, erat quidem frater in monasterio qui **super** eum vivere nolebat.* (DSG, 1, 48, 10-12)

(‘[...] quando morria este honrado baron Anastásio, huu frade que non queria viver depós sa morte.’ (DSG, 1, 16, 14))

Com base na etimologia, fez-se um estudo do sentido primeiro das preposições encontradas nessa acepção, observando que cada uma delas possui um sentido diferente: *in*, ‘localização’; *post*, ‘situação posterior’; e *super*, ‘situação superior’.

Nos textos da língua portuguesa, registram-se: no século XIV, a forma *depós/ depois*; no século XVI, a locução prepositiva *depoys de/ depois de*; e também no século XVII, emprega-se a locução prepositiva *depois de*, como nos exemplos e quadro abaixo:

PORTUGUÊS:

Século XIV

DEPÓS

*Contou **depós** [...] que huu tempo, lavando este santo homen Nonnoso as lâmpadas do vidro. (DSG, 1, 19, 2)*

Século XVI

DEPOYS DE/ DEPOIS DE

*E **depoys da** morte do principe por o dito Gomez de Figueredo ser muy honrrado e muito bom cavaleiro [...] (GR, p. 292, l. 4330)*

*[...] e trazia secretamente hum livro escripto por sua mão que algum nunca ho soube senam **depois de** sua morte, [...] (GR, p. 141, l. 148)*

Século XVII

DEPOIS DE

*O dia **depois de** S. Tomé gastámos em espalmar e calafetar as canoas, [...] (AV, CM, p. 359, l. 516)*

‘TEMPO: POSTERIORIDADE’			
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS		
LATIM SÉCULO VI	IN	POST	SUPER
PORTUGUÊS SÉCULO XIV		DEPÓS/ DEPOIS	
PORTUGUÊS SÉCULO XVI		DEPOYS DE/ DEPOIS DE	
PORTUGUÊS SÉCULO XVII		DEPOIS DE	

Quadro 38 – As preposições que expressam o conceito ‘TEMPO: POSTERIORIDADE’ nos diversos séculos estudados.

Para expressar a ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO POSTERIOR’, documenta-se, no português do século XVI, a locução prepositiva *depois de*; e do século XVII, as locuções prepositivas *além de* e *após de*, como nos exemplos e quadro a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVI

DEPOIS DE

*Os que regem genitivo ou ablativo **depois do** acusativo.* (JB, p. 353, l. 135)

Século XVII

ALÉM DE

*[...] e com as novas do bom tratamento dos primeiros trarão estes após de si muitos outros, com que, **além do** bem espiritual seu, [...] terá também a república muitos índios que a sirvam e que a defendam, [...]* (AV, CM, p. 304, l. 1107)

APÓS DE

*[...] e, metendo-se todos pelos bosques, as deixaram frustrados das suas esperanças, **após das** quais havia dois anos que caminhavam, [...]* (AV, CM, p. 395, l. 776)

‘QUALIDADE: SITUAÇÃO POSTERIOR’		
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS	
LATIM SÉCULO VI	–	
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	–	
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	–	DEPOIS DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	ALÉM DE	APÓS DE

Quadro 39 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO POSTERIOR’ nos diversos séculos estudados.

No que se refere ao processo de gramaticalização, pode-se dizer que, na passagem do latim para o português, a preposição latina *post*, por meio do processo de morfologização, foi reforçada pela preposição *de*, tendo como resultado o item *depois*; inicialmente, os elementos encontravam-se enlaçados e, posteriormente, esses elementos se soldaram, perdendo elemento fonológico.

No português do século XIV, no conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO POSTERIOR’, registra-se a preposição *empós*, também proveniente do processo de morfologização, quando as formas *in* e *post*, se fundiram; entretanto, essa preposição teve pouca duração no português, uma vez que atingiu o estágio zero, no período arcaico dessa língua. Já a preposição *sobre* figura entre aquelas formas que se mantiveram na passagem para o português, apresentando apenas alterações fonéticas.

Quanto ao século XVI, a forma *após* é oriunda do processo de morfologização, sendo essa preposição resultado da junção de *ad* + *post* e tendo passado pelo estágio em que as formas se encontravam, no início, enlaçadas e pelo estágio da fusão, com perda de elemento fonológico. Também foi encontrada, nesse século, a locução prepositiva *alem de*, proveniente da recategorização do advérbio para preposição (**ADV > PREP**).

No século XVII, registra-se a preposição *sobre* que se manteve na passagem para o português, apresentando, no entanto, como já se observou, alterações fonológicas; além desse item, também estão documentadas as locuções prepositivas *ao diante*, *depois de*, *além de*, *após de* e *atrás de*, sendo algumas resultantes do processo de recategorização, como *ao diante*, *além de* e *atrás de*, quando advérbios passam a ser usados como preposições (**ADV** > **PREP**); e de morfologização, quando dois morfemas se aglutinam, tendo como resultado apenas um elemento (*de + post = depois* e *ad + post = após*).

No que diz respeito à expressão de ‘TEMPO: POSTERIORIDADE’, no latim, documentam-se as formas *in* e *super*, que se mantiveram na passagem para o português, e a preposição *post*, que, como já se observou, recebeu o reforço das preposições *de*, *em*, e *a*.

No português do século XIV, têm-se as formas, *depós/ depois*, provenientes do processo de morfologização; no século XVI, registra-se a locução prepositiva *depoys de/ depois de*; e no século XVII, emprega-se também a locução prepositiva *depois de*.

Para a expressão da ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO POSTERIOR’, no português do século XVI, está registrada a locução prepositiva *depois de*, já analisada, e no português do século XVII, encontram-se *além de* e *após de*, resultado do processo de recategorização, quando os advérbios *além* e *após* passam a ser empregados ao lado da preposição *de*, constituindo, cada um, uma locução prepositiva.

No que diz respeito ao conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO POSTERIOR’, percebe-se que houve um aumento, cada vez maior, de preposições e locuções prepositivas que foram criadas pelos falantes da língua para substituir esse conceito. Já em relação ao conceito ‘TEMPO: POSTERIORIDADE’, constata-se o contrário, pois parece que, com o passar dos séculos, a locução prepositiva *depois de* vai representando cada vez mais essa acepção. O

conceito abstrato 'QUALIDADE: SITUAÇÃO POSTERIOR' é encontrado nos *corpora* só a partir do século XVI.

5.2.9 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO SUPERIOR’

Para expressar o campo semântico ‘SITUAÇÃO SUPERIOR’, observam-se os conceitos ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO SUPERIOR’ e ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO SUPERIOR’.

No latim do século VI, estão documentadas as preposições *ad*, *extra*, *in* e *super*, como exemplificadas abaixo:

AD

[...] *et eos quos phantastico repperit igne deludi, revocavit fratres **ad** oculos suos.* (DSG, 2, 97, 16-17)
 ([...] e disse-lhis que fezessem o sinal da cruz sobre seus olhos.’ (DSG, 2, 10, 5))

EXTRA

[...] *quid itaque mirum, si mundum ante se collectum vidi, qui sublevatus in mentis lumine **extra** mundum.* (DSG, 2, 131, 3-4)
 (‘E porende, Pedro, que maravilha he se este que era alçado sobre todo o mundo, pelo lume en que e per que vira Deus, vira todo o mundo juntado que estava sô el?’ (DSG, 2, 35, 21))

IN

[...] *cuius enim calliculam **in** pectore extincti corpusculi posuit.* (DSG, 1, 23, 8-9)
 (‘[...] non tirara a calça sua que tragia por religas e a posera sobelo corpo do morto.’ (DSG, 1, 4, 20))

SUPER

[...] *flexit genu et **super** corpusculum infantis incubuit.* (DSG, 2, 124, 24)
 (‘[...] ficou en geolhos en terra e deitou-se sobelo corpo do meniho.’ (DSG, 2, 32, 21))

Contudo, ao se fazer o estudo etimológico dessas formas, percebe-se que cada uma dessas preposições possui o sentido de base diferente. Desse modo, *ad* tem o sentido de ‘direção’; *extra*, ‘situação exterior’; *in*, ‘localização’; e *super*, ‘situação superior’. Convém ressaltar o deslocamento das acepções das preposições de um campo semântico para outro.

Nos textos dos séculos XIV e XVII, na expressão dessa acepção, registram-se os itens *sobre* e *em cima de*; e no século XVI, a preposição *sobre* e as locuções prepositivas *encima de/ encima de/ em cima de/ en cima de, de cima de, per cima de, acima de* e *no topo de*. Ainda no século XVII, encontra-se a locução prepositiva *por cima de*, como se vê nos exemplos e quadro abaixo:

PORTUGUÊS:

Século XIV

SOBRE

*[Juião] e vio-o viir pela carreira con hua cárrega de feo **sobre** seu colo. (DSG, 1, 4, 8)*

EM CIMA DE

*[...] e deitou-se en oraçon e orou mui perlongadamente **en cima duu** penedo. (DSG, 2, 4, 8)*

Século XVI

SOBRE

*Água benta que se asperge **sobre** o povo é pera que fujam os espíritos imundos assi de nossas almas como dos lugares sagrados [...]* (JB, p. 265, l. 17)

ENCIMA DE/ EMCIMA DE/ EM CIMA DE/ EN CIMA DE

[...] e dous pajes que hiam **encima dos** cavalos vestidos de veludo preto; [...] (GR, p. 459, l. 32)

[...] e vinha armado de todas armas, e **emcima dellas** sua cota d'armas, [...] (GR, p. 226, l. 2329)

[...] que em cada hua avia tres grandes bacios de ygoarias cubertos, e **em cima dos** dous dos cabos estavam tendas de damasco branco e roxo [...] (GR, p. 334, l. 5608)

[...] e encima hua cruz de damasco branco, posto **en cima de** hua azemala cuberta com hum grande reposteyro de veludo preto [...] (GR, p. 452, l. 9177)

DE CIMA DE

[...] estavam altos pendurados no aar per polees que vinhão **de cima do** madeyramento, trinta castiças muyto grandes [...] (GR, p. 322, l. 5230)

PER CIMA DE

[...] e fizeram mostrança de tomar a terra debayxo delles, e em sinal de sojeição e senhorio e muito grande acatamento faziam que a lançavam **per cima de** suas cabeças; [...] (GR, p. 270, l. 3652-3653)

ACIMA DE

E no anno seguinte [...] estando el-rey no lugar de Val de Parayso que he **acima do** Moesteyro das Vertudes, [...] (GR, p. 405, l. 7758)

NO TOPO DE

E el-rey e o principe com esses que com eles vinham se foram pera ela, e a princesa os veo esperar em pee **no topo de** hua escada, [...] (GR, p. 327, l. 5371)

Século XVII

SOBRE

[...] pelo contrato que os sereníssimos reis antecessores de VM fizeram com os sumos pontífices, e obrigação que tomaram **sobre** si de mandarem pregar a fé a todas as terras de suas conquistas. (AV, CM, p. 303, l. 1078)

EM CIMA DE

[...] como também no que exercitou connosco, assistindo sempre **em cima do** fogão, e acudindo a tudo e a todos [...] (AV, CM, p. 310, l. 100)

POR CIMA DE

[...] e, puxando por elas uns índios e arrastando outros a canoa **por cima das** pedras, e quase sustentando-a, [...] (AV, CM, p. 363, l. 644)

‘ESPAÇO: SITUAÇÃO SUPERIOR’						
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS					
LATIM SÉCULO VI	AD	EXTRA	IN	SUPER		
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	EM CIMA DE			SOBRE		
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	EM CIMA DE/ EN CIMA DE/ EMCIMA DE/ ENCIMA DE	DE CIMA DE	ACIMA DE	SOBRE	PER CIMA DE	NO TOPO DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	EM CIMA DE			SOBRE	POR CIMA DE	

Quadro 40 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO SUPERIOR’ nos diversos séculos estudados.

Observa-se, inicialmente, uma redução do quadro das preposições da língua portuguesa, no século XIV, quando, na expressão desse conceito, é empregada a preposição *sobre*, proveniente de *super*, ao lado da formação de novos itens gramaticais. No século

XVI, além da preposição *sobre*, registra-se um aumento de uso de locuções prepositivas. Assim, como já foi visto, no português, surgem novas locuções prepositivas. Além disso, está registrada, em todos os séculos, na língua portuguesa, a locução *em cima de*.

Quanto à expressão da ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO SUPERIOR’, nos *corpora* em estudo, constata-se que esse conceito surgiu no português do século XVI, estando documentadas a preposição *sobre* e a locução prepositiva *per cima de*. No século XVII, também foi registrada a preposição *sobre*, como nos exemplos e quadro a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVI

SOBRE

*[...] que foy hua noyte de muito grande terror e espanto e **sobre** tudo muyto grande tristeza [...]* (GR, p. 234, l. 2590)

*Amar a Deus **sobre** todas cousas.* (GR, p. 257, l. 9)

PER CIMA DE

*El-rey **per cima de** tanta tristeza fez logo ajuntar os físicos todos e com muita segurança esteve com eles [...]* (GR, p. 357, l. 6285)

Século XVII

SOBRE

*[...] metendo o negócio em consciência, e descarregando **sobre** a de SS. M. e A. a condenação ou conversão de muitas almas [...]* (AV, CM, p. 298, l. 932)

‘QUALIDADE: SITUAÇÃO SUPERIOR’		
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS	
LATIM SÉCULO VI	–	–
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	–	–
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	SOBRE	PER CIMA DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	SOBRE	–

Quadro 41 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO SUPERIOR’ nos diversos séculos estudados.

No que se refere ao processo de gramaticalização, pode-se afirmar que, na passagem do latim para o português, a preposição *extra* caiu em desuso, alcançando o estágio zero, enquanto as demais formas (*ad*, *in* e *super*) se mantiveram, apresentando apenas algumas alterações de elementos fonológicos.

Nos textos dos séculos XIV e XVII, no que diz respeito a ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO SUPERIOR’, emprega-se a preposição *sobre*, forma mantida na passagem para o português. Ainda no século XIV, encontra-se a locução prepositiva *em cima de*, resultante do processo de recategorização, quando o nome (*cima*) passa a exercer outra função (N > PREP), a de relacionar vocábulos, papel característico da preposição. No século XVI, são empregadas a preposição *sobre* e as locuções prepositivas *encima de/ em cima de/ em cima de/ en cima de, de cima de, per cima de, acima de e no topo de*, sendo essas locuções formadas através da recategorização dos nomes *cima* e *topo* em preposições (N > PREP). No século XVII, estão registradas, ainda, as locuções prepositivas *em cima de* e *por cima de*.

Na relação de ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO SUPERIOR’, no português dos séculos XVI e XVII, há o emprego da preposição *sobre*, mantida na passagem do latim para o português. Além disso, no século XVI, documenta-se a locução prepositiva *per cima de*.

5.2.10 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO INTERMÉDIA’

Outro campo semântico estudado, com base nos *corpora*, é ‘SITUAÇÃO INTERMÉDIA’. Esse campo semântico refere-se aos conceitos ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’ e ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’.

As relações de ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’ são expressas, no latim do século VI, através das preposições *ex*, *in* e *inter*, todas exemplificadas abaixo:

LATIM – SÉCULO VI:

EX

[...] *alio quoque tempore cum isdem venerabilis vir lampades vitreas in oratorio lavarit, una ex eius manibus cecidit.* (DSG, 1, 45, 11-12)

(‘Contou depós esto San Gregorio que huu tempo, lavando [...] as lampadas do vidro que estavam na eigreja, caeu hua delas d’antre sas mãos.’ (DSG, 1, 14, 2))

IN

[...] *exutus indumento, nudum se in illis spinarum açuleis et orticarum incendiis proiecit.* (DSG, 2, 79, 3-4)

(‘[...] e desnuou-se da vestidura que tragia e deitou-se ora antr’as espilhas ora antr’as ortigas.’ (DSG, 2, 2, 8))

INTER

[...] *adque inter discipulorum manus inbecilla membra sustentans [...]* (DSG, 2, 132, 14-15)

(‘E pois tomou o sagramento do corpo e do sangui de Nosso Senhor Jesu Cristo antr’as mãos dos seus discípulos.’ (DSG, 2, 37, 7))

Entretanto, ao se fazer um estudo etimológico das preposições latinas, verifica-se, mais uma vez, que o sentido de base de cada uma é: *ex*, ‘afastamento do interior de’; *in*, ‘localização’; e *inter*, ‘no meio de’.

Nos textos da língua portuguesa, essa relação está assim expressa: no século XIV, pelas preposições *antre/ entre* e *en* e pela locução prepositiva *de antre*; no século XVI, pelas preposições *antre/ entre* e pelas locuções prepositivas *no meo de* e *do meo de*; e no século XVII, pelas preposições *entre* e *de* e pelas locuções prepositivas *de entre*, *no meio de* e *por entre*, como se vê nos exemplos e no quadro, que se seguem:

PORTUGUÊS:

Século XIV

ANTRE

*E parando el mentes ao manto que tiinha tendudo **antr**’os braços [...] (DSG, 1, 9, 13)*

ENTRE

*E aquele que semelhava maior **entr**’eles respondeu. (DSG, 1, 28, 19)*

EN

*[...] na segunda vegada er meteu o manto **en** aquela água. (DSG, 1, 4, 22)*

DE ANTRE

*Contou depós esto San Gregório que huu tempo, lavando [...] as lampadas do vidro que estavam na eigreja, caeu hua delas **d’antre** sas mãos. (DSG, 1, 14, 2)*

Século XVI

ANTRE

*E também qualquer cousa para ter preço **antre** nós.* (JB, p. 228, l. 64)

ENTRE

*[...] direi a maneira que as gentes tevéram **entre** si por se nam confundirem seus nomes [...]* (JB, p. 300, l. 137)

NO MEO DE

*[...] com hum veo muyto delgado por cima que a viam todos, esteve assi **no meo da casa até noite [...]*** (GR, p. 484, l. 580)

DO MEO DE

*[...] e **do meo do** sobreceo estava pendurada hua grande bandeyra de seda das armas do principe com ouro e prata; [...]* (GR, p. 365, l. 6559)

Século XVII

ENTRE

*[...] principalmente **entre** gente que mede por ela o respeito.* (AV, CM, p. 280, l. 401)

DE

*[...] e se observa que nenhum **dos** nossos, salvo em caso de conhecida enfermidade ou necessidade, [...]* (AV, CM, p. 374, l. 155)

DE ENTRE

*[...] onde nos sobrevieram tão grandes calmarias que, em oito dias, não pudemos sair **de entre** elas, [...]* (AV, CM, p. 308, l. 1212)

NO MEIO DE

[...] e abrem tão grandes covas **no meio da** água [...] que muitas vezes as canoas se viram nelas. (AV, CM, p. 366, l. 720-721)

POR ENTRE

Daqui atravessámos, **por entre** pedras e redemoinhos de águas, a umas penhas muito altas que estão no meio do rio; [...] (AV, CM, p. 363, l. 640)

‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’					
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS				
LATIM SÉCULO VI	EX	IN	INTER		
PORTUGUÊS SÉCULO XIV		EM	ANTRE/ ENTRE	DE ANTRE	
PORTUGUÊS SÉCULO XVI			ANTRE/ ENTRE	NO MEO DE	DO MEO DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	DE	DE ENTRE	ENTRE	NO MEIO DE	POR ENTRE

Quadro 42 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’ nos diversos séculos estudados.

Também no campo semântico ‘SITUAÇÃO INTERMÉDIA’, está documentado o conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’, como já se comentou anteriormente. Na expressão desse conceito, nos textos da língua portuguesa, registram-se: no século XVI, a preposição *antre* e, no século XVII, a locução prepositiva *no meio de*, como se observa nos seguintes exemplos e quadro:

PORTUGUÊS:

Século XVI

ANTRE

Antre outras muytas vertudes tinha esta singular [...] (GR, p. 140, l. 145)

Século XVII

NO MEIO DE

[...] e o muito fruto que, apesar do mesmo demónio, **no meio destes trabalhos se tem colhido**, [...] (AV, CM, p. 370, l. 12)

‘QUALIDADE: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’		
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS	
LATIM SÉCULO VI	–	–
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	–	–
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	ANTRE	–
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	–	NO MEIO DE

Quadro 43 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’ nos diversos séculos estudados.

No que se refere à gramaticalização, pode-se dizer que, entre as preposições empregadas no latim do século VI, no conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’, apenas *ex* caiu em desuso, atingindo o estágio zero, enquanto as demais formas *in* e *inter* figuram entre aquelas que se mantiveram na passagem do latim para o português, apresentando apenas algumas alterações fonéticas.

No português, percebe-se que, no século XIV, há formas que se mantiveram na sua trajetória (*antre/ entre, em*), havendo apenas uma oscilação no emprego de *antre* e *entre*, que depois, com a normatização, se fixou na forma *entre*. Ao lado disso, está registrada a locução prepositiva *de antre/ de entre*, processo que era comum no latim tardio falado,

quando se empregavam duas preposições, uma reforçando a outra. No português do século XVI, também foram empregadas as preposições *antre* e *entre*, com a novidade do emprego das locuções prepositivas *no meo de* e *do meo de*, ambas formadas através da recategorização do nome *meio* que é usado ao lado da preposição *de*, resultando na locução (N > **PREP**). No século XVII, são empregadas as preposições mantidas na passagem para o português (*entre* e *de*), por outro lado, novamente, observa-se o emprego das locuções prepositivas *no meio de*, *de entre* e *por entre*.

Vale acrescentar que, no que diz respeito ao conceito de ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO INTERMÉDIA’, nos *corpora* em estudo, pode-se assinalar que ela só aparece registrada, no século XVI, com a preposição *antre*, preposição que oscila com *entre*, e, no século XVII, com a locução prepositiva *no meio de*, que, como acima observado, é oriunda da recategorização N > **PREP**.

5.2.11 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO INFERIOR’

No campo semântico ‘SITUAÇÃO INFERIOR’, estão registrados os conceitos ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INFERIOR’ e ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO INFERIOR’.

Para expressar as relações de ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INFERIOR’, nos textos latinos do século VI, são empregadas as preposições *in*, *infra*, *sub* e *subter*, como se vê nos exemplos abaixo:

LATIM – SÉCULO VI:

IN

[...] *cumque eum duo vel tres movere non possent, plures aduncti sunt, sed ita immobilis mansit, ac si radicitus **in** terra teneretur.* (DSG, 2, 96, 23-25)

(‘E pois se juntaron dous homens ou tres [...] juntaron-se outros muitos e tan pouco a poderen mover ben como se estevesse reigada sô terra.’ (DSG, 2, 9, 3))

INFRA

[...] *sed videntis animus dilatatus; qui in Deo raptus videre sine difficultate potuit omne, quod **infra** Deum est.* (DSG, 2, 131, 6-7)

(‘Mais porque entendimento deste que viia Deus alçou-se tan muito sobre todas as outras criaturas que ligeiramente e sem nen huu afan vira todas aquelas cousas que eran sô Deua.’ (DSG, 2, 35, 23))

SUB

[...] *cumque in Dei lumine rapitur [...] in interioribus ampliatur, et, dum **sub** se conspicit.* (DSG, 2, 130, 24-26)

(‘[...] pode veer naquel lume [...] o seu criador todas as criaturas que son en todo o mundo que el fez ca todas son sô el.’ (DSG, 2, 28, 8))

SUBTER

[...] *et profundum subter praecipitium patet.* (DSG, 1, 47, 19)

(‘[...] e sô o penedo parecia huu esfadoiro mui grande que semelhava que se ia en avissos.’ (DSG, 1, 16, 5))

Etimologicamente, as preposições latinas *in*, *infra*, *sub* e *subter* tinham os sentidos de base: *in*, ‘localização’ e as demais, ‘situação inferior’. Na expressão desse conceito, diferentemente dos outros estudados, apenas a preposição latina *in* tem o sentido de base distinto.

Já no português do século XIV, registra-se, para expressar esse conceito, a preposição *sô*; no século XVI, estão documentadas a preposição *sô* e as locuções prepositivas *debaixo de*, *abaixo de* e *ao pee de*; e, no século XVII, as locuções prepositivas *debaixo de* e *aos pés de*. Esses itens serão exemplificados a seguir e mostrados em um quadro comparativo:

PORTUGUÊS:

Século XIV

SÔ

[...] e *sô o penedo parecia huu esfadoiro mui grande que semelhava que se ia en avissos.* (DSG, 1, 16, 5)

Século XVI

SÔ

Padeção sô poder de Ponçio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. (JB, p. 255, l. 4)

DEBAIXO DE

*[...] per lei de Cristo, donde nós fundamos ésta definiçám, se contem **debaixo de um sojeito**, [...]* (JB, p. 416, l. 71)

ABAIXO DE

*[...] pera os poder vencer poer-lhe o dito cerco mais afastado como logo poseram, e em hua parte do rio que **abaixo da** fortaleza dava vão, [...]* (GR, p. 280, l. 3963)

AO PEE DE

*[...] E Sam Joam estando presente **ao pee da** cruz nam falla dos terremotos e cousas que aqueceram. (GR, p. 523, l. 502)*

Século XVII

DEBAIXO DE

*[...] e estes três dias últimos direitos a ele, com que nos fizemos hoje quase em dois graus para cá da Linha; e, como o Pará está quase **debaixo dela**, a moderação, com que aqui vem já inclinada a intemperança da equinocial, [...]* (AV, CM, p. 358, l. 464)

AOS PÉS DE

*[...] foram de parecer todos os padres desta missão que eu partisse logo **aos pés de** V. M., a representar estas injustiças e violências, [...]* (AV, CM, p. 413, l. 244)

‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INFERIOR’				
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS			
LATIM SÉCULO VI	IN	INFRA	SUB	SUBTER
PORTUGUÊS SÉCULO XIV			SÔ	
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	ABAIXO DE	AO PEE DE	SÔ	DEBAIXO DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII		AOS PÉS DE		DEBAIXO DE

Quadro 44 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INFERIOR’ nos diversos séculos estudados.

Para a expressão da ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO INFERIOR’, emprega-se, tanto no português do século XVI, *sô*, como no português do século XVII, a preposição *sob*. Além disso, no século XVII, registra-se a locução prepositiva *debaixo de*, como nos exemplos e quadro a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVI

SÔ

Padeção sô poder de Ponçio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. (JB, p. 255, l. 4)

Século XVII

SOB

*[...] na qual necessidade obriga, **sob** pena de pecado, a caridade cristã a que sejam prontamente socorridos de ministros do Evangelho, [...]* (AV, CM, p. 303, l. 1071-1072)

DEBAIXO DE

[...] *a paz universal do mundo, tão cantada e prometida por todos os profetas, debaixo de um só pastor e de um só monarca, [...]* (AV, CM, p. 498, l. 829)

'QUALIDADE: SITUAÇÃO INFERIOR'		
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS	
LATIM SÉCULO VI	–	–
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	–	–
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	SÔ	–
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	SOB	DEBAIXO DE

Quadro 45 – As preposições que expressam o conceito 'QUALIDADE: SITUAÇÃO INFERIOR' nos diversos séculos estudados.

No que se refere à gramaticalização, pode-se dizer que, entre as preposições empregadas no latim, *infra* e *subter* desapareceram na passagem para o português, alcançando, portanto, o estágio zero, enquanto as preposições *in* e *sub* se mantiveram, sofrendo apenas algumas alterações fonéticas.

Com relação aos exemplos da língua portuguesa, pode-se observar que, nos séculos XIV e XVI, a preposição latina *sub* aparece sob a forma reduzida *sô*, enquanto no século XVII, ela volta a se aproximar do latim, quando se registra o item *sob*, que se mantém assim até o momento presente. Vale acrescentar que, no século XVI, também estão documentadas, para expressar essa relação, as locuções prepositivas *debaixo de*, *abaixo de* e *ao pee de*, provenientes do processo de recategorização, quando os advérbios *debaixo* e *abaixo* passam a ser empregados como preposições (**ADV > PREP**) e quando o nome *pee*, ao lado da preposição *de*, passa a ser usado como preposição (**N > PREP**); e, no século

XVII, as locuções prepositivas *debaixo de* e *aos pés de*. Trata-se, portanto, segundo os funcionalistas, da passagem de um elemento de uma Categoria mediana para uma Categoria menor e de um item de uma Categoria maior para uma Categoria menor, respectivamente.

Vale ressaltar a utilização de uma parte do corpo (o pé), nas locuções prepositivas *ao pee de* e *aos pés de*, como exemplos de projeção da consciência corporal na criação de expressões espaciais, tal como postula a Lingüística Cognitiva.

Na expressão da ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO INFERIOR’, tanto no século XVI, como no século XVII, registra-se a forma que se conservou na passagem para o português (*sô* e *sob*). Também, no século XVII, para esse conceito, está documentada a locução prepositiva *debaixo de*.

5.2.12 As preposições no campo semântico da ‘SITUAÇÃO EXTERIOR’

No campo semântico ‘SITUAÇÃO EXTERIOR’, encontram-se os conceitos ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO EXTERIOR’, ‘TEMPO: SITUAÇÃO EXTERIOR’ e ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO EXTERIOR’, nos *corpora* em estudo. Para expressar o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO EXTERIOR’, no latim do século VI, documentam-se as preposições *extra* e *foras*, como podem ser vistas nos exemplos a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:

EXTRA

[...] *manere extra cellam nulla tenus possum.* (DSG, 2, 126, 9-10)
 ([...] Non posso eu mãecer nen ficar fora da mha cela.’ (DSG, 2, 33, 13))

FORAS

[...] *ipse egrediebatur foras, et mente vaga.* (DSG, 2, 86, 7-8)
 ([...] aquel monge saia-se fora da eigreja e andava devaneando per este moesteiro.’ (DSG, 2, 4, 2))

É interessante observar que essas preposições latinas tinham o sentido de base realmente referente a esse conceito, pois *extra* significava ‘fora de’; e *foras*, ‘fora de’, o que, na maioria dos casos vistos nesta pesquisa, não ocorre.

No português, nota-se a continuação desse conceito que, cada vez mais, vai se ampliando, inclusive com a criação de locuções prepositivas. Então, no século XIV, verifica-se o uso da preposição *de* e da locução prepositiva *fora de*. No século XVI, além da preposição *de*, encontram-se as locuções prepositivas *fora de* e *por fora de*. E, no século

XVII, estão registradas as locuções prepositivas: *fora de* e *para fora de*, a seguir exemplificadas e mostradas em um quadro resumo:

PORTUGUÊS:

Século XIV

DE

*Em duas maneiras [...] saímos nós **de** nós meesmos.* (DSG, 2, 3, 42)

FORA DE

*Non posso eu mãcer nen ficar **fora da** mha cela.* (DSG, 2, 33, 13)

Século XVI

DE

*[...] veyo a el-rey recado dos capitães **dalem** estando em Almada como a terra d'Africa era avisada da dita armada, [...]* (GR, p. 266, l. 3545)

FORA DE

*E porque todas as fazendas dos cortesãos e moradores ficavam dentro na cidade em suas casas e pousadas [...] ouve hi grandes guardas, homens de fiança e recado na cidade repartidos pollas ruas, e assi **fora dos** muros pera que ninguem podesse entrar nem sayr, [...]* (GR, p. 323, l. 5261)

POR FORA DE

*[...] e mandar muita gente **por fora da** villa guardar os caminhos [...]* (GR, p. 234, l. 2586)

Século XVII

FORA DE

*Com os portugueses posso afirmar a V. Rev.^a se não tem trabalhado menos que com os índios: nos sermões dentro e **fora de casa**; [...] (AV, CM, p. 389, l. 612)*

PARA FORA DE

*[...] e se houver algum religioso desobediente nesta parte, seja mandado **para fora do Maranhão**. (AV, CM, p.452, l. 289)*

‘ESPAÇO: SITUAÇÃO EXTERIOR’						
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS					
LATIM SÉCULO VI	EXTRA	FORAS				
PORTUGUÊS SÉCULO XIV		FORA DE		DE		
PORTUGUÊS SÉCULO XVI		FORA DE	POR FORA DE	DE		
PORTUGUÊS SÉCULO XVII		FORA DE	PARA FORA DE			

Quadro 46 – As preposições que expressam o conceito ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO EXTERIOR’ nos diversos séculos estudados.

Quanto a relação ‘TEMPO: SITUAÇÃO EXTERIOR’, verifica-se que esse conceito só foi encontrado, nos *corpora* em estudo, no século XVII, com a locução prepositiva *fora de*, exemplificada a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVII

FORA DE

*[...] que não convinha que a jornada se fizesse, por ser já **fora de tempo**: [...] (AV, CM, p. 372, l. 70)*

No que diz respeito ao conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO EXTERIOR’, verifica-se que tanto no português do século XVI como no português do século XVII, está documentada a locução prepositiva *fora de*, como se vê nos exemplos e quadro seguinte:

PORTUGUÊS:

Século XVI

FORA DE

[...] saltou com elle letresia tam grande que o nam deixava acordar nem abrir hos olhos senam **fora de** seus sentidos dormir sempre [...] (GR, p. 443, l. 8897)

Século XVII

FORA DE

[...] estiveram abaladas as aldeias este ano para se passarem a outras terras, onde vivessem **fora desta** sujeição tão malsofrida, [...] (AV, CM, p. 302, l. 1043)

‘QUALIDADE: SITUAÇÃO EXTERIOR’		
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS	
LATIM SÉCULO VI	–	–
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	–	–
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	FORA DE	–
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	FORA DE	–

Quadro 47 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO EXTERIOR’ nos diversos séculos estudados.

Quanto ao processo de gramaticalização, a preposição latina *extra* caiu em desuso, atingindo o estágio zero. Esse item é usado na língua portuguesa como prefixo. A preposição latina *foras* passou por alterações fonéticas e foi encontrada, nos *corpora* em estudo, ao lado da preposição *de*, de acordo com o *continuum* de fusão de Svorou (1993, p. 39). A locução prepositiva *fora de*, então, é proveniente da recategorização do advérbio *fora* em preposição (**ADV > PREP**), que passa a ter a função de relacionar vocábulos.

Nos séculos XIV, XVI e XVII, para expressar as relações de ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO EXTERIOR’, está registrada a locução prepositiva *fora de*. Além disso, no século XVI, está documentada a locução prepositiva *por fora de* e, no século XVII, *para fora de*, formadas pelo processo acima descrito, mas que, ainda, receberam mais um reforço das preposições *por* e *para*, respectivamente. Também, nos séculos XIV e XVI, foi encontrada a preposição *de*.

Para expressar o conceito ‘TEMPO: SITUAÇÃO EXTERIOR’, é interessante assinalar que foi empregada a locução prepositiva *fora de*. Esse conceito só está registrado no século XVII.

Também a locução *fora de* denota o conceito ‘QUALIDADE: SITUAÇÃO EXTERIOR’ a partir do século XVI.

5.2.13 As preposições no campo semântico do ‘INSTRUMENTO’

Outro campo semântico estudado é o do ‘INSTRUMENTO’, para o qual, por exemplo, no latim do século VI, estão documentadas as preposições: *a/ab, ad, cum, de, ex, per, pro* e *super*, como se vê nos exemplos abaixo:

LATIM – SÉCULO VI:

AB

[...] *sic Moyses in heremo edoctus ab angelo mandatum dedicit.* (DSG, 1, 20, 3-4)
 (‘E outrossi Moises no deserto polo anjo aprendeu aquelas cousas.’ (DSG, 1, 2, 26))

AD

[...] *cumque his, qui ad videndum eum venerat.* (DSG, 1, 40, 23-24)
 (‘E pois aquel lavrador [...] soube per aqueles que o conhecian quen era.’ (DSG, 1, 11, 5))

DE

[...] *ad horam viro refectionis illius ex vicina silva corvus venire consueverat, et panem de manu eius accipere.* (DSG, 2, 91, 18-19; 92; 1)
 (‘E quando veo a hora de comer, el sendo ja aa mesa, veo huu corvo dua mata que está preto do moesteiro, a qual el sempre dava pan con sa mão, ca sempre naquela hora o corvo hi viinha.’ (DSG, 2, 8, 10))

CUM

[...] *dispexit iam quasi aridum mundum cum flore.* (DSG, 2, 71, 5)
 (‘[...] despreçou o mundo que estava con toda sa frol.’ (DSG, 2, 1, 4))

EX

[...] *quo vocato, alii quoque septem fratres ex nomine sunt vocati.* (DSG, 1, 47, 23)
 (‘E depois desto chamaron outros sete frades e cada huu per seu nome.’ (DSG, 1, 16, 7-8))

PER

[...] *eumque per capillos tenuit, rapido quoque curso rediit.* (DSG, 2, 90, 10-11)
 ('[...] e travou dos cabelos do monge [...] e tiroo-u aa riba.' (DSG, 2, 7, 6))

PRO

[...] *infectum veneno panem quasi pro benedictione transmitterit [...]* (DSG, 2, 91, 15-16)
 ('[...] e enviou-lhi pam poçoento come por esmolna [...]' (DSG, 2, 8, 8))

SUPER

[...] *super semetipsum sacros codices in pelliciis saeculis missos dextro levoque latere portabat.* (DSG, 1, 33, 8-9)
 ('Per si meesmo levava os livros santos en que estudava en seu colo e en sacos de peles, huu do lado destro e outro do lado seestro.' (DSG, 1, 7, 23))

Entretanto, ao se fazer o estudo etimológico desses elementos, pôde-se verificar que cada um deles possui um sentido de base diferente. Assim, *a/ab* têm o sentido de 'afastamento do exterior de'; *ad*, 'direção'; *cum*, 'em companhia de'; *de*, 'afastamento de cima para baixo'; *ex*, 'afastamento do interior de'; *per*, 'percurso'; *pro*, 'diante de'; e *super*, 'situação superior'.

Nos textos do século XIV, que se referem à tradução dos textos latinos dos *Diálogos de São Gregório*, estão registradas, no campo semântico do 'INSTRUMENTO', as preposições *con*, *de*, *per/ pelo* e *por/ polo*, apontadas nos exemplos a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XIV

CON*[...] ben como se o quebrantassem **con** hua pedra. (DSG, 2, 3, 13)***DE***E porque aas vezes o achavan jazer antr'as mouteiras vestido **das** peles das animalhas. (DSG, 2, 1, 16)***PER***[...] ali deve homen sofrer aqueles que son maaos, quando son muitos ajuntados ensembra huu a outro bõõ **per** cujos bõõs eixemplos se poden correger. (DSG, 2, 3, 55)***POR***E el tan toste enviou **polos** menihos, que ja fezera ir deante. (DSG, 1, 28, 33)*

Como se pode observar, todas essas formas foram herdadas do latim e conservadas na passagem para o português. Etimologicamente, *con* significa ‘companhia’; *de*, ‘afastamento de cima para baixo’; *per/ pelo*, ‘percurso’; e *por/ polo*, ‘em frente de’. Vale ressaltar, ainda, que apesar de serem conservados os sentidos de base dessas preposições, nesses contextos citados a sua acepção é de ‘instrumento’.

Ao se comparar os textos das duas línguas, percebe-se que, no português do século XIV, houve uma redução no quadro das preposições usadas para expressar o ‘INSTRUMENTO’, uma vez que, na passagem para a língua portuguesa, as formas *a/ab* e *ex* desapareceram, sendo substituídas pela preposição *de*, e que nessa língua não se registra

o emprego de *sobre* (< *super*) para expressar esse conceito. Por outro lado, a preposição latina *cum* sofreu alterações fonéticas e seu uso se mantém ainda no momento atual para essa acepção.

Ainda no que diz respeito ao campo semântico do ‘INSTRUMENTO’, nos textos do século XVI, estão documentadas as formas *a, com, de, per/ pela* e *por*, exemplificadas a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVI

A

[...] tratavam em matar el-rey a ferro ou com peçonha [...] (GR, p. 231, l. 2463-2464)

COM

E desi os preceitos da lei e os mandamentos da Igreja, com um tratado de ouvir a missa [...] (JB, p. 240, l. 52)

DE

[...] e os cavaleyros ajuntaram hua coroa de espinhos e poseram-lha sobre a cabeça, e vestiram-no de hua vestidura de púrpura [...] (GR, p. 518, l. 306)

PER

[...] que, pela tua Santa Cruz, remiste o mundo [...] (JB, p. 285, l. 165)

POR

E antes de Pero Jusarte partir, ho marquês por Lopo da Gama cavaleyro de sua casa mandou mostrar [...] (GR, p. 189, l. 1227)

Verifica-se também, nesse caso, que todas essas formas foram herdadas do latim e conservadas na passagem para o português, tendo como sentido de base: *a*, ‘direção’; *com*, ‘companhia’; *de*, ‘afastamento de cima para baixo’; *per/ pela*, ‘percurso’; e *por*, ‘em frente de’.

Ao estabelecer comparação entre os textos do latim do século VI e do português do século XVI, também se observa uma redução, uma vez que, nesse último século, não se encontram registradas as formas *a/ab* e *ex*, que, como já se observou, caíram em desuso na passagem para o português, assim como não está documentada a forma *sobre* (< *super*).

Já no texto do século XVII, nas *Cartas do Maranhão* de Antônio Vieira, estão documentadas as preposições *com* e *por*, também reflexos do latim e exemplificadas a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVII

COM

*[...] mandou logo três ministros de justiça, **com** três decretos seus, que mos fossem notificar a qualquer navio onde eu estivesse. (AV, CM, p. 274, l. 234)*

POR

*Os do Conselho Ultramarino, e todos os mais ministros **por** cujas mãos passaram estes dois requerimentos, se edificaram muito deles, [...] (AV, CM, p. 278, l. 336)*

Ao se comparar os textos do século XVII com o latim do século VI e o português dos séculos XIV e XVI, observa-se uma redução do emprego de várias preposições na expressão do conceito de ‘INSTRUMENTO’.

Dessa forma, com relação à passagem do latim para o português, inicialmente, constata-se uma redução do quadro desses elementos. Entretanto, após a análise, percebe-se um enriquecimento semântico desses itens no português.

Então, como já foi visto, no que diz respeito ao processo de gramaticalização, pode ser observado que as formas latinas *ab* e *ex* não foram mais registradas, ocorrendo o estágio zero; as demais preposições encontram-se entre aqueles itens que se mantiveram na trajetória para o português, passando apenas por algumas alterações fonéticas (*ad*, *cum*, *de*, *per/pro* e *super*); além do mais, as preposições latinas *per* e *pro* se fundiram no português, tendo como resultado a forma *por*.

Pode-se constatar que são empregadas preposições provenientes do latim e conservadas na língua portuguesa, em todos os períodos estudados. Também se verifica que, para expressar as relações de ‘QUALIDADE: INSTRUMENTO’, em todos os textos do português aqui analisados, houve sempre o emprego das preposições *com* e *per/pro*, visualizadas no quadro a seguir:

‘QUALIDADE: INSTRUMENTO’								
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS							
LATIM SÉCULO VI	AB	AD	CUM	DE	EX	PER	PRO	SUPER
PORTUGUÊS SÉCULO XIV			CON	DE		PER		POR
PORTUGUÊS SÉCULO XVI		A	COM	DE		PER		POR
PORTUGUÊS SÉCULO XVII			COM					POR

Quadro 48 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: INSTRUMENTO’ nos diversos séculos estudados.

5.2.14 As preposições no campo semântico do ‘MEIO’

Para expressar as relações de ‘MEIO’, no latim do século VI, estão registradas as preposições *ab*, *cum*, *in*, *inter*, *iuxta* e *per*.

Ao examinar o sentido de base dessas formas, pode-se verificar que todas elas, ao se gramaticalizarem, iniciam sua trajetória com acepção espacial, o que vai confirmar a teoria semântica do localismo. Assim, *ab*, etimologicamente, significa ‘afastamento do exterior de’; *cum*, ‘companhia’; *in*, ‘localização’; *inter*, ‘no meio de’; *iuxta*, ‘ao lado de’; e *per*, ‘percurso’. Como se vê, já no latim, essas formas ampliam sua significação, num processo de metaforização, chegando à acepção abstrata de ‘meio’, como exemplificadas a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:

AB

[...] *cumque utrique a somno surgerent.* (DSG, 2, 112, 18-19)
 (‘[...] contou cada huu ao outro o que vira per sonho.’ (DSG, 2, 22, 10))

CUM

[...] *ut illic duodecim monasteria cum omnipotentis Ihesu Christi Domini opitulatione construerit.* (DSG, 2, 84, 9-10; 85, 1)
 (‘[...] fez [...] doze moesteiros con ajuda de Deus.’ (DSG, 2, 3, 67))

IN

[...] *adiuro vos in nomine Domini Dei nostri Ihesu Christi, recedite hinc.* (DSG, 1, 56, 14-15)
 (‘Eu vos mando en nome de Nosso Senhor Jesu Cristo que vós vaades daqui.’ (DSG, 1, 21, 5))

INTER

*Coepit viro **inter** ista vir Dei etiam prophetiae spiritu pollere, ventura preedicere.* (DSG, 2, 98, 19-20)

(‘E con esta vertude que o santo de Deus ouve per que fazia muitos miragres.’ (DSG, 2, 11, 15))

IUXTA

[...] *ite, et **iuxta** mores vestros vobis patrem quaerite, quia me post haec habere menime potestis.* (DSG, 2, 81, 13-14)

(‘Poren des aqui en deante tomade tal abade que convenha con vossos costumes ca min jamais non me podedes aver.’ (DSG, 2, 3, 18))

PER

*Petre, quem cotidie patior et semper mihi **per** usum vetus est et semper per augmentum novus.* (DSG, 1, 14, 4-6)

(‘Pedro, as lagrimas que eu cada dia deito dos meus olhos e per uso sempre me a mim son velhas e pera acrecentamento sempre me son novas.’ (DSG, 1, 1, 10))

Entre as preposições documentadas, nos textos da língua portuguesa, observa-se que as formas *com* e *per/ por* aparecem em todos os séculos focalizados. Além dessas formas, estão documentadas, para expressar esse conceito, no século XIV, *em*; no século XVI, *a*, *em* e *sobre* e as locuções prepositivas *per meo de* e *por meo de*; e, no século XVII, registram-se as locuções prepositivas *por meio de* e *por via de*. Todos esses itens serão exemplificados e resumidos em um quadro a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XIV

CON

*E **con** esta vertude que o santo de Deus ouve per que fazia muitos miragres.* (DSG, 2, 11, 15)

EN

*Eu ti mando **eno** nome de Jesu Cristo que guardes esta entrada. (DSG, 1, 5, 33)*

PER

*[...] contou cada huu ao outro o que vira **per** sonho. (DSG, 2, 22, 10)*

POR

*Se a aqueste apostolo foron mostradas as cousas que de Deus son **polo** spiritu de Deus. (DSG, 2, 16, 28)*

Século XVI

A

*[...] hiam **a** pee [...] (GR, p. 150, l. 54)*

COM

*[...] **co** aquelle lustro da latinidade **com** que a Santa Igreja ás veste aos que militam [...] (JB, p. 231, l. 127)*

EM

*E o senhor Dom Álvaro yrmão do duque [...] e **em** nome de todos os senhores do reino, e por si deu também nas mãos d'el-rey obediência e menajem, [...] (GR, p. 183, l. 1023)*

SOBRE

*[...] e saber que ele avia por boaventura sua reger-se per suas leis e **sobre** sua fé se salvar, [...] (GR, p. 388, l. 7223)*

PER MEO DE

*[...] por serviço de Deos e bem dambos os reynos, foy feyta e assentada paz perpetua **per meo da** senhora ynfanta Dona Breatiz, antre os ditos reys e reynos [...]* (GR, p. 309, l. 4787)

POR MEO DE

*E as cousas que em nome d'el-rey se requereram o Papa **por meo do** cardeal de Portugal que era seu proteitor, fez todas com muito amor e boa vontade [...]* (GR, p. 245, l. 2919)

Século XVII

COM

*[...] porque o fez S.M. **com** demonstrações mais que de pai, [...]* (AV, CM, p. 276, l. 286)

POR

*[...] principalmente entre gente que mede **por** ela o respeito. (AV, CM, p. 280, l. 401)*

POR MEIO DE

*[...] se **por meio de** um padre, bom língua, os não reduzíramos a que esperassem nova resolução de V. M. (AV, CM, p. 302, l. 1044)*

POR VIA DE

*[...] que é distância de quinhentas léguas, com os holandeses no meio, e sem recurso senão **por via do** Reino; [...]* (AV, CM, p. 298, l. 925)

‘QUALIDADE: MEIO’						
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS					
LATIM SÉCULO VI	AB	CUM	IN	INTER	IUXTA	PER
PORTUGUÊS SÉCULO XIV		COM	EN			PER/ POR
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	A	COM	EM	SOBRE		PER MEO DE/ POR MEO DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII		COM		POR MEIO DE	POR VIA DE	POR

Quadro 49 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: MEIO’ nos diversos séculos estudados.

No que diz respeito ao processo de gramaticalização, constata-se que as formas latinas *ab* e *iuxta* caíram em desuso na passagem para o português, alcançando, assim, o estágio zero; os itens *cum*, *in*, *inter* e *per* se mantiveram no português, apresentando apenas algumas alterações fonéticas.

Com relação à língua portuguesa, pode-se perceber que todas as preposições documentadas também são mantidas na passagem para o português. Além disso, observa-se que há uma variação de uso de preposições para essa acepção nos séculos XIV e XVI, para finalmente se firmar no século XVII, com o emprego das duas preposições indicadoras de ‘meio’ *com* e *por*. Nos séculos XVI e XVII, registram-se algumas locuções prepositivas, elementos que se enquadram no primeiro estágio do processo de gramaticalização, quando os itens aparecem lado a lado, contendo unidades independentes, mas constituindo um só bloco, com apenas uma função. Assim, com a frequência de uso, essas perífrases passam a exercer o papel de preposição, pois relacionam dois vocábulos, ocorrendo o processo de recategorização de **N > PREP**, quando os nomes *meo/ meio* e *via* passam a integrar no rol desses elementos de relação.

5.2.15 As preposições no campo semântico do ‘FIM’

Nesse campo semântico, foi registrado o conceito abstrato ‘QUALIDADE: FIM’, que já era expresso por algumas preposições desde o latim do século VI. Então, nos *corpora* em estudo, as preposições documentadas para exprimir as relações de ‘QUALIDADE: FIM’ são: *ad*, *ex*, *in* e *pro*, exemplificadas a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:

AD

[...] *sed quaeso te, estne aliquid [...] ad nostram aedificationem narres?* (DSG, 1, 23, 19-21)

(‘[...] mais pero rogo-te se sabes ainda alguma cousa [...] que nos possas contar a conforto de nossas almas.’ (DSG, 1, 4, 27))

EX

“*hoc fieri nullatenus potest, quia lassatus ex itinere [...]*” (DSG, 1, 36, 6-7)

(‘E mandou dizer [...] que se guisasse pera o caminho.’ (DSG, 1, 8, 31))

IN

[...] *sibique eas abscondit in sinu.* (DSG, 2, 109, 10-11)

(‘[...] e per que podessen mais perseverar en seu serviço.’ (DSG, 2, 19, 3))

PRO

[...] *qui humilitate mox spiritu ad eius genua cucurrit, orationem pro se fieri petiit.* (DSG, 1, 35, 24; 36, 1)

(‘E pois Deus quebrantou e homildou sa sobérvia, deitou-se ante os pees do santo homen e pediu-lhi que rogasse a Deus por ele.’ (DSG, 1, 8, 22))

Dessa forma, verifica-se que o sentido de base das preposições latinas que registraram o conceito em estudo nem sempre foi esse. Inicialmente, a preposição *ad* exprimia o sentido de ‘direção’, ‘aproximação’; *ex*, ‘afastamento do interior de’; *in*, ‘localização’; e *pro*, ‘diante de’.

Nos textos do português, para expressar esse conceito, constata-se o emprego das seguintes formas: no século XIV, *a*, *en*, *pera* e *por*; no século XVI, *a*, *até*, *com*, *de*, *pera* e *per* e as locuções prepositivas *a fim de* e *com tençam de*; e, no século XVII, *a*, *com*, *de*, *em*, *para* e *por*, ao lado da locução prepositiva *a fim de*, como aparecem nos exemplos e quadro abaixo:

PORTUGUÊS:

Século XIV

A

[...] mais pero rogo-te se sabes ainda alguma cousa [...] que nos possas contar a conforto de nossas almas. (DSG, 1, 4, 27)

EN

*[...] e per que podessen mais perseverar **en** seu serviço. (DSG, 2, 19, 3)*

PERA

*[...] dizendo muitas santas paravoas per que acendia os corações [...] **pera** o amor da terra celestial. (DSG, 1, 7, 19)*

POR

*[...] mais recebi os menihos que mi mandasti que ti envio per este teu clérigo e rogo-te que rogues a Deus **por** min. (DSG, 1, 28, 35)*

Século XVI

A

Sayram da Sé a recebe-lo [...] (GR, p. 150, l. 66)

ATÉ

[...] e darem muytas feridas no rosto e no corpo até o deixarem por morto [...] (GR, p. 163, l. 418)

COM

Caridade com Deos e com o próximo. (JB, p. 260, l. 75)

DE

Que nam era contente de fazer honrra e merce aos valentes homens e bons cavaleyros [...] (GR, p. 427, l. 8401)

PERA

Os cinco sentidos que nos DEOS deu pera salvaçam e seu sentido. (JB, p. 261, l. 92)

PER

[...] nam sabem rezar ua oraçam per ela, e pela tirada sem mais correntes [...] (JB, p. 409, l. 416)

A FIM DE

Tudo ysto a fim de nam parecer alguem que o podia governar; [...] (GR, p. 384, l. 7099)

COM TENÇAM DE

E trazia consigo quinhentas e cincoenta lanças muy escolheitas com tençam de nam escapar o conde nem algum dos seus. (GR, p. 259, l. 3323)

Século XVII

A

*No caminho tomei o navio do Maranhão, que também já ia à vela, **a** despedir-me dos padres; [...]* (AV, CM, p. 275, l. 247)

COM

*[...] tiveram mais ocasiões de exercitar a caridade, principalmente **com** os doentes, [...]* (AV, CM, p. 316, l. 266)

DE

*Pelo que peço muito a V. Rev.^a o que queria representar assim aos Rev.^{os}. Capitulares da Baía, que se sirvam **de** nos aliviar desta obrigação, [...]* (AV, CM, p. 320, l. 384)

EM

*[...] maior obrigação corre à do Brasil **em** não faltar com os que só nele podem achar, que são os línguas.* (AV, CM, p. 279, l. 382)

PARA

*A Província do Brasil foi principalmente fundada **para** a redução e conversão dos gentios, [...]* (AV, CM, p. 279, l. 372)

POR

*Ao procurador do Brasil escrevo trabalhe **por** nos mandar em todos os navios alguns sujeitos, [...]* (AV, CM, p. 293, l. 800)

A FIM DE

*Que as entradas ao sertão se façam só **a fim de** ir converter os gentios, [...]* (AV, CM, p. 301, l. 1008)

‘QUALIDADE: FIM’								
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS							
LATIM SÉCULO VI	AD	EX	IN	PRO				
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	A		EN	POR	PERA			
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	A	DE	ATÉ	PER	PERA	COM	COM TENÇAM DE	A FIM DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	A	DE	EM	POR	PARA	COM		A FIM DE

Quadro 50 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: FIM’ nos diversos séculos estudados.

Quanto ao processo de gramaticalização, pode-se observar que, na passagem para o português, apenas a forma *ex* caiu em desuso, enquanto *ad*, *in* e *pro* se mantiveram, apresentando algumas alterações fonéticas.

Com relação aos itens *per* e *pro*, houve uma fusão dessas formas na passagem para a língua portuguesa, tendo como resultado a forma *por*, mas, nessa fusão, a preposição portuguesa *por* absorveu todas as acepções das preposições latinas *per* e *pro*.

No que se refere aos itens da língua portuguesa, observa-se que, no século XIV, algumas formas empregadas, para expressar esse conceito, encontram-se entre aquelas que se mantiveram (*a*, *en*, *por*). Já a preposição *pera* é oriunda do processo de morfologização, quando as preposições latinas *per* e *ad* eram usadas lado a lado, compondo, inicialmente, uma locução prepositiva, e, mais tarde, no português arcaico, esses morfemas livres se soldaram, tendo como resultado a preposição portuguesa *pera*, num processo de fusão com perda de elemento fonológico.

No século XVI, estão documentadas as preposições conservadas no português (*a*, *com*, *de*, *per*), ao lado daquelas resultantes do processo de morfologização, que, como já se

observou, teve início no latim tardio e se completou no português arcaico e moderno (*pera*, *até*). Com relação à forma *até*, há discussão entre os lingüistas, quanto à sua origem. Adotou-se, neste trabalho, ser essa forma oriunda de um processo de morfologização, isto é, quando os dois elementos latinos, numa fase do latim tardio, se juntaram, compondo a locução prepositiva *ad tenus*. No português arcaico, essas formas se fundiram, tendo como resultado, inicialmente, a preposição *ateem/ ata* e, a partir do século XVII, a sua forma *até*. Ainda no século XVI, estão registradas as locuções prepositivas *a fim de* e *com tençam de*, provenientes do processo de recategorização de N > **PREP**, quando os nomes *fim* e *tençam* foram usados para compor a locução prepositiva. Nesse momento, esses itens são empregados lado a lado, passando a formar uma só unidade, o que denuncia o primeiro estágio do processo de gramaticalização. No século XVII, além das formas que se mantiveram (*a*, *com*, *de*, *em* e *por*), estão registradas a preposição *para* e a locução prepositiva *a fim de*, já analisadas acima.

5.2.16 As preposições no campo semântico do ‘ASSUNTO’

No que se refere às relações conceituais de ‘QUALIDADE: ASSUNTO’, no latim do século VI, são empregadas as preposições *de* e *pro*, exemplificadas abaixo:

LATIM – SÉCULO VI:

DE

Silere non debeo quod de hoc viro abbate. (DSG, 1, 37, 22-23)
 (‘Non me devo calar [...] que non diga o que ouvi daqueste homen bõõ Equicio.’ (DSG, 1, 9, 3))

PRO

[...] *die vero altera erat pro utilitate monasterii causa constituta [...]* (DSG, 1, 24, 6)
 (‘E porque en outro dia avia de parecer ante o juiz sobre feito do moesteiro.’ (DSG, 1, 5, 8))

Ao se examinar, etimologicamente, as preposições latinas encontradas nessa acepção, pode-se perceber que o sentido de base delas é bem diferente, visto que *de* significava, inicialmente, ‘afastamento de cima para baixo’; e *pro*, ‘diante de’.

No que diz respeito aos textos da língua portuguesa, para expressar as relações de ‘QUALIDADE: ASSUNTO’, estão documentadas as seguintes formas: no século XIV, *de*, *en* e *sobre*; no século XVI, *a*, *de*, *em* e *sobre*, ao lado da locução prepositiva *acerca de*; e, no século XVII, *de*, *em* e *sobre*, além das locuções prepositivas *acerca de* e *em respeito de*, todas essas formas exemplificadas abaixo e resumidas no quadro a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XIV

DE*[...] e que me fales **de** sa humildade. (DSG, 1, 10, 15)***EN***E enton cuidou **nos** bees que perdera, quando começou a cuidar de si medes. (DSG, 2, 3, 28)***SOBRE***E porque en outro dia avia de parecer ante o juiz **sobre** feito do moesteiro. (DSG, 1, 5, 8)*

Século XVI

A*[...] e assi **a** este respyto. (GR, p. 192, l. 1302)***DE*****Do** que ao principe aqueceo andando de noyte soo (GR, p. 154, l. 165)****DO NOME PRÓPRIO E COMUM** (JB, p. 299, l. 123)***EM***[...] nam falo **em** muytas pessoas nem nos esforçados feytos [...] (GR, p. 140, l. 99)***SOBRE***[...] e pera **sobre** ysso nam deverem mays fallar [...] (GR, p. 240, l. 2779)*

ACERCA DE

*[...] hos quaes por modo de conselho praticou sobre o que **acerca da** vinda do príncipe devia de fazer [...]* (GR, p. 207, l. 1729)

Século XVII

DE

*Diga-me V. Rev.^a muito **de si e da** sua, e **das** mercês que Deus lhe faz, e **do** trato familiar que tem com ele, [...]* (AV, CM, p. 289, l. 3; l. 4; l. 4; l. 4)

EM

*Muito resolutos imos a procurar arrancar esta pedra de escândalo dos ânimos dos Portugueses, e a não falar **em** índios mais que no confessionário, [...]* (AV, CM, p. 278, l. 344)

SOBRE

*Também tenho escrito a V. Rev.^{ma} **sobre** a de Cabo Verde e costa de Guiné, [...]* (AV, CM, p. 306, l. 1149)

ACERCA DE

*[...] que obrigação tínhamos os confessores **acerca do** pecado, como habitual, [...]* (AV, CM, p. 317, l. 311)

EM RESPEITO DE

*[...] que, sendo um tão pesado trabalho, **em respeito do** passado parecia género de descanso. (AV, CM, p. 365, l. 702)*

‘QUALIDADE: ASSUNTO’					
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS				
LATIM SÉCULO VI	DE	PRO			
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	DE	EN	SOBRE		
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	DE	EM	SOBRE	A	ACERCA DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	DE	EM	SOBRE	EM RESPEITO DE	ACERCA DE

Quadro 51 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: ASSUNTO’ nos diversos séculos estudados.

No que se refere ao processo de gramaticalização, observa-se que as preposições latinas *de* e *pro* se mantiveram na passagem para o português, havendo apenas alteração fonética com a preposição *pro* que passou a *por*.

Com referência ao português, observa-se que, no século XIV, as preposições *de*, *en* e *sobre* estão entre aquelas que se mantiveram, apresentando algumas alterações fonéticas. No século XVI, além dessas formas, está registrada a preposição *a*, também conservada na passagem para o português, ao lado da locução prepositiva *acerca de*. Essa forma é proveniente do processo de recategorização de **V > PREP**, quando a forma verbal *acerca* passa a compor essa locução prepositiva, assumindo a nova função de relacionar vocábulos, função própria da preposição. As mesmas formas são encontradas no século XVII, acrescentando-se a locução prepositiva *em respeito de*, também oriunda do processo de recategorização, quando o nome *respeito* é tomado para compor essa locução prepositiva (**N > PREP**).

Vale ressaltar o crescimento do número de preposições para exprimir o conceito ‘QUALIDADE: ASSUNTO’, nos *corpora* em estudo, inclusive a criação de locuções prepositivas pelos usuários da língua portuguesa a partir do século XVI.

5.2.17 As preposições no campo semântico da ‘CAUSA’

Outro campo semântico abstrato encontrado, nos *corpora* desta pesquisa, foi ‘QUALIDADE: CAUSA’. Para expressar essas relações, nos textos do latim do século VI, estão documentadas as preposições *ab, ad, cum, de, ex, in, inter, per, post, pro* e *propter*, todas elas exemplificadas a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:

AB

Cum sanctus vir in eadem solutine virtutibus signisque succresceret, multi ab eo [...] ad omnipotentis Dei sunt servitium congregati. (DSG, 2, 84, 7-9)

(‘Morando San Beento naquel ermo [...] polas vertudes e polas maravilhas grandes que Deus fazia por el, tanto creceu a sa boa nomeada per toda a terra que muitos viinham pera servir Nosso Senhor.’ (DSG, 2, 3, 66))

AD

[...] certamine carnis incentiva fatigarent, ipse suae temptationis angustiae ad orationis studium sollertiozem fecerunt. (DSG, 1, 28, 4-6)

(‘[...] non pôde aver nen huu remedio que do mundo fosse senon pola oraçon muito apartada e mui devota.’ (DSG, 1, 5, 53))

CUM

[...] an menti excedit quod David [...] sententiam dedit, cum verba pueri mentientis audivit? (DSG, 1, 37, 10-12)

(‘E non te nembra que o profeta David, por huas paravoas mentideiras [...] deu sentença de noite contra el.’ (DSG, 1, 8, 51))

DE

“Quare de panis inopia vester animus contristatur?” (DSG, 2, 110, 20-22)

(‘E poren non avian razon de seer tristes pola mengua do pan que avian.’ (DSG, 2, 21, 6))

EX

[...] *ex quare necesse est ut tibi de venerabili patre Benedicto narrem.* (DSG, 2, 125, 15-16)

(‘E por esto faz mester [...] que ti conte eu do honrado padre San Beento.’ (DSG, 2, 33, 5))

IN

[...] *cumque animus dividitur ad multa, fit minor ad singula, tantoque ei in una qualibet re subreperitur, quanto latius in multis occupatur.* (DSG, 1, 37, 18-20)

(‘Ca o coraçõn que se per muitos cuidados parte tanto he de meor vertude pera fazer cada hua cousa per si, quanto se mais embargado acha de muitos feitos en que cuida.’ (DSG, 1, 8, 56))

INTER

[...] *tunc vir Dei inter corusco set tonitruos adque ingentis pluviae inundationem videns se ad monasterium non posse remeare.* (DSG, 2, 126, 24; 127, 1-2)

(‘E pois seu irmão viu que polo tempo muito esquivo que fazia non podia tornar a seu moesteiro.’ (DSG, 2, 33, 18))

PER

[...] *eumque per supplicia diversa laniaret.* (DSG, 2, 122, 12)

(‘E o homen con coita dos tormentos grandes que lhi davan.’ (DSG, 2, 31, 5))

POST

[...] *et post equum, qui sibi offerebatur, suscepit.* (DSG, 1, 62, 18-19)

(‘[...] e deu-o ao cavaleiro polo cavalo que mester non avia.’ (DSG, 1, 27, 7))

PRO

Ite, et pro caritate ei cibum potumque tribuite. (DSG, 1, 53, 23-24)

(‘Ide e por amor de Deus dadi-lhi que comia e que beva.’ (DSG, 1, 18, 12))

PROPTER

[...] *sed hoc tibi notum sit, quia post mortem meam tu huic aecclisiae episcopus non eris **propter** avaritiam tuam.* (DSG, 1, 55, 16-18)

(‘[...] mais eu ti digo por certo que, depós mha morte, non seerás bispo desta eigreja pola avareza que mostrasti en feito daqueste aver.’ (DSG, 1, 19, 15))

Etimologicamente, as preposições latinas acima exemplificadas têm, cada uma delas, um sentido de base diferente da acepção de ‘causa’. Então, inicialmente, o sentido de *ab* era ‘afastamento do exterior de’; *ad*, ‘direção’; *cum*, ‘em companhia de’; *de*, ‘afastamento de cima para baixo’; *ex*, ‘afastamento do interior de’; *in*, ‘localização’; *inter*, ‘no meio de’; *per*, ‘percurso’; *post*, ‘situação posterior’; *pro*, ‘diante de’; e *propter*, ‘perto de’.

Nos textos da língua portuguesa, no século XIV, estão documentadas, para designar as relações de ‘causa’, as preposições *con*, *de*, *per*, *pera* e *por/ polo*, além das locuções prepositivas *en vertude de*, *per razon de* e *por amor de*; no século XVI, as preposições *a*, *com*, *de* e *per*, *por* e as locuções prepositivas *em virtude de*, *por amor de*, *por caso de*, *por causa de*, *per bem de*, *por honrra de* e *a serviço de*; e no século XVII, as preposições *a*, *com*, *de*, *per* e *por* e as locuções prepositivas *por amor de*, *por causa de*, *por falta de*, *por razão de* e *por temor de*, como pode ser visto nos exemplos e quadro a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XIV

CON

*E o homen **con** coita dos tormentos grandes que lhi davan [...]* (DSG, 2, 31, 5)

DE

*E pois o santo padre viu que lhi pesava tanto **de** sa culpa, soltoo-o logo do pecado e perdoou-lhi. (DSG, 2, 13, 19)*

EN VERTUDE DE

*E esta miragre foi feito **en vertude de** nosso salvador e de nosso meestre. (DSG, 1, 15, 75)*

PER

*E pois desasperou que **per** ajuda d'homees non se poderia ende tolher. (DSG, 1, 13, 12)*

PERA

*E quando alguen o homen santo move, **pera** sanha que ven, outren se non move. (DSG, 1, 18, 16)*

POR

*[...] e aas vezes lhas mostra **por** sa piadade mui grande. (DSG, 2, 21, 18)*

PER RAZON DE

*[...] apartei-me en huu logar [...] **per razon do** trabalho que ei. (DSG, 1, 1, 5)*

POR AMOR DE

*Ide e **por amor de** Deus dadi-lhi que cómia e que beva. (DSG, 1, 18, 12)*

Século XVI

A

*E **a** ésta razám filosofál ajudam os médicos [...] (JB, p. 239, l. 10)*

COM

*El-rey lhe respondeo em poucas palavras a tudo com muito grande prudencia, allegando-se muyto **com** sua vinda e muyto mais **com** seu proposito de querer ser christão [...] (GR, p. 271, l. 3693; 3694)*

DE

*E falleceo **de** doença muy comprida em ydade de corenta annos e seis meses, [...] (GR, p. 145, l. 2959)*

PER

*Ao quá, **per** os merecimentos deste santo sacrificio, memória de sua paixám [...] (JB, p. 277, l. 1729)*

*E por tanto a mi a quem esta casa de Portugal **per** graças de Deos coube em soçessam aveis sempre em tudo ajudar e soster [...] (GR, p. 200, l. 1537)*

POR

*E por tanto a mi a quem esta casa de Portugal **por** graça de Deus coube em soçessam aveis sempre em tudo ajudar e soster [...] (GR, p. 200, l. 1536)*

EM VIRTUDE DE

*[...] mas, **em virtude dela**, respondamos [...] (JB, p. 276, l. 130)*

POR AMOR DE

*E o officio fez ho bispo de Ceyta que o bautizou; e Bemohi ouve nome Dom Joam **por amor d'el-rey**. (GR, p. 273, l. 3742-3743)*

POR CASO DE

*Sayram a o receber fora da cidade o principe seu yrmão e ho duque e todos os senhores e fidalgos e nobre gente da corte, e nam lhe foy feyto festa alguma **por caso da morte da infanta** [...] (GR, p. 308, l. 4765)*

POR CAUSA DE

*Logo, mais **por causa** desses que dos outros, [...] (JB, p. 442, l. 675; 675).*

PER BEM DE

*[...] Ruy Gil com Aires da Silva camareiro-mor por valedor pedio a el-rey que lhe fizesse merce das fazendas d'Alvoro Mendez e seus filhos, que **per bem de** suas ordenações pediam [...] (GR, p. 375, l. 6831)*

POR HONRRA DE

*E a todos rogava muito que por amor delle se alegrassem com tanta honrra sua, e que **por honrra d'**el-rey de Portugal fizessem muitas festas e prazeres. (GR, p. 387, l. 7204)*

A SERVIÇO DE

*“Bispo, eu vou muy carregado de vós; por amor de mi vivey daqui avante bem e a **serviço de** Deos e dai-me vossa fee de o fazerdes assi; [...]” (GR, p. 449, l. 9070; 9071)*

Século XVII

A

*[...] fora à chegada preso e metido em ferros, **à** ordem do vigário intruso, [...] (AV, CM, p. 318, l. 335)*

COM

*[...] que afirmo a V. Rev.^a foi o maior que tive em minha vida, **com** me ter visto nela tantas vezes com a morte tragada. (AV, CM, p. 275, l. 262)*

*E, **com** eu ser tão apaixonado pelo Maranhão, confesso a V. Rev.^{ma} que não posso deixar de conhecer quantas vantagens esta missão faz àquela; [...] (AV, CM, p. 288, l. 672)*

DE

[...] não estive mais em mim, nem o estou ainda, atónito **do** caso e **da** fatalidade da minha partida, e **de** não saber como S. M. e V. A. a receberiam, [...] (AV, CM, p. 282, l. 511; l. 511; l. 512)

*Faço esta em Cabo Verde, aonde chegámos com trinta dias de viagem, obrigados **dos** ventos contrários a todos os outros trabalhos de tempestades, calmarias e corsários, [...]* (AV, CM, p. 285, l. 543)

PER/ PELO

[...] como na Índia se experimentou **pelos** favores com que El-Rei D. João III assistiu aos da Companhia, contra o poder dos capitães das fortalezas, e outros pouco zelosos portugueses, [...] (AV, CM, p. 287, l. 641)

POR

Por estes e outros inconvenientes senti muito que os padres tivessem aceitado a comissão do Rev.^{mo} Cabido, [...] (AV, CM, p. 320, l. 377)

POR AMOR DE

*Assim que peço muito a V. Rev.^a, **por amor de** Nosso Senhor, que se estes negócios se pudessem concluir sem estes papéis saírem a público, [...]* (AV, CM, p. 425, l. 21)

[...] depois que vimos em nossas terras o poder do Padre Grande de que já nos tinha chegado fama, que **por amor de** nós e da outra gente [...] se tinha arriscado às ondas do mar alto, [...] (AV, CM, p. 538, l. 309-310)

POR CAUSA DE

*A glória, porém, deste mesmo nome, e o ver tudo o que se pode ser **por causa de** Deus e das almas, [...]* (AV, CM, p. 370, l. 10-11)

POR FALTA DE

[...] mas, **por falta de** quem os catequize e os ensine não se vêem entre eles mais rastros de cristandade [...] (AV, CM, p. 287, l. 592)

POR RAZÃO DE

*[...] e esta obrigação, senhor, em V. M. e nos ministros de V. M., a quem toca **por razão de seu ofício**, é dobrada obrigação; [...]* (AV, CM, p. 303, l. 1075)

POR TEMOR DE

*[...] fizeram descer alguma gente da nação Guajajaras, e, **por temor do trato que viam dar aos outros índios** [...]* (AV, CM, p. 432, l. 48)

No que diz respeito ao processo de gramaticalização, pode-se observar que, na passagem do latim para o português, as preposições *ab*, *ex* e *propter* caíram em desuso, atingindo o estágio zero. Com relação às formas *ad*, *cum*, *de*, *in*, *inter* e *per*, todas elas se mantiveram na passagem para o português, havendo apenas algumas alterações fonéticas. Como já foi observado, deu-se um processo de fusão entre as formas *per* e *pro*, tendo como resultado, no português, a única forma *por*, que recebeu todas as acepções das duas preposições latinas. Quanto à preposição latina *post*, passou para o português, sob a forma da locução prepositiva *de post*, do latim tardio, ocorrendo, no período do português arcaico, a fusão das duas formas, através do processo de morfologização. Após o primeiro estágio, em que as duas formas foram usadas lado a lado, ocorreu a fusão com perda de elemento fonológico, tendo como resultado a forma *depois*.

No que se refere ao português, pode-se observar um enriquecimento no quadro das preposições, encontrando-se os seguintes resultados: no século XIV, estão documentadas as preposições *con*, *de*, *per* e *por/ polo*, todas mantidas na passagem para o português, apresentando apenas algumas mudanças fonéticas. Ao lado dessas formas, encontra-se a preposição *pera*, resultante do processo de morfologização, ou seja, quando, no latim tardio, há o emprego da locução prepositiva (*per ad*), que deu origem, através do processo de fusão desses itens, à forma simples *pera*, documentada no português arcaico. Além dessas formas, registram-se as locuções prepositivas *per razon de*, *por amor de* e *en vertude de*, provenientes do processo de recategorização de **N** > **PREP**, quando os nomes *razon*, *amor* e *vertude* passam a compor locuções prepositivas, primeiro estágio do processo de gramaticalização. Esses nomes assumem a função especial de relacionar vocábulos, papel próprio da preposição. No século XVI, além do emprego das preposições *a*, *com*, *de*, *per* e *por*, conservadas da língua latina, estão registradas, para expressar esse conceito, as

locuções prepositivas *em virtude de*, *por amor de*, *por caso de*, *por causa de*, *per bem de*, *por honrra de* e *a serviço de*, todas elas provenientes do processo de recategorização (**N > PREP**), quando os nomes *virtude*, *amor*, *caso*, *causa*, *bem*, *honrra* e *serviço* passam a compor locuções prepositivas, havendo um estreitamento do papel de nomes para o papel de preposições.

No século XVII, além de serem empregadas as mesmas preposições e locuções prepositivas do século XVI, são usadas novas formas, as locuções prepositivas *por falta de*, *por razão de* e *por temor de*, também todas provenientes do processo de recategorização **N > PREP**.

No conceito ‘QUALIDADE: CAUSA’, vale chamar a atenção para o grande número de preposições latinas para expressar esse sentido. Porém, nota-se que, nos *corpora* em análise, no português do século XIV, ocorre uma redução significativa das preposições, uma vez que algumas delas caíram em desuso, na passagem do latim para a língua portuguesa, enquanto outras tiveram o seu sentido abarcado pelas demais, como é o caso da preposição *de* que assimilou as acepções de *ab* e *ex*. Ainda no século XIV, percebe-se o emprego de algumas locuções prepositivas nessa acepção. Nos séculos XVI e XVII, além da ocorrência de preposições, há um aumento considerável de locuções prepositivas.

5.2.18 As preposições no campo semântico do ‘MODO’

Para expressar as relações de ‘QUALIDADE: MODO’, nos textos de língua latina, registram-se as preposições *ab*, *ad*, *cum*, *de*, *desuper*, *ex*, *extra*, *in*, *inter*, *per*, *pro* e *sine*, sendo elas exemplificadas a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:

AB

[...] *sed quia ab infirmis potest mentibus dubitari.* (DSG, 2, 133, 25-26)
 (‘Mais porque aqueles que son de pequena fe poden duvidar.’ (DSG, 2, 38, 10))

AD

[...] *adque ad sacrum ordinem accessit.* (DSG, 2, 104, 15)
 (‘[...] e feze-se ordiar d’ordiis sagradas.’ (DSG, 2, 16, 7))

CUM

[...] *ut qui sancto viro Fortunato pueros cum praetio reddere oboedientia subiectus noluit.* (DSG, 1, 65, 5-6)
 (‘Depois que aquel que non quis obedecer ao santo bispo nen lhi dar os menihos polo preço que lhi dava.’ (DSG, 1, 28, 41a))

DE

[...] *quia cuius cor sese in alta suspenderat, nequaquam verba de ore illius incassum cadebant.* (DSG, 2, 114, 5-6)
 (‘Ca aquel que sempre tragia seu coraçõn raigado no amor de Deus non podia palavras dizer que fossen em vãõ e em devaneio.’ (DSG, 2, 23, 4))

DESUPER

[...] *cui venerando habitu vir **desuper** clarus adsistens, cuius esset via, quam cernerent, inquisivit.* (DSG, 2, 132, 21-23)

(‘Aquesta carreira era estrada de muitos panos preciosos e avia hi lampadas tan sen conto e de tanta claridade que non poderia nen huu dizer.’ (DSG, 2, 37, 9))

EX

[...] *cumque iam tardius ad cellam redissent, benedictionem patris **ex** more petierunt.* (DSG, 2, 99, 5-6)

(‘E quando se tornaram para o moesteiro foron tomar a beeçon do honrado padre San Beento assi como era do custume.’ (DSG, 2, 12, 5))

EXTRA

[...] *eiusque mentem in extasi rapuit, **extra** se quidem, sed super semetipsum fuit.* (DSG, 2, 82, 21-23)

(‘E estes taaes com quer que anden fora de si meesmos pero non caen sô si.’ (DSG, 2, 3, 45))

IN

[...] *cum repente turbo caelitus factus, rebus illic omnibus **in** sua stabilitate manentibus.* (DSG, 1, 38, 3-6)

(‘E enton levantou-se huum vento [...] e totalas outras cousas que no logar siiam ficaron a salvo.’ (DSG, 1, 9, 5))

INTER

[...] *cumque adhuc ad mensam sederent, et **inter** sacra conloquia tardior se hora protraherit.* (DSG, 1, 126, 4-5)

(‘E, seendo ainda aa mesa, porque se deleitavan en falar de Deus.’ (DSG, 2, 33, 8))

PER

[...] *sed dum in eis multos ire **per** abrupta vitiotum cernerit.* (DSG, 2, 71, 7-8)

(‘E porque San Beento vio muitos daqueles que en estas artes estudavan envoltos en mui pecados.’ (DSG, 2, 1, 17))

PRO

[...] *quem eisdem verbis pro praedictis puerolis iterum episcopus rogavit.* (DSG, 1, 64, 2-3)

(‘E o bispo o rogou com grande homildade que lhi desse aqueles menihos.’ (DSG, 1, 28, 27))

SINE

[...] *adque ad eorum habitaculum tendens, sine benedictione de monasterio exissit.* (DSG, 2, 116, 13-14)

(‘[...] e sa madre mais ca devia partiu-se do moesteiro sen lecença e sen beençon do abade.’ (DSG, 2, 24, 3))

Ao se realizar um estudo etimológico das preposições latinas encontradas, no campo semântico ‘QUALIDADE: MODO’, constata-se que elas têm sentido de base diferente, mas, nos *corpora* analisados, aparecem com esse conceito. Assim, a preposição *ab* significava ‘afastamento do exterior de’; *ad*, ‘direção’; *cum*, ‘em companhia de’; *de*, ‘afastamento de cima para baixo’; *desuper*, ‘do alto’; *ex*, ‘afastamento de cima para baixo’; *extra*, ‘situação fora de’; *in*, ‘localização’; *inter*, ‘no meio de’; *per*, ‘percurso’; *pro*, ‘diante de’; e *sine*, ‘sem’.

Nos textos de língua portuguesa, para expressar essas mesmas relações, estão documentadas as seguintes preposições: no século XIV, *a*, *con*, *de*, *en*, *per*, *por* e *sen*, além da locução prepositiva *fora de*; no século XVI, *a*, *com*, *de*, *em*, *per*, *sem* e *sobre* e a locução prepositiva *por modo de*; e, no século XVII, *a*, *com*, *de*, *em*, *por* e *sem*, além das locuções prepositivas *em nome de* e *por modo de*, como se vê nos exemplos e quadro seguinte:

PORTUGUÊS:

Século XIV

A

E ao braado do monge que esto disse logo o espiritu maaou entrou nos lombardos. (DSG, 1, 64, 2-3)

CON

E os frades que hi moravan decian de cima do monte sempre con gram trabalho a hua lagoa. (DSG, 2, 5, 3)

DE

Pedro, muitas cousas parecen boas e non-no son, se non fazen de bõõ coração. (DSG, 1, 25, 13)

EN

En duas maneiras, Pedro, saímos nós de nós meesmos. (DSG, 2, 3, 42)

PER

E todos aqueles que o seguen devotamente son juntos con el per devoçon. (DSG, 2, 16, 37)

POR

E per estas palavras que el disse entenderon muitos homens por verdade que aquel clérigo [...] guardava aqueles soldos en ouro. (DSG, 1, 19, 16)

SEN

E tomou sete menihas sen vestidura nen hua e meteu-se en huu horto da cela em que siia San Beento. (DSG, 2, 8, 20)

FORA DE

*E estes taaes como quer que anden **fora de** si meesmos pero non caen sô si. (DSG, 2, 3, 45)*

Século XVI

A

[...] e aos brados lhe acudiram molheres [...] (GR, p. 229, l. 2399-2400)

COM

*[...] a denotar que **com** alegria devemos oferecer a Deos. (JB, p. 269, l. 58)*

DE

*Pera a qual hida se ajuntaram em Alcácer donde partiram quatrocentos **de** cavalo e mil e dozentos homens **de** pee. (GR, p. 306, l. 4709; 4710)*

EM

*E **em** muy grande maneyra criava e doctrinava hos moços e a todos; [...]* (GR, p. 140, l. 107)

PER

*E **per** ésta maneira fazem muitas outras composições [...]* (JB, p. 329, l. 684)

SEM

*Que cuidando quam proveytosa, honesta, e justificada sua embaixada era e **sem** razam dos despachos dela, [...]* (GR, p. 195, l. 1387)

SOBRE

*E porém dalli por diante como prudente começou a entender e olhar por muytas cousas, e andar **sobre** aviso do duque e ter delle muitas sospeytas [...] (GR, p. 186, l. 1141)*

POR MODO DE

*[...] hos quaes **por modo de** conselho praticou sobre o que acerca da vinda do príncipe devia de fazer [...] (GR, p. 207, l. 1729)*

Século XVII

A

*No caminho tomei o navio do Maranhão, que também já ia **à** vela, a despedir-me dos padres; [...] (AV, CM, p. 275, l. 247)*

*[...] encontrei numa gôndola aos Padres Manuel de Lima e Manuel de Sousa, que **à** vela e **a** remo ia seguindo o navio; [...] (AV, CM, p. 275, l. 253-254)*

COM

*[...] com me ter visto nela tantas vezes **com** a morte tragada. (AV, CM, p. 275, l. 263)*

*[...] e, querendo fazer o mesmo a outra, foram resistidas, **com** tanto seu que a deixaram e as demais. (AV, CM, p. 311, l.115)*

DE

*[...] mas, como o exercício deste cargo é **de** mui dificultosa execução e mui odiosa, [...] (AV, CM, p. 277, l. 323)*

*[...] e esta foi a resposta com que os deixamos **de** alguma maneira satisfeitos, [...] (AV, CM, p. 313, l. 203)*

EM

[...] até que ma entregou por escrito e firmada de sua real mão, **na** forma da cópia que com esta remeto, [...] (AV, CM, p. 276, l. 288)

Vieram logo buscar-nos à caravela o Padre Francisco Veloso e o Padre Tomé Ribeiro, os quais me pagaram **em** alegres abraços [...] (AV, CM, p. 315, l. 251)

POR

[...] e, porque achei estar em terra o Padre Manuel de Lima, pelo que podia suceder, encomendei a missão ao Padre Francisco Veloso, tendo-o **por** o mais antigo, [...] (AV, CM, p. 275, l. 249)

[...] e assim eu a não tive **por** segura, até que ma entregou por escrito [...] (AV, CM, p. 276, l. 287)

SEM

[...] porque a gente é **sem** número, toda da mesma índole e disposição do das ilhas, [...] (AV, CM, p. 287, l. 641)

Queixou-se de que os padres se embarcassem **sem** sua licença, a que satisfaz [...] (AV, CM, p. 326, l. 559)

EM NOME DE

Pelo que, Rei e senhor, prostrados aos reais pés de V. M., e **em nome de** todas as almas que nestas vastíssimas terras de V. M. estão continuamente descendo ao Inferno, [...] (AV, CM, p. 305, l. 1129)

[...] prometendo a V. M., **em nome daquele** Senhor que dá e conserva os reinos, que esta obra [...] será o mais sólido fundamento [...] (AV, CM, p. 305, l. 1140)

POR MODO DE

[...] e para serem introduzidos a ele pedem a entrada a Fernando, que, já dissemos, representa a El-Rei, e dizem assim **por modo de diálogo** [...] (AV, CM, p. 492, l. 648)

No que diz respeito ao processo de gramaticalização, na passagem do latim para o português, pode-se dizer que as preposições latinas *ab*, *desuper*, *ex* e *extra* caíram em desuso, tendo alcançado o estágio zero; as preposições *ad*, *cum*, *de*, *in*, *inter*, *per*, *pro* e *sine* se mantiveram, apresentando, no entanto, algumas alterações fonéticas. Além do mais, no que se refere às preposições *per* e *pro*, como já se observou, ambas se fundiram, tendo como resultado a preposição portuguesa *por*, que abarcou as acepções das duas formas latinas.

No que se refere às preposições da língua portuguesa, pode-se dizer que: no século XIV, há um grupo de preposições que se mantiveram na sua trajetória do latim para o português (*a*, *con*, *de*, *en*, *per*, *por* e *sen*), observando-se, mais uma vez, que a forma *por* provém da fusão das duas preposições latinas *per* e *pro*. Além desses itens, tem-se a locução prepositiva *fora de*, resultante do processo de recategorização de **ADV** > **PREP**, quando o advérbio *fora* passou a ser usado, compondo uma locução prepositiva.

No século XVI, aparecem preposições provindas do latim e mantidas no português (*a*, *com*, *de*, *em*, *per*, *sem* e *sobre*), apenas com algumas alterações fonéticas, e a locução prepositiva *por modo de*. E, no século XVII, além das formas mantidas, há ocorrências das locuções prepositivas *em nome de* e *por modo de*, ambas provenientes da recategorização de nomes (*nome* e *modo*) em preposição (**N** > **PREP**).

Convém notar que, no latim do século VI, nos *corpora* em estudo, havia um número significativo de preposições para o conceito ‘QUALIDADE: MODO’. No português do século XIV, nota-se, em comparação com as ocorrências da língua latina, uma redução desse quadro, pois algumas preposições caem em desuso na passagem do latim para o português. Nos séculos XVI e XVII, além das preposições que são registradas no século XIV, observa-se a criação e uso de locuções prepositivas.

5.2.19 Campos semânticos espaciais, com pouca frequência, das preposições em estudo

Neste subitem, figuram conceitos de ‘ESPAÇO’ que foram encontrados nos *corpora* em estudo, mas que tiveram pouca frequência. Dessa forma, têm-se as relações de ‘ESPAÇO: EXTRAÇÃO’, ‘ESPAÇO: EXTENSÃO’, ‘ESPAÇO: EM TORNO DE’ e ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INTERIOR’.

O conceito ‘ESPAÇO: EXTRAÇÃO’ foi encontrado no português do século XVI, tanto no *Livro das obras de Garcia de Resende* como na *Gramática* de João de Barros, e do século XVII. Para expressar essas relações, está registrada, nesses *corpora*, a preposição *de*, exemplificada abaixo:

PORTUGUÊS:

Século XVI

DE

*[...] e amortalhavam muito limpamente pera ho meterem na tumba os principaes que hi istavam tiraram **de** hum cofre o seu testamento que logo abriram, [...]* (GR, p. 451, l. 9154)

*A quáil palávra foi tiráda **do** Testamento Vélho, da saudaçám [...]* (JB, p. 267, l. 22)

Século XVII

DE

*[...] que quando as tinham já quase dentro das redes de Cristo, lhas houvessem de tirar **delas** por uma violência tão enorme, [...]* (AV, CM, p. 413, l. 237)

No que se refere ao processo de gramaticalização, a preposição portuguesa *de* é oriunda da preposição latina *de*, que já no latim ampliou as suas acepções, quando abarcava os sentidos de outras. No português, essa preposição está cada vez mais gramaticalizada. Essa acepção de ‘extração’ da preposição portuguesa *de* tem origem na preposição latina *ex*.

O outro conceito espacial com pouca frequência de uso é ‘ESPAÇO: EXTENSÃO’, que só está documentado no século XVI, no *Livro das obras de Garcia de Resende*, com a locução prepositiva *ao longo de*, como pode ser vista a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVI

AO LONGO DE

*[...] e que por o assi fazer que elle o estimava por grande e asinado serviço lhe fazia por ysso merce de trinta legoas de terra **ao longo da** costa do mar e dez legoas por o sertão [...]* (GR, p. 391, l. 7345)

A locução prepositiva *ao longo de*, conforme aplicação da teoria da gramaticalização, é decorrente do processo de recategorização sintática, quando o nome *longo* se enlaça com a preposição *de* (**N > PREP**) e recebe um novo reforço da preposição *a* (no caso, *a* está combinada com o artigo *o*).

O conceito de ‘ESPAÇO: EM TORNO DE’ está registrado desde o latim do século VI com a preposição *circa*. No português do século XIV, encontra-se essa relação com a locução prepositiva *derredor de*. No português do século XVI, no *Livro das obras de Garcia de Resende* estão documentadas as locuções prepositivas: *ao redor de*, *derredor de*,

por derredor de e em roda de; e, no português do século XVII, a locução prepositiva *ao redor de*, conforme exemplos a seguir:

LATIM – SÉCULO VI:

CIRCA

Tunc corvus aperto ore expansis alis circa eundem panem coepit discurrere, [...]
(DSG, 2, 92, 5)

(‘Enton o corvo abriu a boca e estendeu sa asa e começou a andar derredor do pan e braadava, [...]’ (DSG, 2, 8, 13))

PORTUGUÊS:

Século XIV

DERREDOR DE

Enton o corvo abriu a boca e estendeu sa asa e começou a andar derredor do pan e braadava, [...] (DSG, 2, 8, 13))

Século XVI

AO REDOR DE

Ordenou que das partes ao redor d’ Evora mais chegadas constrangessem os lavradores criadores [...] (GR, p. 320, l. 5155)

DERREDOR DE

[...] e derredor do gigante muytos homens d’ armas a pee com alabardas douradas nas mãos que pareciam muyto bem. (GR, p. 341, l. 5811)

POR DERREDOR DE

[...] e por derredor da eessa grades de pão negras com muitas tochas acesas, e os homens que as espevitavam, [...] (GR, p. 365, l. 6562)

EM RODA DE

[...] *era muy grande, e parecia muyto bayxa no aar, e nam andava como has outras que continuadamente andam **em roda do** oriente pera o ponente; [...]* (GR, p. 528, l. 44)

Século XVII

AO REDOR DE

*A este pau os atavam um por um em diferentes dias, e logo se ajuntavam **ao redor deles** com grande festa e algazarra, [...]* (AV, CM, p. 379, l. 286)

Nesse conceito, nota-se que a preposição latina *circa* cai em desuso, na passagem do latim para o português. Porém, a própria língua se incumba de criar novas formas para que um conceito não desapareça. Essas novas formas, isto é, locuções prepositivas, substituem as preposições latinas, como no caso de *derredor de*. A locução *derredor de* está documentada, no século XIV, para o conceito ‘ESPAÇO: EM TORNO DE’. No século XVI, estão registradas, como já foi visto, *ao redor de*, *derredor de*, *por derredor de* e *em roda de* e, no século XVII, *ao redor de*; todas elas provenientes da recategorização de **N > PREP**, ou seja, os nomes *redor* e *roda* ao serem usados perto da preposição *de* passam a relacionar vocábulos, o que é função de uma preposição.

Mais um conceito que teve uma frequência baixa foi ‘ESPAÇO: SITUAÇÃO INTERIOR’, sendo encontrado apenas no século XVI, no *Livro das obras de Garcia de Resende*, e no século XVII. Para expressar essa relação, está registrada a locução prepositiva *dentro de*, como pode ser visto no seguinte exemplo:

PORTUGUÊS:

Século XVI

DENTRO DE

*E tanto que o feyto foy concruso, os juyzes foram todos juntos em hua sala **dentro do** apousentamento d' el-rey armada de panos da ystoria, [...] (GR, p. 219, l. 2108)*

Século XVII

DENTRO DE

*[...] porque não prometia muita vida, espantado de que o Demônio nos tivesse tirado pela malha este peixe, quando cuidávamos, [...] que os tínhamos todos **dentro da** rede; [...] (AV, CM, p. 386, l. 526)*

Dessa forma, de acordo com a gramaticalização, nota-se que a locução prepositiva *dentro de* é oriunda da recategorização do advérbio *dentro* em preposição (**ADV > PREP**), passando, como tal, a relacionar vocábulos.

5.2.20 Campos semânticos temporais, com pouca frequência, das preposições em estudo

Neste subitem, estão os conceitos de ‘TEMPO’ que foram encontrados nos *corpora* em estudo, mas que tiveram pouca frequência. Dessa forma, têm-se as relações de ‘TEMPO: DURAÇÃO’ e ‘TEMPO: REPETIÇÃO’.

Para expressar as relações de ‘TEMPO: DURAÇÃO’, estão documentadas as preposições e locuções prepositivas: no latim do século VI, *per*; no português do século XIV, *per*; no português do século XVI, *de*, *por espaço de* e *em espaço de*; e no português do século XVII, *de*, como a seguir exemplificadas:

LATIM – SÉCULO VI:

PER

[...] *et dum per dies septem de perpetratis culpis poenitentiam [...] agerit.* (DSG, 1, 69, 13-14)

(‘[...] e per sete dias fez peenenda dos seus pecados.’ (DSG, 1, 31, 17))

PORTUGUÊS:

Século XIV

PER

[...] *se este honrado padre San Beento avia sempre spiritu de profecia ou per alguis tempos assinaados?* (DSG, 2, 21, 11)

Século XVI

DE

*E por el-rey acrecentar mays nesta temperança, satisfez ho marquês e ho conde de Faram a suas vontades, em certos requerimentos que jaa **de** dias com elle traziam, [...]* (GR, p. 203, l. 1607)

POR ESPAÇO DE

*[...] toda a gente da cidade e da corte se saysse dela, como logo sayo **por espaço de** quinze dias.* (GR, p. 323, l. 5251)

EM ESPAÇO DE

*E foy tanta a gente nobre que vinha beyjar a mão a el-rey e à raynha que **em espaço de** hum tiro de beesta hos reys hum do outro estiveram bem tres oras sem se poderem ver.* (GR, p. 473, l. 202)

Século XVII

DE

*Não houve, porém, em todo este tempo, que seria espaço **de** uma hora, quem se atrevesse a pôr as mãos nelas; [...]* (AV, CM, p. 323, l. 494)

No que se refere ao processo de gramaticalização, a preposição latina *per* é conservada na língua portuguesa e foi encontrada, nos *corpora* em estudo, no século XIV. Como já foi visto, as preposições *per* e *pro* se fundem, resultando na preposição portuguesa *por*. Nos séculos XVI e XVII, é encontrada a preposição *de*, que é oriunda da preposição latina *de*. Ainda no século XVI, estão registradas as locuções prepositivas *por espaço de* e *em espaço de*, que são provenientes da recategorização sintática de **N > PREP**, ou seja, o

nome *espaço*, ao ser empregado ao lado das preposições *por/ em* e *de*, passa a funcionar como uma unidade sintática e a compor uma locução prepositiva.

Outro conceito pouco freqüente é ‘TEMPO: REPETIÇÃO’. Para exprimir essa relação, registra-se no século XVI, somente no *Livro das obras de Garcia de Resende*, e no século XVII a preposição *de*, como exemplificada a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVI

DE

*[...] e como ysto foy ouvido em casa da raynha e principe, começaram **de novo** outro tam grande, tam dorido e desconsolado pranto [...]* (GR, p. 363, l. 6484)

Século XVII

DE

*[...] não nos pareceu convinha que a levássemos, principalmente quando irmos fundar **de novo**, para o que nos é necessária a benevolência dos povos; [...]* (AV, CM, p. 277, l. 326)

A preposição *de*, que tinha como sentido de base ‘movimento vertical (de cima para baixo)’ estende suas acepções, ficando, cada vez mais, polissêmica.

5.2.21 Campos semânticos abstratos, com pouca frequência, das preposições em estudo

Alguns campos semânticos abstratos também tiveram pouca frequência, sendo eles: ‘QUALIDADE: MEDIDA’, ‘QUALIDADE: CONSEQÜÊNCIA’, ‘QUALIDADE: PARTICIPAÇÃO’ e ‘QUALIDADE: ORIGEM’.

No que se refere a ‘QUALIDADE: MEDIDA’, documentam-se, no português do século XVI, as preposições *de* e *em* e a locução prepositiva *perto de*, enquanto que, no século XVII, registra-se apenas a preposição *de*, exemplificadas abaixo:

PORTUGUÊS:

Século XVI

DE

[...] *as tendas eram borladas e muyto galantes com muitas bandeyrinhas douradas, e eram grandes de dez covados cada hua; [...]* (GR, p. 334, l. 5611)

EM

[...] *que andam em nome de “tenças” porque as dava logo em tenças, e por yssou nam paguam chancelaria, [...]* (GR, p. 192, l. 1309)

PERTO DE

[...] *e na copeira que eram muitos, e serião por todos perto de trezentas tochas e brandões acesas [...]* (GR, p. 322, l. 5237)

Século XVII

DE

[...] *a distância era **de** três léguas, as canoas pequenas, a noite escura, [...]* (AV, CM, p. 351, l. 235)

Quanto à gramaticalização, percebe-se que as preposições *de* e *em* são oriundas do latim, tendo passado por alterações fonéticas, e a locução prepositiva *perto de* é proveniente da recategorização do advérbio *perto* em preposição ao figurar junto da preposição *de* (**ADV > PREP**).

O conceito ‘QUALIDADE: CONSEQÜÊNCIA’ só foi encontrado no século XVI, no *Livro das obras de Garcia de Resende*, como visto a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVI

DE

[...] *e nam ousaram de lhe danar a vontade como fizeram **donde** se seguio sua morte como logo se diraa.* (GR, p. 228, l. 2380)

Como já foi observado, a preposição *de* é proveniente da língua latina e tem abarcado, cada vez mais, acepções de outras preposições. No exemplo supracitado, essa preposição está fundida com o advérbio pronominal *onde*, também considerado como o dêitico anafórico, resultando em um sentido de ‘conseqüência’.

Para expressar as relações de ‘QUALIDADE: PARTICIPAÇÃO’, no português do século XVI, no *Livro das obras de Garcia de Resende*, foi encontrada apenas a preposição *de*, exemplificada a seguir:

PORTUGUÊS:

Século XVI

*E porque elle requeria a el-rey que o fizesse logo christão, ouve por bem que antes que o fosse por ser **da** seita de Mafamede fosse primeiramente enformado nas cousas da fe [...] (GR, p. 272, l. 3715)*

Por último, o conceito ‘QUALIDADE: ORIGEM’ foi registrado, no século XVI, no *Livro das obras de Garcia de Resende* e na *Gramática* de João de Barros, como se pode constatar nos seguintes exemplos:

PORTUGUÊS:

Século XVI

DE

*E por lhe dizerem camanho rey elle era desejando de a ter com elle e muyta prestança e trato o mandava buscar, dizendo-lhe logo o proveito e honrra que aos seus e sua terra **dahi** lhe poderiam vir. (GR, p. 385, l. 7134)*

*Sabes que filhos sam estes? Os mãos desejos, nascidos **da** carne e nam **da** razám. (JB, p. 441, l. 674; 674)*

Mais uma vez é a preposição *de* que está registrada para esses dois últimos conceitos abstratos. Como já foi visto, essa preposição ainda na língua latina começa o seu percurso de abstração e na língua portuguesa, ela vai se expandindo ainda mais, seja em forma de preposição ou em forma de locução prepositiva.

É importante observar que, enquanto na língua latina prefere-se a sinonímia, ao empregar várias formas, como *a/ab*, *ex* e *de* para expressar o conceito de

‘AFASTAMENTO’, por exemplo, com diferenças sutis entre as mesmas, na língua portuguesa, a opção é pela polissemia, empregando-se, por exemplo, a forma *de*, para expressar esse mesmo conceito.

No que se refere à aplicação da teoria localista, nota-se que, com as preposições aqui estudadas, o que ocorreu foi que, apesar de exprimirem, inicialmente, relações espaciais, com o passar dos séculos, se abstraem cada vez mais, chegando a indicar também relações temporais e outras ainda mais abstratas.

Observa-se que, enquanto na língua latina prefere-se a sinonímia, ao empregar várias formas, como *a/ab*, *ex* e *de* para expressar o conceito de ‘AFASTAMENTO’, com diferenças sutis entre as mesmas, na língua portuguesa, a opção é pela polissemia, empregando-se, por exemplo, a forma *de*, para expressar esse mesmo conceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta investigação de temática espacial, foram privilegiadas as análises dos itens preposicionais *de* e *des/ desde*, nos séculos XIV, XVI e XVII, em comparação com as preposições latinas *de* e *ex*, além daquelas que, na latinidade, eram empregadas nas diversas acepções dos campos semânticos examinados e que passaram pelos processos de gramaticalização.

Com especial atenção ao arcabouço teórico das áreas da Linguística e da Cognição e, com base nos pressupostos do Funcionalismo, voltados para a teoria da Gramaticalização, levou-se em conta a indissociabilidade da Gramática e da Semântica.

As hipóteses levantadas foram confirmadas e, no que se refere às mudanças semânticas, a preposição *de* tornou-se polissêmica em alto grau. Como se sabe, a polissemia é um aspecto relevante na categorização baseada em protótipo, estabelecendo-se como membros dessa categoria os vários sentidos analisados.

Quanto ao princípio funcionalista da unidirecionalidade, verificou-se que as preposições portuguesas *des/ desde* estão documentadas nos *corpora* como locuções conjuntivas e adverbiais.

Os processos de gramaticalização dos itens examinados do período arcaico ao moderno comprovam que, na trajetória empreendida por esses itens, no decorrer dos séculos, os princípios estabelecidos pelos especialistas da Escola Funcionalista foram amplamente observados.

A Teoria Localista ofereceu uma hipótese genérica que consiste no postulado de que a existência humana fundamenta-se, primordialmente, em um substrato cognitivo espacial.

Dessa forma, os conceitos básicos de orientações espaciais que surgem da experiência corporal e que presidem o seu funcionamento, são tidos como essenciais. São eles: **PARA CIMA – PARA BAIXO; DENTRO – FORA; FRENTE – TRÁS; FUNDO – RASO; CENTRAL – PERIFÉRICO.**

A partir dessa concepção, pôde-se observar que não se deve limitar, neste tipo de pesquisa, o Espaço a uma única possibilidade existencial, mas a toda e qualquer representação que a mente humana pode estabelecer, a partir desses parâmetros.

Nessa óptica, são levadas em conta as afirmativas dos cientistas cognitivistas quanto ao fato de que os atos cognitivos, na sua maioria, se caracterizam por serem diferentes entre eles e compreenderem quatro componentes: o sensorial, o da memória, o do controle e o da resposta. O primeiro deles é o que inicia a criação e a organização dos códigos cognitivos, presidindo a elaboração das construções espaciais.

Cabe ao lingüista buscar identificar até que ponto ocorre a interação das interfaces cognitiva, lingüística e cultural.

Assim, a expressão do Espaço é delineada pela LOCALIZAÇÃO ESTÁTICA, ou a partir do MOVIMENTO de um ente ou objeto da ORIGEM para um ALVO, na direção dos eixos VERTICAL (‘em cima’ – ‘embaixo’) ou SAGITAL (‘frente’ – ‘costas’), por um lado, e de INCLUSÃO e PROXIMIDADE, por outro.

Dessa forma, a Localização pressupõe a existência do Esquema Imagético, em que se encontram a Figura e o Fundo, em uma relação espacial que é condicionada lingüisticamente pelos marcadores lingüísticos ou satélites (preposições e advérbios).

Foram levantadas, nos *corpora*, as preposições codificadas como formas monofonêmicas simples e polifonêmicas (as locuções prepositivas).

Na comunicação lingüística, as codificações de relações espaciais são dispostas com o intuito de especificar as situações e a sua localização no espaço, determinando o lugar em que estão considerados os participantes existentes em cada evento, suas características e suas dimensões. A existência de relações assimétricas entre entidades lingüísticas locativas e a entidade de referência extra-lingüística é definida quanto ao tamanho, conteúdo, suporte, orientação, ordem, direção, distância e movimento, de forma independente, ou através da combinação de alguns desses aspectos. No entanto, a condição de existência da assimetria nem sempre corresponde à realidade aparente, pois, na ausência da assimetria objetiva, ela é substituída por sua correlata subjetiva, correspondente ao esquema imagético que se projeta sobre os objetos reais, através da metáfora.

Desse modo, é possível criar limites e estabelecer regiões que não correspondam exatamente ao mundo real, mas que na consciência cognitiva eles passam a tomar formas. Como bem observaram Lakoff e Johnson (1980), nem sempre o que se “interpreta” relacionado ao sistema conceitual corresponde a uma experiência física direta.

Então, como foi visto nesta pesquisa, inicialmente, na passagem do latim para o português, várias mudanças ocorreram, sendo uma das mais importantes a que se refere à marcação de caso. Do latim com os casos morfológicos, passou-se a marcar os casos em português através da sintaxe, isto é, através da ordem mais obrigatória dos elementos na sentença e do emprego cada vez crescente das preposições, que também auxiliam a marcação do caso na língua portuguesa.

Assim, conclui-se que a preposição *de*, na sua origem, não era de emprego freqüente, enquanto as desinências de caso se mantinham em vigência. No entanto, há indícios de que, na língua latina falada, na época tardia, essa preposição desenvolve novos

usos, pois havia uma concorrência com as preposições *ab* e *ex*, que, no final, foram eliminadas.

Inicialmente, estudou-se a gramaticalização dessas preposições, observando-se, com relação à forma, que, enquanto *de* inclui-se no grupo de preposições desde cedo já gramaticalizadas no latim, *des* teve o início da gramaticalização no latim tardio com a forma *de ex* (*embraced*), cuja seqüência desse processo é observada no português arcaico, *des* (*fused*), e no português moderno com a preposição *desde* (*agglutinated*). No que diz respeito ao aspecto semântico, a partir da observação de que a gramaticalização é um processo contínuo e gradual, verifica-se que todas essas preposições desenvolvem seu processo de semanticização não apenas nos períodos analisados, mas também no momento atual.

Além da análise dos processos de gramaticalização ocorridos, o estudo comparativo das referidas preposições no português dos séculos XIV, XVI e XVII, comprovou a hipótese localista e pôde levar à identificação do sentido prototípico desses elementos de relação: **ponto de partida**, na versão polissêmica. Quanto ao levantamento da freqüência, na versão monossêmica, verificou-se que ela é cada vez maior no sentido abstrato, com uma ampliação semântica cada vez mais relevante, alcançando a preposição *de* o sentido de modo, o mais abstrato e gramaticalizado, segundo B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991, p. 158).

Como já foi analisado, houve a recategorização sintática das preposições *de* e *des/desde*, elementos gramaticais que se tornam cada vez mais gramaticais, obedecendo a um *continuum* de gramaticalização e resultando em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas, no caso do elemento relacional *de*, e em locuções adverbiais e conjuntivas, no caso do *desde*. Apesar do conhecimento de que as preposições, em um nível mais

gramaticalizado desse *continuum* como prefixos (formas presas), preferiu-se reservar o seu estudo para uma época posterior.

Dessa forma, confirma-se que, tanto o estudo da gramaticalização como da semântica prototípica poderão, conjuntamente, esclarecer melhor o processo da mudança lingüística, por um lado, investigando as estruturas pragmáticas que desencadeiam os processos de reestruturação da gramática e, por outro lado, os elementos enciclopédicos que deflagram a criação de novos sentidos aliados às formas, através das quais as semelhanças de família encontram-se relacionadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ALVAR, Manuel; POTTIER, Bernard. *Morfología histórica del español*. Madrid: Gredos, 1987.

AZEVEDO, J. Lúcio. *Cartas do padre Antônio Vieira*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1970. t. 1. p. 263-568.

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. 3. ed. conforme a 1. ed. de 1540. Lisboa: Astória, 1957. José Pedro Machado (Ed.).

BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. *Sintaxis latina*. Madrid: C. Bermejo, 1956.

BASTARDAS PARERA, Juan. *Particularidades sintácticas del latín medieval: (cartularios españoles de los siglos VIII al XI)*. Barcelona: Escuela de Filología, 1953.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000.

BEC, Pierre. *Manuel pratique de philologie romane: (italien, espagnol, portugais, occitan, gascon)*. Paris: A & J. Picard, 1970. t. 1.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BRAGA, Maria Luiza; NARO, Anthony Julius. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 125-134, 2. sem. 2000.

BREA, Mercedes. Las preposiciones, del latín a las lenguas románicas. *Verba: Anuario Galego de Filoloxía*. Universidade de Santiago de Compostela, v. 12, p. 147-182, 1985.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (Ed.). *Ortografia e origem da língua portuguesa de Duarte Nunes de Leão*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1983.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1994. p. 125-174.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAMPBELL, Lyle; JANDA, Richard. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, n. 23, p. 93-112, 2001.

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Estudos: lingüísticos e literários*, Salvador, v. 19, p. 25-64, mar. 1997.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 14. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Nacional, 1976.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DETGES, Ulrich; WALTEREIT, Richard. *Grammaticalization vs reanalysis: a semantic-pragmatic account of functional change in grammar*. Tübingen: Universität Tübingen Romanisches Seminar, 2002.

DIK, C. Simon. *The theory of functional grammar*. part I: the structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1989.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 3. éd. Paris: Klincksieck, 1939.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve. Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory. In: _____. *Spaces, worlds and grammar*. 1996. p. 1-28.

FERRARI, L. V. A gramaticalização de formas não-finitas como evidência da motivação conceptual do léxico. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 103-115, 1997.

GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, Talmy (Ed.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1979. v. 12, p. 81-111.

GIVÓN, Talmy. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: CRAIG, Colette (Ed.). *Noun classes and categorization*, s. 1. 1986. p. 77-102.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1. p. 17-35.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Trad. de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1986.

ILARI, Rodolfo. Temas em funcionalismo: da organização temática ao processamento cognitivo. *Boletim ABRALIN*, São Paulo, v. 19, p. 39-49, 1996.

IORDAN, Iorgu; MANOLIU, Maria. *Manual de lingüística românica*. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar. Madrid: Gredos, 1972. t. 1.

JAKOBSON, Roman. *Linguagem e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1989.

KATZ, J. J.; FODOR, J. A. Estrutura de uma teoria semântica. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro (Org.). *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p. 77-129.

KLEIBER, Georges. *La sémantique du prototype: catégories et sens lexical*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução coordenada por Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1999, v. 1.

LEÃO, Duarte Nunes de. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch*. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien-Projekts, 1982. v. 1

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro (Org.). *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

LOPES, Ana Cristina Macário; MORAIS, Maria Felicidade. ‘Antes’ e ‘depois’: elementos para uma análise semântica e pragmática. *Revista Portuguesa de Filologia*, v. XXIII, p. 33-61, 1999-2000.

MARMARIDOU, Sophia S. A. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *A mais antiga versão portuguesa dos quatro livros dos “Diálogos de São Gregório”*. 1971. 4 v. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: USP, 1951.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Honoré Champion, 1948.

MEILLET, Antoine; VENDRYES, J. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. 2. éd. revue et augmentée par J. Vendryes. Paris: Honoré Champion, 1953.

MENÉNDEZ PIDAL, R. *Manual de gramática histórica espanhola*. 11. ed. Cuba: Instituto del Libro, 1962.

MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes*. Traduction française par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint. Paris: H. Welter, 1900, t. 3: syntaxe.

MIRA MATEUS, Maria Helena *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed., rev. e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.

MOLL, Francisco de B. *Gramática histórica catalana*. Madrid: Gredos, 1952.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional, *ALFA: Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 38, p. 109-127, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NUNES, Irene Freire (Ed.). *A demanda do santo graal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: (fonética e morfologia)*. 7. ed. Lisboa: Clássica, 1969.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da linguagem portuguesa (1536): edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.

PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves; POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes; POGGIO HEINE, Ângela Emília Fagundes. *Lingüística e literatura: ensaios*. Salvador: Quarteto, 2004.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim*. 1999. 3v. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

PONTES, Eunice (Org.). *A metáfora*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

PONTES, Eunice. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.

POTTIER, Bernard. *Systématique des éléments de relations*. Paris: Klincksieck, 1962.

POTTIER, Bernard. Sobre la naturaleza del caso y de la preposición. In: POTTIER, Bernard. *Lingüística moderna y filología hispánica*. Vers. esp. de Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1968. p. 137-143.

POTTIER, Bernard. Espaço y tiempo en el sistema de las preposiciones. In: POTTIER, Bernard. *Lingüística moderna y filología hispánica*. Vers. esp. de Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1968. p. 144-153.

RUBIO, Lisardo. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona: Ariel, 1983.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. rev. e ampl. por Mário Eduardo Viaro. São Paulo/ Brasília: Melhoramentos/ Editora Universidade de Brasília, 2001.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. Notas sobre o conceito de protótipo e suas implicações para o ensino de gramática. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 107-113, 1º sem. 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SILVA NETO, Serafim da. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

SVOROU, Soteria. *The grammar of space*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1993.

TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1992.

TEYSSIER, Paul. Le système des deictiques spatiaux en portugais aux XIV^e, XV^e et XVI^e siècles. *Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, Université de Paris XIII, n. 6, p. 161-198, mar. 1981.

VANDELOISE, Claude. *L'espace en français: sémantique des prépositions spatiales*. Paris: Seuil, 1986.

VAZQUEZ CUESTA, Pilar; LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da língua portuguesa*. Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. Lisboa: 70, 1989.

VERDELHO, Evelina. *Livro das obras de Garcia de Resende*. Ed. crítica, estudo textológico e lingüístico. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989.



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.pgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



ÂNGELA EMÍLIA FAGUNDES POGGIO HEINE

**GRAMATICALIZAÇÃO E RELAÇÕES SEMÂNTICAS
DOS ITENS *DE* E *DES/ DESDE* NOS SÉCULOS XIV, XVI E
XVII**

ANEXOS

**SALVADOR - BAHIA
2005**

‘QUALIDADE: CAUSA’											
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS										
LATIM SÉCULO VI	AB	AD	CUM	DE	EX	IN	INTER	PER	POST	PRO	PROPTER
PORTUGUÊS SÉCULO XIV			CON	DE	PERA	EN VERTUDE DE		PER	PER RAZON DE	POR/ POLO	POR AMOR DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	A	A SERVIÇO DE	COM	DE	PER BEM DE	EM VIRTUDE DE	POR CASO DE	PER/ POR	POR HONRRA DE	POR CAUSA DE	POR AMOR DE
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	A	POR FALTA DE	COM	DE			POR TEMOR DE	PER/ POR	POR RAZÃO DE	POR CAUSA DE	POR AMOR DE

Quadro 52 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: CAUSA’ nos diversos séculos estudados.

‘QUALIDADE: MODO’												
SÉCULOS	PREPOSIÇÕES ENCONTRADAS											
LATIM SÉCULO VI	AB	AD	CUM	DE	DESUPER	EX	EXTRA	IN	INTER	PER	PRO	SINE
PORTUGUÊS SÉCULO XIV	A		CON	DE			FORA DE	EN		PER	POR	SEN
PORTUGUÊS SÉCULO XVI	A		COM	DE	SOBRE			EM	POR MODO DE	PER		SEM
PORTUGUÊS SÉCULO XVII	A		COM	DE			EM NOME DE	EM	POR MODO DE		POR	SEM

Quadro 53 – As preposições que expressam o conceito ‘QUALIDADE: MODO’ nos diversos séculos estudados.